O FARAÓ ALADO

Romance

JOAN GRANT

PENSAMENTO

Romances ocultistas:

ZANONI
E. B. Lytton

O FILHO DE ZANONI
Francisco V. Lorenz

CHAMAS DE ÓDIO E A LUZ DO PURO AMOR
Francisco V. Lorenz

VIAGEM ASTRAL
Mme. Ernest Bosc

IRMÃO DO TERCEIRO GRAU
Will L. Garver

Obras de Alexandre David-Néel:

MAGIA DO AMOR E MAGIA NEGRA

A FORÇA DO NADA

O LAMA DAS CINCO SABEDORIAS

Obras de Dion Fortune:

PAIXÃO DIABÓLICA

A SACERDOTISA DA LUA

A SACERDOTISA DO MAR

Outras obras de interesse:

O FEITICEIRO E SEU APRENDIZ
S. L. MacGregor Mathers

INICIAÇÃO AO XAMANISMO E À MAGIA NATURAL
M. Mercier

O faraó alado

Joan Grant

O faraó alado

Tradução
ELZA CAROLINA PIACENTINI

EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

Nota da autora

Os antigos egípcios deram muitos nomes ao seu país. Nesta história da época da I Dinastia, ele é chamado de "Kam" e também de "As Duas Terras"; Suméria, o país dos precursores dos babilônios, é chamado de "Zuma"; e Creta, o centro da civilização minoense, é chamada de "Minoas". Exceto a cidade de Men-atet-iss, atual Mênfis, próximo ao Cairo, a localização de todas as cidades é claramente demonstrada pela narrativa. Abidwa é a moderna Abidos, e o Anfiteatro dos Grãos é a atual cidade de Tell el-Amarna. A Terra Estreita é o Sinai, e o Mar Estreito, o mar Vermelho. Não há nenhum sistema padronizado para escrever os nomes e palavras egípcios; em minha ortografia o "a" tem a pronúncia acentuada como em "calma".

Os símbolos do Alto Egito, "O Sul", eram o Lótus e o Junco; o desenho da Coroa Branca é mostrado na página titular. A Coroa Vermelha era "O Norte", e seus símbolos eram o Papiro e a Abelha.

Embora apareçam cavalos nesta história, estou ciente de que ainda não foi encontrado nenhum registro da existência desses animais no Egito antes da XVIII Dinastia.

Parte I

Capítulo 1

No exílio

Quando chegou minha vez de voltar à Terra, um Mensageiro dos Grandes Chefes Supremos me alertou que eu deveria renascer em Kam, e que as duas pessoas encarregadas de moldar meu corpo me dariam as boas-vindas, pois havíamos sido companheiros, e os laços que nos uniam eram de amor e não de ódio, os dois elos mais poderosos da Terra para unir os homens. Como irmão, eu teria alguém junto de quem já caminhara a grande jornada.

Quando me transmitiram essa mensagem, a tristeza, que todos sentem quando precisam deixar o verdadeiro lar e voltar ao lugar nevoento para outra jornada, iluminou-se: teria companheiros em meu exílio.

Enquanto minha mãe ainda me abrigava em seu corpo, meu pai procurou encontrar um presente que lhe demonstrasse o amor que preenchia seu coração. Ele não podia expressar seu amor com palavras, pois as palavras são apenas sombras passageiras da realidade, mesmo com suas artes mais refinadas. Por sua vez, os escultores de pedras preciosas e artesãos que trabalhavam em ouro e marfim não lhe agradavam. Um dia, passeando pelos jardins do palácio ao ar frio do entardecer, ele pensou em fazer um jardim para minha mãe — um jardim como não havia igual em todo o mundo. Só assim ele conseguiria exprimir seu amor, pois nada pode ser maior do que seu criador. Embora uma escultura possa ser uma canção em pedra, ela surge do escultor. Já as plantas da Terra, estas são filhas dos deuses.

Assim, no arco em forma de lua crescente, ele plantou

árvores, para que a sombra delas protegesse sua amada do sol do meio-dia, e arbustos de folhas aromáticas para perfumar o ar e refrescá-la. Na linha que unia as extremidades desse arco vivo, havia as pequenas ondas do lago que espreguiçavam seu brilho prateado rumo ao sol, Extasiado no Oriente. A seguir, reuniu uma hoste de gramíneas de hastes compridas, que fechavam suas fileiras para tornar o gramado verde e macio, e o enfeitou com pequenas flores, vermelhas e amarelas, violeta, azuis e brancas, que cresceram, formando um tapete para os pés da amada. Das terras além dos limites de Kam, trouxe as flores-de-lis escarlates da Terra do Ouro e videiras em forma de trombeta que se estendiam rumo ao sul, onde os homens caminham sobre suas próprias sombras; do norte, mandou vir limoeiros, adelfas brancas, anêmonas e flores que guardavam seu perfume para a Lua, para preencher o crepúsculo com sua doçura sonolenta. E as madressilvas entrelaçavam-se com flores de abeto e convólvulos azuis, para fornecer grinaldas a ela.

Quando eu estava com doze dias, meu pai a levou pela primeira vez ao jardim que havia cultivado para ela. Estava cercado por um muro, e sobre o dintel da porta de cedro haviam sido esculpidos seus nomes: Za Atet e Meri-nesut, "a amada pelo coração do Faraó". Juntos, foram para o abrigo das flores, onde os caminhos eram secretos, como as trilhas da gazela pelos juncos. Quando ela chegou ao coração daquela quietude verde e viu o jardim mais belo que jamais sonhara, disse que as pétalas de suas flores eram como as nuvens do pôr-do-sol esculpidas por Ra, o deus do sol, que nunca havia encontrado sobre a Terra tamanho prazer para seus raios. E ambos concordaram que o jardim devia ter agradado aos deuses ao verem suas filhas tão glorificadas ali.

Batizaram o lugar de Sekhet-a-ra, "a campina de Ra". E deram esse nome também a mim.

Meu irmão, que retornara à Terra três anos antes de mim, recebeu o nome de Neyah. Quando ele nasceu, o sacerdote de Maat em serviço, vendo aquele que viera auxiliá-lo em seu caminho, disse:

— Aqui está alguém de valor para governar o povo de Kam, pois os companheiros de seu espírito são bem antigos. Esta criança se chamará Neyah, "nascido com sabedoria", pois seu mestre usou esse nome quando ouviu na Terra Antiga a voz que o avisou da vinda do Grande Dilúvio. E assim como seu mestre guiou seu povo, quando os maus desapareceram sob as águas, do mesmo modo esta criança guiará o povo de Kam, quando ele for assaltado pelos maus, que, ao retornarem, serão engolidos pelo mar.

Capítulo 2

Anúbis

Quando eu ainda era muito pequena e caminhar até então representava uma aventura nova, Maata levou Neyah e a mim para o templo. Neyah segurou minha mão ao subirmos os degraus. Tudo era muito grande, e sentíamos frio depois de ficarmos expostos ao sol no pátio. Numa das salas, havia um enorme animal de madeira, parecido com um cão de caça, pintado de preto. Eu queria tocá-lo, mas Neyah me aconselhava a não fazê-lo, pois era a estátua de um deus, chamado Anúbis. De repente, senti que tinha bem mais de dois anos e era tão sábia quanto minha babá, Maata; e senti que sabia tudo sobre Anúbis, mas não consegui encontrar palavras para expressar isso a Neyah.

Quando voltamos para casa, falei com minha mãe a esse respeito. Ela me deu uma estátua de Anúbis, igualzinha àquela, mas menor, para criança, com uma pequena casa de madeira que servia de moradia para ele. Eu a guardei ao lado de minha cama; assim, ao me levantar de manhã, a primeira coisa que eu veria seria ela. Mamãe me contou que era Anúbis quem enviava os sonhos para as crianças. Às vezes, eu sonhava que tinha crescido e fazia coisas muito importantes. Não conseguia me lembrar totalmente delas, mas de manhã achava muito estranho ter apenas dois anos.

Neyah não precisava ir para a cama à mesma hora que eu, pois estava com cinco anos. Geralmente, antes de dormir, ele vinha me contar histórias. A de que eu mais gostava era a do leão, da gata selvagem e da lebre.

"A lebre vivia com sua mãe nos prados. Ela corria muito mais depressa do que todos os irmãos e irmãs e embora sua mãe a aconselhasse a não se afastar muito de casa, ela não lhe dava ouvidos, pois pensava que poderia escapar de qualquer perigo, mesmo dos mais inesperados. A lebre gostava de sair um pouco à noite e olhar para a Lua, onde podia ver o Pai de todas as lebres, e costumava lhe contar todas as coisas brilhantes que havia feito.

Um dia, quando estava muito ocupada, pensando em si mesma, uma faminta gata selvagem saltou sobre ela, prendeu-a com a boca e levou-a para casa a fim de alimentar seus filhotes. Estes, porém, já haviam se alimentado; por isso, a gata selvagem colocou a lebre na entrada de sua toca, ameaçando matá-la caso ela tentasse fugir. A pobre lebre estava tão assustada que ficou quieta, totalmente imóvel. Então, olhou para o deus das lebres e disse:

— Por favor, por favor, olhe para baixo e me ajude. Eu me enganei ao pensar que era esperta. Se você me salvar dessa gata selvagem, ouvirei sempre as pessoas que sabem mais do que eu.

A gata selvagem ouviu o apelo da lebre e lambeu seus bigodes, e riu ao pensar que, mesmo vivendo na Lua, uma lebre nunca poderia atacar um gato selvagem.

De repente, das sombras ao redor da toca, ouviu-se um tremendo rugido; um enorme leão saltou sobre a gata selvagem, devorando-a num piscar de olhos.

A pequena lebre viu que sua prece fora atendida e não teve nenhum medo do leão, pois sabia que a resposta para uma prece é sempre boa, não importa a forma pela qual ela surja. Assim, foi até o leão e lhe agradeceu. O leão, por sua vez, deitou-se para que a lebre pudesse subir em suas costas, e ela abraçou aquela grossa juba enquanto seu novo amigo a levava de volta para sua casa.

Quando a pequena lebre cresceu, contou essa história muitas e muitas vezes, e sempre terminava dizendo:

— Olhem para a Lua e verão o mais sábio de todos nós."

Capítulo 3

A Terra dos Sonhos

Um dia, quando eu tinha três anos, estava com minha mãe na piscina. Um dos lados era bem raso, e eu podia ficar lá, de pé, sozinha. Tirei meu colar de lazulita, as pérolas, meu pequeno saiote de linho branco, e fiquei brincando na piscina batendo na água, espadando-a para todos os lados. Quando me cansei da água, corri para o sol, sem colocar a roupa; colhi algumas flores e fiz um ramalhete para dar de presente a Neyah, que estava fora com meu pai.

Maata se aproximou dizendo-me que estava na hora de eu ir para a cama. Eu não queria ir e respondi:

— Não, não vou. — Estava decidida a ficar com minha mãe ao sol.

Maata era muito rígida e tão alta quanto os pilares da entrada principal. Saltei de volta para a piscina e comecei a bater na água com toda a força: assim ela não poderia se aproximar de mim sem se molhar. Mamãe, observando toda a cena, me pediu para sair da água. Obedeci. Maata ficou zangada; então me deitei de costas e comecei a gritar bem alto:

— Não quero ir dormir! Não quero ir dormir! Não vou!

Eu batia os pés no chão para que Maata percebesse que eu realmente não queria ir e parasse de me aborrecer. Foi uma grande idéia, pois mamãe pediu a Maata para me deixar sozinha com ela. Maata foi embora e eu fiquei muito contente.

Quando estávamos a sós, mamãe me perguntou por que eu não queria ir dormir. Respondi sem hesitação.

— Porque não tem graça, e porque estou me divertindo, e é delicioso ficar aqui.

Mamãe começou a explicar:

— Você pode ter momentos deliciosos mesmo quando está dormindo.

Não entendi o que minha mãe queria dizer, até ela apontar para o meu saiote, que continuava na beira da piscina, e prosseguir:

— Às vezes, você usa aquele saiote; outras vezes, não. Só porque não está com ele não significa que deva se sentir tola. Quando quer entrar na água, você tira seu saiote. Na

verdade, você adora ficar na água, não é? Bem, quando vai dormir, você tira seu corpo e o deixa na cama, então vai embora e tem momentos deliciosos; e pode fazer muitas coisas excitantes que não conseguiria fazer junto com seu corpo, do mesmo modo que não pode entrar na piscina quando está com o saiote... Você nunca sonhou?

— É claro que sim.

Então, ela me explicou que os sonhos eram a lembrança de coisas que eu fazia quando deixava meu corpo dormir...

— Quando estiver dormindo, se ainda quiser tomar banho, pode deixar seu corpo lá e vir até aqui. Assim, Maata ficará contente, e você também, ao vir brincar na água. Na Terra dos Sonhos, a água é igual à da piscina; e você pode brincar e se divertir muito mais do que quando está acordada.

Depois de ouvir minha mãe, cheguei à conclusão de que havia sido muito boba em não ir para a cama. Então, dei-lhe uma porção de beijos, fui para o meu quarto e pedi desculpas a Maata por ter sido tão terrível com ela. Ela ficou parada como um pilar por um bom tempo; em seguida, aproximou-se, toda amorosa de novo.

Quando mamãe veio me dizer boa-noite, sentou-se ao meu lado e afagou minha testa com o frescor de sua mão enquanto sua voz me ninava.

"Dorme, filhinha,
O sol já puxou as cortinas da noite,
Deixando as estrelas para vir cuidar de seu sono.
As velas de todos os barcos do rio foram enroladas,
E os pássaros recolheram suas casas esvoaçantes.
Filhotes de leão dormem aquecidos pelas mães,
E os peixes sonham ao abrigo dos juncos.
As flores exalam seu perfume na escuridão,
E todos estão quietos, a não ser o pássaro noturno.
Então dorme, filhinha, feche suas pálpebras sonolentas;
Dorme para o mundo e liberta seu espírito."

Eu me enrosquei na cama e tentei dormir logo; assim ficaria sabendo bem mais sobre a Terra dos Sonhos.

Capítulo 4

Uma aventura com Neyah

Às vezes, Maata levava Neyah e a mim para passear às margens do rio. Como este era distante do palácio, geralmente íamos numa liteira. Costumávamos ver os barcos de pesca e queríamos entrar neles, mas Maata não nos permitia.

Um dia, Neyah me confidenciou que não deixaria Maata se meter naquilo que ele queria fazer e que, se eu quisesse, poderia participar de sua mais nova aventura.

— Claro que quero — respondi prontamente. — Não seria uma aventura de verdade se eu não fosse junto.

Assim, na manhã seguinte, levantamo-nos bem cedo, logo que o dia começou a clarear, e vestimos nossas roupas mais velhas para que nos confundissem com as crianças da aldeia. Primeiro, subimos no muro das videiras e apanhamos quatro dos melhores cachos de uva. Neyah os carregava juntamente com alguns figos, que colocou num guardanapo com os quatro pequenos pães que eu havia escondido em meu quarto, na noite anterior.

Andamos muito até chegar ao rio. Num pequeno caminho ao longo da margem, havia alguns pescadores preparando seus barcos. Neyah foi até o mais velho deles e perguntou se ele trocaria alguns peixes pelas uvas. O homem respondeu que sim, mas que ainda era muito cedo, que estava justamente preparando suas redes para a pesca. Neyah fingiu estar muito surpreso e acrescentou, triste:

— Então teremos de esperar sua volta, pois não podemos voltar para casa sem os peixes; nosso tio ficaria muito bravo conosco. — Depois, continuou: — Minha irmã pode entrar em seu barco um pouquinho? Ela sempre quis entrar num. Depois a gente fica sentado aqui e espera você voltar.

O pescador era atencioso com as crianças. Ele nos contou que tinha cinco filhos. De repente, resolveu:

— Se vocês ficarem bonzinhos, sentados no fundo do barco e não me atrapalharem, poderão vir comigo.

Felizes, agradecemos de coração e entramos depressa no barco, antes que ele mudasse de idéia.

As redes foram empilhadas no fundo da embarcação e tinham um cheiro forte de peixe. O barco era muito rústico.

Não tinha pintura alguma, e a vela estava manchada e remendada; mas o vento logo nos levou para o meio do rio. As redes, lançadas dos dois lados, se arrastavam correnteza abaixo, enquanto o barco percorria lentamente o rio.

O pescador era um homem muito amável. Não quis perguntar-lhe o nome para que ele não indagasse o nosso, pois não havíamos combinado o que iríamos responder. Ele deixou Neyah segurar um pouco o remo de direção, e eu fiz um sinal para Neyah a fim de lembrá-lo de que ele não devia mostrar que sabia manejá-lo, uma vez que tínhamos afirmado que nunca entráramos num barco. Pedi então ao pescador para ele cantar uma das canções que havíamos ouvido da margem; como não estávamos suficientemente perto, não pudemos distinguir as palavras.

Sua voz era agradável, baixa e profunda. A melodia não variava muito, apenas duas ou três notas, como num cântico:

"Ó minha rede! Nadando largamente por seu mestre.
Chame os peixes para lhes dar refúgio
Dos monstros do rio.
Ó peixes! Deixem os esconderijos de juncos
E cochilem à sombra de meu barco.
Vento, sopre suavemente! Deslizando meu barco
Suave como uma virgem nua nadando ao crepúsculo.
Ó peixes! Ouçam-me e reúnam seus irmãos em minha rede
Para que ela fique bem prateada
E toda a minha família se rejubile comigo."

Então ele chamou outro homem, que estava na frente do barco, oculto pela vela, e os dois começaram a puxar as redes. Eu e Neyah também ajudamos. Os peixes precipitavam-se pelos lados num fluxo prateado em ziguezague; saltavam e batiam contra minhas pernas, e eu queria subir na borda da embarcação, mas Neyah parecia não perceber a minha intenção. Ele estava ajudando o homem a selecionar os peixes em diferentes tipos e colocá-los nos cestos de vime. Pensei que, se aparecesse alguma enguia, eu precisaria escapar dali, mas felizmente não apareceu nenhuma.

Quando voltamos, havia várias pessoas na margem, esperando para comprar peixes. Por um momento, tive medo de que pudessem nos reconhecer, mas olhei para Neyah e me certifiquei de que estava tudo bem, pois seus braços estavam cheios de escamas e sua testa, suja de sangue de peixe.

Neyah quis dar as uvas ao pescador como agradecimento pelo passeio que nos proporcionou, mas ele riu amigavelmente:

— Vocês terão quatro peixes grandes pelas uvas, e mais dois extras por terem me ajudado; e podem ir pescar comigo sempre que quiserem. Perguntem a qualquer pescador pelo Das, e eles lhes dirão onde me encontrar.

Então prendeu seis peixes pelas guelras com um fio de vime e os deu a Neyah. Nós lhe agradecemos e voltamos para casa.

O caminho de volta parecia muito, muito mais longo. Eu ficava cada vez mais cansada, e a presilha da minha sandália arrebentou. Comecei a manquejar, até que uma pedra entrou na sandália e cortou meu pé. Neyah sabia que eu estava cansada, mas disse que isso era uma daquelas coisas em que, quanto mais se pensa, pior fica.

— Bem, não é seu pé que está machucado. E se eu machuquei meu pé, preciso ficar pensando nisso — retruquei.

— Se você faz um estardalhaço tão grande por causa de um machucado no pé, não poderá me acompanhar quando eu me tornar um guerreiro. Os guerreiros estão sempre sendo perfurados por lanças e flechas, e muitas vezes são atingidos na cabeça por uma clava mas são tão bravos que dificilmente percebem isso! Certamente não fazem nenhum estardalhaço — respondeu Neyah.

Depois disso, eu tinha de continuar andando até meus pés não agüentarem mais. Deve ser muito mais fácil nascer menino, porque assim não é preciso ficar fingindo que se é corajoso para participar de aventuras: basta seguir em frente.

Então Neyah disse:

— Vou lhe contar uma história nova. Ouça com bastante atenção e se esquecerá de todo o cansaço.

"No meio de um jardim, havia um tanque muito grande e bonito. Sua água era azul-turquesa e corria sempre fresca até ele por um pequeno canal de pedras, e saía do outro lado através de uma grade.

"Nele viviam vários peixes muito, muito rechonchudos e felizes, e um único peixe pequeninho e escarlate. Os peixes grandes e gordos comiam todas as moscas e minhocas e se apoderavam das grutas mais agradáveis, formadas por folhas de lótus. Mas o pobre peixinho tinha pouco para comer e nenhum lugar onde pudesse dormir ao abrigo do sol quente. Assim, não podia passar seu tempo comendo ou descansando na sombra, e tinha de se manter sempre alerta

para não se deixar tomar pela tristeza. Explorava cada canto do tanque, até que ficou sabendo quantos ladrilhos forravam as paredes, e quais os brotos de lótus que estavam prestes a se abrir.

"Os peixes gordos mostravam-se cada vez mais gananciosos, e o peixinho escarlate cada vez mais franzino, até que um dia, enquanto nadava por trás da grade, percebeu que estava suficientemente magro para passar por ela. Esforçou-se muito para conseguir atravessá-la e perdeu muitas escamas ao fazê-lo. Porém, estava livre. Nadou pelos canais de água abaixo até chegar ao rio; e continuou nadando, seguindo a correnteza do grande rio, até chegar ao mar. Lá encontrou muitas coisas belíssimas e uma porção de outras que o deixaram muito assustado.

"Uma vez, ele viu um peixe tão grande que poderia beber toda a água de seu tanque no café da manhã e ainda continuar com sede. O peixe enorme nadava de boca aberta, juntando seu desjejum, como um pescador ao arrastar sua rede, e o peixinho desceu por aquela enorme garganta e foi parar na medonha escuridão da agitada barriga do peixe. O peixinho escarlate rezou fervorosamente para o deus dos peixes, que o ouviu, apesar de ele estar num lugar tão escuro. O deus fez com que o peixão ficasse com soluço e lançasse o peixinho de volta ao mar.

"Então, o peixinho escarlate encontrou um lindo palácio de coral num lugar claro, nas verdes profundezas do oceano, e belos peixinhos azuis com pintas douradas, que trouxeram para ele comer a mais gorda e saborosa minhoca num prato de madrepérola. Ele gostou tanto daquele lugar que poderia passar ali o resto de sua vida; mas queria voltar para sua casa e contar aos peixes gordos todas as coisas excitantes que eles estavam perdendo por serem muito grandes para atravessar a grade. Assim, ele deixou o oceano e nadou de volta rio acima. Pelo caminho, teve muitas outras aventuras; e algumas foram quase tão bonitas quanto a do palácio de coral, e outras tão perigosas quanto ser engolido pelo enorme peixe. Ele nadou e nadou rio acima, subiu pelos canais e chegou à grade. Estava tão magro por causa de todas as aventuras por que passara ao retornar ao tanque, que atravessou a grade sem dificuldade.

"Ele tinha certeza de que todo o mundo ficaria muito surpreso por vê-lo de volta; mas ninguém havia percebido que ele saíra. Nadou até um peixe grande, gordíssimo, que era o rei dos peixes do tanque e disse:

"— Pare de comer e soprar bolhas e ouça-me, seu peixe lerdo e tolo! Vim para lhe contar sobre as coisas maravilhosas que me aconteceram do lado de fora da grade. Eu o ensinarei a ficar magro para que possa fazer a mesma jornada e se tornar tão sábio quanto eu.

"O peixe gordo nadou até a grade, mas quando viu que a passagem entre as barras era tão estreita que nem mesmo uma de suas barbatanas passaria por elas, soprou duas bolhas, devagar e desdenhosamente, e disse:

— Como você é estúpido peixinho escarlate! Não me incomode com sua tagarelice ridícula. Sou mais sábio do que você, pois sou o rei dos peixes. Como você poderia ter passado pela grade se não consigo fazer passar nem uma barbatana por ela?

"E o peixe gordo nadou de volta para a sombra das folhas de lótus. O peixinho escarlate ficou muito triste, pois ninguém queria ouvi-lo; então deslizou pela grade e nadou de volta para o mar.

"Pouco tempo depois, houve uma seca, e a água do canal parou de correr; o nível de água do tanque foi baixando gradualmente, e os peixes foram ficando cada vez mais assustados, até que estavam se debatendo no barro do fundo do tanque. Todos morreram.

"Mas o peixinho escarlate continuou vivo, muito, muito feliz no palácio de coral no fundo do oceano."

Gostei tanto da história que até me esqueci do machucado no pé. Quando Neyah terminou, já estávamos perto das videiras. Tirei minhas sandálias, caminhei pelos canais de água que corriam ao lado das videiras e expulsei o resto da dor do meu pé.

Então, lembrei-me de Maata e de como ela deveria estar zangada. Disse a Neyah:

— Você não acha que deveríamos enterrar os peixes ou dá-los a um dos jardineiros? Assim Maata não saberia aonde fomos.

Neyah retrucou:

— Não, foi uma grande aventura e vamos contá-la a papai. De qualquer modo, quero enviar um presente ao pescador porque ele foi muito bom conosco. . . mas não vamos deixar que Maata nos veja até encontrarmos papai.

Nós o vimos saindo do saguão que vai dar no Salão de Audiências. Ele ainda estava com seu cavanhaque cerimonial, que só usava nos julgamentos. Ele era fixado no ornamento de cabeça por duas tiras, ocultas pelas partes

laterais. Papai tirou o ornamento de cabeça, entregou-o a seu atendente, disse que iria tomar banho na piscina e que nós o acompanharíamos. Ele não ficou surpreso ao nos ver, portanto Maata não devia ter lhe contado que nos perdera de vista.

Quando lhe mostramos os peixes e lhe contamos a nossa aventura, ele não ficou nem um pouco zangado; apenas disse que não deveríamos ter saído sem avisar alguém. Neyah explicou:

— Teríamos contado a Maata, mas ela não nos deixaria ir, e não queríamos ser grosseiros, desobedecendo-lhe.

Papai avisou que comeríamos os peixes no jantar. Então Neyah perguntou se poderíamos dar um presente ao pescador. Ele nos mandou falar com Nu-setees e pedir-lhe que nos desse algo.

Nu-setees tinha um peixinho de ouro maravilhoso para usar como ornamento no pescoço. Ele gravou meu nome e o de Neyah no peixinho.

Na manhã seguinte, colocamos nossas melhores roupas, e Harka nos levou numa carruagem até o rio para dar o presente a Das. Quando ele percebeu quem éramos, ajoelhou-se no chão à nossa frente. Mas Neyah disse-lhe que éramos todos pescadores e prendeu o peixinho ao redor do pescoço dele.

Capítulo 5

O filhote de leão

Quando eu estava com seis anos, quis ter um filhote de leão.

Eu tinha um filhote de cão de caça preto, dois pombos e uma codorniz com a pata quebrada. Maata me explicou:

— Leões são boa companhia para guerreiros, não para crianças.

Um dos jardineiros, Pakeewi, era meu amigo. Ele tinha um olho só e havia perdido três dedos da mão esquerda lutando por meu pai no sul. Ele cuidava da horta, que ficava

um pouco afastada do palácio. Maata tinha um irmão que trabalhava lá também, era o Supervisor dos Jardineiros, e enquanto ela conversava com o irmão, Pakeewi falava de suas viagens a Neyah e a mim. Ele nos contou muitas histórias sobre as façanhas de nosso pai em batalha. Mas, quando perguntamos a papai a respeito delas, ele riu, dizendo que, se a realidade fosse como uma estátua, as histórias de Pakeewi seriam como uma sombra gigantesca projetada num muro por uma lamparina.

Na nossa propriedade havia uma pequena casa de tijolos de barro onde Pakeewi mantinha suas ferramentas de jardinagem e onde ele nos deixava guardar os animais que não podíamos levar para casa. Eu tinha uma espécie de lagarto, dois ratos brancos de olhos cor-de-rosa e um pequeno gerbo, de grandes olhos mansos, que sentava nas patas traseiras, quando eu conversava com ele. Neyah, por sua vez, tinha um gato-selvagem bem novo, que ele vinha tentando domesticar; deixava-o preso numa caixa de madeira equipada com grades. Neyah tinha também uma cobra da areia amarela. Eu o achava muito corajoso por brincar com ela; e se ele podia. . .

— Eu quero um filhote de leão! Se eu tiver um filhote e ele se tornar um leão bem grande e dormir em meu quarto, nenhum menino poderá dizer que não sou corajosa por não brincar com cobras.

Pakeewi tinha um filho chamado Serten. Ele era um dos meninos que cuidavam dos cães de caça; falei para ele do meu desejo de ter um filhote de leão, e Serten prometeu trazer um para mim na próxima vez que uma leoa tivesse de ser morta, por ser tornar selvagem, e deixasse um filhote.

Um dia, fui ver Serten e o encontrei sentado num degrau de pedra, polindo uma armadura. Quando ele me viu, olhou ao redor, para certificar-se de que ninguém nos observava, e então fez um gesto a fim de que eu o seguisse, em silêncio. Fomos até um estábulo vazio, e lá, num canto afastado, vi uma cadela mestiça amamentando dois filhotes e um leãozinho. Ele era bem pequenino, e seus olhos ainda estavam fechados. Acariciei seu pêlo rajado de cor dourada. Fiz Serten prometer que o levaria para mim quando eu estivesse sozinha à noite.

Ao anoitecer, Maata me levou para a cama, e tive a impressão de que ela permaneceu mais tempo que o habitual penteando meus cabelos; afinal, ela se retirou. Nada aconteceu por um longo tempo, e fiquei achando que Serten havia

se esquecido de sua promessa. Então ouvi uma leve batida na veneziana. Corri para a janela e vi Serten com o filhote de leão nos braços. Ele estendeu-o para mim, e o leãozinho choramingou um pouco; mas ele estava com bastante sono e logo se enrolou ao meu lado, sob o quente cobertor de minha cama.

Quando tudo ficou em silêncio, chamei Neyah com nosso novo código de assobio. Devo tê-lo acordado, pois ele chegou meio dormindo e um pouco zangado:

— Neyah, tenho um leão em minha cama.

— Não seja tonta, você está bem acordada.

— Não estou sonhando, há um leão aqui sob as cobertas. — Ele ainda não acreditava em mim, então puxei o cobertor e mostrei o filhote a ele.

Neyah perguntou:

— Onde o conseguiu?

Contei-lhe, e ele disse:

— É preciso ser muito corajoso para dormir com um leão!

— Bem, é só um leão pequenininho.

— Mas ele logo será um leão grande e comerá qualquer um! Acho isso horrível... Não vão deixar você ficar com ele quando seus dentes crescerem.

— Bem, suas serpentes jamais picaram alguém.

— O que torna você duas vezes mais covarde por não tocá-las.

Fiquei tão irritada que gritei. Neyah, então, mostrou-se muito compreensivo e disse que estava certo de que o leão seria muito feroz com todo mundo, menos comigo. Ele sentou-se em minha cama e me contou a história do macaco e do crocodilo, até eu dormir.

"Há muito, muito tempo atrás, no topo de uma árvore bem alta, no meio da floresta vivia uma família de macacos. Era composta pela mãe, o pai, duas filhas e um filho. As duas macaquinhas eram muito obedientes e ouviam todos os conselhos da mãe macaca: como se balançar na cauda; como se pendurar nos galhos finos onde nenhum animal perigoso pudesse atacá-las sob o risco de cair do galho; como distinguir os frutos comestíveis dos venenosos; e como pentear os pêlos com as unhas para que suas costas ficassem macias e limpas.

Mas o filho não ouvia a mãe, pois julgava-se o macaco mais esperto da floresta. Ele se achava muito importante para

brincar com as irmãs e costumava dar seus passeios sozinho pela copa das árvores.

Um dia, no meio da floresta, encontrou uma grande clareira onde viviam vários homens. Ele pensou que se tratasse de uma espécie real de macacos, da qual nunca ouvirá falar, e disse a si mesmo: 'Esses são os companheiros que estão à minha altura. Tentarei ser exatamente como eles'.

Ele notou que os outros não tinham cauda; então, colocou a sua sobre o braço como se estivesse carregando alguma coisa. Mas, como estava acostumado a usá-la para se locomover, toda hora caía das árvores e batia em alguma coisa. Entretanto, não aprendeu nada com essa experiência. Ele viu também que os seres humanos não tinham pêlo no corpo, e tentou arrancar o seu para ficar mais parecido com eles. Mas sentiu tanta dor e a pele desnuda ficou tão fria, que ele parou de fazer isso.

Então, um dia, viu um dos homens sozinho na floresta. Aproximou-se dele e disse:

— Gostaria de me reunir à sua tribo de macacos.

O ser humano era um homem muito sábio, que conhecia o idioma dos macacos. Ele disse:

— Nós não somos macacos, somos homens.

— Bem, eu também quero ser homem — retrucou o macaquinho.

— Chegará um tempo — explicou o sábio — que todos os animais da floresta serão homens. Não seja impaciente. Quando sua hora chegar, você deixará a companhia dos macacos e conhecerá a solidão do homem. Aprenda tudo o que tiver para aprender como macaco, assim você se tornará sábio mais depressa. Pare de carregar sua cauda no braço! Se você não usar o que os deuses lhe deram, um dia lamentará sua falta!

O macaquinho ficou muito zangado, pois continuava pensando que os homens formavam uma tribo tão importante de macacos que se consideravam especiais demais para brincar com ele, exatamente como ele próprio se sentia em relação a suas irmãs. Deu umas respostas bem grosseiras para o sábio e se refugiou na floresta.

Certo dia, enquanto caminhava pela margem do rio — ainda carregando a cauda no braço —, viu um homem navegando numa jangada, e disse a si mesmo:

'Também posso fazer o mesmo; assim, finalmente, acreditarão que sou da mesma espécie de macaco que eles'.

Viu na água o que pensou ser uma tora de madeira, e saltou sobre ela. A tora começou a se mover, e ele se sentiu muito importante.

De repente, a tora de madeira abriu dois olhos muito malvados e o encarou. Somente então ele se deu conta de que estava em cima de um crocodilo. Ficou tão assustado que saltou na água e começou a nadar bem depressa.

Quando estava prestes a alcançar a margem, o crocodilo mordeu sua cauda e a arrancou!

Enquanto voltava para casa, para perto de sua mãe, todos os macacos que ele desprezara apontavam para ele, riam e caçoavam dele. Ninguém teve pena dele, a não ser sua mãe, que, é claro, ainda o amava, apesar de ele estar horrível.

Pouco tempo depois, houve uma grande tempestade, e a árvore onde eles viviam começou a balançar tão violentamente que o pobre macaco, que não tinha cauda para se segurar, caiu dela de ponta-cabeça e morreu.

Menos de um ano mais tarde, ele nasceu novamente da mesma mãe. Aprendeu a se balançar com a cauda mais depressa do que qualquer filhote jamais aprendera; e ouvia todos os conselhos de sua mãe; tornou-se o macaco mais simpático e amigável da floresta.

Afinal, ele havia aprendido que só se encontra a felicidade e a sabedoria quando se aprende a usar o que os sábios deuses nos dão."

Capítulo 6

Zeb, o tratador de leões

Batizei o filhote de leão de Natee, e até ele completar um ano teve permissão de dormir em meu quarto, numa almofada aos pés da minha cama. Depois, meu pai decidiu que ele deveria ser preso com os outros leões domesticados, que viviam numa área perto dos cães de caça, no entanto, eu tinha certeza de que conseguiria persuadi-lo a deixar o leãozinho comigo.

Um dia, desci ao pântano com Neyah. Nessa manhã, ele me acordara, bem cedo, dizendo que eu poderia ir caçar cisnes com ele.

Rastejamos ao passar pela janela de Maata, para evitar que ela nos descobrisse, e encontramos, logo após o jardim três amigos de Neyah à nossa espera. Levávamos arcos e pequenas flechas para aves selvagens em aljavas de casca de árvore. Ainda estava escuro, só se via uma tênue linha de luz no horizonte. Logo que chegamos ao pântano, engatinhamos pelos juncos até o lago. Então, deitamo-nos na terra úmida à beira da água rasa, esperando que os pássaros retornassem do vôo em busca de alimentos.

Já clareava quando ouvimos o curioso chiado produzido pelas asas dos cisnes selvagens. Cerca de trinta aves voavam em formação cerrada, em cunha, e, quando passaram acima de nós, disparamos nossas flechas. Um tufo de penas caiu, mas todos continuaram voando a salvo.

Então, ouvimos vozes e percebemos que eram os caçadores de aves selvagens chegando para vistoriar suas armadilhas. Arrastamo-nos para longe dali no mais absoluto silêncio. Não queríamos ser vistos, pois havíamos prometido não mais sair sem avisar nossos criados.

Logo que voltamos, descobri que Natee não estava em meu quarto; fui então ao pátio dos leões para ver se ele estava lá. Não havia ninguém por perto. Soltei os ferrolhos do portão e vi Natee dormindo ao sol com uma jovem leoa da mesma idade dele. Chamei-o em voz alta e ele atravessou o pátio, vindo ao meu encontro. Um dos treinadores me ouviu; correu ao meu encontro, dizendo que Natee teria de ficar por lá, pois havia recebido ordens de impedir que eu o levasse, a menos que houvesse alguém comigo. Peguei Natee pela coleira e comecei a levá-lo para fora, mas o garoto estacou no portão e não me deixou passar.

Ordenei-lhe que saísse do meu caminho, mas ele não se moveu. Vi um grosso chicote de couro cru trançado, num banco perto do muro; peguei-o e açoitei o menino várias vezes no rosto e nos ombros.

Natee deu um salto e derrubou o menino no chão. Natee não estava zangado, mas rosnava, e do braço do menino que Natee abocanhara brutalmente escorria sangue. O menino estava assustado e ficou ali caído, até eu chamar Natee; este me atendeu prontamente. Peguei-o pela coleira e levei-o para o meu quarto.

Natee demonstrou todo o contentamento por voltar

comigo. Tranquei-o no quarto e fui tomar banho. Quando voltei, ele havia feito um furo em meu colchão e arrancara um punhado de plumas; tinha roído uma das pernas da cama, o que era uma pena, pois era uma peça muito bonita, e seus membros assemelhavam-se aos de um antílope, com patas douradas. Eu adorava Natee, mas ralhei com ele duramente. Natee nem se importou; lambeu meu braço afetuosamente, com sua língua áspera.

Alguém bateu à porta, que estava trancada, e disse que meu pai queria me ver imediatamente no salão onde tomava suas decisões.

Papai olhava atentamente para um rolo de papiro quando eu entrei. Havia acabado de dar audiência e ainda usava seus trajes de cerimônia; o mangual estava na mesa, ao lado de sua mão. Quando ele me viu, não sorriu; parecia uma estátua, como se estivesse sentado num tribunal. Ele disse:

— Um chicote na mão de alguém da casa real é um símbolo de justiça. Em suas mãos, foi um instrumento de injustiça e covardia, pois você bateu em alguém que estava apenas mostrando sua lealdade ao Faraó e obedecendo às ordens de seu pai. Além disso, você maltratou um menino que não podia revidar, tendo em vista a sua posição. Golpear uma pessoa nessas condições é uma ação digna de um covarde arrogante e indigno de nossa tradição. Se fosse um homem, e não apenas uma menina, eu ordenaria que o chicoteassem. Assim, se seu gesto fosse proposital, você ganharia uma justa recompensa; se fosse movido por ignorância, ganharia uma experiência que a faria lembrar-se de que aquele que levanta um chicote injustamente deve ter vergastadas suas próprias costas. Como você é apenas uma criança, espero que o mangual da minha ira seja suficiente para que fique conhecendo esta lei.

Pela primeira vez, compreendi o que tinha feito e me lembrei de como o menino havia sido corajoso e de como ficara imóvel o tempo todo enquanto eu o chicoteava. Eu queria *tanto* não ser uma menina, para poder ser chicoteada, também, em vez de ver meu pai tão frio, duro e distante! Tentei ficar com raiva, para não chorar... "Eu não sou uma covarde! Mostrarei a ele que não sou". Coloquei meu pulso na boca e o mordi até sentir o sangue escorrer por meus dentes. Foi muito difícil fazer isso, pois doía muito. Então mostrei o pulso ensangüentado a meu pai e disse:

— Isso foi quase igual à mordida que Natee deu no

menino, e vou dizer a ele que pode me bater do mesmo jeito que eu bati nele, sem se lembrar de quem eu sou, ou de que sou uma menina. Eu *não* sou covarde.

Então virei-me de costas e saí correndo do salão.

Quando cheguei ao meu quarto, Natee não estava mais lá. Tranquei a porta, descansei o rosto na cama e chorei, chorei, enchendo minha boca de plumas. De repente, ouvi baterem à porta; pensei que fosse Neyah fingindo ser papai. Neyah era a única pessoa em cuja presença eu não me importava de chorar, pois ele dissera que chorar era como ter dor de estômago e, portanto, não era motivo de vergonha. Assim, destranquei a porta. Mas não era Neyah; era meu pai. Ele havia tirado o ornamento da cabeça e a barba, e estava sorrindo. Pegou-me em seus braços e sentou-se na cama, comigo no colo. Não fez nenhum comentário sobre todas aquelas plumas espalhadas, nem sobre minha cama, com a perna roída. Fiquei tão aliviada por ele não me odiar que não consegui conter três lágrimas que escorreram em seu ombro desnudo; quando as lambi, senti um sabor bem salgado.

Então, ele me disse que tinha uma idéia melhor para restabelecer o equilíbrio ideal entre mim e o pobre menino. Explicou que, embora a injustiça pudesse ser reparada submetendo-me a um açoite por parte do menino, um acerto mais sensato consistiria no cuidado que eu pudesse dedicar aos ferimentos provocados pelas chicotadas. Disse que tinha um ungüento especial para aliviar a dor das chibatadas e curá-las... Dessa forma, assoei meu nariz com força, lavei o rosto com água fria e fui para o pátio dos servos. O menino, que se chamava Zeb, estava deitado num banco. Em primeiro lugar, disse-lhe que sabia haver errado, e lhe pedi perdão. Zeb respondeu que aquilo não tivera importância e que as feridas não estavam mais doendo.

— Zeb, sinto muito, muito mesmo. Por favor, desculpe-me — insisti. Ele se ajoelhou e pegou minhas mãos. Com as costas das minhas mãos sobre seus olhos disse:

— Eu a servirei sempre, com todo o meu coração, até a morte.

Segundo meu pai, daquela hora em diante, ele seria um de meus servos. Então, meu pai me mostrou como colocar o ungüento nas feridas. Durante cinco dias cuidei de Zeb, até que seus ferimentos desapareceram.

Expliquei a meu pai que havia chicoteado Zeb impensadamente; eu estava com tanta raiva que não conseguia pensar

em nada a não ser que ele estava em meu caminho. Conversávamos a esse respeito enquanto passeávamos no pântano; Shamba, sua leoa favorita, que era mais esperta do que qualquer cão de caça, estava conosco. Meu pai disse:

— Sekeeta, seu temperamento deve ser controlado por sua vontade, como Shamba é controlada pela minha. A raiva disciplinada, assim como um leão treinado, é uma protetora fiel e uma poderosa arma de defesa. Com a raiva sob controle, um homem pode castigar um malfeitor como se o estivesse chicoteando. E o medo dessa raiva é uma proteção para quem é frágil contra aqueles que poderiam feri-lo se não a temessem, assim como ninguém ousaria atacar um bebê se ele estivesse sob a proteção de Shamba. Mas quem não tem o temperamento sob controle é como uma criança acorrentada a um cabrito enlouquecido. Ela tem de segui-lo para onde ele vai; pelos montes de esterco das vilas, pelos brejos e até numa jaula de leopardos que rasgariam os dois em pedaços. Portanto, Sekeeta, lembre-se: a raiva sob controle é um chicote em suas mãos; descontrolada, é uma chibatada em seus ombros.

Capítulo 7

A vidência nos julgamentos

Durante os julgamentos, geralmente Neyah sentava-se ao lado de meu pai a fim de preparar-se para o momento em que, aos catorze anos de idade, se tornaria regente auxiliar. Às vezes, eu também ia aos julgamentos a fim de adquirir os primeiros ensinamentos sobre a justiça.

Ptah-kefer, o chefe dos oficiais da casa real, sentava-se do lado esquerdo no Salão de Audiências, entre o trono do Faraó e a mesa dos escrivães. Sendo um sacerdote vidente do mais elevado grau de iniciação, usava a pluma vermelha dupla, a Pluma de Maat, o Deus da Verdade, o que significava que, através de seu corpo, ele podia ver duas verdades, a da Terra e a do espírito.

Em seus julgamentos, meu pai às vezes usava Shamba,

sua leoa, no que ele costumava chamar de a prova do leão. Ele chamava o homem cujo coração seria examinado cuidadosamente e ordenava-lhe que caminhasse pelo salão e colocasse sua mão na boca de Shamba; dizia-lhe que, se fosse puro de coração, a leoa a abocanharia gentilmente, mas que, se fosse culpado, ela arrancaria seu braço até a raiz. Se o homem fosse inocente, aproximar-se-ia de Shamba, e a mordida dela seria tão suave que não deixaria a mais leve marca. E o inocente iria embora com uma nova história para contar sobre a sabedoria do Faraó, dizendo que era tão imensa que até mesmo a leoa a seus pés era serva de sua glória e podia avaliar os corações tão sabiamente quanto Tahuti. Porém, quando o homem era culpado, antes mesmo de ele se aproximar de Shamba, meu pai erguia o mangual e pronunciava seu julgamento. Neyah e eu nos mantínhamos como estátuas, embora soubéssemos que, se papai dissesse a Shamba para se manter serena, mesmo que Set estivesse andando sobre a Terra, ela seria gentil com ele; e se papai a mandasse atacar, ela arrancaria o pescoço até do grande Ptah.

Uma vez papai nos disse:

— Os juízes sábios sabem que muitas pessoas são apenas crianças, embora possam ter corpos de velhos; então, eles as tratam como crianças, de um modo que elas possam compreender, para que sejam obedientes e fiquem satisfeitas.

Perguntei-lhe como ele podia ter sempre a certeza de que um homem não tinha nada a temer de Shamba. Ele me explicou que Ptah-kefer observava o homem enquanto ele andava pela sala; se ele demonstrasse medo, então Ptah-kefer movia o anel em seu dedo. Mas, se quiséssemos saber por que ele movia o anel, era melhor nós mesmos perguntarmos.

Ptah-kefer nos respondeu:

— Com nossos olhos terrenos não podemos ver a paciência, a raiva, o ciúme ou a cobiça; só enxergamos as reações que eles provocam. Mas, quando olho para um homem com os olhos de meu espírito, posso ver seus pensamentos, talvez devesse dizer suas emoções, em cores; quanto mais escura a cor, mais ele está envolvido pela Terra; quanto mais clara a cor, mais perto ele está da fonte à qual todos nós chegaremos um dia.

"Vejo o ciúme e a cobiça como um verde escuro, mas a verdadeira simpatia, que é a compaixão, é verde-clara como o céu ao alvorecer. A sabedoria é amarela, clara como o raio de sol num muro branco; a fraude e a avidez por rique-

zas são da cor do barro, como a lama da qual são feitos os tijolos. Do mesmo modo, todos os tipos de emoção têm uma tonalidade, e as que são sentidas com mais freqüência determinam a cor da luz que emana de cada um de nós. O medo sombreia as cores das pessoas com um cinza escuro, como a fumaça do óleo; e a impaciência raivosa as pinta de vermelho, como pequenas gotas de sangue. Há muitos outros sinais como esses, pelos quais posso julgar um homem; e se alguém caminha direto até Shamba sem nenhum temor oculto, então sei que falou a verdade."

Perguntei, então:

— Mas suponha que o homem seja muito tolo e não goste de leões, do mesmo modo que eu não gosto nem das mais inofensivas e pequenas cobras.

— Ninguém que não seja um homem do mal teme a justiça do Faraó; pois todos sabem que seu mangual existe apenas para protegê-los, e o leão a seus pés faz parte de sua justiça. Quem teme o Faraó ou Shamba deve temer seu próprio coração.

— Bem, suponhamos que ele seja culpado, mas muito afetuoso com leões, como eu, e tenha um filhote como Natee. Então ele não ficará assustado com os leões amestrados dos outros.

— Há outros meios pelos quais posso dizer se um homem é culpado. Por exemplo: dois homens disputam um pedaço de terra. Se a cor de um deles estiver carregada de cobiça e a do outro for azul-turquesa, a cor dos poetas e escultores, e se percebo que ele pensa muito pouco em riquezas e permite que seus filhos fiquem com fome e sua esposa remende sua única túnica enquanto ele pondera sobre as pequenas formosuras da Terra, então sei que, se ele está reivindicando a propriedade, é porque certamente ela é dele, e não daquele que a cobiça.

"Mas raramente seu pai precisa da minha visão, pois, por sua sabedoria e compreensão, ele pode ler o coração dos homens, e embora não veja a cor dos pensamentos, as características são tão claras para ele como se as estivesse vendo escritas num rolo de pergaminho.

"Há muito tempo, quando esta Terra era nova, um sábio disse: 'Que a tua luz seja tão brilhante, que, aonde quer que vás, mesmo nas Cavernas do Submundo, aqueles que estiverem contigo não temerão as trevas, pois tu os iluminarás em suas jornadas'. E essa luz da qual ele falou é a mesma que emana de todos nós, e sobre a qual lhes

falei. Quando nossos pés chegarem ao fim de nossa jornada na Terra, então as cores da Terra serão transmutadas na brancura da luz pura. Nessa brancura, todas as cores serão puras; haverá nele as cores dos três Defensores da Terra; o amarelo-claro da Sabedoria, que é a experiência total; o verde-suave da Compaixão, que é a compreensão perfeita; e o escarlate dos Guerreiros de Maat, que é a coragem além de qualquer medo."

Capítulo 8

A Lenda da Criação

Um dia, perguntei a Ptah-kefer a respeito das estrelas, e ele explicou:

— Há outros mundos como o nosso, incontáveis como as gotas de água de um rio. Tentar imaginar uma tal imensidão é tolice: pois quem tenta fitar os segredos do Sol fica cego e não consegue ver nem o que está sob sua mão.

Ele me contou a Lenda da Criação.

— Há muito, muito tempo atrás, os Deuses dos Deuses, que moram numa época muitíssimo mais avançada que a nossa, de modo que não podemos conceber a milésima parte de sua grandeza, mandaram chamar Ptah, o servo deles. Deram a ele uma bacia da Vida, que, embora ele a esvaziasse, sempre estaria cheia; disseram-lhe que ele deveria ensinar essa Vida a adquirir sabedoria, até que ela se tornasse a chama pura do espírito com toda a experiência. Designaram-no chefe supremo da Terra, um local de areia inanimada e rochas sem vida.

"Então o Ptah da Terra espalhou a Vida em todos os lugares; as montanhas começaram a sentir o sol que ressecava suas encostas, e os vales conheceram o frio intenso de uma noite invernal. E chegou o tempo em que essa Vida retornou a Ptah; e de sua bacia ele ouviu uma voz frágil que disse: 'Agora já conhecemos alguma coisa do calor e do frio. Vamos continuar'.

"Então Ptah revestiu as montanhas de árvores e cobriu

os vales com grama e flores; neles ele derramou sua bacia. E a Vida aprendeu como as plantas entranham suas raízes no solo em busca de força para expandir suas flores ao sol; como algumas envolvem as rochas com seus galhos tenros, e outras lançam suas sombras à beira dos lagos. Mas tudo o que ganhavam, elas repartiam entre si, de modo que a folha de grama sabia como os fortes ventos agitam os ramos de uma árvore, e o cactos assustador compartilhava da gentil ternura do musgo.

"Uma vez mais a bacia foi preenchida pelo retorno da Vida. Agora ela já falava com voz mais forte; ele disse: 'Aprendemos nossas lições com as plantas; agora queremos corpos que possam movimentar-se para buscar nosso destino mais depressa'.

"Ptah fez animais na Terra. Primeiro os mais simples, como os vermes e as lesmas; depois, os corpos das lebres, antílopes, leões, pássaros e peixes.

"Novamente a Vida retornou e disse: 'Agora somos sábios; podemos cruzar um deserto à noite; encontrar água e abrigo para nós mesmos; andamos por toda a Terra e aprendemos uma grande diversidade de coisas. Torne nossos corpos dignos de nós mesmos'.

"Ptah respondeu: 'Enviei vocês em forma de rochas, plantas e animais. Vocês voltaram para mim compartilhando a memória e as experiências uns dos outros, como também a amizade do crescimento, a qual ainda têm como animais, embora almejem perdê-la. Agora darei a vocês corpos como o meu, e pela primeira vez dirão: — Eu sou. — E ao dizer isso, estarão dizendo: — Eu sou sozinho. — Não poderei mais conduzi-los em seus caminhos. Agora deverão iniciar uma longa jornada que não terá fim até que possam me encontrar, não como seu criador, mas como um irmão'.

"A Vida disse: 'Nós requeremos essa oportunidade, esse direito de caminhar até sermos seus irmãos'.

"Assim, Ptah criou o homem.

"O homem caminhou sobre a Terra, e alegrou-se com isso. Os vales gramados eram suaves sob seus pés; o olfato deliciava-se com a essência das flores, e o sabor das frutas era agradável ao paladar. Quando fazia calor, ele descansava à sombra, as gazelas vinham e se aninhavam em suas mãos; os leões passeavam com ele à margem dos riachos; e ele testava sua velocidade com as corças.

"Mas as palavras de Ptah continuavam ecoando em seu coração, dizendo: 'Eu sou; eu sou sozinho'. Até que sua

solidão o deixou com medo. Ele se afastou dos lugares tranqüilos da Terra e correu desesperadamente em busca de um fim para sua solidão, e em sua angústia gritou para os deuses.

"O grande Min o ouviu e desceu à Terra. Fez o homem adormecer, e enquanto ele dormia disse: 'Você não andará mais solitário...' Agora você é homem e mulher, e os dois prosseguirão sua jornada juntos. Aos dois darei o poder de com seus corpos fazerem outros corpos, os quais em seu retorno abrigarão a Vida de Ptah. E quando vierem seus filhos, cuidem deles, assim como o criador cuidou de vocês'.

"De cada animal, fez também um par. E rapidamente, fez tudo progredir, com crianças para alimentar, abrigar e proteger. Até as plantas compartilharam desse presente e entranharam suas raízes mais profundamente no solo em busca de água para amadurecer suas sementes.

"Naqueles primeiros tempos, todas as coisas vivas conheciam seu parentesco, e numa noite fria uma pequena lebre podia se aquecer deitada junto a um poderoso leão, e os homens agradeciam às plantas e às árvores que os protegiam e lhes davam seus frutos.

"Pois naqueles dias que se foram, quando a Terra era jovem, ninguém tinha esquecido seu criador."

Capítulo 9

O corpo

Certo dia, eu estava à procura de Neyah e o encontrei com meu pai no salão onde os grandes rolos de papiro, nos quais os escribas haviam registrado as coisas que são frutos da sabedoria, eram guardados. Alguns haviam sido escritos há muitos anos; outros eram da nossa época. A sabedoria não conhece mocidade nem velhice, pois ela é sempre a mesma.

Papai mostrava a Neyah um dos novos pergaminhos de Zertar. Zertar vivia no palácio, onde registrava tudo o que havia sido descoberto a respeito do corpo humano, de modo que aqueles que viessem depois pudessem aprender como cuidar dele e abrigar seu espírito graciosamente.

Havia no papiro o desenho de um homem sem a pele; era pintado de marrom-claro, e do alto da cabeça irradiavam-se linhas vermelhas para todas as partes do corpo.

Papai explicava que no corpo havia pequenas rotas que conduziam sensações para o comandante do corpo, localizado na cabeça; e que esse conhecimento era importante, pois se uma dessas rotas fosse prejudicada, o homem poderia sentir dor nos dedos enquanto a doença, na verdade, estava em seu braço. Esse conhecimento auxiliava tanto os médicos que utilizavam ervas como os que curavam com facas, quando não havia nenhum vidente para guiá-los. Ele explicou:

— Nossa parte externa, embora seja a que nos traz experiência, é para o nosso eu real apenas como as roupas que usamos sobre o corpo. Ela é chamada de *khat,* sendo descrita como um peixe encalhado na praia. Quando o espírito se reúne ao corpo, ela é como um peixe nadando num rio; mas, quando o espírito sai do corpo adormecido, o corpo fica impotente como um peixe encalhado na margem.

Perguntei:

— Se há tantos videntes, por que você precisa de desenhos do interior das pessoas?

— Embora não haja falta de videntes na Cidade Real, há sempre muito poucos homens que conseguem superar as grandes provações necessárias para chegar a esse poder; mesmo no momento atual há muitas pessoas em Kam que ficam feridas e doentes onde não há videntes. Existem muitos países onde não há videntes ou médicos para socorrer o ferido ou o doente, onde os sacerdotes não têm poder e os templos não são locais de treinamento. Para essas pessoas — embora isso não seja tão bom como se tivessem videntes — o conhecimento acurado do funcionamento do corpo é de grande valor.

Eu continuava olhando para o desenho e vi que no alto da cabeça, de onde as linhas se espalhavam, havia um homem minúsculo, delicadamente esboçado. Apontei para ele e perguntei:

— Temos mesmo uma pequena cópia de nós dentro da cabeça, ou é apenas uma forma de explicar?

Papai respondeu:

— Sim, todos os seres humanos e animais têm em si uma cópia. É por meio dela que as ordens do espírito são transmitidas ao corpo. Ela não pode ser vista a não ser pelos videntes. Se Ptah-kefer olhar com os olhos de seu

espírito para essa parte de um homem verá que, um instante antes de o braço terreno se elevar, isso estará sendo feito pelo braço do que é chamado de *ka-ibis*.

"Você se lembra do soldado da tropa de Na-Kish trazido aqui para o templo? Seu capitão o enviou num dos barcos de cereais vazios. Ele tinha visto sua esposa sendo capturada e morta por um crocodilo. O choque foi tão terrível que ele ficou mudo; mandaram-no para cá a fim de vermos se podíamos curá-lo. O que lhe aconteceu foi o seguinte: ele teve tanto medo e horror que a força de suas emoções, ordenadas por seu corpo, feriu seu *ka-ibis*. E assim como um homem com os músculos do ombro rompidos não pode arremessar uma lança, o *ka-ibis* não podia transmitir as ordens do espírito desse homem para os músculos falantes de sua garganta. Ele ficou mudo. Mas, quando Ptah-kefer viu o que estava errado, o *ka-ibis* foi fortalecido pela cura, até se tornar novamente capaz de comandar as ordens.

"O *ka-ibis* é descrito como um homem caminhando, uma ação que exemplifica um homem obedecendo a seu espírito por intermédio do *ka-ibis*. Às vezes, ele é descrito apenas como duas pernas, o que significa, como o escriba lhes ensinou, 'andar' e 'viajar'.

"Quando o povo da Atlântida veio a Kam pela primeira vez, descobriu o íbis, e disse que suas penas pretas e brancas simbolizavam a luz da sabedoria penetrando as trevas da ignorância. O grito do íbis é 'Ah!', e eles disseram: 'Aqui está um pássaro que só fala da sabedoria, e aquele que só fala da sabedoria só fala a verdade'. A antiga terra do grande Tahuti, o Deus da Sabedoria, o Avaliador dos Corações, sempre teve como símbolo o equilíbrio da balança, o mesmo equilíbrio que vocês vêem hoje nos locais de justiça de Kam. Mais tarde, as pessoas o chamaram de Thoth, e fizeram estátuas dele com a cabeça de um íbis. Ele ficou conhecido como o Guardião dos Grandes Registros, por eles terem dito: 'Assim como o íbis só diz a verdade, que é a sabedoria, do mesmo modo Thoth só registra as coisas permanentes, que são a sabedoria e a verdade'. Assim, ele ficou conhecido como o Deus dos Escrivães. Atualmente, há muitas pessoas que se esqueceram de que Tahuti e Thoth são um só deus.

"Assim como os escrivães colocam seus pensamentos nos sinais escritos, do mesmo modo o homenzinho na cabeça transforma os pensamentos em ações. Por pertencer a uma parte nossa que, embora morra com o corpo, não pode

ser vista pelos olhos terrenos, assim como a *ka*, nós a chamamos de *ka-ibis*."

Neyah já me havia falado a respeito de qual de nossas partes era a *ka*, mas como não tinha certeza de ter entendido, pedi a papai para me explicar.

— Há muitas partes do corpo que utilizam as coisas da Terra através das quais vivemos. Nossos pulmões nos purificam com o ar que respiramos; nossos intestinos, estômago e vários outros órgãos transformam nossa comida e bebida em sangue novo, que, por sua vez, é bombeado pelo coração para todo o nosso corpo. Temos, porém, uma necessidade maior, que nenhum deles pode nos dar. Essa necessidade é a vida, a vida que está em toda parte e que você me ouviu chamar de "a vida de Ptah". O contato com o *khat* é muito sutil, portanto temos uma réplica mais sutil de nós mesmos, que é uma colcha de retalhos, com milhões de veias invisíveis; por esses canais flui a vida de Ptah, sem a qual morreríamos. Essa parte de nós mesmos é chamada de *ka*, que significa "coletora de vida". Ela não pode ser vista pelos olhos da Terra, contudo é tão importante que, se esses canais forem prejudicados e não puderem conduzir a vida, o corpo morrerá. Só quando dormimos é que a *ka* consegue rearmazenar-se de vida, e é por isso que podemos viver mais tempo sem comer do que sem dormir.

"A *ka* é descrita com os dois braços esticados para cima sobre uma linha reta. A linha reta usada para significar 'horizonte' veio a significar 'Terra'; os braços esticados para cima com as mãos abertas simbolizam alguém que está se elevando e coletando a vida de Ptah. Há centenas de anos, havia um círculo entre as mãos, acima delas, simbolizando a fonte da vida. Agora usamos a forma mais simples."

Capítulo 10

O médico herborista

Quando meu pai se tornou Faraó, doze anos antes da morte do grande Menés, pouco se sabia a respeito de ervas

medicinais. Sob sua orientação, porém, muitos dos antigos conhecimentos foram relembrados e numerosos outros atuais acrescentados ao nosso tesouro.

O povo da Terra do Ouro cultivava muitos dos antigos conhecimentos sobre ervas, e um sem-número de plantas estranhas ao nosso país foram trazidas de lá por meu pai. Viajantes de terras distantes lhe traziam plantas raras, o que ele retribuía pagando três vezes seu peso em ouro. Embora amasse as flores e as árvores, em seu jardim particular, que ficava próximo dos aposentos reais, só havia plantas capazes de curar homens ou animais. As folhas de algumas delas eram deixadas a secar, fervidas em água, e o líquido aliviava a febre; algumas tinham raízes que eram trituradas até virar pó e colocadas na língua para curar distúrbios intestinais; havia outras com as quais faziam-se ungüentos para curar feridas, ou para tratar da carne inflamada ao redor das feridas. Com a casca de um arbusto que dava flores amarelas preparava-se uma loção para os olhos. Havia papoulas compridas com pétalas sedosas e enrugadas, de cujas sementes era feita uma bebida capaz de suavizar a dor, pela sonolência; e uma planta rara com uma haste suculenta, cujo suco, colocado em compressa ao redor dos olhos, eliminava a crosta amarelada que destrói a visão.

Uma vez, meu pai nos disse — isso foi logo depois de a estela que falava a respeito da construção do palácio ter sido erigida: "Se no futuro distante os homens falarem de mim, espero ser lembrado não como um guerreiro ou um construtor, mas como alguém que curava com ervas. Pois é mais importante fazer com que um cego volte a ver as estrelas do que construir um império de pedra".

Ele nos falava com freqüência que as plantas têm muito a nos ensinar. "A humanidade geralmente é tola: os guerreiros jogam fora a espada para manejar o arado; os campos permanecem incultos porque os lavradores tentam pintar afrescos no muro dos estábulos; e os pintores livram-se de seus pincéis, desejando ser portadores de uma espada. As plantas são mais sábias, pois de vários modos ganham experiência em seu curso: a violeta não se encolhe de medo sob suas folhas por não ter espinhos em seu caule; a verbena não tenta florescer como as convolvuláceas, mas se satisfaz em desprender uma essência refrescante do verdor rústico de suas folhas simples."

Um dia encontramos papai ajoelhado ao lado de uma de suas plantas; as folhas estavam flácidas e os brotos da

flor, caídos no chão. Ele a estava apalpando como se fosse uma pessoa enferma, e quando terminou, nós lhe perguntamos o que estava fazendo.

Ele nos respondeu:

— Esta planta estava morrendo por falta de vida. O corpo dos homens e o dos animais coletam vida nova quando estão vazios e o espírito os deixa adormecidos; mas as plantas não podem dormir ou coletar vida nova por si mesmas. Assim, Ptah criou para cada planta uma pequeno espírito que cuida dela e faz por ela o que a *ka* faz para nosso corpo. Esses pequenos espíritos das plantas tomam formas diferentes, mas todos giram bem depressa ao redor delas, mais depressa do que vocês podem fazer girar um pião com uma corda.

Então, papai nos lembrou de uma ocasião em que vimos uma curiosa rajada de vento, que havia arrastado areia e pedaços de galhos, sorvendo-os para seu interior.

— Do mesmo modo, o espírito da planta coleta a vida com a qual alimenta a planta sob sua proteção. O espírito desta planta estava fraco e não conseguia girar. Portanto, sendo um sacerdote curandeiro, coletei vida, a vida de Ptah, e, pela minha vontade, a dirigi para onde meus dedos apalpavam. Agora o pequeno espírito da planta está suficientemente forte para executar seu trabalho.

Capítulo 11

A perícia do vidente

O gato-selvagem de Neyah nunca foi domado, mesmo depois de dois anos. Ele ganhou uma companheira a fim de não ficar solitário, e teve uma casa especial, construída para ele com um grande viveiro gramado e cheio de árvores para que se sentisse em casa. Não sei por que Neyah se afeiçoou tanto a ele! Costumava passar horas tentando ensiná-lo a ser um amigo de confiança. Ele mesmo o alimentava, e, afinal, o gato parecia realmente contente ao vê-lo, e costumava vir correndo para o portão quando ele o chamava. Mas um dia, sem nenhum motivo a não ser estar especialmente mal-humo-

rado, o gato deu-lhe uma terrível mordida na barriga da perna. Felizmente, Serten estava limpando o viveiro nessa hora, e empurrou o animal com um ancinho.

Neyah sempre odiou incomodar os outros com seus ferimentos, mas dessa vez não pôde manter-se afastado, pois mal conseguia andar; o sangue escorria por sua perna. Ele procurou papai e contou-lhe o que acontecera, pois sabia que Maata faria um rebuliço e certamente diria: "Eu lhe disse mil vezes que aquele animal horrível se voltaria contra você um dia".

Neyah não quis contar a mamãe também, pois sempre que nos via feridos ela ficava ansiosa, embora nunca o demonstrasse. Papai agia com sensatez quando nos machucávamos. Ele nos fazia sentir-nos como se fôssemos dois guerreiros feridos numa batalha; assim, quando caía de uma árvore por pura inépcia, eu fingia que tinha sido ferida por uma biga em meio a violenta batalha. Costumávamos inventar histórias sobre o que tínhamos feito durante os combates, e eu ficava tão entretida que não precisava ser corajosa.

Quando papai viu a perna de Neyah, mandou chamar Ptah-kefer; logo que chegou, este olhou para o ferimento com os olhos de seu espírito. Ptah-kefer alertou que um músculo havia se rompido, mas que com a aplicação de um medicamento adequado, duas vezes por dia, estaria curado em quinze dias. Papai não quis recorrer a um sacerdote curandeiro; ele mesmo conduziu a vida de Ptah para a ferida de Neyah. Depois aplicou um ungüento e uma bandagem de linho na perna ferida.

Neyah não pôde caminhar durante vários dias. Ptah-kefer olhava o ferimento todas as manhãs para acompanhar sua evolução, permanecia algum tempo conosco e conversávamos. Ele entendia bastante de crianças, embora não tivesse nenhum filho. Era perito na arte do entalhe, e muitas vezes ajudava Neyah a confeccionar objetos. Certa vez, consertou um dos modelos de barco de Neyah; eu havia quebrado o pequeno modelo alguns dias antes. Neyah recomendara que eu não mexesse em nenhum deles.

Um dia, quando sua perna estava quase curada, Neyah perguntou a Ptah-kefer:

— Como você pode ver a ferida em minha perna se ela está coberta e sua mão fica sobre seus olhos? Sei que é por causa da sua vidência, mas não consigo entender como isso pode acontecer.

Ptah-kefer respondeu simplesmente:

— Eu não olho para o corpo; olho para a réplica que sustenta a vida...

Curiosa, interrompi:

— Você quer dizer a *ka,* a que tem dois braços esticados para cima sobre o horizonte?

Neyah reprovou minha interrupção olhando-me de cara feia. Ptah-kefer continuou:

— Na Terra não existe nada imóvel. Tudo o que se pode ver tem cor e reflete raios de luz. Algumas coisas refletem os raios mais longe do que as outras. — Então, ele pegou a bola de *checka,* com a qual eu estivera brincando. — Vamos fazer de conta que esta bola é um raio de luz, e que essa parede é a coisa contra a qual ela é lançada. Se a parede fosse de pedra, devolveria a bola direto para nós: seria como se um raio de luz brilhasse sobre algo que o refletisse na velocidade que chamamos de "violeta", pois o violeta reflete a luz mais rapidamente do que qualquer outra cor. Se essa parede fosse de lama úmida, a bola cairia no chão: seria como se o raio de luz se refletisse em algo vermelho, pois o vermelho é a cor que reflete a luz mais lentamente.

"Tudo o que reflete a luz mais depressa do que o violeta, nossos olhos não podem ver. Agora, se essa parede fosse formada pela substância da *ka,* a bola seria lançada por cima do palácio e além das videiras, pois a velocidade da luz refletida pela *ka* é muito mais rápida do que qualquer coisa que a simples visão terrena consegue ver.

"Quando estou olhando para a *ka* de um homem com os olhos do espírito, cubro meus olhos com a mão para que a luz lenta, que conhecemos como cor, seja destacada. Então, com minha visão treinada, posso olhar para a velocidade da *ka,* embora ela pareça estar imóvel como um homem adormecido, pois minha visão de vidente viaja à mesma velocidade. Será que minha explicação foi clara?"

Neyah respondeu:

— Ah, compreendo. É como se eu estivesse olhando pela janela e uma vaca passasse. Eu não poderia deixar de vê-la, porque ela estaria andando a uma velocidade comum. Porém, se uma flecha atirada por um arco potente passasse, seria tão rápida que eu nem a notaria... assim como às vezes é muito difícil ver o movimento das asas de uma libélula...

Interrompi:

— Se eu estiver olhando por uma porta e um carro

de combate passar com seus cavalos a galope, dificilmente poderei vê-lo, pois ele passará muito depressa. Por outro lado, se duas pessoas estiverem galopando em dois carros lado a lado, elas poderão ver uma à outra como se ambas estivessem imóveis. O vidente viaja à mesma velocidade daquilo que ele está olhando.

Acho que Ptah-kefer ficou contente por eu ter compreendido tão bem. Eu quis saber se ele ficava impaciente quando as pessoas não davam atenção à sabedoria dele, e perguntei:

— Quando as pessoas não acreditam na verdade, você fica com vontade de fazer uma grande mágica na frente delas, para que percebam o quanto são ignorantes?

Ptah-kefer riu e respondeu:

— Se você encontrar um homem faminto, é bom darlhe comida. Mas se ele se recusar a comer porque acredita que a comida está envenenada, não o force a comer. Ele pode muito bem asfixiar-se com o alimento em vez de saciar sua fome.

"Tampouco evite dar uma grande tigela de comida a alguém que está com inanição, pois ele poderá engoli-la muito depressa, ficar com dores e dizer: 'Essa foi minha refeição mais dolorosa. No futuro, devo evitar comer assim'. O melhor é alimentá-lo gradualmente, um pouco de cada vez. Ele deve beber leite antes de estar preparado para a carne. Então receberá um grande benefício do que você lhe der e irá querer mais para se fortalecer."

Nesse momento, Ptah-kefer teve de nos deixar, pois estava na hora da audiência. Comentei com Neyah:

— Isso mostra que não é bom tentar explicar as coisas para as pessoas que não querem ouvir. Nessa história, alimentar significa ensinar, e o homem faminto é o homem ignorante.

Neyah observou:

— Sekeeta, estou muito contente por você ter percebido isso, pois é uma verdade bem óbvia!

Achei que ele estava bancando o importante e zombando de mim, mas como não tinha certeza, retruquei:

— Vamos lá fora tomar um banho? — E saímos.

Capítulo 12

A alma

Havia um pavilhão de pedras no final do jardim onde meu pai cultivava as ervas. Era aberto de um dos lados, onde o teto ficava suspenso por dois pilares canelados. Todas as plantas do jardim estavam registradas nas paredes, e havia alguns espaços vazios que seriam preenchidos mais cedo ou mais tarde. Junto à parede do fundo, encontravam-se todas as plantas cujo valor de cura estava em suas folhas; na parede à esquerda, as que tinham seu poder nas flores e sementes; e na parede à direita as que o tinham em suas raízes.

Fui até lá certa manhã e encontrei Neyah conversando com o homem que fazia os registros nas pedras. Este entalhava ao longo das linhas esboçadas na pedra por um escrivão sob a orientação de meu pai. O escrivão havia desenhado em preto, e meu pai fizera duas correções em sua escrita com riscos vermelhos.

Neyah pediu emprestadas algumas ferramentas do entalhador e começou a praticar num pequeno pedaço de pedra. Eu disse-lhe que não estava achando sua obra muito boa, e ele me pediu para experimentar e ver se conseguia fazer melhor. Pensei que poderia, mas logo machuquei o dedo, que começou a sangrar; devolvi as ferramentas a Neyah. Era muito mais difícil do que parecia. Neyah estava tão concentrado em seu trabalho que não conversava comigo. Assim, sem que ele percebesse, comecei a fazer pequenas tranças na parte de trás de seu cabelo. Ele provavelmente ficaria furioso quando descobrisse, mas seria menos aborrecido do que ficar desocupada. Então ouvi vozes. Neyah e eu nunca brigávamos na frente dos outros, por isso avisei rapidamente:

— Depressa, Neyah, passe os dedos pelos seus cabelos.

Meu pai aproximava-se acompanhado de Zertar. O entalhador perguntou a meu pai se havia conseguido exprimir o pensamento dele corretamente.

Quando terminaram de conversar a respeito dos entalhes, fomos com papai até a vinicultura, onde as uvas rosadas estavam sendo colhidas. Durante o trabalho de colheita da uva, os homens usavam aventais brancos e as mulheres, túnicas de linho rústico amarradas no ombro esquerdo. Quando os cestos ficavam cheios, as mulheres os carregavam

na cabeça até os tonéis de vinho, onde as uvas eram tombadas numa pedra circular. Ali, as uvas eram esmagadas por um rolo de madeira, preso a uma viga e empurrado por dois bois brancos. Os vinheiros estavam preparando vinho para o palácio, por isso os rolos eram leves e extraíam apenas o suco mais fino.

Depois descemos pelo caminho das romãs até o pomar, onde nos sentamos à sombra de uma velha figueira. Pedi a papai que nos contasse uma história sobre alguma coisa. Ele respondeu:

— Contarei uma história sobre vocês mesmos, pois conhecer a si mesmo é muito importante. Um homem só tem condições de buscar sabiamente aquilo de que necessita antes de completar sua jornada, quando ele pode dizer: "Sei quem sou, o que tenho, e o que não tenho".

"Já lhes contei a respeito do corpo em que vivem, como ele é feito de *khat, ka-ibis* e *ka.* Quando morremos, esse corpo retorna ao pó. O que esse corpo usa costuma ser chamado de 'espírito', mas, na verdade, o espírito tem duas partes: a alma, da qual só precisamos enquanto temos necessidade de retornar à Terra; e o espírito propriamente dito, que é tão duradouro quanto o tempo.

"A alma e o espírito têm cinco divisões, ou, se preferirem, cinco atributos, assim como o corpo tem cinco sentidos. O primeiro desses atributos é esse pelo qual experimentamos as emoções. Se eu os tocar levemente enquanto estiverem dormindo, vocês não sentirão, porque a parte de vocês que sente estará ausente. Porém, se o corpo for ferido enquanto estiverem adormecidos, ele chamará pela proteção de seu espírito, e vocês acordarão. Se a dor continuar após o retorno, descobrirão o que os despertou; porém, se o toque for breve e suave, de modo que os nervos do corpo não o registrem, ao retornarem não saberão o que os despertou.

"Chorar quando se está infeliz é um meio de o corpo exprimir a emoção sentida por essa parte da alma chamada *ba.*

"Quando se está no corpo, as emoções são muito menos agudas do que quando se está fora dele. Quando Natee lambe a palma de sua mão, você sente a aspereza de sua língua. Mas se estiver com uma luva a sentirá muito menos. Quando o corpo está desperto, ele amortece a sensação da língua de Natee em sua mão."

Aproveitei uma pausa e comentei:

— Deve ser por isso que o medo num sonho é muito maior do que qualquer coisa que nos assusta na Terra.

Papai concordou com a cabeça e continuou:

— Vocês se lembram daquela história que Pakeewi lhes contou sobre ele e os dois núbios?

"Uma vez, quando estava comigo na Terra Dourada, Pakeewi ficou tão zangado com dois núbios que, embora fosse apenas um homenzinho, bateu a cabeça deles uma na outra até eles caírem como se estivessem mortos. Mais tarde, ele admitiu timidamente a vocês que havia bebido muita cerveja. Bem, a cerveja ou o vinho em excesso despem essa máscara, de modo que as emoções ficam nuas, e a raiva pode então ser sentida tão fortemente que um homenzinho age como se tivesse o corpo de um gigante.

"Nessa mesma expedição fui cercado pelo inimigo, cerca de quinhentos homens. Comigo eu tinha apenas setenta soldados. Estava conosco um sacerdote hórus que, com seu poder, fez com que nossos guerreiros conhecessem a coragem nua de seus corpos. Eles lutaram como deuses guerreiros e se atiraram sobre os inimigos, matando muitos deles. Os demais depuseram as armas e fugiram, amedrontados.

"É por isso que os soldados de nossa guarnição sul cantam juntos antes da batalha. Isso faz com que seus corpos fiquem mais leves e eles lutem com a força de dez homens em cada espada."

Neyah perguntou:

— Se seus inimigos da Terra Dourada cantassem antes da batalha, o sacerdote hórus poderia ter feito seus setenta homens vencerem os quinhentos?

— Ele teria usado uma magia diferente. Teria prendido nossos inimigos a seus corpos, para que ficassem pesados de Terra. Assim, não teriam a mesma determinação. Eles conheceriam o medo, e se questionariam a respeito da razão de estarem lutando, para que estavam lutando, e todas essas coisas que, embora sábias nas ocasiões apropriadas, não vencem batalhas.

"A *ba,* às vezes, é descrita como uma cabeça humana alada, em sua forma mais antiga, e outras como um pássaro com feições humanas. Pois a *ka-ibis* é a parte superior do corpo e portanto está na cabeça; e a *ba* é nossa primeira parte que, ao deixar a Terra, tem plena consciência de ser alada.

"A *ba* é a primeira parte da alma. A segunda é o atributo que se usa quando imaginamos as formas, essas coisas que conhecemos pelos cinco sentidos terrenos. Com esse atributo é que se imagina o pôr-do-sol, um leão, o sabor de

uma codorniz assada, o som de uma harpa, a maciez do linho da cama quando se está cansado, e o cheiro dos campos de vagem à beira do rio ao meio-dia. Com essa faculdade, decidimos também quais palavras falar ou escrever; em qual formato esculpir ou construir; e qual o momento exato de lançar uma flecha num pássaro em vôo.

"Não há nada elaborado pelo homem que não tenha sido primeiro moldado pelos seus pensamentos. Assim como não há nenhuma coisa viva na Terra que não tenha nascido do espírito de um dos Grandes Artífices. Quando o entalhador me perguntou se havia exprimido meu pensamento, ele sabia que eu tinha em minha mente uma imagem clara do que eu queria que fosse criado na pedra; e ele esperava ter conseguido representá-la corretamente. Antes de Neyah talhar um barco, ele tem em sua mente uma imagem de como deseja que fique ao terminá-lo; ele a sente oculta na madeira, esperando que sua faca a liberte. E quando minhas plantas ainda estão sob o solo, em minha mente elas florescem, e as folhas brotam dos galhos sonolentos.

"Exatamente como a emoção é mais forte quando estamos dormindo, imaginamos mais claramente as coisas quando estamos fora da Terra. É por isso que, antes de tomar alguma decisão importante ou concordar com os planos de uma construção, durmo antes de colocar meu selo sobre ela.

"Esse atributo da imaginação é chamado de *nam*. . ."

Neyah perguntou como se escrevia. Papai pegou um pedaço de carvão de uma pequena aljava que geralmente trazia pendurada em seu cinto e na qual carregava o caniço e o carvão dos escribas, e desenhou uma boca humana na parede.

— As palavras que vêm de nossa boca pertencem à Terra, portanto, quando falamos das coisas do espírito, elas são apenas um pobre veículo que transporta nossos pensamentos. Mas, quando falamos das coisas formais, as palavras podem descrevê-las corretamente, pois também pertencem à Terra. Portanto, escreve-se *nam* como uma boca, porque é essa nossa parte que imagina as coisas que podem ser descritas em palavras.

"Agora já conhecem a alma, que é *ba* e *nam*. A alma vive fora do corpo. Porém, quando não precisarem mais renascer na Terra, por terem aprendido tudo o que ela pode ensinar, vocês não precisarão mais da alma, pois então serão mestres da emoção e terão superado as coisas formais."

Capítulo 13

Hórus, o Cabeça de Falcão

Logo depois do Festival de Hórus, Ptah-kefer me contou porque as estátuas do grande Hórus foram esculpidas com a forma de um homem com a cabeça de um falcão.

— Há muito, muito tempo atrás, quando a Terra ainda estava desemaranhada do cordão do tempo, Hórus vivia num mundo como homem. Os deuses moram no esplendor além de nossa visão. No entanto, assim como não há plantas que não tenham sido sementes, não há deus que não tenha sido homem.

"Ele era tão gentil quanto o orvalho nos prados, e sua força era como a maré cheia, que engolfa tudo o que está em seu caminho.

"Sua ira justa podia destruir como o relâmpago. Mas, quando trazia a paz, as tempestades mais terríveis se acalmavam, e os trovões não ousavam nem sussurrar pelas montanhas.

"Ele era paciente como a videira, e os cântaros de sua memória guardavam toda a sabedoria de seu mundo.

"A chama de seu espírito não tremulava aos ventos gelados das circunstâncias, nem a brisa suave da alegria podia perturbar sua tranqüilidade: portanto, tinha a espada de sua vontade temperada no fogo da vida.

"Os Príncipes das Trevas lançaram suas flechas contra ele, e foi como se a chuva caísse sobre uma montanha. Eles desafiaram sua vontade, e ficaram como folhas mortas lançadas ao fogo. Eles enviaram um exército poderoso contra ele, e sob os olhos de Hórus, o exército ficou petrificado.

"Hórus prendeu os mais poderosos Senhores do Mal em suas próprias trevas, até seus corações serem transformados. E libertou os que tinham sido presos anteriormente.

"Como seu símbolo ele criou o falcão, que pode se equilibrar no ar e prender animais nas algemas de sua vontade amestrada, assim como o exército que marchou contra ele e foi imobilizado em seu ataque.

"É por isso que Hórus tem o corpo de um homem, pelo qual alcançou esse poder, e a cabeça de um falcão, que é o símbolo desse poder."

Capítulo 14

Os jarros de vinho

Depois de Neyah, a pessoa com quem eu mais gostava de brincar era Neferteri. Achei que tínhamos sido amigas muitas vezes antes de termos nascido em Kam. O pai dela era o vizir, e sua mãe havia morrido; por isso ela vivia no palácio.

Eu e ela gostávamos de brincar de dançarinas. Estávamos no jardim das figueiras, onde havia um muro branco no qual podíamos observar nossas sombras para ver qual de nós se inclinava mais para trás. Descobri que podia tocar o chão com a ponta de meus dedos; e Neferteri conseguia colocar toda a palma da mão no chão.

Eu tinha uma prima que estava hospedada no palácio. Seu nome era Arbeeta, e nós duas não gostávamos muito dela. Ela era gorda e terrivelmente ruim nas corridas; ela não conseguia nem mergulhar na piscina, e descia as escadas como se fosse uma velha senhora indo lavar suas roupas no rio. Ela não quis vir dançar conosco, embora nós lhe tivéssemos dito que ela deveria tentar, para tornar seu corpo mais bonito; mas ela preferiu ir pedir a uma das costureiras para fazer uma túnica nova para sua boneca.

Então ouvi Neyah assobiando para mim e paramos de dançar. Quando nos viu, ele disse:

— Estavam guardando a nova safra de vinho e ainda não selaram a porta. Fui dar uma olhada na passagem que leva à adega; ela é escura como o Palácio de Set. Vamos até lá fazer uma exploração? A menos, é claro, que tenham medo de encontrar cobras no caminho.

Eu sentia um verdadeiro pavor quando Neyah ficava me lembrando que eu não gostava de cobras. E disse:

— Acho a idéia ótima! Faremos de conta que é a Caverna do Submundo, e para chegar lá deveremos andar ao longo do Caminho Verdadeiro. O alto do muro do pomar será muito bom para isso. — Esperava que assim Neyah parasse de zombar de mim por causa das cobras. O muro do pomar era duas vezes mais alto que o de papai, e eu sabia que Neyah detestava caminhar sobre lugares estreitos e altos, embora ele nunca o admitisse.

Ele replicou:

— Acho essa idéia muito infantil.

Então eu disse, bem depressa:

— É claro que, se você acha muito difícil...

— É claro que não é difícil. Só achei que pareceríamos uns idiotas. Mas vamos lá. Vou na frente.

Ele subiu numa figueira e de lá para o muro; eu o segui. Fomos caminhando por cima do muro ao redor do pomar e da horta. A parte mais difícil foi saltarmos sobre o portão. Chegamos, afinal, ao canto do vinhedo. Havia uma antiga videira que subia até o muro, perto da adega de vinhos, por onde seria fácil descer.

Dez degraus levavam até a entrada da adega que ficava sob o solo para manter-se fria. As duas partes do ferrolho estavam entrelaçadas, mas haviam se esquecido de trancá-lo. A adega deveria ter sido lacrada pelo despenseiro de meu pai com o Selo Real.

Neyah nos deixou por alguns instantes. Voltou com uma pequena lamparina, que havia pedido emprestada ao cozinheiro do Supervisor do Vinhedo; era apenas um pavio numa pequena tigela de óleo e não fornecia muita luz. Passamos pela porta e a fechamos cuidadosamente.

Os jarros de vinho eram mais altos do que eu. Estavam marcados com o nome de papai e com o ano em que haviam sido produzidos. O nome de meu pai não estava completo, mas apenas Za Atet — um feixe de caniços, uma pluma e um pequeno semicírculo; depois o signo do Junco e da Abelha, para mostrar que pertenciam ao Faraó. Os jarros estavam de pé; pensei que era tolice não terem sido feitos de modo a poderem ficar de pé sem apoio. Estava muito frio lá embaixo, e havia cacos no chão; alguém devia ter derrubado um jarro, que se quebrara.

A lamparina lançava nossas sombras na parede, tornando-as imensas. Neyah começou a falar com sua voz assustadora. Sabia que era apenas brincadeira, mas me provocou um arrepio na espinha.

— Quem são vocês, ó mortais, que desafiam as Cavernas do Submundo?

— Não, não faça isso, Neyah! — Fiquei contente por Neferteri lhe pedir para parar. Pensei que era corajoso da parte dela não deixar de dizer o que não lhe agradava.

Então Neyah avisou que ele seria Tahuti e os jarros maiores de vinho, seus quarenta e dois assessores. Apontou para o primeiro jarro e disse:

— Este é a Raiva sem motivo. Sekeeta, você pode olhar para ele e dizer: "Eu vos conquistei?"

Respondi:

— Sim, posso.

— Você está mentindo, Sekeeta. Volte à Terra. Esta manhã você ficou com raiva de sua serva. Você disse que ela puxou seu cabelo...

— Mas ela puxou!

— Mas foi você quem os embaraçou ao subir nas árvores sem trançá-los. Além disso, ontem você tentou ludibriar seu irmão enquanto ele estava entalhando uma pedra. Quando se cortou, você ficou com raiva e jogou o cinzel na água. Continuemos.

Então Neyah fez de conta que era o jarro de vinho seguinte e disse:

— Há alguém sofrendo por sua causa?

Eu respondi:

— Não, não há.

E Neyah fez as vezes do jarro:

— Humana miserável. Você mente. Na próxima vez retornará à Terra como filha de um núbio vesgo. Não está em sua casa uma garotinha, ainda agora, chorando porque você a chamou para brincar de coisas que sabe que ela não consegue fazer, e zomba dela por causa de sua gordura?

— Mas, Neyah, quero dizer, Tahuti, ela é tão estúpida...

— Afirmar algo que todos sabem ser verdadeiro é tão tolo quanto apontar para o sol quente do meio-dia e dizer: "Veja, o sol está brilhando!" Portanto, ao falar que ela é estúpida, está compartilhando a estupidez dela.

De repente, Neferteri interveio:

— Vocês não acham que é possível que se lembrem de que a porta não foi selada e voltem, trancando-nos aqui? Eu me sentiria muito mal, como se estivesse num túmulo.

Neyah tranqüilizou-a:

— Ah, bastaria gritar. E mesmo que ninguém nos ouvisse, poderíamos viver aqui por anos com todo este vinho.

Mas eu disse com firmeza:

— Acho melhor irmos embora agora, Neyah, porque este vinho ficará aqui por sete anos e foi colocado ainda hoje.

A aventura havia sido sem dúvida excitante, mas fiquei muito feliz ao voltar para o sol.

Senti que tinha sido má com Arbeeta, por isso fui ao seu encontro e permiti que ela desse o jantar a Natee naquela noite.

Capítulo 15

Bigas e arremessos de lanças

Todos os dias, eu e Neyah tínhamos aulas para aprender a usar a lança e atirar flechas. Benater armava um grande alvo de linho dividido em vinte quadrados vermelhos e brancos. Em cada quadrado havia um esboço rústico de um animal, e antes de arremessarmos a lança, Benater dizia o nome do animal que deveríamos acertar. Até o último instante, não sabíamos qual seria o alvo, como se estivéssemos caçando um antílope em fuga.

Nossas lanças tinham um cabo de madeira leve, com uma pequena pedra nas pontas para equilibrar o peso da lâmina de cobre em forma de folha. A lança é segura acima e atrás do ombro direito, com o peso do corpo para trás sobre o pé direito. Para que a lança voe da mão como a flecha de um arco, o corpo e o braço devem arremessar-se juntos para a frente, num ritmo perfeito.

Uma tarde, enquanto eu e Neyah estávamos praticando juntos, cresceu-me uma bolha na mão e tive de parar. Descemos então até os estábulos, pegamos o cavalo favorito de Neyah, Meri-naga, um preto brilhante, e o arreamos numa biga leve de caça, que era feita de linho pintado, esticado sobre uma armação de madeira. O piso havia sido revestido de tiras de couro para amortecer os solavancos provocados por um eventual solo irregular. Dirigimos a biga até o local onde se realiza o treinamento dos cavalos. O pátio tinha uma forma ovalada, com estacas presas em diversos pontos. Os cocheiros deveriam dirigir seus cavalos a pleno galope de modo que nem o cavalo nem a biga tocassem nas estacas. Demos três voltas no pátio. Meri-naga era muito rápido e percorria esse trajeto tão velozmente quanto uma andorinha; eu segurava a barra da biga para não ser lançada fora.

Depois, descemos a estrada até o rio para vermos a armadilha para peixes de Neyah. Não havia nenhum peixe nela, e, segundo ele, isso acontecia porque não a tínhamos colocado numa profundidade suficiente. A armadilha era um novo projeto dele. Eu não a achava muito boa, pois sua entrada era tão estreita que, se um peixe fosse suficientemente esperto para entrar nela, seria esperto o bastante para conseguir sair também. Mas não disse nada, pois Neyah havia despendido muito tempo para confeccioná-la. Entramos na água e colocamos a armadilha mais afastada da margem.

O anoitecer estava muito tranqüilo; não havia vento, e o rio era como um espelho de prata. Meri-naga comia capim, e podíamos ouvir seus dentes mastigar. Havia um barco a vela ao longe, e ouvíamos o pescador chamando pelo vento. Os deuses não atenderam seus pedidos e deixaram o rio totalmente plácido, sem ao menos uma brisa.

Neyah cortou um junco e começou a moldá-lo. Deitei-me na margem, espreguiçando-me no chão. Na profunda quietude do entardecer, parecia que a Terra era um veleiro imóvel no poderoso mar do céu; e se uma grande tempestade surgisse, à noite, seríamos levados pelo universo e ultrapassaríamos as estrelas, até elas parecerem crinas de cavalos celestiais tremulando ao vento.

Perguntei a Neyah o que mais gostaria de fazer quando crescesse, e ele respondeu:

— Ah, quero ser capaz de governar o povo, ter leis sábias, e conduzir os exércitos com a sabedoria de uma serpente e a coragem de um leão.

Eu disse:

— Quero uma porção de coisas estranhas... coisas que eu ainda não compreendo. Às vezes, as coisas rotineiras parecem muito importantes, e Kam parece um país imenso, cujos limites poucos iriam querer ultrapassar. Outras vezes, em minha cama, à noite, olho as estrelas pela janela e penso que a Terra é um lugar muito pequeno, e que nosso país é como um grão de areia, e que sou tão pequena que, se uma formiga caminhasse sobre mim, eu nem perceberia. Conhecendo essa pequenez, anseio por ver além... É como seu gato-selvagem olhando pelas grades e ouvindo os chacais latindo à noite, sabendo que eles estão vendo coisas que ele só pode imaginar...

— Não se mova, Sekeeta! Há uma gazela vindo beber água, você pode vê-la na sombra escura. — Enquanto bebia, a gazela provocava ondulações no rio. Então ela levantou a cabeça, ouviu algo, e, assustada, fugiu pelos juncos.

Estava escurecendo, e Neyah sugeriu voltarmos para casa. No caminho, ouvimos um camponês cantando enquanto conduzia seus bois ao pasto. Era uma canção de lavrador de que eu gostava muito:

"Arrasta tua canga, meu boi, arrasta tua canga.
Revolve em linha reta, ó lavrador!

Sulca meu campo tão regularmente quanto o pente no cabelo
de uma mulher.
Terra! Abre teu útero para meu milho se espalhar, abriga-o
em teu calor e faze-o brotar ao sol.
Ouve, ó semente! Ouve a canção dos pássaros,
e brota para ouvi-los mais claramente.
Água! Corre rápido pelos canais
e derrama tua seiva em minhas plantas.
Aquece-as, ó sol! Aquece-as com teus raios de vida
Sê gentil, ó vento!, com meu milho ao amadurecer,
para que a espiga pesada não force seu delgado talo.
Corta os talos, ó minha foice! Corta os talos como a lua
cheia ao penetrar a escuridão, para que o chão de minha eira fique repleto de ouro.
Tritura, ó meu pilão! Tritura. E moe minha farinha
para que não falte em minha casa o pó da vida.
Queima forte, ó fogo! Permite que o forno se aqueça e meu
pão fique assado, para que eu possa dele comer e me
fortalecer,
para cangar meu boi."

Sua voz foi enfraquecendo à medida que nos aproximávamos de casa, e antes de chegarmos ao palácio a estrada estava mergulhada na água prateada da lua.

Capítulo 16

O espírito

Uma manhã, antes de o sol nascer, eu e Neyah fomos com papai até o pavilhão, que ficava ao lado do pântano, para observar o vôo matinal dos pássaros.

Neyah levou algumas placas de argila cozida, e com um caniço e tinta preta desenhou, com poucos traços, um cisne em vôo. Quando tentei desenhar os pássaros, eles pareciam mortos, e só de longe lembravam pássaros. Fiquei observando Neyah, perguntando-me a causa de tudo isso. Tínhamos os mesmos pais, éramos bem parecidos, eu estava

ao lado dele, e o nosso professor de desenho era o mesmo. Perguntei-me também por que, quando eu ficava zangada, tinha vontade de atirar qualquer coisa nas pessoas e dizer tudo o que me vinha à cabeça, enquanto Neyah, na mesma situação, parecia ter controle sobre si, e às vezes seus olhos diziam tudo o que seus lábios calavam, e outras vezes pareciam esconder tudo.

Papai perguntou o que eu estava pensando, e eu lhe respondi. Enquanto comíamos nosso desjejum de frutas, ele disse:

— Antes que você me relate seus pensamentos, preciso lhe falar a respeito de seu espírito.

"Como já lhe expliquei, somos feitos de corpo, alma e espírito. O corpo é *khat, ka-ibis* e *ka*. O corpo é o revestimento de nossa alma e espírito, e através dele obtemos experiências na Terra; quando o corpo morre, *ka* e *ka-ibis* também morrem. Nossa alma é *ba* e *nam,* e temos necessidade delas enquanto nosso espírito precisar renascer na Terra, até termos aprendido a dominar nossas emoções, pensamentos e vontade. O espírito é a única parte de nós que dura para sempre.

"Enquanto estamos na Terra, podemos pensar que tudo isso é permanente, e assim agimos sempre que pensamos nas coisas que não envolvem o *nam."*

Perguntei:

— Como posso saber se o que estou pensando pertence à minha parte *nam?*

Ele explicou:

— Todas as coisas que podem ser apreendidas pelos cinco sentidos do corpo pertencem à forma, e, portanto, ao *nam*. Mas não se pode ver, saborear ou tocar as qualidades. Você não pode cheirar a coragem, ouvir a paciência, pois elas estão além das limitações da forma como nós a conhecemos. Quando pensa nas qualidades, você as imagina com uma parte de seu espírito chamada *"za"*. Você conhece as divisões do corpo e da alma, e como elas são escritas. A *za,* com a qual imaginamos as coisas permanentes, escreve-se com um círculo, com linhas cruzadas em seu interior, como se fosse uma peneira. Pois assim como a peneira pode separar as pedras do pó, do mesmo modo a *za* separa a poeira da Terra, a qual é soprada pelo vento e não se vê mais, das rochas da Verdade, que duram eternamente.

Perguntei a papai por que ele escrevia seu nome como uma peneira, e ele disse que podia ser escrito daquela for-

ma, embora em seu selo ele colocasse o feixe de caniços, ou a serpente e o braço, que eram os símbolos de seu nome. O grande Menés o chamava de Za, dizendo que era um bom nome para um governante que devia peneirar a verdade da falsidade, e assim fazer justiça.

— *Za* é a primeira parte de seu espírito. A segunda parte do espírito é onde se armazena a memória de cada experiência pela qual passamos desde o momento em que, tendo conhecido todas as experiências possíveis no reino dos animais, você nasce um ser humano pela primeira vez e pode dizer: "Eu sou eu". E é essa voz, a voz de sua experiência individual, que lhe diz: "Fazer isto é correto. Aqui é seguro; lá é perigoso".

Fiquei curiosa:

— Sim, papai, mas nunca fui mordida por uma cobra, e mesmo asim tenho medo dela. E Neyah, que nunca caiu de um lugar alto, tem pavor de altura.

Neyah começou a protestar, mas eu o interrompi:

— Não precisa fingir, Neyah; eu o conheço muito bem. — E Neyah começou a retorcer os dedos, como sempre fazia quando tinha de admitir algo. Por fim, concordou, relutante:

— A altura me dá uma sensação horrível, mas você não precisava dizer isso.

Papai sorriu e continuou:

— Em muitas vidas suas, vocês passaram por experiências diferentes, e essas experiências lhes trouxeram conseqüências diversas. Aquelas que os fizeram felizes, vocês querem repetir, e as que lhes trouxeram sofrimentos, vocês pretendem evitar. Mas até chegarem ao fim da jornada, sempre haverá coisas que Neyah já aprendeu e você, não, e outras que você aprendeu e ele, não.

"Entendemos facilmente as ações e os medos dos outros quando já passamos por eles. Mas quando um indivíduo vê outro fazendo algo que a voz interior da memória lembra: 'Isso está errado', o homem ignorante diz: 'Ele pecou como eu nunca pecaria, ele está abaixo de mim e é indigno de minha compaixão!' Mas aqueles que dizem isso são tolos, pois se esqueceram da verdade, exatamente como se esqueceram de si mesmos. Essa voz interior nasce do próprio sofrimento deles como resultado dessa mesma falha que agora eles estão condenando. Se eles ouvissem essa voz com sabedoria, não apenas saberiam que seus pés já atolaram na mesma lama, como também se lembrariam do caminho que os levou de volta a terra firme. E, lembrando-se do caminho, eles se tornariam capazes de apontá-lo para a pessoa que, tolamente, chamaram de pecador, mas a quem um sábio reconheceria como um companheiro de estrada que, por um lapso, perdeu-se do caminho da grande jornada. Esse conhecimento é a compaixão; e a compaixão é o fruto da experiência."

Neyah disse:

— Mas, papai, se vejo um homem fazendo algo que eu sei que é errado, certamente devo tentar impedi-lo e não simplesmente sentir compaixão por ele, não é?

— Eu disse compaixão, não piedade. Entendo por piedoso aquele que se aproxima de alguém que está sofrendo, senta-se a seu lado, e fica lamentando, ou aquele que, vendo uma ferida aberta, diz: "Oh! quanto sangue, que dor, não suporto ver tanto sofrimento", e senta-se ao lado do ferido e começa a se lamentar; e se lamenta tão alto, que os gemidos do ferido são abafados pelos gritos de piedade; esses gritos geralmente são apenas de autopiedade, a qual o fez aproximar-se da dor e sofrimento do outro. Mas a piedade é o primeiro passo para se obter compaixão.

"Agora, um homem que tem compaixão de verdade, ao encontrar alguém prostrado de tristeza, sabe qual a causa daquelas lágrimas, e conhecendo-a, sabe como estancá-las. Pois ele compreende e pode até se lembrar de que também derramou muitas lágrimas, e naquela época pensou que a noite era eterna e não haveria alvorecer. Ele mostrará que toda tristeza se transforma em alegria um dia; e quando aquele que chora for enxugar as lágrimas, descobrirá que elas já secaram em suas faces. O sábio não aumenta o peso do outro com gritos de lamentações, mas procura curar suas feridas, ou, se o outro precisa do auxílio da Terra, conforta o espírito quando este abandona seu corpo cansado.

"Portanto, Neyah e Sekeeta, ouçam a voz da memória. Se quiserem que a jornada seja rápida, ajam de tal forma que no futuro a voz grite: 'Isso está certo, esse é o caminho', em vez de: 'Não vá por aí, pois está errado'. Mas são poucos os que durante a longa jornada não deixam o caminho certo com freqüência: por estranho que pareça, quando um homem vê que seu caminho está cercado de espinhos, geralmente fica lá lutando, pois seu orgulho não lhe permite admitir que está perdido. Entretanto, bastaria que ele ouvisse, pois há os que o chamam para voltar e seguir as pegadas que eles deixaram.

"Meus filhos, o dia em que terão a responsabilidade de dirigir o nosso povo pode chegar logo. Lembrem-se sempre de que todos em nosso país, e todas as pessoas de várias raças e cores que habitam a Terra, sejam amigos ou inimigos, iguais ou escravos, todos são companheiros da mesma longa jornada, e um dia estarão com vocês nessa grande irmandade à qual todos deveremos chegar."

Papai estava sentado muito quieto, com as mãos ao redor dos joelhos, olhando para o horizonte. Achei que ele tinha falado conosco não como se fala às crianças, mas ao eu verdadeiro. Então fez um ligeiro movimento e disse que nossa conversa tomara um ar muito solene. Ele ia falar de outras coisas, mas Neyah não permitiu, perguntando-lhe como se escrevia a memória do espírito.

Papai pegou o caniço da mão de Neyah e desenhou um jarro...

— O jarro guarda os líquidos, os quais, de todas as substâncias terrenas, são os que mais se aproximam daquilo que não tem forma. Quando um homem nasce pela primeira vez, seu jarro de memória está vazio. Ele é preenchido gradativamente durante suas muitas vidas. No começo, a maior parte do que o preenche pertence à Terra, e a água do jarro é lamacenta. Depois, as coisas que não fazem parte do todo perfeito continuam escurecendo a água do jarro, que já estará mais clara. Mas quando o espírito está livre da Terra, e obteve toda a experiência, a água lamacenta fica límpida, como se o jarro estivesse repleto de luz líquida.

"Ele é chamado então de *'maat'*, 'verdade', pois a verdade é a qualidade que passou pela peneira e que permanece depois que o espírito se livrou da Terra e pode entrar no Barco do Tempo."

Capítulo 17

O aniversário de mamãe

Logo cedo, na manhã do dia de aniversário de mamãe, fui ao quarto de Neyah e o acordei para que olhássemos

novamente o nosso presente antes de levá-lo ao quarto dela.

Era um belo bracelete de margaridas douradas com miolos de ametista e turquesa. Nu-setees, o ourives, disse que era seu trabalho mais bonito. Neyah fez um pequeno estojo de madeira, para guardar o bracelete. Ele pintara o estojo, colorindo a borda com faixas verdes e vermelhas. No centro, desenhara um peixe com lírios e vários peixinhos em cores bem vívidas.

A névoa começava a se elevar da piscina em frente à janela de seu quarto. Escrevi um poema especial para mamãe e fiquei decorando-o.

"Na noite fria, o jardim
  Anseia pelo calor do sol.
Na margem do rio, o peixe
  Anseia por voltar à água.
Com a asa partida, a pomba
  Anseia por voar de um alto ramo.
Numa noite escura, o viajante
  Anseia pela luz da lua.
Mas a Terra anseia mil vezes mais
  Para que você nasça novamente nela."

Eu gostaria de ter encontrado palavras melhores para lhe transmitir todo o meu amor.

Então ela nos ouviu e nos chamou ao seu quarto. Depois de a beijarmos, entregamos-lhe o bracelete. Ela disse que era o bracelete mais bonito que já havia visto e que o usaria sempre. Depois, recitei meu poema. Ela disse que era o poema mais belo que já ouvira, melhor até que os de Then-apt, o poeta.

Mamãe era linda! Seus cabelos eram negros e suaves; ela não os prendia ao dormir, como a maior parte das pessoas fazia; e às vezes ela me deixava penteá-los com seu pente de marfim.

Papai entrou no quarto e sentou-se na borda da cama. Mamãe me pediu para repetir o poema para ele. Eu o fiz. E ele disse que poderia acrescentar mais duas linhas, pois ele ficara mil vezes mais feliz do que a Terra quando ela nascera — embora não soubesse disso na época. Ele vira mamãe pela primeira vez quando já era bem crescido, tinha seis anos, e ela era o bebê mais novo de sua tia favorita, e estava no colo de sua babá no bosque de plátanos do antigo palácio.

Então mamãe disse:
— Podemos ter o dia inteiro só para nós até a audiência noturna. O que faremos? — Todos nós ficamos pensando, e quando tínhamos decidido ir navegar pelo lago no barco de papai, ouvi Natee rosnando do lado de fora da porta, e deixei-o entrar. Mamãe me disse que, se eu quisesse, poderia levá-lo também. Neyah replicou:
— Não acho uma boa idéia levar leões num barco.
Respondi:
— Os leões são uma boa idéia em qualquer lugar. Na verdade, acho que foram a melhor idéia que Ptah já teve.
Mamãe pediu que Neyah e eu fôssemos à cozinha escolher a comida que levaríamos para o passeio. Escolhi ganso frio, uma porção de rabanetes e figos, um jarro de suco de uva, alguns pães-de-mel e romãs, cujo sabor é sem graça, mas são boas para matar a sede. Neyah acrescentou doze ovos cozidos e alguns pãezinhos com manteiga. Parecia que tínhamos escolhido muita coisa, mas achei prudente levar bastante comida, pois poderia surgir uma tempestade e nos levar para uma terra muito distante. Neyah disse:
— Mesmo com uma grande tempestade, não chegaríamos a uma terra muito distante, porque podemos ir de uma ponta à outra do lago em duas horas com vento suave.
Disse-lhe para deixar de pensar como adulto e tentar fazer com que as coisas comuns ficassem excitantes.
O lago estava uma delícia! O vento era perfeito para navegar. Vi um hipopótamo à distância. Eu sempre os odiara por terem matado nosso tio-bisavô. Pensei que, na verdade, ele estava muito velho para ir caçá-los aos oitenta e sete anos. Ele fora o maior rei que já viveu, o mais sábio, e o maior guerreiro.
Vi uma nuvem de pássaros viajando para o norte, e papai nos disse que no verão eles viajam para um país tão distante, que seria impossível irmos até lá acordados. Ele tinha estado lá apenas em sonhos. No inverno todo ficava branco de frio, e havia dias e dias seguidos em que Ra não afastava as nuvens. Eu esperava nunca ter de nascer num país assim.
Neyah e eu disputamos corridas de natação; ele era mais rápido, mas eu espirrava menos água. Natee ficou muito bonzinho, encolheu-se no fundo do barco e não deu nenhum trabalho, a não ser quando ficou excitado e começou a balançar o barco como se de fato uma tempestade estivesse chegando.

Quando o sol estava alto, aportamos numa pequena ilha e comemos sob as árvores. Natee foi muito útil: comeu tudo o que restou.
Na volta, o vento acalmou; então papai e Neyah remaram, enquanto mamãe cantava uma canção de remadores para que eles remassem no mesmo ritmo.
Foi um dia maravilhoso! Como eu gostaria de continuar para sempre com nove anos!

Parte II

Capítulo 1

Ney-sey-ra

Quando tinha três anos de idade, Natee fugiu. Por muitos dias, ninguém conseguiu encontrá-lo, e pensei que nunca mais o veria. Mas no décimo segundo dia ele voltou, acompanhado de uma jovem leoa. Ele a levou direto para o pátio dos leões, e embora um tanto assustada com as pessoas, a fêmea o seguiu até sua baia. Natee rugia para todo leão que tentasse aproximar-se dela. A princípio, Zeb era a única pessoa que ela permitia que se aproximasse; no entanto, mesmo depois de se acostumar com as pessoas, ela nunca teve permissão para passear sozinha.

Os leões reais, em geral, são descendentes de gerações de animais acostumados à companhia de seres humanos, e era muito raro um leão selvagem ser domesticado, a menos que tivesse sido trazido ainda como filhote.

Batizei a fêmea de Natee de Simma. Pouco antes de ter seus filhotinhos, ela desapareceu. Natee ficou muito triste sem ela. Recusava-se a comer, gemia e se lamentava a noite toda. Zeb achava que Natee poderia encontrar Simma, pois farejaria seu rastro. Zeb não se atrevia a colocar os cães de caça no rastro dela com receio de assustá-la.

Assim, certa noite, Zeb saiu com Natee, pois os leões conseguem farejar o rastro mais facilmente à noite do que com o sol quente. Ele não quis levar mais ninguém. Explicou que Simma conhecia sua voz e o seguiria; se alguém fosse com ele, a leoa poderia afastar-se ainda mais.

Acordei logo cedo na manhã seguinte e corri até o pátio dos leões para ver se Zeb havia voltado. Ele ainda estava fora. Caminhei em direção ao norte, para além dos campos de cultivo, onde havia dunas de areia à beira do

pântano. Tinha andado cerca de meia hora ao longo do caminho por onde costumava levar Natee para passear quando, de repente, o vi correndo na minha direção.

Ele prendeu meu saiote entre seus dentes e o puxou, sugerindo que eu o seguisse. Ao redor de seu pescoço havia uma faixa de linho, e vi que ela estava manchada de vermelho. Desatei a faixa e a joguei no chão. A princípio, pensei que a mancha era apenas uma linha ondulada feita por um dedo mergulhado em sangue. Mas logo vi que era o desenho de uma serpente, e em sua cabeça havia dois traços, o que significava que era uma víbora cornuda; soube então que Zeb havia sido mordido por uma serpente. Natee fora enviado para buscar socorro.

Naquele momento, eu estava mais perto do templo que do palácio; assim corri para lá bem depressa, com Natee atrás de mim. Encontrei Zertar saindo para o pátio. Na mesma hora, ele mandou aprontar três liteiras, cada uma carregada por dois velozes corredores. Zertar explicou que seria o meio mais rápido de chegar até Zeb, e que ele não podia estar muito longe, pois o sangue da faixa de linho ainda não havia secado. Zertar pegou um pote de ungüento e um *smaoo*, um pequeno animal, mais rápido que uma serpente, que brinca com as cobras como gato e rato e que é chamado por isso de serpente-gato.

Quando Zertar estava pronto, soltei a coleira de Natee, e ele saiu em disparada, olhando de vez em quando para trás a fim de se certificar de que o seguíamos. Os corredores eram velozes, e em menos de uma hora havíamos deixado para trás os campos de plantação e adentrávamos as ondulações de areia ao norte, ladeadas pelo pântano, onde se viam imensas extensões de juncos altos.

Encontramos Zeb deitado à margem dos juncos. Inicialmente, pensei que estivesse morto; mas quando Natee — que corria à nossa frente — começou a lambê-lo, ele se mexeu. Zeb havia sido mordido no tornozelo esquerdo, e tinha cortado profundamente o ferimento com sua faca. Sangrava bastante, mas não o suficiente, e sua perna estava inchada e começava a enegrecer.

Zertar me recomendou tentar fazer com que bebesse um pouco do líquido alcoólico extraído da cana. Enquanto eu me encarregava disso, ele pegou o *smaoo* e fez um pequeno corte em sua perna, fazendo seu sangue gotejar numa pequena xícara, o que parece não ter doído, pois enquanto isso, o *smaoo* lambia sua mão. Zertar pediu a um dos corre-

dores para colocar uma bandagem na perna do animal; então, fez dois pequenos cortes na perna de Zeb, um acima da picada da serpente e outro do lado esquerdo do peito, logo acima do coração. Mergulhou dois pequenos chumaços de linho no sangue do *smaoo* e depositou-os nos cortes. O resto do sangue, ele derramou-o na boca de Zeb, que estava agora suficientemente forte para engoli-lo. A seguir, Zertar pegou um ungüento malcheiroso de um jarro e espalhou-o sobre a picada da serpente. Então, após envolverem Zeb em mantos de lã, deitaram-no numa das liteiras para levá-lo ao palácio.

Chamei Natee, mas ele não queria me obedecer. Foi em direção aos juncos insinuando que eu o acompanhasse. Quando viu que eu não o estava seguindo, voltou, pegou minha mão de um modo gentil entre seus dentes e tentou me levar com ele. Decidi acompanhá-lo: numa clareira, deitada na areia seca, vi Simma com dois pequenos filhotes. Ela curvou os beiços como se fosse rosnar para mim, mas Natee rugiu para ela. Imediatamente Simma se aquietou e até permitiu que eu lhe desse umas palmadinhas. Seus filhotes eram ainda menores do que Natee quando ele dormira pela primeira vez em minha cama. Tirei a coleira de Natee para que ele soubesse que não era obrigado a ficar comigo e que estava livre para voltar ao palácio ou ficar com Simma. Quando me levantei, ele seguiu comigo até a beira do juncal; parou e ficou me observando enquanto eu me afastava, antes de trotar de volta para sua família.

Os condutores de minha liteira alcançaram o grupo que levava Zeb antes de chegar ao palácio. Zeb foi colocado num dos quartos próximo ao local onde Zertar trabalhava. Zertar procurava curar a todos do palácio utilizando sua faca e ervas.

Ptah-kefer veio ver Zeb e disse que era impossível saber se ele viveria mais um dia. Seus lábios estavam corados novamente, mas ele continuava imóvel e frio, e não respondia às minhas perguntas.

Assim, decidi deixá-lo. Andei pelos jardins, sentindo-me muito triste, pois eu amava muito meu servo fiel e me entristecia pensar que ele poderia morrer; além disso, Natee me deixara por uma companheira melhor. Decidi ir ao templo e orar por Zeb. Colhi algumas flores-de-lis brancas e escarlates e segui até o templo em minha liteira.

Não havia ninguém no adro do templo, pois o sol estava alto e já era quase hora do descanso à sombra das árvores. Fui até o santuário de Ptah e depositei minhas flo-

res nos degraus brancos de sua estátua. De pé diante dele, com as mãos levantadas, embora não dissesse nada em voz alta, pedi a Ptah para ele me ouvir com tanta força, que ele provavelmente escutou minha voz de seu trono de estrelas. Contei-lhe sobre a serpente, e pedi que, por sua generosidade, desse um pouco mais de vida a Zeb, permitindo que ele ficasse comigo. Então ajoelhei-me e toquei seus pés com minha testa em sinal de amor e humildade.

Quando saí da sombra fria do santuário, a luz do sol no pátio externo parecia sólida como uma parede de ouro. Um jovem sacerdote caminhava pelo pátio. Por seu traje, percebi que era um sumo sacerdote de Anúbis. Eu já o tinha visto no templo, e ouvira dizer que ele havia passado pela iniciação muito jovem, com apenas vinte e três anos. Seu nome era Ney-sey-ra.

Ele veio conversar comigo. Falou como se me conhecesse há muito tempo, e eu senti que estava diante de um amigo, de alguém bem mais sábio do que eu. Ele parecia saber que eu não havia comido nada naquele dia, pois, sem dizer nada, levou-me a um dos jardins privados e trouxe-me alguns pães-de-mel, figos e um copo de vinho, dizendo que depois de comer eu me sentiria menos cansada.

Enquanto comia, conversei com ele. Embora fosse a primeira vez que falávamos, era como se estivéssemos continuando uma conversa iniciada um dia antes. Contei-lhe sobre Zeb, Natee, e os filhotes de Simma; e ele disse que eu havia sido sábia ao libertar Natee, pois um indivíduo cativo contra a vontade nunca será um amigo. No entanto, na opinião dele, Natee voltaria para mim quando os filhotes estivessem crescidos, e mudaria seus hábitos para me agradar, pois eu compreendera seu coração.

Perguntei a Ney-sey-ra sobre a serpente-gato, e por que Zertar colocara seu sangue em Zeb. Ele me respondeu:

— Alguns homens acreditam que as serpentes-gatos têm um pouco do mal, até mesmo do veneno de uma cobra, e que elas possuem uma virtude especial no sangue, capaz de retirar o mal do veneno. Zertar está tentando descobrir se um pouco desse sangue, misturado com o da pessoa que foi mordida, transmite algumas de suas qualidades à pessoa envenenada de modo a ela poder dominar o veneno em suas veias.

Contei-lhe a respeito do ungüento, e Ney-sey-ra me explicou que era feito da gordura de todos os tipos de serpentes venenosas. Para ele, tanto o ungüento como o sangue da serpente-gato eram de pouco valor.

De repente, achei que deveríamos ir ao palácio para ver como Zeb estava.

Ney-sey-ra sorriu e me tranqüilizou:

— Posso descobrir isso para você, sem que precise sair desse banco.

Pegou a tigela de prata onde eu havia lavado meus dedos e segurou-a entre as mãos, mantendo-a sob uma réstia de luz que penetrava pelo abrigo das videiras sob as quais nos encontrávamos. Então, como se estivesse olhando por uma janela de um quarto, ele descreveu tudo o que via:

— Zeb está dormindo. Ptah encheu seu corpo de vida nova. Ele acordará uma hora depois do pôr-do-sol, e deverá tomar leite e vinho. Depois dormirá novamente, e quando acordar amanhã, todos saberão que ele viverá. Em vinte dias ele estará bem e terá apenas uma pequena cicatriz na perna.

Nunca havia me deparado com o poder da vidência, contudo ele não me pareceu estranho. Sem falar nada, Ney-sey-ra apanhou um maço de lótus do tanque e perguntou:

— Você se lembra?

De repente, lembrei-me de que havia sonhado com aquela flor na noite anterior. Em meu sonho, ele me mostrara uma flor de lótus aberta como a que havia agora em sua mão, e me explicava que um lótus abre suas pétalas até seu coração dourado refletir o brilho do sol. Do mesmo modo, eu deveria abrir a porta da minha memória até poder refletir a Luz na Terra. Então, em meu sonho, ele apontou para um broto meio aberto, que, embora mostrasse suas pétalas azuis, mantinha encerrado seu coração; aquele era o símbolo do que eu era agora.

A lembrança de meu sonho voltou mais rápido do que o bater de asas de um pássaro; então peguei um lótus azul e disse:

— É isso o que eu sou. — E apontando para a flor que ele segurava: — E isso é o que desejo ser.

Ney-sey-ra sorriu e disse:

— Sou um sumo sacerdote e você será uma rainha. Mas o que mais me agrada ao coração é poder lhe ensinar tudo o que você quiser saber. Já ensinei bastante a seu espírito enquanto você dormia. Logo a ensinarei também aqui na Terra.

Antes de deixá-lo, ele me pediu para que daquele dia em diante eu rezasse a seguinte prece antes de dormir:

"Mestre, por tua sabedoria, ensina-me a ser uma chama

para as pessoas ignorantes, de modo a poder aquecer seus corações e iluminar suas trevas, até que pelo próprio conhecimento possam acender seu fogo, e tendo-o aceso possam abandonar a escuridão e residir, afinal, na luz do sol".

No vigésimo dia, Zeb pôde caminhar novamente. Três meses mais tarde, Natee voltou para mim. Simma e seus filhotes o seguiram quando ele os levou até o portão do pátio dos leões e à sua baia, que havia sido deixada pronta para acolhê-lo. Meu pai permitiu que ele me acompanhasse para todo lugar a que eu fosse, como fazia quando era um filhote.

Capítulo 2

Caça aos leões

Eu tinha dez anos quando saí pela primeira vez para caçar leões com meu pai. Durante muito tempo, Benater estivera me ensinando a arremessar a lança, e, afinal, Harka, o Supervisor das Bigas Reais, disse que eu estava preparada para dirigir uma biga.

Eu queria muito ir caçar leões para mostrar a Neyah que era capaz de fazer tudo o que ele fazia; assim, quando crescêssemos, ele me levaria para participar das batalhas, se houvesse uma guerra contra outro país.

Se dependesse de mim, preferiria caçar leopardos ou crocodilos, e não leões; isso mesmo sabendo que caçávamos apenas leões velhos, que atacavam pessoas nos campos, por não conseguirem mais apanhar veados. Minha esperança era que o leão que viéssemos a matar não fosse nem de longe parecido com Natee. Por outro lado, se papai, que amava Shamba, não se importava em matar os leões ruins, eu sabia que estava sendo tola em me preocupar se haveria algum parentesco, mesmo que muito distante, entre o leão que mataríamos e Natee.

Havia um estrangeiro hospedado no palácio, um bárbaro vindo do nordeste, segundo Neyah me contara, mas eu não o tinha visto ainda.

Eu usava uma roupa de caça de menino, como a de Neyah: o ornamento na cabeça de linho trançado, um peitilho acolchoado e bordado com fios de ouro, braceletes largos de ouro e um saiote de linho preso por um cinto de couro trabalhado com entremeios de ouro para prender a faca de caça.

Depois que me vesti, fui até o pátio externo, onde estavam as bigas. Havia quarenta delas alinhadas numa longa fila. O cavalo de papai, o de Neyah e o meu traziam, na cabeça, plumas de avestruz escarlates e verdes, as cores de meu pai. À frente de cada cavalo estava seu cocheiro. Este seguraria a lança até o nobre que dirigia a biga estar pronto para usá-la; então, o cocheiro seguraria as rédeas até o leão ser morto. Do outro lado do pátio, estavam os cães de caça, negros, com as orelhas levantadas como chacais, dois em cada correia, seguros por seus treinadores.

Minha mãe reuniu-se a mim no alto da escadaria. Trajava um vestido azul bordado com peixes vermelhos e linhas onduladas de prata: seu casaco era de um novo tom violeta, produzido por conchas vindas do mar do norte. Ela usava uma grinalda de flores de arbetas vermelhas, que tinham um odor muito doce; seu ungüento favorito era feito com a essência dessas flores.

Os olhos de mamãe demonstravam certa ansiedade, e eu esperava que ela não estivesse preocupada com a minha participação na caçada. Eu sabia que ela não me diria nada mesmo que a inquietude a dominasse; certa vez, ouvi-a dizer que, se uma mãe fosse tola o bastante para permitir que seus temores secretos pelos filhos obscurecessem seus próprios dias, não deveria permitir que essa sua tolice nublasse os dias deles. Maata não era assim. Um dia, Neyah e eu fomos navegar; nosso barco encalhou num banco de lama e só conseguimos voltar tarde da noite. Maata ficou terrivelmente zangada conosco, pois havia sentido muito medo por nós. Ela nunca compreendeu como aquela preocupação era desagradável; a culpa não fora nossa, e tínhamos ficado o dia inteiro sem comer nada, a não ser um cacho de uvas que havíamos colhido por acaso a caminho do barco. Mamãe não ficou nem um pouco zangada; disse que tínhamos sido muito espertos em nos desvencilharmos do banco de lama, e levou uma sopa especial para nós no quarto, embora já tivesse passado bastante da nossa hora de dormir.

Perguntei a mamãe com quem o bárbaro era parecido. Ela riu e disse:

— Você não deve chamá-lo assim, porque ele é um rei em seu país, embora seja um estrangeiro aqui. Seu nome é Sardok...

Mamãe parou de falar porque ouvimos pessoas se aproximando. Eram papai e seus convidados para a caçada. Quando ele me viu vestida como um príncipe, colocou seu braço ao redor de meu ombro e voltou-se para o homem a seu lado:

— Veja, tenho outro filho! — Ah!, como eu queria que Neyah ouvisse isso!

Neyah caminhava ao longo da fileira de cavalos, inspecionando os arreios. Como se fosse necessário! Querido Neyah — não podia evitar ser um pouco esnobe, às vezes.

Pensei que Harka fosse comigo, mas papai designou-o para acompanhar o bárbaro. Olhei para Sardok e pensei: "Você pode ser um rei em seu país, mas aqui você é só um homem gordo, muito gordo". Tinha uma barba preta toda enrolada e cheia de óleo, como um bode enfeitado; seus cabelos eram encaracolados e tão perfumados, que se podia sentir seu cheiro a uma grande distância.

Então subimos em nossas bigas. Serten veio comigo. Eu me afeiçoara a ele porque me dera Natee. Meu cavalo era preto e branco como um íbis, por isso dera-lhe o nome de Lua Sombreada. Papai encabeçava a fila de bigas na saída do pátio. Sardok vinha a seguir, uma vez que era o convidado principal; depois, Neyah e eu. Acenei para mamãe antes de atravessarmos o portão e girei minha biga bem depressa pela torre para que ela visse como eu dirigia bem e não ficasse preocupada comigo.

Subimos pela margem do rio por cerca de meia hora até a planície de Arbaw, que é um grande pântano seco nessa época, onde dois velhos leões haviam atacado o gado que descera para beber água. Os meninos com os cães iam à frente, ao longo do rio. Quando um leão rompesse a cobertura, as duas bigas entre as quais ele corresse competiriam entre si, e caberia a elas disputar a glória de abater o animal.

À nossa frente havia um cinturão enorme de altos juncos de papiro. Ali, os cães de caça haviam acuado os leões, já sonolentos devido ao calor do dia. Ouvimos os cachorros trabalhando por entre os juncos e os gritos dos treinadores, que carregavam tochas inflamadas de palma seca, revestidas de resina, que exalavam uma fumaça espessa e preta para assustar os leões. A fumaça se espalhou, aproximando-se de

nós. Alguns dos cavalos ficaram muito excitados e escarvavam o chão, mas Lua Sombreada tinha um comportamento exemplar. Serten comentou que ele ficava tão sereno diante de um leão quanto qualquer outro cavalo com seu cachorro de parceria. Imaginei que aquilo era porque Natee sempre saía conosco. Não queria ficar pensando em Natee.

De repente, ouvimos um poderoso rugido, e um leão irrompeu dos juncos perseguido por quatro cães de caça. Fiquei tão excitada que mal podia respirar. Parecia que ele viria bem na minha direção; eu estava com as rédeas nas mãos pronta para passá-las a Serten. Então, no último minuto, o animal se desviou e seguiu na direção de papai e Sardok. Papai permitiu que Sardok fosse na frente. Sardok era muito desajeitado e virou seu cavalo tão depressa que este tropeçou; o bárbaro arremessou sua lança, e ela passou longe do leão. Virando-se rápido, o leão atacou Sardok, mas este se abaixou e o leão acabou caindo sobre Harka e o derrubou no chão. Papai, que estava logo atrás, desceu de sua biga em pleno galope e correu para cima do animal. Ele não ousava recorrer à lança por causa de Harka; então forçou o braço sob a cabeça do leão e enfiou seu punhal no pescoço deste.

Neyah e eu nos aproximamos de papai justamente quando ele estava puxando o leão morto de cima de Harka.

Achei que papai encontraria a morte, e percebi que Neyah também pensara o mesmo, pois estava muito pálido. Fiquei orgulhosa de papai, mas não disse nada com medo de chorar. Harka continuava vivo, mas seu braço esquerdo estava totalmente estraçalhado. Sentei-o no chão e coloquei a cabeça dele em meu colo. Harka abriu os olhos e tentou sorrir para mim, depois fechou-os novamente. Papai auscultou o coração dele, tranqüilizando a todos: Harka ainda estava vivo.

Sardok desceu de sua biga. Eu esperava que ele percebesse em nossos olhos o deprezo que Neyah e eu sentíamos por ele; assim, ele saberia que, embora fosse um rei, em espírito era um homem muito pequeno. Ele disse a papai:

— Arriscou-se demais por um servo.

A voz de papai soou como granito ao responder:

— Nenhum homem teria feito menos por seu amigo.

Como Sardok ousava falar de Harka desse modo? Harka, amado por todos nós desde que éramos crianças, e que havia ensinado meu pai a dirigir bigas. Sardok deve ter sen-

tido nosso desprezo, pois se afastou e foi conversar com alguém de seu povo.

Capítulo 3

O uso da faca na cura

O ferimento no braço de Harka era profundo. Papai alertou que seria mais seguro levar Harka para casa deitado numa das plataformas que haviam sido preparadas para carregar os leões mortos, em vez de transportá-lo numa biga. Havia quatro condutores para essa liteira, e embora eles fossem velozes, o movimento era suave, com seus passos largos, ritmados.

Fui à frente com minha biga para contar a mamãe o que havia acontecido; assim, ela poderia reunir os médicos do templo. A mordida de um leão é igual ao ferimento provocado por uma espada de cobre, e deve ser tratada rapidamente, ou a carne ao redor da ferida morre mesmo que a pessoa continue viva. Gostaria que papai e Neyah não tivessem prosseguido na caçada. Sabia como mamãe devia se sentir quando Neyah e eu estávamos fora, fazendo alguma coisa que parecia muito mais perigosa por ela não estar conosco.

Preparou-se um quarto nos aposentos privativos de meu pai. Uma cama alta e estreita, como as usadas para massagem, foi colocada no meio do quarto, coberta com vários lençóis de fino linho. Ao lado dela, sobre uma mesa, havia dois potes de ungüentos feitos com as ervas de meu pai, algumas tigelas de água, um jarro com uma solução alcoólica feita de cana, que, embora ardesse como fogo, limpava os ferimentos.

Ptah-kefer e o médico em serviço na Casa Real estavam à espera no quarto quando Harka foi levado para lá. Pedi a mamãe que me deixasse ficar com Harka. A princípio, ela recusou, argumentando que eu ainda era muito jovem para isso; argumentei com ela que tinha tido idade

suficiente para vê-lo ferir-se, e que, portanto, tinha idade também para presenciar seu tratamento.

Quando era pequena, a visão de sangue fazia meu estômago embrulhar, e eu ficava com a testa e as mãos úmidas; assim, resolvi observar, às escondidas, quando os bois eram abatidos nos matadouros, até que a visão de sangue espirrando não me espantasse mais do que o vinho escorrendo de uma jarra rachada. Contudo, ao ver Harka conduzido na maca, percebi que essa fraqueza, que eu julgava já amplamente dominada, continuava viva, e a visão do sangue de um amigo era bem diferente da do sangue escorrendo de um boi.

O rosto de Harka havia adquirido um estranho tom púrpura; uma das faces estava lisa, a outra, contorcida. Ptah-kefer cobriu os olhos com as mãos, e inclinou-se sobre os ferimentos; ficou assim por um momento, depois fez um sinal para o médico, e os dois foram até a porta e conversaram calmamente. Ouvi Ptah-kefer dizer que a cabeça de Harka havia sofrido uma compressão, o que pressionara seu cérebro; a menos que o osso que pressionava o cérebro fosse puxado para sua posição normal, um dos lados do corpo ficaria paralisado. Tornava-se necessário recorrer à habilidade de Zertar.

Quando Zertar chegou, trouxe com ele o que pareciam ferramentas de ourivesaria. Normalmente, esse trabalho era feito no templo, mas decidiu-se que seria melhor não remover Harka novamente.

Pobre Harka! Fui até ele e segurei sua mão. Ele agarrou a minha; soube assim que ainda não havia deixado seu corpo. As feridas do ombro e do dorso haviam sido cobertas com compressas de linho úmido; mas o sangue vivo logo as tingiu de vermelho.

Outro sacerdote entrou no quarto, um sumo sacerdote de Anúbis. Ele se sentou numa cadeira num canto do quarto, e parecia adormecido, enquanto o médico pressionava seus dedos de cura entre os olhos de Harka, forçando-o a abandonar o corpo. Eu sabia que, embora o sacerdote de Anúbis parecesse dormir, seu espírito estava à espera de levar Harka para longe da dor ao deixar aquele corpo ferido; assim, seria possível trabalhar em seu corpo e restabelecê-lo como se um simples casaco estivesse sendo consertado.

Senti a mão de Harka amolecer, e soube que ele estava além do alcance da dor. Eu não poderia mais ajudá-lo. Mas

achei que seria bom aprender tudo o que pudesse sobre as habilidades de Zertar.

Primeiro, ele raspou o cabelo da parte lateral da cabeça de Harka; sobre a pele raspada Ptah-kefer marcou o lugar onde o crânio estava sendo comprimido. Zertar pegou um pequeno punhal de metal afiado e fez três cortes como se fossem os três lados de um quadrado aberto; com duas pinças como as de sobrancelha puxou uma aba de pele. As pinças foram fixadas pelo médico, que, com seu poder, amarrou as veias de modo a evitar o fluxo de sangue. Dois espelhos de prata, presos por altos suportes, refletiam a forte luz do sol sobre a cabeça de Harka. Pude ver o osso branco do crânio, e nele havia um entalhe rodeado por uma estreita rachadura, como um ovo que tivesse sido rachado por uma colher. Zertar pegou um pequeno cilindro de metal, cuja extremidade era entalhada com dentes finos como os de uma serra, e, colocando-o contra o crânio, rapidamente o girou entre suas mãos, agindo exatamente como uma perfuratriz de ourivesaria ao cortar uma pedra dura. Nesse momento, ele mudou de posição e não mais pude ver a cabeça de Harka; mas todos continuaram a trabalhar nela.

Ptah-kefer, que o tempo todo estivera observando com os olhos de seu espírito, disse ao médico para conduzir a vida de Ptah ao coração de Harka, pois ele estava ficando fraco. Quando o médico se moveu para fazer isso, vi que uma placa de marfim havia sido ajustada no buraco que Zertar fizera, e estava presa ao crânio fraturado por pequena cavilhas de ouro. A seguir, a aba de pele foi colocada novamente no lugar e coberta por uma fita de cera clara que a manteria no lugar até a reparação do corte. Quando a cera endureceu, colocou-se um chumaço de linho especial sobre o ferimento, para protegê-lo, mantendo-o limpo. Depois, a cabeça de Harka foi enfaixada firmemente.

Os ferimentos de seus ombros e do dorso foram lavados com a bebida alcoólica de cana para remover toda a sujeira que pudesse ter sido transmitida pelas unhas do leão, sendo então banhados com a água preparada com a vida de Ptah. A seguir, aplicou-se-lhes um ungüento de ervas verde, que meu pai sabia que tirava a dor devido às bandagens que grudavam sobre uma ferida aberta. Zertar enfaixou o braço e o ombro de modo que Harka não pudesse mexê-los; isso evitaria que um músculo, que Ptah-kefer dissera estar dilacerado, se rompesse.

Panos embebidos numa loção refrescante foram colocados na testa de Harka, e uma pedra aquecida envolvida numa toalha posta sob seus pés, embaixo dos cobertores de lã.

Quando o trabalho terminou, o sacerdote Anúbis permitiu que Harka retornasse a seu corpo, e de repente senti sua mão, que continuava apertada entre as minhas. Harka abriu os olhos, seu rosto estava relaxado novamente, sem nenhum músculo contorcido. Ele parecia confuso, e perguntou:

— Za... Za Atet... meu senhor, meu mestre, ele está salvo?

Assegurei a ele que meu pai não havia sido ferido, e então o querido Harka se tranqüilizou; fiquei ao lado dele até ele adormecer novamente.

Capítulo 4

Sonho sobre Zuma

Nessa noite houve um banquete em homenagem a Sardok, rei de Zuma.

Sardok, sentado do lado direito de papai, usava uma coroa de ouro e esmalte, larga e canelada, como um feixe de juncos, que se estreitava no alto, coberta por uma folha de ouro e três vezes ressaltada por tiras de pedras preciosas. Seu traje longo era recortado em três camadas e dobrado para imitar plumas. Sobre ele, havia um manto vermelho-escuro preso num dos ombros por um longo alfinete de ouro com um fecho cilíndrico de ametista numa das pontas, minuciosamente esculpido. As unhas dos dedos dos pés e das mãos eram pintadas como as das mulheres; seu cabelo oleoso estava preso em madeixas nos ombros, e sua barba preta elaboradamente enrolada e brilhante de graxa. Seu nariz curvo era carnudo e sua pele, de um amarelo lamacento, não era lisa como a nossa, mas cheia de buracos, como a terra esburacada pelas minhocas à margem do rio. Usava braceletes de cornalina e contas de ônix nos braços, e um anel enorme em cada dedão do pé.

Lembrei-me de Harka e pensei comigo mesma que teria sido bem melhor se o leão tivesse atacado Sardok.

Quatro dos nobres de Sardok e todos os seus acompanhantes, servos e soldados, jantaram conosco. O rosto deles não era claro como o nosso, como se tivessem sido esculpidos em pedra; mais pareciam imagens de cera, que começavam a se derreter ao sol.

Eu não tinha idade suficiente para ficar até o final do banquete, e quando saí Neyah veio comigo, pois queria que eu lhe contasse sobre Harka. Quando já estava na cama, Neyah veio ao meu quarto e ficou ouvindo enquanto eu lhe contava cada detalhe do que havia acontecido.

Meus pensamentos voltaram para Sardok, e eu disse:

— Sei que Sardok é mau.

— É, também percebi que ele é cruel. Eu o vi golpear seu cavalo depois de tê-lo feito cair. Não foi culpa do cavalo. Se ele é o rei de Zuma, deve ser um país terrível para se viver.

Descobri que às vezes as respostas para o que eu queria saber vinham em sonhos. Assim, quando despertava, o que estivera obscuro antes de eu dormir tornava-se claro. Neyah e eu costumávamos conversar a esse respeito, e descobrimos que isso era muito útil. Uma vez Neyah perdeu um dos selos de papai, que tinha tomado emprestado e esquecido de devolver; embora o tivéssemos procurado com cuidado, não o encontramos. Naquela noite sonhei que o selo havia caído sob a palha da jaula do gato-selvagem, e ao acordar disse isso a Neyah. Bem cedo, quando o dia estava amanhecendo, fomos até lá, e encontramos o selo perdido na palha. Ninguém nos ouviu, nem mesmo descobriu como Neyah tinha ficado com aqueles arranhões nas mãos durante a noite. Neyah colocou o selo de volta no lugar, e ninguém soube que ele o tinha pegado para fazermos de conta que ele era o Faraó e eu, a prisioneira do rei.

Mas assim como um peixe, que quando está num tanque deixa à mostra cada escama e detalhe de suas nadadeiras, e quando está assustado agita sua cauda e desaparece, o mesmo acontece com o sonho, que é claro em todos os seus detalhes quando despertamos, mas logo se desvanece, a menos que o registremos rapidamente de algum modo. Portanto, quando havia algo especial que queríamos saber, Neyah trazia seu colchão para o meu quarto e dormia no chão, de modo que ao acordar eu pudesse lhe dizer o que tinha sonhado; assim podíamos nos lembrar de todos os

detalhes. Tínhamos tentado dormir na mesma cama antes, mas ela era muito estreita e acabamos caindo dela.

Nessa noite, Neyah veio dormir em meu quarto, e antes de pegar no sono, fiz um pedido para ir a Zuma, país de Sardok.

Vi muita coisa lá. Ao voltar para meu corpo, disse a Neyah:

— Primeiro, viajei como se fosse um pássaro. Fui voando e vi lá embaixo um país onde o horizonte em todas as direções era da cor do milho verde, ondulado pelo vento como as ondas de um lago. Atravessando essa imensa extensão de verde corriam rios retos, retos como uma faca. Havia muitos deles! Pareciam obedecer a um padrão, e pensei que deviam ser canais iguais aos nossos, mas cada um deles era vinte vezes mais largo e muito, muito mais extenso. À beira desses canais, havia muitas vilas, construídas com um tipo de tijolo diferente do nosso, e menores, a maior parte delas, bem miseráveis. Havia moscas em todos os lugares, e as pessoas pareciam amedrontadas; elas não cantavam.

"Fui ao templo de uma grande cidade. Embora lá houvesse imponentes construções, não vi nenhuma pedra. O templo era cercado por um muro oval, e no portão principal havia uma mesa com figuras de barro cru, as quais eram vendidas ao povo que ia ao templo com algum pedido especial para o deus deles. Alguns davam um grande cesto de milho; outros, dois cabritos, e outros, pássaros estranhos que não podem voar, mas esticam o pescoço e correm; eles têm pernas amarelas, penas rotas e olhos pequenos e redondos.

"Não vi no templo ninguém que pudesse ensinar. Os que deviam ser sacerdotes pareciam apenas servos da estátua de um deus. O deus chamava-se Mardok, tinha a forma de um homem, embora com presas acima dos lábios e garras no lugar das mãos e dos pés. A pessoa que queria rezar devia quebrar a figura que tinha comprado no portão na frente da estátua. Tudo o que pareciam fazer era quebrar a figura diante da estátua. Não sei por que eles iam lá: é impossível que deixassem o templo mais sábios ou mais fortes do que quando haviam entrado — provavelmente sentiam-se mais rebaixados. Não vi nenhuma mulher lá; talvez porque as mulheres são muito inteligentes para querer ir lá, ou vai ver que os homens acham que elas não são dignas.

"Depois presenciei uma cerimônia ritual, em homena-

gem à colheita. Foi no pátio do palácio do rei. Um enorme touro branco foi trazido, parecia que estava ansioso por uma vaca... Não, Neyah, não posso lhe falar sobre isso."

Neyah retrucou:

— Não seja boba. Continue.

— Enquanto oito homens seguravam o touro pelas pernas, um homem vestido com um traje longo vermelho pegou uma faca de uma bainha dourada e cortou fora a coisa por onde sai água do touro e os sacos que ficam pendurados atrás. Deu-os ao rei, que os segurou no alto, acima de sua cabeça, enquanto o sangue escorria por seus braços. Então ele carregou essas coisas ao redor do pátio, onde havia muitos jarros de semente, e em cada um derramou alguma coisa do touro. Devia haver pelo menos duzentos jarros. Depois de dar toda a volta, ele jogou o resto numa tigela de pedra verde, que posteriormente foi levada para o templo principal e colocada diante do deus. A seguir, as pessoas tiveram permissão para entrar no pátio; e aqueles que queriam ter filhos corriam para mergulhar os dedos no touro morto, depois os lambiam, saboreando o sangue dele.

"Então regredi um pouco no tempo e vi o funeral do rei anterior, pois pensei que, se eles tivessem algum deus, o demonstrariam nesse momento. Os túmulos deles são de tijolos, e acho que eles não embalsamam os corpos de seus mortos. Oh, Neyah, é um país terrível! Tudo o que vi é horrível. Em espírito, fui à tumba real, que em nosso país teria sido *selada em esplendor,* mas lá ela era cinza de horror e medo, de um cinza doentio, do tipo que deve armar ciladas para a alma daqueles que são enterrados ali como a teia faz para os insetos. Vi dispostos em filas ordenadas corpos de jovens, moças e rapazes. Soube que eles tinham sido presos no chão enquanto um longo alfinete era colocado por trás de seus olhos e do cérebro para que ficassem sem cicatrizes como se ainda estivessem vivos. E seus sacerdotes permitem essas coisas; e com o poder deles podem forçar esses escravos terrestres a servirem ao rei malvado onde ele vive, confinado à Terra.

"Os governantes desse povo devem ser destruídos! Oh, Neyah, gostaria que Sardok não fosse nosso hóspede, para que você pudesse golpeá-lo à noite, enquanto ele dormisse."

— E assim tornar-me inferior a um *zuma!* Nenhum guerreiro de Kam mataria um homem indefeso. Gostaria de poder desafiá-lo para um combate único, com bigas e lanças, ou com flechas a vinte passos.

— Não, Neyah, seria melhor golpeá-lo enquanto ele dorme, porque ele é muito grande para você enfrentá-lo. Por que dar a uma pessoa malvada a chance de lutar? Se você vê uma serpente venenosa, você a esmaga, não coloca sua mão sob suas presas para que ela tenha uma chance igual de feri-lo.

— Sekeeta! Você foi criada quase como um príncipe. Você acha que pode ir às batalhas comigo e ser companheira dos guerreiros. Aprendeu tão pouco que atacaria um inimigo subornando seu criado para envenenar seu vinho, por não ter coragem de desafiá-lo numa batalha?

— Muito bem, pode dizer que sou uma mulher se quiser, ou uma menininha incapaz de entender os homens. Mas, se uma coisa é ruim, acabe com ela, mate-a, destrua-a de qualquer modo que puder. Quanto mais rápido e seguro o meio, melhor.

— Se você governasse Kam e matasse seus hóspedes enquanto estivesse dormindo, seu nome logo ficaria desonrado.

— Neyah, quando eu crescer aprenderei a comandar. De algum modo aprenderei a libertar as almas presas que morreram com medo. Aprenderei a combater os seres maus com magia, e a subjugar a vontade deles de modo que as pessoas escravizadas por eles fiquem livres.

No dia seguinte, Neyah e eu decidimos que deveríamos avisar papai sobre Sardok e seu país, Zuma.

Nós o encontramos com mamãe ao lado da enorme banheira. Papai estivera nadando, e ambos usavam roupas leves de lã, pois a manhã ainda estava fria. As roupas dele eram escarlate e as dela, verde-claras. Comiam frutas de um prato de alabastro raso, e mamãe deu um cacho de uvas para cada um de nós. Sentamo-nos ao lado deles com as pernas cruzadas, e Neayh começou a falar:

— Papai, Sekeeta teve um sonho a respeito dos *zumas.* Eles são um povo terrível. Sardok é um ser malvado, e você não deve estender sua mão para cumprimentá-lo, e sim esmagar a cabeça dele com sua clava e parti-lo em dois.

Papai riu e disse que Neyah era um anfitrião feroz. Mas me perguntou sobre o sonho, e eu lhe contei tudo, a não ser sobre o touro, pois achei que mamãe não gostaria que eu tivesse visto aquilo. Papai começou a falar:

— Conheço Sardok pelo que ele é, e sei que em seu

coração conspira contra nós. Mas quando ele pediu permissão para nos visitar, dei-lhe as boas-vindas, com a esperança de que, se o rei de Zuma visse como Kam floresce sob o governo do Faraó e um verdadeiro sacerdócio, pudesse levar os ensinamentos de Kam para Zuma, e a Luz pudesse brilhar a tempo sobre eles.

Então Neyah perguntou se estava certo permitir que os soldados de Sardok e seus servos se misturassem com os nossos, pois poderiam lhes ensinar coisas ruins.

Papai respondeu que seus servos e guerreiros eram homens fortes e não precisavam ser protegidos do mal. Apontou para o céu, onde um abutre voava em círculos e disse:

— Os fortes não temem o contato com os maus, pois eles são como os abutres que não morrem quando comem a imundície, mas desse fortalecimento especial prosperam, e após uma tal refeição podem voar mais alto ainda.

Então mamãe fez perguntas sobre meu sonho, e quando lhe contei que eu tinha sonhos tão verdadeiros quanto esse com muita freqüência, ela ficou mais contente do que se eu tivesse feito alguma lição difícil perfeitamente. Neyah ficou tão feliz com a reação de mamãe que contou a história sobre como havíamos encontrado o selo real, completamente esquecido de que papai não sabia que ele o pegara emprestado. Papai ouviu a história com uma atitude grave e me disse:

— Deve ter sido um sonho verdadeiro. Essas coisas serão mais preciosas para você do que a voz o é para um cantor ou as mãos o são para um escultor.

Enquanto caminhávamos para nossas dependências a fim de nos prepararmos para o dia, ouvi meu pai dizer:

— Aqueles dois governarão juntos depois de nós — e acho que foi então que eles decidiram que Neyah e eu deveríamos ser co-regentes. De fato, menos de um mês depois, meu pai nos anunciou para o povo no Festival de Ptah.

Nessa noite mamãe veio ao meu quarto e conversou comigo sobre meus sonhos. Antes de eu dormir, ela me disse:

— Cuide da memória acima de todas as coisas, pois a memória de si mesma, que é a Chave de Prata, paralisará seus pés, desviando-os de um caminho que você já descobriu que não conduz à liberdade. A memória lhe ensinará a humildade, sem a qual não pode haver nenhuma dignidade verdadeira. Pela memória você se lembrará do medo, sem o qual não pode haver a coragem que na verdade nasce da compreensão. Com a memória você aprenderá a compaixão, que é o coração do fortalecimento.

"Um dia você obterá a Chave de Ouro, que abre a memória dos outros. E ela lhe mostrará que não há poço no qual possa cair e do qual muitos não subiram. Nenhuma grande montanha, mesmo que pareça muito íngreme e ainda não tenha sido conquistada por outros, será obstáculo para você. Não haverá nenhuma dor por que não tenha passado, e nenhuma tristeza que você não tenha recolhido à sombra de suas asas, permitindo que o brilho do sol seque as lágrimas dos que choram.

"Todos sobre a Terra estão viajando em direção à liberdade, e um dia deverão chegar ao grande portão onde a última algema será tirada de seus pés. Então todos serão iguais à luz do último pôr-do-sol e do primeiro alvorecer. E o sacerdote supremo e o mais pobre prisioneiro serão reunidos na Fraternidade dos Deuses. Portanto, minha filha, guarde em seu espírito o que eu lhe disse."

Capítulo 5

Jornada Real

Mais tarde, nesse mesmo ano, papai levou Neyah e a mim com ele para sua Jornada Real, subindo rio acima em direção à guarnição sul de Na-Kish. Minha mãe permaneceu na Cidade Real, pois quando papai saía para uma jornada era nas mãos dela apenas que ele colocava a autoridade do Selo Real.

Quando soube que papai ia nos levar, a Neyah e a mim, fiquei muito excitada, pois nunca tinha ido além de Abidwa, e mesmo assim isso aconteceu quando eu era pequena. Minhas roupas foram colocadas em cinco baús de tampas abauladas. Três eram de madeira pintada e dois enfeitados com plumas.

O Barco Real tinha cinqüenta remos. Os remadores sentavam-se no estreito convés dos dois lados de nossas acomo-

dações, cujas paredes eram feitas de juncos e cobertas com cortinas de linho colorido pelo lado de dentro. Na popa do barco, bem à frente do grande remo piloto, havia esteiras e almofadas para nos sentarmos, e quando o sol estava alto, o lugar era coberto com um toldo listrado de verde e vermelho.

Às vezes, brincávamos com as pequenas estacas coloridas que eram fixadas numa amurada quadriculada; ou eu tocava uma harpa de quatro cordas, enquanto Neyah construía um modelo de barco, esculpindo-o numa madeira de cedro, com pequenas tiras de marfim no lugar dos remos. Geralmente, parávamos nas vilas ao longo da margem, e então, o chefe local trazia para o Faraó um registro de todas as pessoas e animais sob seus cuidados e da altura do milho nos celeiros. Em alguns lugares meu pai presidia a julgamentos e sempre nos levava com ele.

Numa vila, havia dois homens que estavam disputando a propriedade de um asno selvagem, que os dois reivindicavam ter visto primeiro. Um dos homens era mais rico do que o outro, contudo ficava lamentando sua pobreza, o número de filhos e a pobreza de seus campos. E protestava que tinha muito mais necessidade do que o outro. Meu pai sabia que ele estava mentindo e disse:

— Você afirma que sua necessidade é maior porque é pobre e o outro é mau e mentiroso. Darei meu veredicto e ajustarei a situação. Você, que é pobre, ficará com o asno selvagem. E para mostrar como estou sendo muito mais favorável a você, os dois, você e o outro, dividirão entre si todas as propriedades que possuem.

Então o homem implorou com grande autopiedade, e disse que estava sendo roubado. Meu pai demonstrou surpresa:

— Roubado?! Quando lhe dei as grandes propriedades de seu vizinho que você invejava tanto? Veja, ele está contente com a minha decisão, embora vá receber na partilha os campos e herdades que você disse serem os mais pobres da terra.

Ao voltarmos, meu pai explicou:

— Às vezes, um homem precisa perder tudo o que tem para compreender o valor do que perdeu. Assim como alguém que vive lamentando seus arranhões precisa ser cortado por uma espada para apreciar a saúde de seu corpo.

Em outra vila, meu pai inspecionou todos os animais; viu que os bois de um homem estavam em péssimas condições e tinham muitos ferimentos nos ombros feitos por cangas mal-ajustadas. Ele disse ao proprietário que não achava aquilo bom, pensando talvez que o homem fosse ignorante ou estúpido e não estava vendo os ferimentos nos seus animais. Mas o homem protestou que seus bois eram magros porque tinham muita preguiça de comer, que o trabalho que eles faziam nos campos era leve até para uma criança, e que ele invejava o contentamento de seus bois. Meu pai disse:

— Não há necessidade de invejá-los. Você pode repartir isso com eles. Você será cangado ao arado e dirigido de um lado para outro sob o sol quente até o campo ser lavrado.

E meu pai tirou os bois dele e os deu para um outro homem cujo gado estava com o pêlo macio e bem-cuidado.

Alguns dias mais tarde, chegamos a uma vila onde havia muitos murmúrios entre o povo. Descobriu-se que isso se devia à arrogância do chefe local. Então meu pai o destituiu de seu cargo e designou outro para o seu lugar.

Quando nós lhe perguntamos como decidira qual homem designar, ele nos disse:

— Três homens tinham as mesmas pretensões. Então reparei no jardim deles. Num dos jardins, as plantas brotavam fortes da terra; nos outros dois, elas estavam murchas por falta de água, embora o rio flua a cerca de cem metros delas. Um homem cujas plantas murcham tendo água por perto deve ser preguiçoso e tolo; demonstra ingratidão aos deuses do Tempo sob cuja proteção estão todas as coisas que brotam do solo. Um homem é mais importante do que a vaca, cujo leite ele bebe; e a vaca é mais importante que o pasto. Contudo, por mais inferiores que os pastos possam parecer, se eles perecessem, todos os elos da corrente de vida que conduzem até eles também pereceriam. Portanto, lembrem-se disso, e em sinal de gratidão socorram tudo o que vem do solo.

Às vezes quando ancorávamos por uma noite, Neyah e eu pescávamos da popa do barco. Tínhamos anzóis de bronze, e usávamos como iscas minhocas ou pedaços de carne putrefata. Uma vez Neyah pescou uma enorme enguia, e um marinheiro disse que era o espírito de alguém que morrera em proveito do rio. Não acreditamos nele. No entanto, Neyah cortou a linha e perdemos o anzol; a enguia voltou para a água como uma longa cobra prateada.

O que mais gostamos de fazer foi caçar aves selvagens com papai entre os juncos, ao pôr-do-sol. As flechas dele iam muito mais longe do que as nossas. Vi quando ele

acertou uma flecha no pescoço esticado de um cisne em pleno vôo.

Hospedamo-nos em Abidwa, que era a cidade real na época de Menés, por cinco dias. Depois de dois dias, já estava cansada de ficar lá, pois tinha de passar o tempo todo com as meninas e as mulheres. Elas ficavam sentadas muito eretas com suas melhores roupas e conversavam sobre bordados e novos modelos de vestidos. Havia uma garota, filha do chefe da nobreza, que era parecida com uma boneca bem rica, do tipo que é muito caro para se brincar. Disse a Neyah:

— Você acha que por baixo há uma pessoa de verdade?

Ele respondeu:

— Ela só está se comportando assim porque fica se lembrando de que você é filha do Faraó.

— Você acha que, se eu colocasse uma lagartixa na cama dela, ela esqueceria quem eu sou, e poderíamos brincar?

Neyah ficou zangado e disse:

— Se você ficar colocando lagartixas na cama das pessoas, não será mais minha co-regente.

— Bem, e se você começar a ficar bravo comigo, eu é que não vou querer você como *meu* co-regente.

Já estávamos para começar uma briga, mas Neyah lembrou-se a tempo de uma coisa engraçada que queria me contar.

— Na casa onde estou, em vez de nos deitarmos numa banheira com alguém para nos massagear com óleo depois, a gente vai para um pequeno quarto, como uma caixa sem tampa, e de repente alguém derrama água em você do lado de fora da parede. Não é uma idéia muito boa, porque a água está sempre muito quente ou muito fria.

No dia em que deixamos Abidwa, houve uma procissão rio abaixo. Papai foi à frente numa biga, de pé, sozinho; atrás dele, seguíamos Neyah e eu numa biga dupla com dois cavalos.

No barco, os ventos do norte sopravam forte, e os remadores descansavam à sombra das velas curvadas. Depois de quatro dias chegamos a Nekht-an, a principal cidade do sul. Tinha sido fundada por Na-mer, que antes de as Duas Terras serem unidas, esteve subordinado ao Rei do Norte por dez anos.

Ele deu o nome de Nekth-an à cidade, "o lugar que será lembrado por seu poder". Foi por rivalidade que

a capital do Norte recebeu o nome de Iss-an, "o lugar que será lembrado por sua sabedoria".

E essa região do país é muito diferente dos lugares próximos ao delta. Após vários dias chegamos ao local onde o rio corre entre montanhas rochosas; havia uma grande pedreira de granito vermelho, que fora descoberta três anos antes por causa de um sonho de meu pai. No sonho, ele lembrara que centenas de anos antes ele tinha sido vizir sob as ordens de Na-mer, e que haviam sido extraídas dali as pedras para o sarcófago do Rei. Como o sonho era fragmentado, meu pai autorizou um sacerdote de Anúbis a pesquisar suas recordações, para que o lugar fosse novamente encontrado. Assim, três anos antes de nossa jornada, meu pai retornara à mesma pedreira que vira no reinado de Na-mer. Isso fez com que o local fosse chamado de Za-an, "o lugar lembrado por Za".

Eu nunca havia visto uma pedra daquela cor. Um bloco dela estava sendo cortado para uma estátua de meu pai e minha mãe, que seria colocada no templo de Atet, na Cidade Real.

Chegamos então à Primeira Catarata, que os marinheiros chamavam de "A montanha das águas bravas". Ficamos ali três dias para presenciar a cerimônia do nascimento oficial do "Declive suave das água mansas", um canal onde no futuro os barcos poderiam passar para cima e para baixo sem o perigo da catarata.

Quando chegamos, o canal estava seco. Parte dele era recortada da rocha, mas em alguns pontos os muros eram revestidos de pedras. Havia um caminho de cada lado das margens para as parelhas de bois que puxariam os barcos rio acima. No alto do recorte, dois grandes pilares de pedras se reuniam à rocha sólida. Deles corriam sulcos profundos, cheios de óleo, nos quais as pedras pesadas escorregavam presas a cordas mais grossas que os braços de um homem. Essas cordas eram passadas ao redor dos pilares e amarradas ao barco para ajudá-lo a descer a correnteza; assim, enquanto as pesadas pedras eram içadas, o barco podia descer tranqüilamente. Esse método era o único a ser usado quando a queda do rio era alta, ou quando os barcos estavam pesadamente carregados, de modo que afundariam se não fossem dirigidos com suavidade.

A entrada do canal estava fechada por um muro de toras pesadas, em frente à qual havia centenas de sacos cheios de areia, cada um preso por uma longa corda.

A maior parte das toras havia sido removida antes do dia da cerimônia. Cinco mil trabalhadores aguardavam, segurando as cordas. A um sinal do Faraó, eles retiraram os sacos de areia que represavam a água, e esta precipitou-se pelo canal. Enquanto parte do rio avançava, arremessando-se sobre as rochas por seu canal habitual, o restante deslizava suavemente sobre a montanha de pedra até que, afinal, o deslizamento prateado reuniu-se às águas calmas abaixo da queda.

Então passamos no Barco Real por essa estrada imensa do Faraó, ao som do canto dos homens que a haviam construído.

Nessa tarde, ao pôr-do-sol, houve uma festa, e todos os que haviam participado da construção reuniram-se em confraternização; Neyah e eu sentamo-nos ao lado de papai sobre uma pele de leão em volta de uma das muitas fogueiras. Bois e gazelas foram assados inteiros, e havia jarros de cerveja e vinho, e pratos com bolo, mel e peixe assado. Os homens cantavam suas canções de trabalho, nas quais contavam como suas picaretas haviam partido a rocha e o solo, que eram transportados em suas cestas. As pessoas do campo, por sua vez, enalteciam seus bois por terem debulhado os grãos. Quando o fogo se apagou, a alvorada já clareava o céu.

Na manhã seguinte, retornamos ao nosso barco e viajamos cinco dias rio acima até Na-kish.

Essa guarnição, que guarda o limite sul de Kam, fica na margem esquerda do rio. Seu formato é irregular, semelhante à curvatura de um leão, pois segue o desenho da rocha sobre a qual foi construída. Os muros, entre as seis torres quadradas, são revestidos de argila cozida, vitrificada como porcelana, e elevam-se, íngremes, da rocha natural; são mais altos do que cinco homens de pé, uns sobre os ombros dos outros, e têm a espessura de um homem quando se deita para dormir. Eles circundam um pátio, onde quinhentas cabeças de gado e mil cabras podem ser criadas em segurança. Há uma rampa estreita para se chegar à entrada, que é ladeada por um alçapão onde três espadachins podem se defender de um exército. O portão fica no final de um túnel cortado na rocha, fechado em tempo de perigo por três revestimentos de pedra. Cada um deles é levantado por vinte cordas naturais ocultas, que correm sobre presilhas de metal para um poço raso sem guarnição, de dezesseis degraus, cada um deles com dois homens que devem empregar toda a sua força para

levantar cada revestimento. No meio do pátio principal há um poço de água doce, em torno do qual estão os armazéns onde são guardados o vinho, os cereais e os outros alimentos que não são produzidos no lugar. Ali estão também as flechas, clavas e lanças.

Na-kish é guardada por dois mil soldados provenientes do norte, e oito mil soldados do local. Todos são bem altos; seus corpos, negros como betume, brilham como estátuas de ébano polido. Seus cabelos são raspados com exceção de um tufo no alto das cabeças longas, e em suas faces sorridentes os dentes parecem mais brancos que marfim. Eles não vestem nada a não ser uma tanga presa por uma tira de plumas na altura da cintura. Esse é o nosso povo, que defende Kam dos povos de outras cores, que não são da nossa raça nem possuem os mesmos sentimentos, sendo cruéis, traiçoeiros e hábeis em bruxarias, alimentando-se da corrupção, dos seres pequenos e maus. Eles nos guardam também da invasão dos *punts* pelo sudeste.

Essa guarnição deve ser forte, pois aqui guardam-se os tributos provenientes dos povos ao sul de Kam: o ouro e o marfim, as madeiras preciosas, a prata e o cobre, o mármore, as ametistas e as plantas raras. Tudo isso é trazido uma vez por ano, quando o rio está cheio. Quando ele se esvazia, os barcos retornam carregados de cereais para negociar com os povos além de nossos limites.

Está certo que o ouro seja protegido por fortes muralhas, pois a pedra e o ouro são da mesma família. Mas por que uma muralha de homens deveria arriscar a vida pelos mais jovens da Terra? Contudo, se esses guerreiros ouvissem uma criança sofrendo por crueldade, atacariam com suas lanças e, se necessário fosse, lutariam até que nenhum deles estivesse vivo, para proteger as leis de Kam.

Neyah me confidenciou que, quando crescesse, ele gostaria de obter a chefia junto a esse povo; assim compreenderia sua maneira de pensar e tentaria conquistar seus corações, para que o seguissem em busca da vitória quando vizinhos hostis nos desafiassem para uma guerra.

Eu também adorei esse povo, e as músicas entoadas à noite ao redor das fogueiras. Havia naquelas canções harmonias curiosas que tocavam o coração como nenhuma outra que eu já ouvira; algumas sussurravam como abelhas, enquanto outras eram tão fortes quanto o rugido dos leões, ou como se uma tempestade soprasse sobre os juncos, e os trovões resmungassem para o mar plangente.

Ficamos nesse lugar por nove dias, e no décimo começamos a viajar rio abaixo de volta à nossa casa, Men-atet-iss.

Capítulo 6

A morte de Za Atet

Quando eu estava com onze anos, Kam foi invadida por Sardok, rei de Zuma, que viera como hóspede com intenções traiçoeiras, para aprender os caminhos de nosso país e verificar nossa força na guerra.

Seus homens eram barbudos e tinham a pele amarelo-esverdeada, pois comiam alimentos impuros; seus corpos eram grosseiros e peludos, gordos como porcas brancas. E eles conheciam o mal de perto.

Tinham um bando de escravos mortos. Estes haviam sido torturados a tal ponto que ao morrer puderam ser dominados fora da Terra, obedecendo a seus mestres tenebrosos. Tais escravos atacavam aqueles entre nós que, mesmo dormindo, zelavam pelo nosso país. Mas isso não os beneficiava, e eram trazidas do templo notícias de que os *zumas* se encontravam na fronteira nordeste, na Terra Estreita entre as Duas Águas.

A guarnição norte os desafiou, mas tínhamos lá poucas bigas, pois nossos cavalos vinham de Zuma. Sardok negociara conosco apenas garanhões; as bigas de Sardok derrubaram as nossas como milho ceifado na colheita.

Então os *zumas* invadiram nosso país como uma torrente destrutiva: os campos foram devastados, e o povo das vilas abandonou suas casas; os que não fugiam eram engolidos pelo sofrimento.

Por cinco vezes o Exército Real sob as ordens do Faraó travou batalhas contra o muro dos invasores. Sardok recuava, e mais tropas se reuniam às que havíamos enfraquecido; assim os *zumas* ficaram semelhantes a leopardos feridos que se retiram para lamber suas feridas e depois disso se lançam com renovada fúria a um novo e terrível ataque.

Todos os homens de Kam em condições de segurar uma lança ou lidar com uma clava foram chamados para o batalhão de meu pai. As mulheres da terra iriam cangar os bois e arar os campos; elas colocariam armadilhas para as aves e arremessariam as redes de pesca, para que os guerreiros não conhecessem a fome e, ao retornar, não encontrassem ninguém faminto.

Por cinco meses as asas da destruição obscureceram Kam. Então se decidiu que todas as forças do país deveriam lançar-se contra Sardok numa única batalha. Se ele triunfasse, nosso país ficaria na escuridão, e a Luz de nossos templos brilharia apenas como uma vela ao vento.

Chegou o dia em que todas as nossas forças se lançariam contra os *zumas,* e por trás dos invasores estaria o mar. Vieram notícias do templo de que a batalha havia sido iniciada.

Nessa noite, Kam conheceria a vitória ou a derrota.

Gostaria de ter nascido homem para seguir meu pai na batalha, como Neyah, ou então ser um sacerdote para que meu espírito pudesse estar lá — até mesmo conhecer a derrota de perto seria melhor do que ter de suportar a agonia que estava sentindo. O tempo passou devagar, cada momento parecia uma gota de água gelada caindo em minha testa.

Então lembrei-me de que, às vezes, quando olhava para a água espelhada, conseguia ver cenas vivas como as de um sonho verdadeiro. Fui para o jardim e ajoelhei-me ao lado do chafariz; rezei para Ptah, pedindo que, por compaixão, clareasse meus olhos. Os últimos raios de sol refletiam-se na superfície da água, como num escudo escuro. Olhei para a luz. . .

Pude ver os grandes exércitos em conflito. . .

Pude ver os cavalos se precipitando, esmagando muitos homens sob suas patas. Vi um homem cujas entranhas saíam para fora, e outro com uma lança atravessada na boca.

Soube que o ar estava zunindo pelo vôo das flechas dos arqueiros de Neyah. O barulho era ensurdecedor: guinchos de garanhões, gritos e gemidos de homens; contudo, mal vi a cena, tudo ficou novamente quieto.

A cena mudou. . . Vi a biga do Faraó comandando o fulminante ataque. Como a proa de um barco, ele transpassou a linha dos *zumas,* e ela se dividiu diante dele como as ondas de uma tormenta. Nossos guerreiros avançaram, e as hostes dos *zumas* começaram a recuar diante dos nos-

sos... Agora já não podiam mais recuar, pois o mar estava atrás deles... Mas continuamos a acuá-los até que foram engolfados pelas água, como o dilúvio havia feito antes com os seres maus da Velha Terra. Não era uma guerra de um povo contra o outro, mas da Luz contra as Trevas, e não fomos clementes com a Sombra.

Então vi a biga de meu pai. Sua bandeira de plumas vermelhas estava fincada ao lado dela. Mas a biga estava vazia.

Novamente a cena mudou...

Vi meu pai: ele sorria. Estranho... podia ouvir... ouvi sua voz. Ele disse:

— Minha filha, conte a sua mãe que, após conhecer a vitória, meu corpo foi morto por uma lança, e meu espírito o deixou como um pássaro selvagem livre da armadilha do caçador. Diga a ela para ir dormir cedo esta noite para que possamos passear juntos, pois tenho muita coisa para lhe dizer. Diga-lhe que não se aflija com minha liberdade, mas que a compartilhe comigo. Diga também que bastará um passo de seu corpo adormecido para ela estar em meus braços.

"A Neyah, diga o seguinte. Que já lhe ensinei bastante a respeito de como governar enquanto estava aí na Terra e que continuarei a fazê-lo fora da Terra. Diga-lhe para ouvir a sabedoria, quando ela vier dos lábios de um velho ou de um jovem treinador de cães de caça, pois não é o trabalho terreno ou a idade terrena que falam o que é frutífero aos ouvidos. Diga-lhe para governar como eu tentei governar: compartilhando sua força com os fracos até eles se tornarem fortes; compartilhando a coragem com os medrosos até eles se tornarem bravos; e compartilhando a honestidade com os ladrões até eles se tornarem honestos. Diga-lhe que tente ser para seu povo o que seu mestre tem sido para ele.

"Quanto a você, minha filha, digo o seguinte. Quando estiver com doze anos, vá para o Templo de Atet e aprenda a ser alguém que possa dizer ao povo: 'Eu, por meu próprio conhecimento, digo a vocês que esta é a verdade'. Então, quando seu poder da palavra ficar comprovado, volte e auxilie seu irmão a guiar seu povo, assim como eu e sua mãe juntos o guiamos."

Capítulo 7

Liberdade recuperada

Eu sabia que deveria ser como minha mãe, que não ofuscava a glória de meu pai com suas lágrimas. Mas, quando minha tristeza estava pesada demais para ser carregada sozinha, ia ao templo, e Ney-sey-ra falava comigo sobre a morte, até que a vi de fato como algo gentil. Antes do funeral de meu pai, ele me disse:

— Se você estivesse numa prisão, pequena Sekeeta, e junto com você estivesse alguém que amasse, e um dia a porta da prisão fosse aberta, permitindo que ele ficasse livre, então, embora as grades passassem a ficar entre vocês dois, você ficaria contente por ele ter recuperado a liberdade tão desejada, e tentaria secar as lágrimas de sua solidão pensando na alegria dele.

"E se, à noite, enquanto o mundo dorme, você pudesse voar pela janela de sua prisão e compartilhar a liberdade dele, num lugar onde você e seu companheiro querido pudessem estar juntos, onde seus olhos não ofuscados pelas sombras da prisão pudessem vê-lo enquanto ele a estreitasse em seus braços livres das algemas, então você não perderia esse tempo precioso se lamentando, pois ao amanhecer teria de voltar para as quatro paredes que uma vez encerraram vocês dois.

"Quando seu pai estava na Terra, você lhe dizia tudo o que tinha feito durante o dia; e, se o via apenas à noite, não ficava triste por ele ter passado o dia todo sentado em audiência ou pensando em como dirigir seu país. Agora, o momento de estar com ele apenas mudou para um pouco mais tarde do crepúsculo. Não se entristeça por não ouvir mais seus passos ao meio-dia, pois precisa somente descer as cortinas do sono para caminhar com ele.

"Somos todos viajantes da longa jornada, e passamos por muitos países. Podemos descobrir jardins e rios tranqüilos onde somos felizes por um tempo. Todavia, em nossos corações, sabemos que estamos exilados e ansiamos por retornar ao nosso verdadeiro lar. Quando os Supervisores da Terra nos enviam para nossa jornada, eles decidem qual será o tempo do nosso exílio. E quando esse tempo chega, não importa que seja o momento em que a criança acabou de nascer ou o dia de um velho homem que por noventa anos

observou seu corpo envelhecer, o viajante verá diante dele a porta de sua casa.

"Houve tempos na Terra em que os homens tinham medo de morrer, mas nós de Kam não somos seres obscurecidos. Seu pai conhecia a insignificância da morte, que é apenas um passo para se chegar às estrelas. E você será digna de sua herança e ensinará aos outros o que ele lhe ensinou. Logo estará morando nesse templo que ele construiu, e eu a ensinarei a modelar sandálias para seus pés e a conduzirei pela Passarela dos Deuses. Então você se tornará uma sacerdotisa, voltará e partilhará do trono de seu pai com Neyah, e ensinará seu povo a descobrir Ptah, conduzindo-o em sua jornada."

Capítulo 8

Funeral do Faraó

Za Atet era filho da filha mais velha da primeira irmã de Menés. O túmulo de sua mãe havia sido construído onde, por um tempo, Menés tinha pensado em construir sua nova capital, ao norte da Cidade Real. Ela se afogara ao navegar num pequeno bote perto da Primeira Catarata. O corpo nunca foi encontrado, por isso seu túmulo permaneceu vazio.

Quando Menés e meu pai, que era seu co-regente, construíram a nova cidade de Men-atet-iss, decidiram que o local de descanso de seus corpos deveria ser em Abidwa, onde a Luz havia sido reacesa. Por ocasião da morte de meu pai, seu túmulo ainda não estava pronto, embora seus planos para ele mostrassem onde cada tijolo deveria ser colocado.

O corpo foi embalsamado num templo do delta, e até seu túmulo ficar pronto, Za Atet descansou na sepultura aberta de sua mãe. O sarcófago onde foi colocado era de cedro esculpido e pintado à sua semelhança. Em sua cabeça colocou-se o ornamento da esfinge, e em suas mãos o Cajado e o Mangual.

Enquanto ele esteve aí, seus soldados o guardaram. Havia sempre uma biga ao lado da porta, como que à espera

de seu comando rápido. Todos os dias sua espada e sua lança eram polidas, como se ele estivesse apenas dormindo em sua tenda antes de se armar para a batalha.

No primeiro dia do segundo mês da Inundação, Za Atet iniciou sua última jornada para Abidwa. O grande barco fúnebre era uma cópia do Barco dos Deuses. Amarrado com cordas por baixo da superfície da água a outro barco, que conduzia a procissão, parecia mover-se sozinho. O corpo de papai no sarcófago estava sob um pálio verde e vermelho, e não havia ninguém em seu barco, exceto Neyah, de pé, junto ao remo piloto. A jornada de Za Atet durou nove dias, e todos os dias, uma hora após o nascer do sol até o crepúsculo, Neyah precisava dirigir o barco, não podendo descansar nem comer. Atrás dele vinham os outros barcos: o da Casa Real; os dos guerreiros; os dos sacerdotes; os dos escribas. Nas margens reuniam-se as pessoas provenientes de todos os lugares do país, para ver a esplêndida passagem do Faraó. Elas estavam enfeitadas com flores para homenagear aquele que livrara seu povo da Sombra.

Os olhos de minha mãe nunca se mostravam úmidos de lágrimas; contudo, quando ela sorria, percebia-se grande tristeza em seus lábios, e eu sabia que seus dias entre o sono eram de exílio. Ela disse que seu povo devia compartilhar da alegria dele por ter se libertado da Terra, ser corajoso e não chorar por ele ter ido à frente, além da visão deles. Portanto, sua última jornada para Abidwa não era de tristeza, mas um triunfo pela vitória.

Em Abidwa, seu ataúde foi puxado por doze bois brancos, emparelhados por cangas. Eles estavam enfeitados com papoulas vermelhas, as flores dos guerreiros, e com milho dourado, que simbolizava a sabedoria. Assim Za Atet conduziu um imenso rio de pessoas ao longo dos caminhos de plátanos, ladeados pelos soldados das terras do sul, que cantavam suas canções de guerra, do mesmo modo como as haviam cantado antes de ele os levar para a linha de batalha.

O grande túmulo do Faraó não era esculpido em pedra; era idêntico ao salão onde ele colocava seu selo; e as paredes brancas assemelhavam-se às prateleiras onde ele guardava seus imensos rolos de papiro. Atrás do lugar de descanso final de Za Atet estavam os túmulos daqueles que haviam trabalhado com ele e sido seus amigos. Todavia, o local não se parecia com uma cidade de mortos, pois era cercado por um gramado de um suave verde-água ilhado por flores. Isso porque ele dissera que, quando seu último jardim

não estivesse mais verde e ninguém viesse tomar conta dos caminhos que ele planejara, então seria um sinal de que sua memória havia desaparecido do coração dos homens; e ele não desejava a pequena imortalidade da pedra quando conhecesse as glórias do Ocidente.

Então seu povo marchou em fila diante de seu magnífico morto...

Agora, todos já tinham dado seu último adeus na Terra, e o chão estava repleto com as flores que o povo trouxera como tributo final, que era o que ele queria. Nada de comida ou vinhos, nada de móveis ou espadas, nada de ouro, marfim ou pedras esculpidas; apenas o que brota da Terra e que ele tanto amara. As portas de cedro foram seladas.

E nós o deixamos lá em sua serenidade.

Parte III

Capítulo 1

O jovem Faraó

Logo depois do funeral de meu pai, na tarde em que chegamos de volta ao palácio, Neyah e eu fomos ao Pavilhão das Plantas e ficamos conversando.

Há apenas um ano éramos crianças. Agora Neyah tinha quase a altura de um homem. Parecia bem mais velho, e até sua voz estava cansada quando disse:

— Não fomos apenas eu e você, Sekeeta, que perdemos nosso pai, mas todo o seu povo. Cada um deles sabia que podia vir até papai em busca de justiça e conselho, e contar com sua sabedoria e amizade. Agora ele não está mais aqui. . .

"Eu sabia que seria Faraó um dia, mas pensei que iria governar junto com ele durante anos. Que gradualmente ele deixaria as coisas em minhas mãos. E só quando estivesse velho é que iria querer que eu governasse sozinho, mesmo assim estando sempre na minha retaguarda. Agora seu povo tem apenas a mim para guiá-lo. Não terei nem você para governar comigo por um longo tempo ainda. Oh, Sekeeta, apresse-se lá no Templo! Isso não poderá levar muitos anos se você trabalhar de verdade."

— Gostaria de não ter de ir para o Templo. Preferiria que o sacerdote pudesse fazer todas essas coisas, assim eu poderia ficar com você. Mas, quando eu for uma sacerdotisa, serei capaz de estar com papai o tempo todo, em vez de apenas algumas vezes.

— Os julgamentos de papai eram sempre corretos. Quando ele governava, Justiça, Faraó e Balança de Tahuti eram três sinônimos da mesma coisa. Ele tinha todos esses milhares e milhares de pessoas para cuidar, e mesmo assim

todos os que falavam com ele sentiam que eram únicos no coração do Faraó. Os soldados eram seus irmãos guerreiros: ele sabia o nome de cada um, mesmo que não os visse por anos, e lembrava-se de quantos filhos tinham e onde ficavam suas casas. Não conduzia apenas um exército; todos os homens lutavam por ele porque eram seus amigos. Uma criança podia conversar com ele e estar segura de sua compreensão, como se ele também fosse criança. Você se lembra, Sekeeta, de que, quando íamos lhe perguntar algo, mesmo que estivesse cansado após uma longa audiência, ou trabalhando em alguma coisa muito importante com Zertar, ele jamais respondia com meias palavras, e sempre dava tudo de si? Como poderei ser digno de usar seu Cajado e seu Mangual, de sentar-me em sua Sala de Audiências, de usar sua Coroa Dupla?

— Eu sei, Neyah, não apenas com meu coração, mas com o tipo de "conhecimento" seguro que vem de fora da gente, que você será outro Atet. Lembre-se do que ele me disse depois que foi morto: "Diga a Neyah que já lhe ensinei bastante na Terra e que continuarei a ensinar-lhe fora da Terra". Ele estará ajudando você o tempo todo. Bastará que pense nele e ele estará a seu lado, dando-lhe conselhos. E já se esqueceu do que foi dito a seu respeito quando nasceu? "Ele guiará seu povo quando aqueles que nos atacarem forem engolidos pelas águas, assim como os seres maus da Velha Terra". Isso foi cumprido, portanto do mesmo modo serão verdadeiras as outras palavras: "Esta criança se chamará Neyah, pois os companheiros de seu espírito são antigos, e ele será digno de governar Kam".

— Mas papai não era impaciente como eu. Ele conseguia viver no presente e vê-lo claramente, sem distorções do passado ou do futuro. Quando se sentava para as audiências, não pensava em nada a não ser em esclarecer ao máximo o que estava diante dele. Nunca permitia que parte de sua mente ficasse pensando que ainda havia doze casos para ser ouvidos, ou que fazia muito calor, ou que gostaria de ir navegar ao meio-dia; nem qualquer uma dessas coisas que sempre se insinuam em minha mente... Quando estava aqui conosco ao entardecer, não era o Faraó, nem o capitão dos capitães, nem um sumo sacerdote de Ptah: era apenas um pai conversando com seus filhos, um homem cuidando de suas plantas, ou um médico herborista pesquisando mais um segredo dos Grandes Artífices.

— Você se lembra, Neyah, de quando ele disse há algum tempo: "Se os homens se lembrarem de mim, espero que não seja como um guerreiro ou um construtor, mas como um médico herborista"? Entretanto, ele construiu muitos templos e morreu quando conseguiu sua maior vitória. Orientado por ele, nosso povo não se chama mais o "Povo das Duas Terras", mas o "Povo de Kam"; e a Abelha e o Junco tornaram-se dois olhos que vêem uma só coisa. Quando tivermos medo de fracassar, Neyah, diremos dentro de nossos corações: "Por Atet e pela Luz", pois somos seus filhos e devemos segui-lo sem temor.

Capítulo 2

Últimos dias de infância

No dia anterior à minha ida para o Templo, fui com mamãe à Campina de La. Fiquei lá com ela, pois sabia que aquele seria o último dia de minha infância.

Sentei-me a seus pés e descansei minha cabeça de encontro a seus joelhos, enquanto suas mãos acariciavam minha testa, como os ventos refrescantes do crepúsculo. Meu coração estava triste, pois pensava que nunca mais Neyah e eu gozaríamos da felicidade que tivéramos juntos na infância; ele precisava governar e encontraria outros companheiros, e alguns seriam mais queridos por ele do que eu. O amor de minha mãe não poderia ser mais como as sandálias sob meus pés, pois eu deveria me tornar sábia por mim mesma, de modo que, calçada na verdade, pudesse conduzir meus deveres pelos lugares opressivos da Terra.

Quando as sombras se alongaram, minha mãe falou comigo, e o peso das lágrimas em meu coração foi dissipado.

— Se você ficasse cega, minha Sekeeta, não haveria nada que você não fizesse, não haveria nada que deixasse de fazer, se isso lhe permitisse ver novamente as estrelas. Você já tinha trabalhado muito quando a segurei em meus braços pela primeira vez nesta vida, de modo que pudesse ver a partir deste pobre lugar nublado que chamamos de Terra as realidades onde toda a verdade reside. Quando você era

criança, lembra-se do conforto que uma lamparina lhe dava ao afastar a escuridão que a amedrontava? Um dia, por seu próprio conhecimento, você será uma lamparina, e os outros, que temem o crepúsculo deste mundo, olharão para você a fim de iluminar seus caminhos. Quando você era pequena, eu lhe ensinei esta prece: "Mestre, por sua sabedoria, permita que eu me torne uma grande árvore para que o fatigado possa descansar à minha sombra e prosseguir sua jornada refrescado, e para que o viajante recupere sua força à sombra de meus ramos". Agora, como uma árvore, você crescerá em direção à Luz, e seu conhecimento será a raiz que resistirá aos ventos cáusticos do tempo que poderão atacar sua força no futuro.

"Talvez ocorra no futuro um tempo de pouco conhecimento na Terra, um tempo no qual os homens se esqueçam de que a morte e o sono são a mesma coisa, um tempo no qual os homens ocultem a face da verdade e caminhem, temerosos, sem saber onde estão pisando. Mas, se você puder cruzar o Caminho Inicial para os Deuses, então nunca conhecerá a solidão desses pobres seres perdidos, que choram no nevoeiro, sem poder ver as estrelas por causa de suas lágrimas.

— Por amor a você, eu reuniria todas as alegrias desta Terra e as colocaria em suas mãos. Tiraria todas as tristezas de seu caminho para que houvesse sempre risos em seu coração. Entretanto, prefiro lhe dar um presente muito mais rico, um presente que você mesma deve descobrir. Mesmo que você pudesse ter todas as alegrias da Terra, elas durariam pouco tempo; pois as bigas se quebram, os leões morrem, os barcos param de deslizar ao vento, e até os corpos mais amados retornam ao pó.

"No entanto, o que você aprender num templo persistirá quando a Terra for um elo de uma corrente meio esquecida. A sabedoria e o amor são mais poderosos que o tempo: pode haver desertos onde hoje floresce este jardim; túmulos esquecidos no lugar de templos e santuários. Todavia, o amor em nossos corações ainda estará conosco, e você terá aprendido como se lembrar disso."

Capítulo 3

Os primeiros dias no Templo

Disse adeus a mamãe e a Neyah na noite anterior à minha ida para o templo. Não podia expressar a eles toda a tristeza que sentia por deixá-los, pois eles ficariam com a sensação de que estavam me enviando para o exílio. Nessa noite, Natee dormiu em meu quarto. Ao acordar de manhã, vi aberto ao lado da minha cama o baú raso de madeira no qual haviam sido colocadas as poucas coisas que poderia levar comigo. Eu não usaria mais linho fino bordado em ouro e fios coloridos, ou mantos com fechos de ouro esculpidos com uma cabeça de leão; agora minhas túnicas seriam de linho branco rústico e meus mantos, fechados com um simples cordão violeta.

Coloquei pela primeira vez a túnica de discípula do Templo. Sentia-a áspera sobre a pele, e minhas sandálias comuns de pena eram iguais às usadas pelos servos do palácio. Abri a caixa de cedro pintado na qual guardava meus colares e braceletes e pensei quanto tempo se passaria antes que os visse de novo. Embora essas coisas sejam insignificantes, quando as olhamos pensando que talvez seja a última vez, elas se revestem de um novo significado. Assim como alguém que tem um jardim cujas plantas e flores estão murchas. Ao saber que deve deixá-las, elas lhe parecerão belas e perfeitas.

Quando disse adeus a Natee, ele colocou suas patas enormes em meus ombros e lambeu meu rosto. Expliquei-lhe que não poderia vir comigo, e que Zeb prometera levá-lo para se encontrar comigo na pequena floresta perto do templo para que eu pudesse levá-lo a passear. Mas Natee sabia que eu estava triste, e não consegui confortá-lo. Ele choramingava como sempre fazia quando estava infeliz. Então tirei-o de meu quarto, para que não pudesse me seguir. Gostaria que fosse um filhote de novo para eu poder alegrá-lo, deixando-o fazer o que ele não tinha permissão para fazer, como roer minhas sandálias ou rasgar o travesseiro, soltando as plumas.

Fui até o Templo sozinha, para que nenhum dos aprendizes soubesse que eu era da Casa Real; isso porque num templo não há diferenciação, exceto quanto aos graus de iniciação.

Quando passei pelo pilar, que tinha a Balança de Tahuti esculpida sobre a verga da porta, ainda havia muitas pessoas no pátio sentadas na grama, à sombra das árvores, esperando seus amigos que haviam ido aos santuários. Passei pelo pátio externo, subi os três amplos degraus, cruzei o terraço sustentado por pilares, e entrei no pátio enclausurado.

Ney-sey-ra estava saindo do Saguão dos Santuários, conversando com outro sacerdote, e quando o vi esqueci todos os temores que tinha sentido ao deixar o palácio.

Sentei-me na grama ao lado de um tanque de água, esperando até ele poder vir falar comigo. Os lótus, com os corações abertos como sóis dourados no céu azul de suas pétalas, fizeram-me lembrar a primeira vez em que encontrara Ney-sey-ra.

Logo ele veio se reunir a mim. Enquanto olhávamos para o tanque, ele disse:

— Todo templo tem seu tanque de lótus, pois o lótus sempre foi o símbolo do verdadeiro sacerdócio. Embora suas raízes se desenvolvam na lama abaixo da água, ele se abre para a luz do sol, e por meio de seu talo a raiz conhece o que a flor pode ver.

"Entre o nascimento e a morte, a humanidade conhece o corpo terreno; ele é a raiz do lótus. Todo mundo deixa seu corpo ao dormir, mas poucos são os que se lembram do que fizeram fora da Terra e não são lavados pela Água do Esquecimento. Alguns vão para os lugares de onde a Luz brilha, mas só os que têm um canal de memória, que é o talo de lótus, conseguem trazer para a Terra o que viram na Luz.

"O botão do lótus pode sentir a Luz e conhecer sua presença, mas não está aberto a ela. Ainda tem muito que andar em sua jornada. Ele é o símbolo da pessoa que está em sua primeira vida de treinamento num templo. O botão que se abre, mostrando suas pétalas, é o símbolo de alguém que passou pelo primeiro teste de iniciação. A flor meio aberta é a pessoa que foi totalmente treinada para sacerdote. E a flor totalmente aberta representa aquele que possui todo o poder que se pode ter na Terra."

Depois disso, Ney-sey-ra avisou que me levaria até Hak-kab, que cuidava de todas as meninas do Templo.

A entrada para a ala das aprendizes do Templo era do lado oeste do pátio, oposta ao acesso para o alojamento dos sacerdotes. Eu havia ido muitas vezes à casa de Ney-sey-ra, mas essa era a primeira vez que estava vendo o lugar que

por muitos anos seria meu lar. Hak-kab era velha e muito magra. Parecia-se um pouco com Maata, mas seus olhos eram duros. Ela chamou uma menina que estava embutindo a tampa de uma caixa com betume e conchas, e me deixou com ela. A menina perguntou meu nome e eu lhe disse, Sekeeta. Ela me mostrou os quartos das aprendizes, que eram construídos em filas nas três laterais de uma longa piscina circundada de grama e sombreada no quarto lado por romãzeiras. Depois das árvores ficavam as casas de dois quartos das sacerdotisas mais jovens, cada uma com um jardim semelhante a um quarto aberto para o céu. Dividindo o setor das meninas do dos meninos, havia uma longa construção onde fazíamos nossas refeições e podíamos nos encontrar para brincar e conversar.

Em comparação com o palácio, tudo aquilo parecia muito rústico e estranho. Senti-me extremamente miserável. O futuro se estendia diante de mim como uma longa estrada cinzenta que levava a um lugar tão longínquo que eu não podia vê-lo.

A garota me disse que estava na hora de nadar. Tirei minha túnica e me juntei às outras na piscina. Era a primeira vez que eu tomava banho com alguém que não fosse Neyah e nossos amigos, e não gostei de estar na mesma água com trinta pessoas que eu nunca tinha visto.

Algumas delas participavam de um jogo e me pareciam bastante amigáveis. Três delas ficavam de pé em fila numa das pontas da piscina, enquanto uma outra atirava objetos metálicos na água; então elas mergulhavam para ver quem os alcançava primeiro.

À tarde, Hak-kab disse-me que eu seria uma das quatro moças que enfeitariam com flores os pilares de Menés no Saguão dos Santuários. Ela me explicou que os pilares eram cópias em pedra dos pilares de junto do pequeno templo onde Menés fora treinado durante o longo exílio. Mas como Menés era meu tio-bisavô, eu já sabia disso. Ela acrescentou que eu poderia ficar fora do Templo o quanto quisesse, contanto que estivesse em meu quarto ao pôr-do-sol.

Durante o resto do dia fiquei perambulando por lá, e ninguém falou comigo. Eu me perguntava se ficaria morando para sempre com várias meninas, e desejava que Neyah viesse em sua biga e me levasse embora.

Ao entardecer, saí para o pátio e ouvi um dos contadores de história do templo entretido em narrar antigas lendas e contos de sabedoria para qualquer um que quisesse

ouvi-lo. Homens, mulheres e crianças sentavam-se ao redor dele na grama. Sentei-me entre um pastor de cabras e seu filho que tinha um cabrito recém-nascido nos braços. O contador de histórias estava começando nova narração:

— Houve uma vez um homem que caminhou sobre as pedras até seus pés ficarem ensangüentados. Ofereceram-lhe sandálias, mas ele não as aceitou.

"Então ele se viu num rio turbulento e pensou que ia se afogar. Mas, quando mãos fortes tentaram puxá-lo para um barco, ele procurou nadar, afastando-se delas.

"Quando estava sentado numa rocha ardente ao meio-dia, viu diante de si árvores refrescantes ao lado de um tanque. Convidaram-no para descansar à sombra delas, mas ele correu para o deserto.

"Ao tentar tirar algumas notas musicais soprando um junco, ganhou uma flauta de madeira rara e marfim. Ele a quebrou em seu joelho e arremessou os pedaços para bem longe.

"Quando estava faminto, um prato com sua comida favorita apareceu diante dele. Mas ele o jogou no chão e tentou aplacar sua fome lambendo uma pedra.

"E quando o tempo ficou muito frio e ele tinha apenas alguns trapos para esconder sua nudez, ofereceram-lhe uma roupa de linho nova e um manto de lã. Mas ele não quis usá-los, e ficou tremendo de frio na tempestade.

"Esta história pode parecer difícil de acreditar, entretanto, se pensam que a tolice dele ultrapassa a compreensão humana, digam-me se conhecem alguém que tenha medo de morrer. Se conhecem, então existe alguém mais tolo ainda do que o homem da história que acabei de contar."

E assim terminou meu triste dia.

À medida que o tempo passava, comecei a me acostumar com a vida no Templo.

As paredes de meu pequeno quarto eram de argila pintada de branco. Elas eram bem espessas, de modo que nenhum som podia me chamar de volta à Terra até eu estar pronta para retornar a ela. A cama tinha cabeças de Anúbis esculpidas na cabeceira e nos pés, e não havia nenhum outro móvel a não ser o baú onde eu guardava minhas roupas. Havia uma janela alta na parede, e um nicho abaixo dela onde eu colocava ramalhetes de flores, a última coisa que via antes de dormir, em vez da costumeira parede. Ao

lado da minha cama, eu tinha sempre uma chapa de cera, na qual logo que retornava para a Terra escrevia o que conseguia me lembrar de meus sonhos. E tinha também um pequeno cilindro de pedra com o qual alisava a cera antes de dormir, preparando-a para a manhã seguinte, como se estivesse apagando todos os pensamentos terrenos de minha mente, de modo a ela ficar livre para lembrar de todas as coisas que eu fazia e via fora da Terra.

À noite, antes de liberar meu espírito, recitava esta prece:

"Anúbis, ensina-me a ser uma construtora de caminhos, para que eu possa ser como teu símbolo, o chacal, capaz de cruzar um deserto à noite, mesmo sem estrelas, e deixar rastros que outros possam seguir durante o dia. E que eu possa, pela tua sabedoria, ultrapassar o abismo entre este mundo e o teu, e conduzir meu povo para teu país de paz".

De manhã, após registrar minha pequena jornada nos caminhos de Anúbis, orava para Ptah:

"Ptah, que meu corpo seja um receptáculo para a tua vida, a fim de que eu possa ser forte na Terra e fazer tuas obras".

Ao meio-dia, orava para Hórus:

"Hórus, permite que minha vida seja a pedra de amolar da tua sabedoria, a qual molda a minha vontade para que eu possa me tornar uma espada em teu exército".

Todas as manhãs, eu ia até Ney-sey-ra e lhe contava o que havia registrado em minha chapa. Freqüentemente eu o encontrava em meus sonhos e ele me dizia que, quando eu estivesse passeando, deveria pegar alguma coisa para ele que demonstrasse que eu tinha me lembrado do encontro. Podia ser uma flor, uma pena de pomba ou um grão colorido. Às vezes eu me lembrava exatamente do que ele havia me dito, mas no começo cometia erros; acordava lembrando-me de que deveria levar uma flor para ele, e acabava presenteando-o com uma papoula quando ele tinha me dito para levar um convólvulo. Com o passar do tempo, à medida que a memória ia ficando mais clara, aconteceu de eu me lembrar que deveria levar uma espiga de trigo e, pensando que isso estava claro na memória, apanhava uma para ele, descobrindo depois que deveria ter levado uma espiga do enfeite ao redor do terceiro pilar do Saguão dos Santuários.

Desse modo e de muitos outros ele me ajudava a treinar a memória. Ele me contava coisas da Terra e de fora dela. Às vezes, contava-me histórias dos deuses, dos grandes

guerreiros da luz, e dos faraós. Muito do que ele me contava era novo para mim. Mas mesmo o que eu tinha ouvido antes revivia com sua palavras, como quando me contou a história do grande Menés.

Capítulo 4

A história de Menés

Por duzentos e oitenta anos, Menés foi o governador legítimo de Kam: embora tenham sido muitos os que sustentaram esse nome, era como se um único homem renovasse seu corpo, como se sua vida terrena fosse ininterrupta, pois cada um continuava o trabalho de seu predecessor. E Menés será lembrado em todos os tempos como um grande regente.

O primeiro Faraó a usar esse nome foi alguém que estava próximo do fim de sua longa jornada. Com sua sabedora, dedicou-se a promover o bem-estar deste país, mas sabia que aquele corpo não abrigaria seu espírito por tempo suficiente para que seus planos chegassem a frutificar. Assim, escolheu um de seus filhos, que tinha sonhos verdadeiros, e lhe transmitiu seus conhecimentos enquanto ainda estava na Terra. Depois de sua morte, os dois se encontravam quando o corpo do segundo Menés estava dormindo. O pai aconselhava o filho, de modo que o jovem Faraó não tivesse apenas sua própria sabedoria para guiá-lo, mas também a de seu pai.

Um dia, seu pai lhe disse que havia muitos sacerdotes em Kam indignos de seu ofício. Assim, ele ordenou aos soldados que os expulsassem dos templos. Mas esses sacerdotes da Sombra, que não refletiam a Luz, mas a obscureciam, tinham grande poder terreno: seus templos eram ricos, e as pessoas os consideravam verdadeiros há tanto tempo que não identificavam a falsidade quando a ouviam de seus lábios. Os sacerdotes disseram ao povo que o Faraó estava possuído por um espírito mal, e que para salvar o país eles precisavam destruí-lo.

Decidiu-se que o Faraó e seus leais soldados seriam mortos no primeiro dia do Festival de Hórus.

O jovem Menés soube desse plano por seu pai. Ainda assim, tinha esperança de que a Sombra fosse afastada de seu povo. No primeiro dia do festival, ele sentou-se sozinho no grande trono. Diante dele, estendia-se o chão escuro de pedra polida até as portas abertas do Salão de Audiências, entre a fileira dupla de colunas sem decoração. Através do pátio, ele podia divisar o pilono. Não havia nenhum soldado no pátio, pois ele argumentara que, se o Faraó precisasse ser protegido de seu povo, isso seria o mesmo que um pai que tivesse medo de seus próprios filhos. Assim, ficou lá sozinho, esperando para ver se a confiança que demonstrava provaria sua verdade àqueles que dele duvidavam; se aquela atitude lhes ensinaria que onde não há medo não pode haver traição e onde há coragem não pode haver deslealdade.

Mas, quando notou que aqueles que estavam à sua frente para prestar tributo não traziam oferendas, mas punhais, manteve-se imóvel, à espera da morte; ficou tão imóvel que, aquele que trespassou seu coração manteve por um instante o punhal elevado, pensando estar prestes a golpear uma estátua.

Na noite anterior ao dia de sua morte, Menés havia enviado em segredo seu filho ainda criança para um pequeno oásis no deserto, a quinze dias de jornada de Abidwa, na direção do pôr-do-sol. Ali, como seu pai lhe dissera, havia um pequeno templo de Tahuti, onde a Luz brilhava sem sombras. Acompanhando a criança, estavam sua babá, que havia sido para ela a mãe que perdera ao nascer, a Supervisora da Casa Real e seu marido, e um sacerdote médico, além de quinze soldados do Corpo da Guarda, sob as ordens de um capitão. Viajaram no lombo de grandes mulas brancas, pois os condutores de liteiras ou os carros de boi eram muito lentos.

No oásis, com esse pequeno número de pessoas, o menino cresceu, e se casou com a filha da sacerdotisa e do médico; do casal nasceu um filho, que, por sua vez, recebeu o nome Menés. Quando o filho estava com dezesseis anos, casou-se também, e seu filho recebeu o mesmo nome, de modo que a linhagem de Menés continuasse sem interrupções até o nome de Menés poder ser usado mais uma vez pelo Faraó reinante. Durante dez gerações essas pessoas moraram ali, e eram como uma pequena chama num grande oceano de escuridão.

Todos, desde o sumo sacerdote até as crianças, cultivavam os campos. Eles não tinham peixes, e havia muito pouca carne, a não ser a dos bezerros, pois o pasto era suficiente apenas para as vacas leiteiras, e não para alimentar os bois. Colhiam milho, feijão, lentilha, pepino, rabanete, alho, melão, tâmara e romã. Tinham cabras de cujo leite faziam queijos, e, algumas vezes, preparavam armadilhas para as aves selvagens que passavam em grandes migrações e paravam para descansar e beber água no pequeno lago. Esse lago era sempre claro e fresco, e dele provinha toda a água do povoado.

As casas eram feitas de tijolos de barro e cobertas com folhas de palmeira, pois não havia pedras. Não havia linho também, a não ser o que viera antes da morte do segundo Menés; tampouco havia papiros novos, exceto alguns que haviam sido feitos com a fibra da casca das palmeiras. Estes, porém, tinham pouca durabilidade, desintegravam-se rapidamente; assim, os escribas escreviam em placas de argila.

O povo desse povoado multiplicou-se. E vivia como num pequeno mundo só dele, pois pouco além do horizonte, o sumo sacerdote fizera um grande muro invisível de proteção, para que todo aquele que viesse naquela direção voltasse e seguisse pelo lado de fora desse círculo secreto, sem perceber que seu caminho fora desviado.

Os Menés eram educados como sacerdotes de Anúbis, para que, quando a palavra chegasse, eles pudessem estar prontos para retornar e libertar o país. Ao completarem cinco anos, todas as crianças eram examinadas por um vidente, e de acordo com os caminhos que teriam de trilhar, eram treinadas da melhor maneira possível para auxiliar o país. Alguns iam para o Templo e aprendiam as várias formas pelas quais poderiam trazer de volta o verdadeiro conhecimento para a Terra, ou como deveriam carregar os corpos doentes com vida nova. Quando o momento chegasse, eles expulsariam os falsos sacerdotes, de modo que o povo pudesse voltar para os templos e ouvir o que fosse necessário para a evolução de seus espíritos, dos lábios de alguém que pudesse lhes dizer: "Eu, por meu próprio conhecimento, digo-lhes, que esta é a verdade".

E foi decretado... Uns aprenderiam a atirar seus arcos e dominar a espada e a lança, fazendo com que os músculos, amaciados com óleo, obedecessem à sua vontade. Essa força protegeria o povo do mal. Eles se tornariam verdadeiros guerreiros, para quem um inimigo ferido seria um amigo; à

mulher de seus inimigos dariam conforto e proteção; e quando fossem para um novo país, seria para construir, não para destruir; para libertar, não para encarcerar; para levar a paz, não o medo; e para conduzir o povo da escuridão para a luz.

Haveria aqueles que administrariam a terra. Eles examinariam a precisão das balanças dos mercados, para que cada mulher, criança ou homem que trouxesse o trabalho feito pelas suas mãos em troca do trabalho de outros pudesse compartilhá-lo satisfatoriamente.

Eles cuidariam para que a água corresse livremente para cada jardim e ninguém obstruísse seu fluxo de vida.

Ensinariam ao povo como cultivar os campos, para que os talos balançassem com o peso das espigas.

Cuidariam para que ninguém sobrecarregasse seu servo, fosse ele homem ou animal, além de suas forças.

Cuidariam para que nenhum animal sofresse por seu dono, a menos que o dono também recebesse uma parte igual de sofrimento.

Cuidariam para que nenhuma criança temesse uma mão erguida ou chorasse de fome.

Cuidariam para que os escribas registrassem com fidelidade o que lhes era narrado.

Cuidariam para que o milho nos celeiros nunca ficasse abaixo de dez cúbitos, para que o povo não temesse a fome.

Cuidariam para que, se um homem inferior não pudesse corrigir um erro, o caminho do Faraó não fosse obstruído.

E seriam sábios e imparciais em todas as suas obras, de modo que o povo da Terra pudesse dizer: "Vejam, as balanças do mercado e das salas de julgamento são tão verdadeiras quanto as Grandes Balanças de Tahuti".

Quando o décimo segundo Menés estava com dezenove anos, o patriarca de sua linhagem disse-lhe em sonho que havia chegado o momento de Menés voltar a governar. E foi-lhe dito para se vestir como um pastor, ir para Abidwa e se misturar com o povo, a fim de observar o que acontecera sob o domínio da Sombra.

Menés viajou até Abidwa. Viu que no grande templo as estátuas de Anúbis, Hórus e Ptah haviam sido retiradas, sendo colocadas no lugar delas estátuas de Sekhmet. Entre os pilares construíram-se muros, e todos ficavam no escuro, exceto por um raio de luz que brilhava do teto e acendia os olhos de Sekhmet, de modo que o poder do mal parecesse vivo. No Conselho, onde antes se sentava um sacerdote, agora se refestelava o corpo gordo e inchado de um menino

de cabeça deformada; e seus lábios emitiam a fala ininteligível ditada pelo espírito mau que possuíra seu corpo enfraquecido; e a plataforma sobre a qual ele se sentava estava molhada do sangue de muitos sacrifícios. No tanque para banhos do templo mantinham-se agora crocodilos, e aqueles que ousavam se rebelar contra os sacerdotes eram lançados nele.

Depois, Menés, misturou-se ao povo no mercado, e viu que a unidade de peso das balanças estava adulterada por uma pedra; só se examinavam as frutas dos cestos que estavam à vista, as restantes podiam estar defeituosas e estragadas. Viu também os campos dos pobres estéreis por falta de água, pois os canais eram controlados pelos mais poderosos. Viu rebanhos de animais cujos dorsos estavam cheios de feridas inflamadas. As ruas estavam tomadas pela sujeira e por comida estragada e o ar, abafado de moscas que se aglomeravam o redor dos olhos das crianças e partilhavam do seu escasso alimento, circulando até mesmo entre os lábios dos bebês e o seio flácido de suas mães magras e abatidas.

Em todos os lugares ouviu murmúrios de inquietação, embora as pessoas falassem baixo, com receio de serem ouvidas por um espião do Templo.

Então Menés foi ao pátio dos soldados. Encontrou capitães usando peitorais de ouro, pois tinham se tornado ricos com a prática de suborno. Mas os soldados eram gente simples e sem astúcia; logo esqueciam os ensinamentos ruins, que morriam como uma erva daninha plantada na areia seca. Menés falou com eles, dizendo que era capitão dos rebeldes do Norte. Eles confidenciaram que, se tivessem novamente um líder justo, o seguiriam contra os sacerdotes maus. Menés assegurou-lhes que, num lugar secreto, o verdadeiro Faraó esperava para conduzi-los contra a opressão; e que eles o conheceriam, por usar a antiga Coroa Branca e levar nas mãos o Cajado e o Mangual de Menés. Os soldados lhe prometeram que, quando vissem o verdadeiro Faraó, o seguiriam e varreriam o mal de seu país como o fogo purga os campos das pragas.

Menés tomou conhecimento de que na próxima lua cheia os sacerdotes colocariam outro rei fantoche no trono. Então, falou em sonho com o sumo sacerdote, dizendo que seu povo viajasse rapidamente até Abidwa e esperasse por ele nas cercanias da cidade, onde se reuniria a eles.

Seu povo seguiu suas instruções. Então, pela primeira vez, Menés pegou o Mangual e afivelou à cintura o cinto de

ouro, que havia sido recuperado do corpo de seu avô por alguém que o amava e o tinha levado ao povoado correndo risco de vida.

Vestido como um Faraó, e seguido por duzentos guerreiros, Menés entrou no pátio dos soldados; e eles lhe deram as boas-vindas como líder. Então ele os conduziu por toda a cidade, sob os brados de homens e mulheres que expressavam sua alegria ao libertador. Quando chegou ao Templo, ordenou a seus seguidores que parassem, e subiu os degraus sozinho. Lá, com os sacerdotes ao seu lado, parou diante do sumo sacerdote de Sekhmet. Enquanto as pessoas os observavam em profundo silêncio, Menés e o sumo sacerdote confrontaram suas volições. De pé, imóveis, eles se combatiam usando apenas o poder mental, que se refletia em seus olhos como raios incandescentes. Não se mexiam, embora estivessem cobertos de suor provocado pelo intenso esforço. Afinal, o sumo sacerdote vacilou, e como se mãos poderosas o empurrassem para baixo pelos ombros, ele caiu aos pés do Faraó e rastejou pelos degraus.

Então os outros sacerdotes de Sekhmet, ao verem seu superior se curvando, humilhado, e tendo sua vontade quebrantada como uma espada estilhaçada, tentaram fugir. Mas tiveram seu caminho barrado por uma fileira de lanças, que avançava lentamente, silenciosa como uma enchente, levando-os em direção ao tanque, até que seus pés não encontraram mais chão e se reuniram aos crocodilos.

O último Menés governou o país sábia e pacificamente por cinqüenta e sete anos, e durante seu reinado os planos do primeiro Menés floresceram. Seu povo desabrochou sob a Luz como os campos de milho ao sol, pois os templos passaram a ser verdadeiros, e neles os sedentos de vida podiam saciar sua sede nas águas da sabedoria; a justiça do país era como a Balança de Tahuti, e os celeiros estavam cheios. Ninguém mais temia a fome, a verdade, ou a falta de pão.

E embora Menés tenha vivido muitos anos na Terra, até sua morte foi um mestre da corrida de bigas e um forte arremessador de lanças. Quando morreu, todo o seu povo sentiu uma imensa solidão, como se seu pai houvesse deixado a Terra.

Eu tinha ouvido a história de Menés quando era criança, mas, nesse dia em que Ney-sey-ra a contou para mim, foi

como se as cenas estivessem passando diante de meus olhos. Perguntei-lhe por que isso acontecera, e ele respondeu:

— Li os registros dessa história, portanto ela está registrada também no jarro da minha memória.

"A noite passada, enquanto dormíamos, compartilhei essa parte da minha memória com você. Assim, agora essa história faz parte da sua realidade."

Perguntei-lhe como a memória podia ser compartilhada, e ele explicou:

— Imagine duas bacias de água, cada uma com um peixe nadando. O peixe simboliza o espírito puro, e a água, a memória de todas as experiências pelas quais o espírito passou. Cada espírito é limitado por sua experiência, assim como o mundo do peixe é limitado pela água na qual ele vive. Agora, imagine essas duas bacias de água sendo despejadas num vasilhame maior, de modo que o peixe possa nadar livremente tanto na água da outra bacia como na da sua. Do mesmo modo, nossas memórias podem se unir, e seu espírito pode compartilhar a minha experiência. Mas ainda não chegou o momento de você fazer isso sem auxílio.

Capítulo 5

Uma noite no Santuário de Anúbis

Depois de três anos no Templo, Ney-sey-ra me disse que a partir daquele momento, na noite de lua cheia, ele observaria o progresso de minha memória enquanto eu dormisse num dos quartos da paz, que ficava ao lado do Santuário de Anúbis. Esses quartos eram limpos pelo poder, para que nenhum espírito entrasse neles, a menos que seu corpo também estivesse lá. Essa "limpeza" servia como uma espécie de proteção, de modo que nenhum ser ruim, que quisesse sujar de fuligem os Espelhos dos Deuses, pudesse esperar para atacar os espíritos no momento em que retornassem a seus corpos, que é o momento no qual eles estão mais vulneráveis e quando a memória é mais difícil de ser mantida.

Enquanto eu dormia, Ney-sey-ra me levava para muitos lugares fora da Terra, e observava como eu trabalhava na Luz sob sua direção. De manhã, assim que eu acordava, eu lhe contava tudo o que lembrava, e ele me dizia o que eu tinha refletido corretamente, o que havia distorcido com meus pensamentos terrenos e o que não registrara.

A primeira noite que passei no santuário foi a mais longa que eu já vivi. Estava sozinha no Templo, pois os alojamentos das aprendizes e a casa dos sacerdotes ficavam do lado de fora do muro interno. Uma cortina fina separava o aposento do santuário em que me encontrava. Não havia janelas, e quando apaguei a lamparina, que não poderia reacender, a escuridão pesou sobre mim. Ponderei a respeito da escuridão e das estátuas entre os pilares. Ouvi um som sussurrante, e fiquei assustada; esperava que fosse apenas um pássaro que tivesse voado no santuário. Nunca percebera como um quarto podia ser escuro; não fazia nenhuma diferença se meus olhos estivessem fechados ou abertos. Eu nunca dormira com as cortinas cerradas, e agora sentia como se as paredes estivessem se fechando sobre mim, até o quarto ficar tão pequeno quanto um sarcófago. Quase corri para a amigável luz da lua cheia no pátio, mas sabia que se fizesse isso Ney-sey-ra ficaria desapontado comigo. Pensei se algum dia eu seria suficientemente forte para passar pela iniciação, quando teria de ficar sozinha no escuro e no silêncio por quatro dias e quatro noites, e antes de retornar ao meu corpo, passar pelas grandes provações, que poderiam me matar, se eu fracassasse.

Ouvi novamente o sussurro, e do fundo de meu coração pensei que fosse uma serpente e não um pássaro. O som ecoou, e eu não sabia dizer de onde ele vinha. Eu disse em voz alta: "Sekeeta, você está sendo uma covarde!", para poder provar a mim mesma que não era. Gostaria de não ter falado em voz alta, pois o silêncio parecia se precipitar contra mim: estava tudo tão quieto, como se meus ouvidos estivessem sendo pressionados por dedos. Esperava que Ney-sey-ra estivesse dormindo, que estivesse esperando por mim. Pensava nele com toda a minha força e ao mesmo tempo rezava para que Hórus me desse coragem...

Quando acordei, Ney-sey-ra estava sentado ao lado da cama, esperando a narração das minhas lembranças. Mas fiquei tão feliz ao vê-lo e perceber que a noite se fora, que de repente esqueci tudo o que havia sonhado. Pensei que Ney-sey-ra ficaria desapontado, mas eu devia saber como ele

era compreensivo. Ele me disse que muitas aprendizes do Templo, depois de passarem a primeira noite sozinhas no santuário compreendendo um pouco o significado da iniciação, voltavam para suas famílias e deixavam o trabalho do sacerdócio para os outros.

Capítulo 6

O primeiro teste de memória

Na segunda noite em que dormi no santuário, logo que retornei ao meu corpo tive muito o que contar a Ney-sey-ra.

— Primeiro, fui à casa de uma mulher pobre que tinha uma criança doente. Ela não sabia qual era a doença, e pensava que a criança estivesse morrendo. Quando finalmente dormiu de cansaço no chão ao lado da cama, eu lhe disse que a criança havia comido uma planta venenosa ao levar as cabras para pastar; e que ela deveria lhe dar um copo cheio de azeite de oliva para beber e colocar compressas de água quente sobre seu estômago para aliviar as dores; que depois de três horas deveria dar pão embebido em leite quente para ela, e logo o veneno iria embora e a criança ficaria novamente bem.

Ney-sey-ra me perguntou:

— A criança era menino ou menina? Em que país eles viviam?

— Acho que era um menino, não tenho certeza. Não conheço o país. Havia montanhas cobertas de grama curta.

— Era um menino, e o lugar era Minoas, que fica cinco dias a remo da ilha do rei deles.

— Depois fui até um homem que estava deixando seus bois morrerem de fome e os mantinha em estábulos cheios de imundície. As moscas infectavam os ferimentos dos animais. Eu o fiz ver um grande boi branco de chifres dourados, que lhe disse: "Sou o deus dos bois. Por sua crueldade ao meu povo, até que todos os ferimentos deles estejam curados, você terá de dormir deitado na sujeira e levará uma

carga em seus ombros". Não consigo me lembrar do local e do nome do homem.

— Seu nome era Shezzak, e ele estava em Zuma. Por cinco noites você esteve com ele, alertando-o para que tivesse compaixão dos animais. Mas ele não a ouviu. Por isso Shezzak precisava de um ensinamento mais forte do que as palavras, pois não poderia compreender o sofrimento de seus bois a menos que o compartilhasse com eles.

— Então fui para um lugar que não sei onde era, e tentei andar por um caminho estreito, mas fui barrada por uma criatura terrível, semelhante a um crocodilo monstruoso. Quando ela veio na minha direção, virei as costas e saí correndo. Acordei aterrorizada.

— Isso foi uma criação de um ser mau, para mandar você de volta para seu corpo e parar seu trabalho. Sei do medo que essas coisas podem instilar, mas da próxima vez que vir uma figura assim deve continuar andando. A criatura se desvanecerá a seus pés. Se ela for muito forte para você, peça minha ajuda. Use sua coragem como espada e escudo, e aqueles que a desafiarem fugirão: pois tudo o que pertence às Trevas teme a Luz.

— Dormi novamente. Fui até o Lar das Crianças e mostrei a dois meninos aleijados que eles não precisavam ficar parados e que podiam apostar corrida um com o outro... Havia mais alguma coisa de que eu não consigo me lembrar. Acho que lhes contei histórias. E fiz uma casa de areia para uma menininha.

— Você já esteve muitas vezes nesse local, como se lembrará, e brincou com crianças que sorriram durante o sono por causa da felicidade que sentiram ao sonhar.

— Por último, lembro-me de ter falado com um homem que acabara de morrer, tentando convencê-lo de que estava livre da Terra. Mas ele riu de mim e replicou, dizendo que eu estava louca. Pegou uma pedra, atirou numa árvore e perguntou: "Ainda acha que sou um fantasma? Os fantasmas só existem na imaginação do homem, ou no máximo são formas esfumaçadas que soluçam ao vento. Estou vivo! Você está sendo tola ao dizer que eu morri! Até meu ferimento sarou sem deixar cicatrizes". Mesmo falando gentilmente com o homem, ele continuava a rir. Eu disse: "Você pensa que ainda estamos na Terra: observe como estou voando, aqui sou mais leve que um pássaro". Por minha determinação, elevei-me acima dele, mas ele continuou a rir, e disse que era um truque, ou algum estranho sonho fantásti-

co, e que devia estar dormindo, pois bebera muito vinho... Ele havia sido assassinado numa taberna na ilha onde os barcos de Minoas são construídos, e o nome dele era Praxares.

Ney-sey-ra comentou:

— Você se lembrou bem disso. Conseguiu recordar tudo claramente e com detalhes, sem acrescentar nem distorcer nada. Quando voltar a dormir, vá vê-lo novamente, até ele despertar para a realidade e saber onde está.

— Por que ele não acredita que morreu?

— As pessoas de seu país não sabem o que é a morte. Eles pensam que, quando deixam de respirar, não têm mais consciência. Quando percebem que continuam tendo, pensam que ainda estão vivendo na Terra. E, pensando assim, continuam dentro das limitações da Terra, da qual devem ser libertados... Mas ele a ouvirá, mesmo que demore um pouco.

Capítulo 7

Os Grandes Artífices

Quando perguntei a Ney-sey-ra como os Grandes Artífices criaram os receptáculos de vida na Terra, ele me disse:

— Antes de qualquer coisa viva vir para a Terra, ela deve ser concebida pela mente de seu criador. Este precisa moldá-la no pensamento em toda a sua complexidade e de uma só vez. Depois ele a reveste de substâncias terrenas para que se torne visível aos olhos do homem.

"Quando um escriba desenha uma figura, ele traça primeiro uma linha, depois outra, até que todas as linhas separadas formem, juntas, a figura que ele tem em mente. Se ele trabalhasse como artífice, teria de manter a figura em sua mente, completa e perfeita em todos os detalhes, e num lapso de tempo determinado, projetá-la na parede. O desenho do escriba tem apenas largura e altura. Agora imagine um escultor. Ele tem clara na mente a estátua que quer criar, e com seu cinzel a liberta do bloco de pedra. Se ele

tivesse de criar uma estátua num lapso de tempo determinado, precisaria guardar todos os aspectos dela em sua mente, os milhares de círculos entrelaçados que a circundam, e cada detalhe de cada parte dela. Ao mesmo tempo, deveria enquadrá-la no lugar onde ela teria de ficar. E as estátuas são apenas a camada externa; elas não têm textura, exceto a madeira ou a pedra, não têm músculo, coração ou canais por onde passa a vida.

"Pense agora num artífice que queira fazer o corpo de um leão. Ele precisa saber não apenas que o olho pode ver, mas também todo o funcionamento detalhado das veias, do estômago, do coração, dos pulmões, músculos, sangue, e um milhão de outras coisas que fazem um leão viver: os milhares de fios que formam seu pêlo e todo o esplendor real de sua juba; os espelhos mágicos que são olhos vivos, pelos quais o espírito dele olha para o mundo; seus ouvidos, que permitem ao espírito dele conhecer o som; e suas narinas que o fazem conhecer a direção do vento.

"Feche os olhos e visualize esse leão. Sua visão deve ser mais abrangente do que o Sol, pois, embora o Sol possa banhar de luz uma pedra, metade dela fica na sombra. Mas o artífice precisa conhecer cada fio de cabelo, cada gota de sangue, banhar a todos igualmente com a luz brilhante de sua vontade, de modo a ver o todo, numa visão única. Então ele estará na quarta parte de seu caminho. A seguir, com seu poder deve moldar a criação numa forma terrena, para que ela possa sustentar a vida para a qual ele a fez. Isso lhe parece difícil?"

— Muito difícil!

— Portanto, digno dos deuses que o fazem.

— Estou contente por eles não desperdiçarem seu tempo fazendo coisas que eu posso entender... Seria muito mais fácil criar uma formiga?

— Um pouco, talvez. Mas, embora a formiga pareça pequena para nós, fora da Terra seu tamanho é apenas uma forma de pensar. Portanto, não se pode dizer que um leão é maior que uma formiga, a não ser quando se pensa neles em termos terrenos. Embora uma formiga seja menor que a unha do seu dedinho, ela preenche completamente o propósito para o qual foi criada, e se você pudesse vê-la num tamanho igual ao seu, saberia que ela é bastante complexa.

Capítulo 8

O inquilino do milharal

Um dia, fui passear pelos campos de plantação e comecei a colher no meio do milharal papoulas vermelhas, a flor dos guerreiros, para enfeitar os pilares do Templo, pois era o aniversário da grande vitória de meu pai. O Sol estava quente, e tive de caminhar bastante. Como me sentia cansada, deitei-me à sombra de um pé de milho bem grande e acabei dormindo.

Fui transportada para uma grande floresta. Os troncos lisos das árvores erguiam-se acima de mim para o céu. Caminhei por entre as colunas, e vi um animal tão grande quanto um leão, mas com a aparência de um camundongo selvagem. Podíamos conversar, pois eu conhecia seus pensamentos. Perguntei como ele se chamava, e ele me disse que era "o inquilino do milharal". Então eu soube que tinha deixado o meu corpo, e que a floresta pela qual caminhava era o milharal onde havia dormido.

Estendi minha mão e toquei o camundongo; ele se deixou acariciar como se fosse o meu cavalo favorito. Seus olhos eram maiores do que os de uma gazela e seus bigodes, iguais a varetas prateadas. Perguntei onde ele vivia; então o camundongo me levou até o pilar liso de um talo de pé de milho e me mostrou seu ninho. Fiquei de pé ao lado dele no suave e aconchegante círculo, soprado pela agitação de um vento passageiro. E o camundongo me falou da Sombra Perigosa dos campos, de como um irmão podia ficar imóvel de medo quando a morte caía do céu. Ele me aconselhou a ficar no abrigo e não cruzar nenhum espaço aberto até a noite chegar.

Deixei o camundongo e continuei meu caminho. Acima de mim, o vento curvava as pétalas vermelhas e sedosas. Vi então, à minha frente, um muro de grama seca, olhei por cima dele e vi que era um ninho com três grandes ovos. De repente, o ar ao meu redor foi agitado por asas; era a codorniz que voltava a seu ninho. Ela parecia não estar me vendo nem sentido minha mão que alisava as penas de sua cabeça. Sabia que ela estava ouvindo as picadas dos filhotes, tentando sair da casca dos ovos, pois estivera agachada bastante tempo sobre eles, desejando ver seus bicos famintos abrindo-se em saudação, quando ela lhes trouxesse alimento.

Quando acordei, refleti sobre meu sonho. Por que não nos lembramos de que só há dimensão quando pensamos em termos de formas terrestres? Zeb, que preferiria decepar sua mão direita a magoar Natee, não sentia nada ao ver um falcão atacando um camundongo. Uma traça é tão valiosa quanto um cavalo veloz na obra de Ptah. Pensar que o grau de divindade varia de acordo com o tamanho é como ouvir um homem por sua estatura e não por suas palavras. As grandes construções não são mais belas do que uma flor, nem vinte harpas, mais doces que o canto de um passarinho. Deveríamos pensar em todas as coisas como se fossem nós mesmos, porque já partilhamos da vida delas em nossa primeira jornada sob a direção de Ptah.

Capítulo 9

O escriba do Templo

No meu quinto ano no Templo, havia doze aprendizes no caminho de Anúbis, e quarenta sendo treinadas para serem contempladoras.

A contempladora é treinada para deixar seu corpo. Ela faz isso olhando para pontos de luz brilhante, às vezes para uma chama, mas principalmente para a luz do Sol refletida numa xícara de prata polida. Embora tenha de deixar o corpo, é como se as coisas que vê de fora da Terra fossem um quadro pintado em sua xícara. As contempladoras só podem ver espíritos semelhantes aos da Terra. Elas observam acima dos limites de nosso país, de modo que uma invasão não nos pegue desprevenidos. São usadas também para transmitir mensagens de um templo para o outro; e é assim que as notícias que demorariam dias de jornada chegam no lapso de tempo que o sacerdote leva para deixar seu corpo e fazer uma contempladora distante observar a visão em sua xícara. Algumas mensagens são transmitidas por símbolos reconhecidos em todos os templos. Cada grande cidade possui um símbolo. Se uma contempladora de Abidwa observar primeiro um cajado e depois um gafanhoto, saberá que

houve uma peste na Cidade Real. Se ela tiver a visão de um cabrito montês e de uma palha de milho, concluirá que o celeiro de Na-kish precisa de mais cereais. Em tempos de perigo, ficam no templo principal três contempladoras, cada uma olhando para um dos lados da pirâmide de prata, e se as três têm a mesma visão, então sabe-se que a visão delas está clara e sem obstruções.

Das quarenta aprendizes, havia três sendo treinadas para se tornarem "contempladoras de Maat". Eu era uma delas. Ney-sey-ra me ensinou a deixar meu corpo, primeiro olhando para um ponto de luz, depois pela minha vontade, sem auxílios, até poder viajar livremente como se meu corpo estivesse adormecido, e ao mesmo tempo fazendo minha língua dizer o que fazia e via fora dele. Eu viajava não apenas para a imagem da Terra, mas para todos os lugares que meu espírito podia alcançar durante uma jornada de sono. Ney-sey-ra ensinou-me também a ler os dados a respeito de minhas vidas anteriores. Assim, pude ter uma visão retrospectiva dos anos e me ver quando vivi em outros países e falei outros idiomas. Lembrei-me de centenas de nascimentos e mortes tão claramente como se cada momento passado fosse vivido no presente.

Embora pudesse me lembrar de que fazia meu corpo falar quando estava fora dele, ao retornar não conseguia recordar os detalhes do que dissera. Por isso, minhas palavras eram registradas por um escriba, e quando ele as lia para mim, eu sabia se registrara claramente o que tinha visto.

Entre os escribas havia um, Thoth-terra-das, que era meu amigo; geralmente ficávamos conversando depois de terminar nosso trabalho. Ele era velho e fora escriba do Templo por quarenta anos. Embora não tivesse sido treinado como sacerdote, registrara muita sabedoria, pois era escriba dos sacerdotes. As palavras para ele eram como cores para um pintor, e com elas ele pintava as coisas que via para que outros homens pudessem vê-las através dos olhos dele.

Ele me dizia para escolher as palavras como se fosse um ourives combinando as contas de um colar, equilibrando suas cores, som, formato e enfileirando-as no fio do meu pensamento, para que pudessem encantar tanto a mente como o ouvido.

Certa vez, ele me disse:

— A Deusa da Verdade, em sua esfera celestial, caminha com sua beleza nua, mas, quando vem à Terra, precisa se disfarçar com as palavras. Houve sábios que viram o rosto dela, mas a vestiram com túnicas de lã rústica, escondendo a beleza prateada de suas mãos com luvas de lã de cores sóbrias. Eles deviam ter criado para ela trajes de linho fino, para que seu esplendor brilhasse sobre os homens como a luz por meio de uma lamparina de alabastro.

"Embora eu seja velho e tenha sido escriba por muito tempo, só ouvi as palavras dela por meio dos sacerdotes; contudo, a sabedoria deles pesava em suas línguas, e nunca consegui mostrar a imagem dela ao meu coração. Eles têm o conhecimento, e eu, a rede de palavras. Se pudéssemos compartilhar um a experiência do outro, então os homens veriam a rara beleza da Deusa da Verdade, e todos seguiriam pelo caminho que ela conduz.

"Assim, eu poderia trançar minhas palavras no fio da gratidão pelo encanto da Terra — o murmúrio sonolento do mar; a tranqüila disposição ordenada de uma videira antiga; o ouro silencioso da luz do sol através da névoa; a impaciência pacata da montanha, elevando-se para o céu —, meus pensamentos entalhados num colar, suavizados pelo toque dela, para o qual eu o fiz.

"Sekeeta, dentro de poucos anos seu caminho estará aberto à esfera dela. Lembre-se de que as palavras podem ser o único elo entre muitos residentes aqui da Terra e a perfeição que eles não podem ver. Portanto, reze a Ptah para tornar suas palavras sábias, assim a Verdade poderá caminhar sobre a Terra serenamente coroada."

Ele inspirou meu amor pelas palavras. Pois não basta dizer: "A morte é dócil". Os homens devem ouvir a respeito dela até sentirem que ela é o amor perdido e se apressarem em sua direção. E eu mostrava a Thoth-terra-das os pequenos tributos que fazia ao que meu coração encontrava de belo e verdadeiro.

"Tenho uma bem-amada,
Contudo, não sei quão longo é o caminho que leva [à sua porta.
Mas quando ela a abrir,
Ouvirei mais doce que harpas e flautas sua música.
Se estiver faminta,
Ela me dará frutos
Mais deliciosos que figos ou romãs
E comida mais saborosa que o mel ao paladar.
Se estiver sedenta,

Ela me dará vinho
Mais refrescante que o das adegas reais.
Se estiver cansada,
Massageará meu corpo com óleos perfumados
E colocará em meus pés
Sandálias mais requintadas que as do Faraó.
E se estiver triste,
Fará com que minhas lágrimas sejam de alegria.
Quando eu correr para ela,
Que a veja em cada curva do caminho
Esperando por mim,
Com os braços abertos em saudação,
Convidando-me para morar na paz de sua casa.
Minha bem-amada é bela,
Mansos são seus olhos
E fortes as mãos que me socorrem.
Tenho ansiado por ela
Em cada dia de solidão na Terra,
Pois já me acolheu após muitas jornadas.
O nome da minha bem-amada é Morte."

Thoth-terra-das ficou encantado com meu poema, mas disse que era muito longo e ficaria melhor se terminasse assim:

"... Que a veja em cada curva do caminho
Com os braços abertos à minha espera,
Pois anseio por morar na paz de sua casa.
Vocês sabem o nome da minha bem-amada?
Seu nome é Morte".

Eu disse:
— Não estou certa se concordo. Mas se você quiser um poema curto, aqui está um:

"Um homem faminto sonhou estar num banquete,
Um músico cego sonhou ter visto as estrelas,
Um guerreiro vencido sonhou com a vitória.
Ao acordarem descobriram que aquilo era verdade,
Pois durante o sono os três haviam morrido".

Ele comentou:
— Acho muito bom. Lembre-se sempre de que é melhor fazer um bracelete que se ajuste ao pulso do que um colar tão longo que faça a pessoa tropeçar nele.

Capítulo 10

O segundo teste de memória

À medida que o tempo passava, minha memória tornava-se mais clara e detalhada. Uma noite, antes de dormir ao lado do santuário, Ney-sey-ra me recomendou retornar à Terra duas horas depois de o sol nascer. De manhã, quando abri os olhos, ele estava sentado ao meu lado, à espera do meu relato...

— Primeiro, fui até a esposa de um fazendeiro, que, embora fosse boa de coração, era muito enjoada. Ela amava seu marido, mas o repreendia sempre que ele ficava com preguiça, bebia muito, ou depois de irrigar os campos, não deixava as sandálias do lado de fora da porta, enchendo de lama o chão da casa. Seu marido não percebia que ela o amava, pois tal sentimento ficava obscurecido pela moita espinhosa das palavras. Então ele começou a pensar muito numa moça graciosa que tomava conta das vacas leiteiras, e que tinha apenas palavras de admiração ao conversar com ele. Antes de dormir, a mulher rezou para que o amor de seu marido voltasse para ela.

"Eu a levei para um lugar onde havia um muro de argila. O muro tinha altura suficiente apenas para que ela pudesse ver por cima dele. Ela viu, à distância, o marido dormindo à sombra de uma figueira. Atrás dele jazia seu arado inerte, e ao seu lado, um jarro de cerveja vazio. Ela o chamou e disse:

'Seu preguiçoso! Se o arado fosse tão rápido quanto a cerveja descendo por sua garganta, você seria um homem rico e seu sono, um sinal de mérito, em vez de preguiça'.

"À medida que ela falava, outras carreiras de tijolos iam aparecendo sobre o muro. Eu a alertei:

'Sebek, você percebeu que o muro entre você e seu marido cresceu tanto que você não pode mais chegar perto dele e que ele está oculto de sua visão? Cada tijolo do muro foi acrescentado por uma tola palavra sua. E, assim como você não pode mais vê-lo por causa do muro, do mesmo modo ele não a vê mais, e por estar só, ele se voltou para a moça que cuida das vacas. De agora em diante, pense mais antes de falar. Diga apenas o que você gostaria de ouvir de seu amado. Não erga mais essa barreira e a perceberá des-

moronando diante do amor em seu coração, como um muro de barro desmorona diante de uma inundação'.

"Acho que ela se lembrará do que eu lhe disse, pois o quadro que mostrei a ela foi melhor do que se a tivesse aconselhado com palavras. Ela vive no delta, a um dia de jornada do mar. Sua casa tem cinco dormitórios, e três plátanos diante da porta. O registro está correto?"

— Sim. E você atendeu à prece dela com sabedoria.

— Depois, fui ao país que fica a oeste do grande oceano onde existia a Atlântida. Lá, numa grande floresta, encontrei um homem em busca de ouro. Em sua vinda anterior à Terra, ele havia sido um nobre, mas não se preocupava com o bem-estar de seu povo. Aqueles que deveriam ter sido para ele como filhos sofreram muito por causa de sua negligência. Os canais de drenagem eram sujos. E, no lugar dos outrora ricos campos, havia agora brejos onde a febre se alastrava ao anoitecer. Quando ele morreu, percebeu que havia desperdiçado sua chance de socorrer aqueles de quem deveria ter sido amigo. Pediu então para que, ao voltar à Terra, pudesse curar as pessoas que estivessem sofrendo da mesma febre que trouxera tanto sofrimento a seu povo.

"Em sua encarnação seguinte, nasceu como o filho mais velho de um construtor de estradas. Logo que completou dezoito anos, deixou a casa de seu pai e iniciou sua longa jornada, pois sentia que havia algo a descobrir, embora, desde que voltara à Terra, não soubesse ao certo o que era. Assim, pensou que fosse ouro. Afinal, com ele poderia socorrer seus companheiros. Durante muitas semanas caminhou pela grande floresta, onde crescem plantas tão altas que formam uma barreira capaz de obscurecer a luz do sol. Ele próprio adoeceu, acometido pela febre, e com o corpo trêmulo de frio, desejou ter cobertas bem quentes. Quando estava ardendo em febre, desejou o mar refrescante ao pôr-do-sol e suco de frutas num cântaro fresco. Nesse momento, pensou que iria morrer sem ter encontrado nada para curar, nem mesmo seu próprio sofrimento.

"Por causa da febre, ele pôde ver as coisas além da Terra como se, por algum tempo, fosse um vidente. Transformei-me na imagem dele, e ele pensou que estivesse tendo uma visão do que deveria fazer para curar sua doença. Fui até uma árvore, a *kahan,* perto de onde ele estava deitado. Peguei um pouco do córtex e o fervi com água, num pote de barro, no fogo que ele havia acendido para cozinhar.

Depois que a água ferveu por um bom tempo, bebi-a e gritei: 'Veja! A febre deixou meus ossos e todo o meu corpo'.

"A partir desse momento, ele não me viu mais. No entanto, fiquei ao seu lado. Ele se arrastou até a árvore, e eu soube que ele se lembrara da visão. Encontrou, dessa maneira, a cura para a febre que outrora outros haviam sofrido por sua causa. O equilíbrio da Balança fora restabelecido."

Ney-sey-ra ficou feliz, e eu também, por ter sido o instrumento pelo qual aquele homem encontrou o que buscava há tanto tempo. Por causa de suas preces, os deuses lhe mostraram como encontrar uma das maravilhas que haviam criado sobre a Terra para socorrer a humanidade.

— Aproximei-me, a seguir, de uma mulher em seu leito de morte. Ela mora há muitos dias de jornada depois do limite norte do povo de Minoas. O povo de seu país não tem nenhum conhecimento e acredita que, ao morrer, a memória da vida, embora possa ficar rodeando o corpo por algum tempo, logo retorna à Terra de onde veio, assim como a água, que depois de ficar algum tempo moldada por um jarro, perde seu isolamento ao ser lançada de volta ao rio.

"Essa mulher tinha um filho que ansiava por ver novas terras além do horizonte. Ele costumava deixar sua casa e viajava para países distantes. O rapaz viveu por algum tempo com o pescador que recolhia conchas das quais obtinha tinta violeta. Enquanto trabalhava lá, fez amizade com o timoneiro de um dos nossos barcos que trazia a tinta e o cedro para Kam. O timoneiro falou ao rapaz a respeito da Luz e despertou a memória dele. Desse modo, ele teve a consciência de que as palavras que estava ouvindo eram verdadeiras.

"Ao voltar para casa, depois de muitos meses, acreditou que as pessoas do vilarejo em que vivia se alegrariam com ele por seu conhecimento, que as viúvas deixariam de se lamentar e as mães ficariam confortadas ao saber que seus filhos mortos não estavam perdidos para elas. Mas o povo não deu ouvidos a ele, e o chamou de sonhador e tolo. Chamaram-no de covarde por voltar as costas à realidade.

"A mãe do rapaz, entretanto, o ouviu, pois amava o som de sua voz. Ainda assim, ela disse: 'Não existe prova dessas coisas. Não pense na morte, pois pensar na morte é o mesmo que não pensar em nada, e quem faz isso é tolo'.

"O rapaz ficou triste, e freqüentemente orava aos deu-

ses para que sua mãe não morresse pensando assim, para que não ficasse caminhando na Terra sem o corpo.

"Acabou deixando o vilarejo e saiu em busca de outros lugares, mas descobriu que eram poucos os que o ouviam.

"Quando fui até a mãe dele, já estava quase na hora de ela partir. Ela queria ver seu filho mais uma vez antes de morrer, e seus olhos mantinham-se fixos na porta, esperando que se abrisse, e ela pudesse vê-lo de novo, retornando de mais uma viagem. Mas o rapaz estava acordado; ele se encontrava num barco no mar, onde ninguém tinha tempo para dormir por causa de uma violenta tempestade. Assim, transformei-me na imagem dele e deixei que a mãe me visse entrando pela porta. Ela não se deu conta do resto da família, que chorava ao lado da cama, mas fixou seu olhar em mim, e eu caminhei ao seu encontro. Então os que estavam ao redor a viram sentar-se, estender os braços, e a ouviram dizer: 'Meu filho, você voltou para mim'.

"E enquanto eles a viam cair morta sobre a cama, ela saiu comigo para a luz do sol pela porta aberta. Eu a deixei descansando num lugar de paz onde seu filho irá saudá-la quando puder dormir."

Capítulo 11

Papoulas vermelhas

Quando completei dezessete anos, aprendi a ler meus registros. No espaço de cinco dias vivi cinco vidas. Em três delas era homem, e em duas, mulher. Todas haviam sido turbulentas. Numa eu morrera em batalha. Noutra, durante uma pestilência. Numa terceira ainda, de inanição. Em nenhuma delas meu caminho me levava a campos tranqüilos. Sempre estive viajando por desertos de inquietude ou à sombra de nuvens tempestuosas.

Queria saber por que me lembrava tão pouco da calma e da paz. Assim perguntei a Ney-sey-ra. Ele explicou:

— Pense a respeito desta vida, Sekeeta. Quais os dias

que mais ocorrem à sua mente? Os dias de luta, os de tristeza e aqueles em que aprendeu algo que a tornou mais sábia.

Enquanto ele falava, passaram diante de mim o dia em que açoitei Zeb, aquele em que encontrei Ney-sey-ra, aquele em que Harka ficou ferido, o dia da grande batalha e o do funeral de meu pai.

Ney-sey-ra viu meus pensamentos, e disse:

— A vida é um mestre. Às vezes, ela sussurra palavras de alegria numa noite fria. Outras vezes, ela fala com uma voz que parece estourar os ouvidos. Mas sempre nos diz para ter coragem e lembrar que nossas lágrimas regam o milho que cresce sete cúbitos de altura. Em muitos dias e em muitas vidas conhecemos a paz e a quietude. Contudo, são os momentos de maior alegria ou pesar que ficam claros na memória como uma solitária papoula vermelha sobre uma espiga de milho dourada. Então você se lembra primeiro das vidas nas quais aprendeu a ter coragem, sabedoria ou compaixão, pois elas têm cores brilhantes. As outras coisas que deve aprender, embora estejam armazenadas em sua memória para que as encontre, não têm o mesmo desafio nítido que a sabedoria e a coragem têm para a memória. A paciência você aprende durante muitas vidas como um lavrador, ou como uma mulher do campo; contudo, tais vidas não têm pressa de serem lembradas, pois elas destilam sua sabedoria tranqüilamente da mesma forma que a violeta espalha sua fragrância enquanto se abriga sob suas folhas. É fácil lembrar o momento em que, precedido por trombetas, você bateu às portas da morte com a espada levantada, vermelha do sangue de seus inimigos. Ou quando rastejou para ela por uma terra árida onde apenas os abutres não passavam fome. Mas para cada situação dessas, uma centena de vezes os portões da morte se abriram suavemente diante de você, balançando seus gonzos, enquanto você entrava por eles e os reconhecia, com doce familiaridade, como sendo os portões de sua casa. Mas disso você não se lembra. Só se lembra do som da cascata potente, e não do calmo rio que desliza entre suas margens; lembra-se dos dias de grande tormenta, quando as flechas candentes se perdiam sobre a humanidade, mas não das tardes mansas em que caminhou sozinha ao crepúsculo.

"No futuro, quando voltar a lembrar como girar a Chave de Prata, será a minha voz que ouvirá, pois a sabedoria fala com uma voz estrondosa. E você se lembrará como recordar."

Capítulo 12

O casamento de Arbeeta

Ainda com dezessete anos, fui com minha mãe e Neyah para Abidwa, onde ficamos na casa da irmã de minha mãe para o casamento de sua filha, Arbeeta, com o filho mais velho do Vizir. Há três anos não via Arbeeta, mas quando éramos crianças freqüentemente brincávamos juntas quando ela vinha me visitar no palácio. Neyah e eu sempre achamos que ela era apenas uma menininha insípida.

Encontrei-a mudada, pois se tornara bela pela felicidade. Ela me mostrou a casa em que viveria e os quartos que seus filhos teriam ao nascer. E repetia o tempo todo: "Foi assim que planejamos. Você gosta do jardim que plantamos?" Era como se ela e o marido fossem uma pessoa só. Isso me trouxe à lembrança como minha vida era solitária. Não tinha ninguém com quem compartilhar a segurança. Nunca ficaria bonita como ela pelo amor de um homem, pois não conheceria as coisas do coração de uma mulher nesta vida.

Após o término dos festejos de casamento, voltamos para nossa cidade e fui viver novamente no Templo. Contudo, com certa freqüência encontrava meus pensamentos indo para o que eu vira em Abidwa. Havia inveja em meu coração pelo que Arbeeta estava compartilhando, e embora soubesse que isso era indigno de minha parte, não conseguia evitar. Assim, fui falar com Ney-sey-ra e lhe contei sobre os pensamentos que me afligiam. Ele explicou:

— Todos que sentem inveja é porque estão olhando para alguém que parece ter mais do que eles, em vez de olhar para aquele que gostaria de ser como eles. O aleijado inveja o corredor ligeiro e se esquece de que o cego gostaria de ter sua visão; o músico inveja o canto do pássaro noturno e não pensa na girafa que não emite nenhum som; o mercador inveja o nobre em sua liteira pintada e não pensa naqueles que passam famintos por sua barraca. Deve haver dez mil pessoas nesta Terra que invejam o Faraó, mas elas não conhecem a solidão dos reis. Essas mesmas coisas que você acha difíceis são a herança esplêndida que recebeu, e querer não ter nascido com elas é o mesmo que um músico querer jogar fora sua harpa.

— Mas, Ney-sey-ra! Por anos e anos trabalhei para

ter a memória de volta. Outras rainhas e Faraós reinaram sem terem sido treinadas no Templo... Quando estive fora do Templo, mesmo por tão pouco tempo, essa febre terrena entrou em meu sangue e me fez sentir que o sacerdócio é muito árduo. É tão difícil quando se é jovem!

— Os prazeres da juventude são doces, mas passageiros, como o vôo dos pássaros que cruzam o céu no verão. Aqui você está adquirindo sabedoria. Ela é permanente, e você ainda a terá quando seu corpo estiver velho.

— No entanto, todo mundo daqui pode vir ao Templo para ouvir a verdade. Todos podem trazer seus problemas para um sacerdote, cuja sabedoria mostrará a eles seus próprios corações. E eu tenho de trabalhar para obtê-la por mim mesma.

— Existem um poder e uma paz que só o eu pode dar ao eu, e nisso reside o valor de seu esforço. Não há nada que a vida na Terra não possa tirar de você, exceto sua própria sabedoria. Aqui em Kam, onde há muitos sacerdotes, a Luz brilha, e todos podem se banhar nela. No passado, entretanto, o mal varreu a Terra e não havia sacerdotes para iluminar seus companheiros pelos vales escuros de seus anos difíceis. Isso já aconteceu e pode voltar a acontecer. Você pode nascer num país de cegos, onde haja marionetes vestidas com roupas sacerdotais, cujas bocas esqueceram as palavras e não conseguem trazer conforto nem para si mesmas. Porém, mesmo que não haja mais ninguém na Terra que não caminhe na Sombra, a Sabedoria que ensinei a você aqui continuará, e você nunca sentirá a solidão daqueles que não buscaram por si mesmos. Então sua voz poderá falar à multidão. Alguns aqui em Kam poderão ouvi-la, e eles a procurarão para saciar a sede de seus espíritos pela verdade, para não terem mais fome, num desperdício de palavras, como acontecerá nos templos nessa época.

"Mas você, minha pupila, deve sempre falar a respeito da verdade. Grite para os deuses: 'Por Atet e pela Luz', e eu a ouvirei, mesmo que esteja longe da Terra. Não tema morrer pelo que sabe ser verdadeiro, mesmo que os seres maus ralhem com você por suas palavras. E em sua ardência, olhe para as estrelas e me sentirá segurando sua mão."

— Mas por que essas coisas devem acontecer? Por que a Luz não deve brilhar sempre?

— Lembre-se do que aconteceu antes de a Atlântida submergir. Os homens criam seu próprio tempo na Terra. Se

eles semeiam o mal, devem retornar para a colheita, e os campos prósperos tornam-se um deserto. O futuro está nas mãos da humanidade. Quando ela permite que a Luz brilhe, caminha em paz. Mas, na Escuridão, não pode ver o caminho e cai. Se vier um tempo no qual os homens tenham esquecido a Luz, viverão numa Terra onde haverá mais desespero do que numa cidade onde todos estão morrendo de peste. Os que são crianças em espírito segurarão o Cajado e o Mangual, e terão medo dos verdadeiros sacerdotes, e quando algum deles falar, elas o silenciarão com o fogo. Quando tiverem quebrados os Espelhos dos Deuses, a desolação se abaterá sobre a Terra. Então a Morte caminhará pelas ruas, não como uma convidada querida, mas com aquela aparência de caveira que arrepia o coração de medo. E haverá guerras, não da Luz contra as Trevas, mas do povo contra o povo, que terá perdido a nobreza dos leopardos, que só matam quando estão com fome. Os homens matarão não apenas pela luxúria da destruição, mas porque seus pensamentos estarão mortos e os jarros de suas memórias selados de medo; e morrerão de sede sem serem saciados pela água de suas memórias. Os celeiros estarão repletos, mas o povo morrerá de fome. Haverá grandes templos, mas o pão da sabedoria e o vinho da verdade não serão encontrados lá.

"Em sua aflição, o povo clamará aos deuses a quem negou por tanto tempo, e por muitos anos as vozes dos homens morrerão ao vento sem ecoar. Mas afinal, quando todos estiverem convencidos de que as trevas fazem parte de um túmulo, verão no horizonte uma pequena e clara chama, e correrão para ela, preenchendo seus corações. Então, quando o sol afastar as sombras da noite, a Luz voltará, e eles lhe darão as boas-vindas. A Terra será tão brilhante que estará pronta para ser uma Lua."

À medida que ele falava, meu coração foi clareando e eu não mais desejei a vida de Arbeeta, mas sim me fortalecer para proteger Kam das Trevas... Anúbis, de quem um dia eu seria sacerdotisa, me deu coragem para usar sua sabedoria, e ser sua serva fiel.

Capítulo 13

Neferteri

Eu tinha uma amiga íntima no Templo, Neferteri, que vivera no palácio quando éramos crianças. Ela era dois anos mais velha que eu. Aos treze anos, ficou noiva de um jovem nobre, que foi morto na mesma batalha que meu pai. No mesmo dia em que ele morreu, antes de a notícia chegar a seus ouvidos, ela caiu de uma biga. O cavalo, enlouquecido pela picada de uma cobra, galopara por uma rua estreita entre muros altos por onde Neferteri estava passando. A biga, desgovernada, a derrubou e uma das rodas passou por cima de seu corpo, ferindo-lhe as costas.

Durante cinco dias, Neferteri ficou deitada como se estivesse dormindo, e quando afinal retornou ao corpo, suas pernas não lhe obedeciam mais. Quado acordou, soube que seu noivo estava morto, mas não ficou pesarosa, pois se lembrava de tudo o que haviam feito juntos fora da Terra. Ao acordar pela segunda vez, lembrou-se apenas de vagos sonhos fragmentados. Então quis ir para o Templo treinar sua memória. Os sacerdotes acharam que seria um esforço demasiado para ela, pois só os que tinham corpo forte iam para os templos. Mas minha mãe achou que no Templo Neferteri teria sua carga mais aliviada. Assim, logo que recuperou parte de suas forças e pôde caminhar novamente, embora seu pé direito tivesse ficado retorcido e frio como as garras de um pássaro, tornou-se pupila de Ney-sey-ra.

Neferteri ficou no Templo até os dezenove anos. Freqüentemente, durante o tempo em que estive longe do palácio, queixava-me a ela que o treinamento no Templo era muito longo e cansativo. Antes de ela falar comigo, as cores e a pompa do palácio eram luminosas diante de meus olhos e as paredes de meu pequeno quarto pareciam mais estreitas do que as de um túmulo. Quando Neferteri conversava comigo, a música dos festejos soava remota, e as paredes de meu quarto pareciam se abrir como uma porta, uma porta que leva para um esplendor nunca sonhado. A impaciência me deixava, e eu sabia novamente que o tempo passa tão depressa quanto a areia ao deslizar pelos dedos fechados.

Quando eu estava com dezenove anos, Neferteri morreu. Três dias antes de sua morte, ela ficou sabendo que seu tempo na Terra estava se escoando. Seu espírito acendeu-se

de um modo tão brilhante por seu corpo como o óleo queimando numa tigela fina.

Sentei-me ao lado da cama em seu quarto. Ela não sentia dor, e as mãos que eu segurava entre as minhas estavam inertes e frias. Às vezes ela sorria e falava com alguém que se encontrava aos pés da cama, onde eu só via a parede.

Quando o alvorecer surgiu pela janela, eu me virei para apagar o pavio que se consumia nas últimas gotas de óleo. No momento em que ia sair de perto dela, senti sua frágil mão segurar a minha. Neferteri disse bem baixinho:

— Essa pequena lamparina está para o sol assim como o que fiz está para o que me propus a fazer. Logo eu e a lamparina deveremos ir embora, mas cada uma de nós deixará a Terra um pouco mais escura com nossa ida.

Quando a lamparina se apagou, o quarto estava inundado pela luz rosada do alvorecer. E eu me encontrava sozinha.

Capítulo 14

Os conselheiros do Templo

Todos os dias, duas horas após o alvorecer e ao entardecer, aqueles que tinham experiência suficiente, embora não fossem ainda sacerdotes iniciados, ficavam nas salas de paz ao lado dos santuários, em todos os templos de Kam. Até eles iam as pessoas em busca de sábios conselhos capazes de orientar seus corações. Se um conselheiro achasse o encargo pesado demais para ele, recorria a alguém com maior sabedoria.

As vilas que não tinham templos sempre contavam com a presença de um sacerdote. A ele as pessoas podiam levar suas dificuldades, de modo que, em Kam, ninguém que tivesse necessidade ficava sem um amigo sábio e conselheiro.

Quando eu tinha dezenove anos, Ney-sey-ra decidiu que eu estava pronta para me tornar conselheira do Templo de Atet. Nesse trabalho, aprendia coisas que eram de grande valor para mim, pois, devido a minha posição, as pessoas me

mostravam seus corações e me falavam de seus problemas, sem adicionar nem ocultar nada.

Na primeira manhã, apareceu um homem se lamentando e dizendo que estava magoado com os deuses. Depois de muitas perguntas, descobri que era vendedor de frutas no mercado, e que havia agido desonestamente com muitas pessoas, vendendo a elas cestos de frutas prestes a apodrecer. Contou-me que uma velha senhora o amaldiçoara por enganá-la. Todas as noites quando dormia, choviam figos estragados sobre ele. Oprimido pela polpa úmida daqueles frutos, acordava aos gritos, com a sensação de estar sendo sufocado. Ele estava arrependido do que fizera e me pediu para remover a maldição e perdoá-lo.

Eu lhe disse:

— A maldição foi lançada sobre você por causa de sua desonestidade. Só você pode corrigir o erro que cometeu. Durante a noite, secretamente, coloque um cesto de frutas diante da porta de todos aqueles a quem enganou. Depois que fizer isso, verá que seus sonhos se tornarão calmos outra vez.

Apresentou-se, a seguir, um homem que parecia muito preocupado. Contou-me que, às vezes, sua jovem esposa olhava para ele com olhos estranhos e falava numa língua estranha. Outras vezes ela escrevia coisas no chão. Depois esquecia-se que havia feito aquilo tudo, e ele não ousava lhe falar a esse respeito, com medo de assustá-la.

Achei que provavelmente algum ser mau estivesse tentando se apoderar do corpo da mulher. Assim, levei o homem até a sala de Ney-sey-ra, que lhe recomendou trazer sua mulher ao templo para que pudesse protegê-la de algum ataque.

Ao voltar para o santuário, encontrei um garotinho esperando por mim. A princípio, mostrou-se acanhado, mas logo começou a falar comigo como se nós dois fôssemos crianças.

— Pensei em vir ao santuário de Ptah e rezar para ele, mas achei que seria bom falar com você também, para o caso de ele não me ouvir. Não estou muito certo se é o tipo de coisa pela qual ele gosta de ser incomodado.

Expliquei ao garoto que Ptah gostava de ser incomodado por qualquer tipo de coisa. O menino pareceu aliviado e continuou:

— Meu pai morreu e minha mãe é tecelã. Moramos com meu tio. Eu arrumei uma ratinha como animal de estimação;

ela é muito bonita e se chama Tee-tee. Eu a amo, mas preciso deixá-la escondida numa caixa atrás dos gravetos. Toda vez que vou sair, levo-a comigo. Agora ela está doente, e não posso dizer nada a meu tio porque ele odeia ratos. Ele os mata e depois os pendura numa árvore pelo rabo para afugentar os outros ratos. Quero pedir a Ptah para curar Tee-tee. Você acha que ele me atenderá?

Pedi ao garoto para trazer Tee-tee ao Templo, pois os servos de Ptah a curariam.

No mesmo dia, ao entardecer, o garoto voltou e trouxe com ele um ramalhete de flores, que colhera nos campos para presentear Ptah. Ele me contou que não precisava mais trazer Tee-tee com ele, pois Ptah atendera sua prece tão rápido que, ao voltar para casa, além de Tee-tee estar bem novamente, ganhara seis filhotinhos.

Capítulo 15

Septes

Havia alguns aprendizes que, por estarem em sua primeira encarnação de treinamento, vinham apenas duas vezes por ano ao Templo para serem examinados quanto ao progresso conseguido em suas próprias casas. Somente quando estivessem prontos para passar por um dos três graus de iniciação eles viriam morar no Templo.

Eu tinha dezenove anos quando uma moça chamada Septes foi expulsa do Templo. Foi uma grande surpresa, pois esperava-se que ela passasse pelo primeiro teste de contemplação. Embora todos nós soubéssemos que ela estava desonrada, ninguém disse o que ela fizera para merecer o desprezo de todos os que a conheciam; na verdade, os que são banidos de um templo por indignidade são tidos como os mais baixos seres da Terra.

Perguntei a Ney-sey-ra o que Septes fizera. Ele me contou que ela se deitara com um dos pedreiros que trabalhavam no pátio novo. Eu disse:

— Aqui há sacerdotes e sacerdotisas que são casados

e têm filhos. Eles são casados, e essa moça não era. Mas uma ação para estar certa deve estar sempre certa. E quando uma ação está errada, não pode ser alterada por uma simples cerimônia. Por que então Septes é indigna enquanto Na-saw e seu marido são honrados?

Ney-sey-ra começou a explicar:

— Você está certa Sekeeta. A cerimônia não modifica um erro. Mas deve ser símbolo de uma honradez interior. O espírito de Na-saw e o de seu marido amam um ao outro e ficam felizes por seus corpos se unirem na Terra e dessa união de seus corpos e espíritos nascerem filhos. Septes sabia que não estava certo ela se deitar com esse homem, pois se ela o amasse iria querê-lo para ser seu marido e compartilhar a vida dele, mesmo ele sendo pobre e ela, filha de um nobre. No entanto, embora soubesse que não o amava, seu corpo o desejava, e sua pulsação clamou tão alto por ele que ela não ouviu a voz de seu espírito. Uma pessoa cuja vontade não é suficientemente forte para comandar seu próprio corpo não está pronta para receber o treinamento capaz de modelar essa vontade tão facilmente dominada.

Perguntei a Ney-sey-ra o que tornava uma mulher adúltera. Ele me disse:

— Há dois tipos de adultério. O primeiro é o da mulher que se deita com um homem quando a voz de sua experiência lhe diz que isso não é sensato. Tal procedimento está errado porque, sendo dominada pelo corpo, ela tem sua vontade enfraquecida. Todos nós, entretanto, quando somos jovens em espírito, passamos por esse estágio, e acabamos colhendo infelicidade por isso, do mesmo modo que aqueles que não conseguem controlar sua raiva ou ganância a colhem, o que geralmente é muito desagradável. Entretanto, o que é disposto pela lei contra o adultério (não estou falando aqui das leis do homem, mas de uma das grandes leis que não está escrita na Terra) é o caso da mulher que se deita com um homem, embora a voz de seu corpo e de seu espírito clamem juntas contra isso, e que mesmo assim o faz por dinheiro, ou ganhos materiais. As conseqüências de sua ação dependem do grau daquilo que ela obtém: uma mulher que está faminta e se deita com um homem por comida mal arranha a lei. Por outro lado, a que se deita com um homem por grandes riquezas, como é o caso de algumas que se casam com nobres ou ricos mercadores, está indo frontalmente contra a lei e derramará muitas lágrimas para liquidar suas contas.

Então contei a ele:

— Enquanto eu estava no palácio para o Festival de Anúbis, compareceu lá o Vizir de Tortoise juntamente com sua esposa, a filha de um rico mercador. Percebi que, quando ela olhava para ele, havia ódio em seus olhos. Ela tinha consciência de sua recente nobreza, mais do que alguém que a tivesse por direito. Se se casou com o Vizir para obter posição como sua esposa, então ela é igual às mulheres que moram perto do pátio dos soldados:

Ney-sey-ra respondeu:

— Se o que você disse a respeito dela for verdade e o Vizir não mora no coração dela, apenas em sua cama, então seria injusto para com as mulheres dos soldados fazer tal comparação, uma vez que talvez elas amem os homens que levam para suas camas.

— O que me diz da mulher que mente para um homem a fim de obter alimento para seu filho ou alguém que ama?

— Se ela não faz isso em proveito próprio, mas para ajudar a alguém, então ela não está errada. Sacrificando a si mesma para que outros não passem fome, está praticando tanto o bem quanto quem abriga um amigo na guerra. Lembre-se, Sekeeta, não convém julgar até que se esteja em posição de conhecer o coração daqueles a quem se deve sentenciar. Mesmo que conheça todas as circunstâncias de uma ação, é preciso saber também a idade do espírito do autor. Não existe nada de errado no fato de um leão não reconhecer seu próprio filhote quando ele está com dois anos, mas todos devem recriminar um homem que volta as costas para seu filho, pois o homem é mais velho que o leão e portanto tem responsabilidades maiores.

"Se um jovem é obscurecido pelo prazer de seu corpo, isso não tem muita importância. Mas se alguém que teve sua vontade treinada fizer isso será uma degradação, pois essa vontade foi obscurecida pela Terra. É por essa razão que o adultério para alguém de um templo é considerado pecado. Não porque seja errado uma mulher deitar-se com um homem, mas porque é errado ela fazer isso contra a voz da sua experiência. É indigno que alguém do Templo, homem ou mulher, se deite com uma pessoa com quem não deseja compartilhar sua vida. Se as duas partes souberem que seus espíritos também caminham juntos, então devem proclamar isso pelo voto de sua unidade diante de um sacerdote.

"Lembre-se sempre de que, em qualquer coisa que faça, se na avaliação mais fiel de seu coração não verificar nenhu-

ma vergonha, então essa ação não pode ser indigna, e assim, para você, deve estar correta. No final da jornada, virá um momento para todos nós em que faremos uma retrospectiva de todas as nossas vidas e veremos tudo o que nos auxiliou em nosso caminho e tudo o que nos retardou. E cada ação da qual pudermos dizer com sinceridade total: 'Isso eu não fiz por mim mesmo, mas por amor a alguém', será um passo ao longo do caminho verdadeiro. Até mesmo aquele que se unir à corrente de Set porque seu mestre abandonou a Irmandade, ganha pela lealdade que demonstrou ao seguir alguém por amor e não em proveito próprio. Às vezes, ao auxiliar o próximo, os homens infringem pequenas leis. Se uma mulher rouba um pão para seu filho faminto por não encontrar nenhum outro meio de obtê-lo, embora aos olhos dos homens seja uma ladra, diante dos deuses ela é superior a alguém que, por temer obstáculos, deixa seu filho morrer de fome. Apesar de ficar devendo o pão ao padeiro, o que poderá reparar em alguma vida ou tempo, ela perceberá que o que ganhou em coragem é como um pedaço de ouro ao lado de um grão de areia."

— Então está certo roubar, desde que seja para outra pessoa?

— Só se não for possível obter comida por nenhum outro modo. Mas primeiro a pessoa deve procurar algum trabalho, transportar água, fazer limpeza, ou qualquer outra coisa que encontrar. Se mesmo assim precisar recorrer a esse meio, que o faça somente depois de ter rezado para não vir a tornar-se uma ladra.

Perguntei o que aconteceria na vida seguinte com uma mulher como a esposa do Vizir de Tortoise, e Ney-sey-ra explicou:

— Sem conhecer todas as circunstâncias que a levaram a comportar-se dessa maneira, não posso dizer. No entanto, certa vez uma mulher veio ao Templo pedir ajuda, e para socorrê-la tive de olhar seus registros. Descobri que numa vida anterior ela fora uma bela dançarina. Casara-se com o filho de um nobre pelo que ele poderia lhe dar, embora, em seu coração, não tivesse amor nem carinho por ele. Na vida atual, ela é filha de um capitão da Guarnição do Norte. Seu corpo ficou cheio de desejo por um dos oficiais da corte de Sardok quando este visitou seu pai um ano antes de eles invadirem nosso país. Contra a vontade do pai, ela foi para Zuma como esposa do oficial. Quando estava distante de seu povo, descobriu como esse homem era cruel e amargo,

como sentia prazer em humilhá-la diante de seus convidados, pois odiava o povo de Kam. Contudo, embora ela o temesse e o desprezasse, não conseguia afastar de si o intenso desejo por ele. Por causa disso, suportava tudo o que ele lhe fazia. Só depois de sua morte ela retornou para Kam. Soube então que seu pai fora morto na última batalha contra os *zumas* e ela ficara sem parentes a quem recorrer. Agora, ela cuida das crianças sem mãe do Supervisor da Vinicultura. Ela, que certa vez teve tudo e não deu em troca nem gratidão, nesta vida dá a si mesma de todo o coração sem receber nada em troca.

Perguntei por que ela sentira essa paixão pelo *zuma.*

— Deve ter sido porque tinha algum débito para pagar a ele. Ou então essa atração de seu corpo pode ter sido decretada pelos deuses a fim de equilibrar a Balança e ela ganhar experiência. Às vezes procede-se dessa maneira, e as pessoas sofrem o que, do contrário, se recusariam a sofrer. Outras vezes isso acontece para que duas pessoas unidas uma à outra pelo ódio possam se libertar de suas algemas: pois em todo casamento, por mais infeliz que seja, sempre se aprendem a tolerância e a compreensão. Um corpo pode procurar outro pela vontade dos deuses, mas o chamado de um espírito por outro só pode acontecer pela experiência compartilhada. E um verdadeiro casamento acontece quando duas pessoas que viajam juntas pelo mesmo caminho auxiliam e confortam uma à outra em seu exílio.

Capítulo 16

A Roda do Tempo

Sonhei com Atlântida, e ao acordar surpreendi-me por estar em Kam, cinco mil anos adiante, no tempo, do que quando estava fora de meu corpo.

Depois que contei meu sonho a Ney-sey-ra, perguntei-lhe por que não havia tempo fora da Terra. Ele assegurou que me explicaria isso, mas primeiro queria ver se eu conseguia traduzir meu conhecimento em palavras por mim

mesma. Assim pedi que Thoth-terra-das viesse registrar minhas palavras. Deixei meu corpo viajar para onde podia ver o tempo claramente. Quando retornei, Thoth-terra-das leu minhas palavras para mim.

"Vejo o Tempo na Terra como uma linha reta. Sobre ela, o presente é um ponto do qual saem, em direções opostas, o passado e o futuro, marcados por divisões de anos como polegares sobre a corda esticada onde o escriba escreve. Vejo o horizonte na Terra também como uma linha reta. Quando estou livre de meu corpo, posso ver a Terra como uma esfera e o Tempo como um círculo. Os anos estão marcados sobre esse círculo, e se alguém viaja por ele, então a distância entre cada dois pontos é maior ou menor, de acordo com a distância que a pessoa percorre, assim como na Terra. Mas posso chegar a um lugar que é como se o círculo do tempo fosse o aro de uma roda, e eu estivesse no centro dela. Os raios que emanam de mim têm o mesmo comprimento, não importa se vão para o ponto onde estive, onde estou ou onde estarei. Enquanto estou aqui, o momento em que nasci pela primeira vez como homem, mesmo tendo acontecido antes dessa pequena Terra, o momento em que deixei o corpo em que moro agora, e o tempo futuro quando renascerei, estão à mesma distância de mim, pois o lugar onde me encontro está dentro e além do Tempo, uma vez que é o centro de um círculo onde o passado, o presente e o futuro se reúnem e são eternos. Quando meu futuro e meu passado se unem, meu círculo se completa, e fico livre das limitações da Terra. Quando o círculo da Terra se completar, a Terra terá cumprido seu propósito e será a lua de um outro mundo."

Ney-sey-ra me disse que eu expressara bem a verdade e, assim fazendo, obtivera o conhecimento dos limites do Tempo, e aprendera a ficar livre deles mais depressa: isso me ajudaria bastante em meu trabalho. Esse conhecimento esclareceu muitas coisas para mim. Na Terra, a memória luta por entre a névoa dos anos e freqüentemente nos esquecemos da experiência que se esforça por nos indicar o caminho correto. No entanto, do centro da Roda do Tempo, todas as coisas são claras e não há necessidade de lembrar o que aprendemos, pois toda a nossa sabedoria está conosco num lugar e tempo, pura e inabalável no infinito, agora.

Perguntei a Ney-sey-ra:

— Fora da Terra, posso ver o passado tão claramente como o presente. Por que não consigo ver meu futuro?

Ele explicou:

— O passado é sólido, pois o que foi feito não pode ser mudado. Mas toda ação que você pratica muda o futuro, que é fluido e pode ser alterado, não como o passado, que é permanente. Seu amanhã, ou sua vida, quando nascer na próxima vez, é como um poço no qual você se reflete. A qualquer momento pode ser conhecido o estado em que o poço de seu futuro se encontra, mas pelo seu livre-arbítrio você pode fazer com que as tempestades se acalmem, ou tornar a superfície plácida cheia de ondas. É por isso que tão poucas profecias se realizam. Olhe para aquele jardineiro transportando água. Posso profetizar que ele cruzará o pátio com seu jarro sem derramar uma gota sequer, pois ele é o futuro que suas ações presentes estão formando. Porém, se ele tropeçar ou deixar o jarro cair sem querer, então seu futuro presente será mudado, uma vez que por sua ação estará trazendo outro resultado ao ser. Assim, minha profecia terá sido errada. É correto afirmar que com o conhecimento de todas as circunstâncias pode-se construir um quadro completo do futuro. Mas trata-se de um quadro que poucos têm permissão para ver, pois ele pode influenciar as ações de um homem. A pessoa que tem um bom estoque de bens para colher, vendo um futuro claro e sem perturbações e pensando estar segura, pode permitir que as ervas daninhas cresçam em seu campo e estraguem sua colheita. Outra, percebendo a fome que terá, em seu desespero pode abandonar seus campos e assim se privar de colher ao menos algumas espigas de milho.

"Não pense no futuro a não ser para moldá-lo pelo presente no qual está vivendo, e plante a semente que você quer colher."

Capítulo 17

A viúva

Um dia, quando estava retornando ao Templo pelo campo de feijão, vi uma mulher vindo na minha direção ao

longo do caminho. Tinha os olhos fixos à sua frente como se fosse cega; a tristeza esculpira em seu rosto uma máscara de sofrimento. Perguntei-lhe se poderia me informar o caminho que levava à casa de Ketchet, o tecelão de linho, pois queria interromper sua solidão. Ela respondeu que me indicaria o caminho da casa dele. Enquanto caminhávamos juntas, pedi a Ptah que me desse a possibilidade de confortar aquela mulher, que fizesse com que ela me falasse de sua tristeza.

Então, como se estivesse falando consigo mesma, ela começou:

— Há apenas uma semana eu era a mulher mais feliz de Kam, e agora sou a mais desolada da Terra. Eu e meu marido nos conhecíamos desde crianças, porque nossos pais são irmãos. Quando eu estava com quinze anos e ele, com dois a mais, nos casamos. Sempre estivemos juntos, e há cinco anos tivemos um filho. Os dias eram de felicidade para nós três. Meu marido, um pescador, muitas vezes levava nosso filho com ele no barco. Então uma tempestade repentina fez com que o barco emborcasse. Quando o barco foi trazido à margem pela correnteza, encontramos seus corpos presos na rede. Por que devo viver sozinha com essa tristeza? Minha Terra se partiu. Por que ela parece igual, por que vejo o Sol e ouço os pássaros, quando meu coração, meu amor, minha vida estão enterrados no chão e perdidos para sempre? Por que os deuses me enviaram tanta aflição? Como as estátuas de pedra podem ser tão duras e cruéis?

Eu disse a ela:

— Se você fechar os olhos, o Sol não desaparecerá do céu. Ele continuará a aquecê-la com seus raios. Durante um curto período, você não poderá ver na Terra as duas pessoas que ama, mas elas estão a seu lado, e ao dormir você pode encontrá-las.

— É fácil dizer essas coisas. Por que devo acreditar nelas? Você fala como se fosse um sacerdote, mas é apenas uma garota, mais jovem do que eu. Não ouça quando lhe falarem da pequenez da morte. Mesmo que eu acreditasse nos sacerdotes, no que isso me ajudaria? Eu nunca sonho! Para mim, o sono não é nada, e assim deve ser a morte: o fim da consciência, o fim da esperança.

— Mas se você pudesse se lembrar de sua vida além do sono, lembrar mais claramente do que se lembra de ontem, isso não lhe ensinaria que os sacerdotes estão dizendo a verdade?

— Isso também é fácil de dizer. É o mesmo que me pedir para acreditar que é possível meu marido estar vivo e vir correndo me encontrar neste caminho, ouvir sua voz e sentir sua mão na minha. As duas coisas são impossíveis, então para que me atormentar com pensamentos de visões que nunca terei?

— Você faria uma coisa por mim, em seu coração? Antes de dormir, não pense em seu marido e seu filho como os viu quando estavam mortos. Pense neles vivos, pense nas pequenas coisas felizes que fizeram juntos, no som da risada de seu filho, no seu marido remendando a rede à sombra, ao meio-dia, com você a seu lado. Não se esconda dele pelo sofrimento, e eu a ajudarei a se lembrar de estar com ele, e ao acordar você saberá que ele está vivo. Não lhe peço para acreditar nisso, mas eu lhe darei uma prova, para que possa julgar por si mesma. Encontre-me aqui amanhã, três horas após o alvorecer, e eu terei boas notícias para seu coração.

Eu sabia que ela não acreditava em mim. Entretanto, a pobre mulher prometeu que esperaria por mim.

Nessa noite, logo que dormi, fui até ela e a encontrei ainda presa em sua teia de lágrimas. Ela estava de pé ao lado do barco virado no local onde o havia encontrado, preso à margem, paralisada de horror ao ver os dois corpos, encobertos pela pesada rede sob a água. Ao lado dela estavam seu marido e seu filho, tentando fazê-la falar com eles para saber que estavam vivos, tentando romper a teia cinzenta que a envolvia.

Banhei sua figura imóvel com um raio de luz, e a visão da morte desapareceu diante dela. Seu manto cinzento se desfez como a névoa sob o sol. Como se estivesse acordando de um profundo sono, ela viu o marido e o filho, e seu rosto ficou luminoso, com uma radiância maior que a de um cego que recupera a visão. Então os levei para um lugar gramado na margem, cheio de flores, quedas-d'água e árvores esplêndidas.

Há aqui milhares de lugares iguais aos da Terra. As pessoas encontram seus entes amados que morreram onde conheceram a felicidade. Aqui, mais próximas do que na Terra, elas esquecem suas horas de solidão. Mas deste país da realidade devem retornar à Terra todos os dias por um curto espaço de tempo. E esse tempo parece mais curto do que se tivessem se afastado do lado de seus entes amados para encher um jarro com a água do rio que corre ao lado de suas casas. Antes de deixá-la, fiz o sinal do círculo em

sua testa e recomendei-lhe que ao voltar à Terra ela deveria se lembrar de tudo; alertei-a de que quando nos encontrássemos de manhã, eu faria o mesmo sinal nela, a fim de que não pensasse que fora apenas um sonho e não uma lembrança da realidade.

Quando a encontrei de manhã, ela se ajoelhou a meus pés em sinal de gratidão. E quando fiz o sinal em sua testa, suas lágrimas eram de alegria. Ela me disse:

— Você me levantou de um túmulo e me deu a vida. Quando os sacerdotes me falaram a esse respeito, não acreditei. Agora não preciso acreditar neles, pois sei que o que eles dizem é verdade. Rezarei todos os dias para ser capaz de fazer aos outros o que você fez por mim.

Capítulo 18

Hicso-Diomenes

Durante o último ano em que estive no Templo, iniciou-se um trabalho nos dois novos pátios reclusos, que Neyah havia adicionado ao Templo de Atet. As paredes não eram de tijolos revestidos de gesso, mas de pedra. E nelas estavam esculpidas cenas da vida do povo de Kam: pescadores com suas redes e armadilhas para pássaros nos pântanos, vindimadores pisoteando as uvas e pastores com seus rebanhos. As esculturas eram em baixo-relevo para que pudessem durar como o registro das plantas no pavilhão de meu pai. Não havia bigas de Faraós nem portadores de tributos, pois estavam no Templo, onde todos são classificados pelo valor de seus corações.

O arquiteto das novas construções era filho de um nobre do delta chamado Hicso-Diomenes. Seu cabelo era da cor de cobre queimado, e seus olhos, amarelos como os de um leão, mas com pontinhos escuros.

Seu trabalho o trazia freqüentemente ao Templo, pois a planta da construção e o revestimento de todos os afrescos haviam sido feitos por ele, e a escultura nas pedras era realizada sob sua supervisão. Ele tinha uma casa perto do Templo,

onde guardava longos rolos de papiro com projetos e desenhos, alguns para afrescos e outros para serem esculpidos em baixo-relevo. No pátio havia um modelo da nova construção, feito de palmeira e cera endurecida. Ele o fizera para mostrar aos outros o que ainda estava em sua mente, de modo que todos os que trabalhavam naquela obra pudessem acompanhar o que crescia sob suas mãos; e sabendo o que estavam construindo, trabalhassem melhor por compartilhar o conhecimento daquilo que seria o todo final.

A maior parte de seu tempo, quando não estava no Templo, ele passava-a nos campos, ou nos pântanos, desenhando animais e pássaros.

Freqüentemente eu falava com esse homem, a quem chamava Dio. Eu queria aprender a respeito da arte da construção, para que os templos e os palácios que viesse a construir quando fosse Faraó tivessem marcas dignas de minha jornada.

Às vezes, eu lhe falava das coisas que vira fora da Terra, mas descobri que ele as ouvia como se eu estivesse contando belas histórias para crianças. Dio acreditava que os homens pereciam quando seus corpos morriam e que a imortalidade deles só acontecia pelos filhos, ou pela memória dos homens. Falava de filhos como se cada geração ampliasse a gama de conhecimentos do pai, assim como uma árvore dá um cacho de frutas a cada colheita, fluindo mais livremente em seus ramos alongados. Em sua filosofia, o espírito de uma criança brota da mente de seus pais para polir seus pensamentos; e quando seu corpo deixa o útero da mãe, então vê o sol pela primeira vez; e os pais encontram nos filhos a imortalidade. Embora Dio não tivesse nenhum padrão ordenado de vida, estava sempre contente. Ele acreditava que tudo o que eu lhe contava fossem fantasias agradáveis; ele as via do mesmo modo que via sua serva colocar migalhas de comida na frente da casa de seus deuses antes de comer. Eu lhe disse que suas crenças eram como se tivesse esquecido todos os dias passados e negasse todos os amanhãs.

Para Dio, o tempo passava tão depressa que ele quase podia ouvir as sombras impetuosas correndo pela areia. Para ele, a vida e o tempo eram medidas, e no oceano escuro do nada eterno sua vida era como uma pequena lamparina a óleo, que por um curto espaço de tempo lhe permitia ver, sentir e estar vivo; quando o óleo acabasse, seu corpo esfria-

ria, e o grande oceano plácido do nada continuaria imperturbável. Uma vez, ele me disse:

— Ter uma construção concebida dentro da mente, e fazê-la nascer como uma criança pelo trabalho pesado, ver nela a pureza calma da linha, é o máximo que um homem pode esperar. Encontrar pela mente algo de belo que perdure, para que no futuro outros possam ver e dizer: "Ele sabia, como eu sei, que a beleza é permanente, embora os corpos voltem para o pó".

Eu nunca encontrara alguém que pensasse assim. Eu conhecia pessoas más e boas. Ele não era nem uma coisa nem outra. Conheci seres jovens, muito jovens para compreender mais do que as regras simples sobre o certo e o errado. Mas esse homem havia sido bem temperado pelo fogo da vida. Por isso eu não conseguia entender essa estranha obscuridade, e tentava removê-la com minha vontade e capacidade mental, com meu coração e minha mente. Assim como um músico cego cria músicas mais doces que seu irmão que pode ver as estrelas, talvez fosse este também o caso dos que vêem na Terra a beleza da forma mais claramente quando os olhos do espírito estão fechados por selos de chumbo.

Como vivem essas pessoas? Como podem rir, cantar, rezar para as estrelas, pensando que cada dia em que o sol nasce aproxima-se ainda mais da escuridão eterna? Como fazem para dirigir suas vidas, se pensam que o rio eterno é um poço estagnado? Se não vêem o padrão ordenado da vida, por que não injuriam essa injustiça cega que os deuses despejam sobre eles? Pois eles se imaginam um grão numa grande tempestade de areia entre forças cegas que buscam um destino desordenado.

Capítulo 19

O sonho sobre Minoas

Às vezes, Dio me contava histórias sobre o país de sua mãe, que era Minoas, a Ilha do Reino no Mar do Norte.

Contou-me que lá os deuses, que vivem nas estrelas, atiram bastões acesos nos homens que não lhes pagam tributos. Adoram os touros, pois, como dizem, sem leite os bebês morreriam; e se os bebês morressem, toda a humanidade pereceria. O leite vem das vacas, mas elas não podem tê-lo a menos que o touro lance a semente para avolumar seus plácidos flancos. O povo luta com seus touros sagrados, fazendo acrobacias diante de seus perigosos chifres, para que os espectadores aplaudam ao ver um mortal logrando um deus.

Para tentar entender melhor o coração de Dio, fui visitar Minoas em sonho. . .

O verde de Minoas é mais rico que o de Kam, e grandes vinhedos se estendem pelas áreas próximas ao mar. Seus templos são de um fausto elaborado, mas trata-se apenas de uma máscara que esconde um rosto ausente. Seus deuses são apenas marionetes de pedra, símbolos esquecidos do que nunca foram. A música nos templos é tocada para surdos, e os incensos sobem para narinas insensíveis. Eles procuram a verdade nos lábios da pedra esculpida, e se enfeitam com rosas para olhos cegos. E, pela vontade do povo, essas coisas formais elevam grandes monumentos à beleza terrena. Contudo, se o verdadeiro conhecimento não viesse para eles, suas construções seriam como um salão arruinado, onde apenas os lagartos cruzariam o solo rachado e os altares perdidos fenderiam sob o céu.

Nesses templos não há sonhadores da verdade. Os sacerdotes destilam uma bebida de ervas, na qual há sementes de papoula, e distribuem-na a qualquer um que vá ao templo, se ele puder pagar. Ao beber o líquido, a pessoa tem sonhos estranhos, pois o preparado abre os olhos do espírito, embora para nenhum lugar que valha a pena ver. Então, quando acorda, a pessoa descreve seu sonho ao sacerdote, que, por ser um homem de capacidade, experiente e com conhecimento terreno — mesmo não tendo a verdadeira sabedoria —, interpreta os sonhos dizendo que eles têm significados ocultos, distorcendo a visão febril até o pobre sonhador pensar que se trata de uma mensagem dos deuses.

Num templo, o Templo de Praxitlares, havia um sumo sacerdote, que, embora pequeno em espírito, tinha um corpo muito robusto. Os sacerdotes desse país são celibatários, bem como as sacerdotisas. Estranhamente, lá eles acham mais importante manter a virgindade do que abrir as portas do espírito. Mas o semeador desse sumo sacerdote estava impaciente por ter sua semente armazenada em seus celeiros, e muitas vezes desejava plantá-la num sulco frutífero.

No templo havia uma estátua oca, e o sumo sacerdote se escondia num compartimento secreto embaixo dela. Assim, sua voz ecoava de lá como se a estátua falasse. O povo reverenciava a estátua como um oráculo.

Havia dias em que as virgens iam consultar o oráculo, pedindo-lhe para descrever os homens que seriam seus amados ou maridos. Elas enfeitavam a estátua com flores, pois era a encarnação de todas as suas esperanças, sendo esculpida na forma de um homem jovem de grande beleza, com um nariz reto em harmonia com a testa, lábios cheios e curvos como um arco, e cabelos ondulados.

Um dia, enquanto as moças se curvavam diante da estátua, a voz do sacerdote falou por ela, dizendo:

— Sou um deus, mas às vezes, ao ser tentado por tanta beleza como a de vocês, desço à Terra. Entretanto, se eu fosse até vocês com minha verdadeira forma divina vocês morreriam como que precipitadas no fogo. Não posso assumir a forma de um homem também, pois seria como se o ouro se revestisse de sujeira. Mas tomarei a imagem de um cisne, e dez de vocês, as que forem eleitas por vocês mesmas como as mais belas, deitar-se-ão comigo para terem sua beleza intensificada. E quando os homens as virem pensarão que são deusas caminhando sobre a Terra. E até os mais altivos se ajoelharão diante de seus pés, implorando para que sejam esposas deles.

"Esta noite a lua estará escura, e vocês virão secretamente ao terceiro santuário atrás do templo. Cada uma de vocês entrará sozinha. Então sentirá minhas asas de cisne acariciando seu rosto, e poderá ficar com uma pena da minha asa. E se houver entre vocês alguma que possua uma centelha maior de divindade, então sentirá o deus sob o cisne, e na escuridão, eu lhe aparecerei com minha imagem mais sagrada, a imagem de um homem.

"Não permitam que esse segredo escape de seus lábios, a fim de que não profanem a mensagem dos deuses, deixando que ela seja ouvida por outros mortais. Esperarei vocês à noite como cisne, e talvez para uma de vocês como homem."

Então as moças voltaram para suas casas. E passaram o dia todo cheias de desejo, massageando seus corpos com óleos aromáticos.

Enquanto caminhavam para o templo, na noite sem lua, seus corações pulsavam numa alegria repleta de expec-

tativa. O sumo sacerdote as esperava no santuário interno, e quando cada moça entrava sozinha, ele jogava sobre ela um casaco de penas, para que se sentisse como se um grande cisne a estivesse abraçando com suas asas. E enquanto estava deitada sobre uma colcha de seda, a moça pensava ser uma deusa por ter alcançado com um deus esse auge de bênção, onde o passado e o futuro se perdiam em chamas aladas.

Depois, saindo pela porta secreta do santuário, cada uma por sua vez via-se sozinha junto à encosta da montanha, segurando uma única pena na mão. E entorpecida por suas memórias, dormia embaixo de uma árvore na noite quente. Seu corpo havia lhe mostrado alegrias nunca sonhadas, e o futuro ocultava dela seu peso e as duras crueldades do parto.

Capítulo 20

A deusa cega

Dio estava construindo um templo onde a Verdade se abrigaria; entretanto, não conseguia vê-la caminhando pelos pátios ou ouvir sua voz nos santuários silenciosos. Embora eu não pudesse dar-lhe meu conhecimento, havia muitas coisas da Terra que ele podia me dar. Ele me mostrou que, mesmo sendo esculpidas na pedra, as penas de um pássaro deviam parecer quentes ao tato; e um filhote de asno esculpido devia mostrar toda a inquietude da juventude. Num friso relativo à caça, vi os músculos lisos em movimento sob a pele de um jovem leopardo à espreita. E o veado pego de surpresa ao beber água, rígido de medo. Dio me mostrou que a postura de uma dançarina devia ser captada de forma a causar excitação com seu ritmo suave, mesmo depois de morta há muito tempo. E embora um peixe morto ficasse insípido, ao ser retratado na pedra devia ter seu brilho escorregadio persistindo por mil anos.

Um dia, enquanto observava Dio esculpir o friso dos pescadores puxando suas redes carregadas, pensei dentro do meu coração: "Quando eu for Faraó, criarei construções para crescerem sobre a Terra dentro da mente de Dio. Enviarei

mensageiros para trazer escribas e escultores para Men-atet-iss. Construirei com granito o que outros fizeram com barro e argila. Os pilares parecerão aos homens como os talos do milho parecem aos camundongos do campo, e ainda assim a arte demonstrada na pedra terá a precisão da obra de um ourives. Os escribas escreverão de tal modo que tanto os olhos como o coração desfrutarão da mensagem, e as paredes serão pintadas como se fossem espelhos nos quais se reflete a beleza das Duas Terras". Visitei em sonho muitos países onde há grandes templos vazios de ensinamentos, e outros onde há ensinamentos em construções sem beleza. Mas, em Kam, a Luz será hospedada dignamente: uma chama numa lamparina de alabastro perfeito!

Eu queria contar a Dio o que faria por ele no futuro, mas temia que, se ele soubesse que o Faraó era meu irmão e que eu havia nascido em berço real, fechasse as portas de seu coração para mim. Minha esperança era que um dia elas estivessem totalmente abertas e eu pudesse entrar por elas, usando a Coroa Branca.

Enquanto observava os peixes presos nas redes ganhando forma sob as mãos de Dio, pensei nos Grandes Artífices. Conversei com Dio a respeito deles, de como trabalhavam na carne do mesmo modo que ele na pedra.

— As pessoas que virem seus peixes esculpidos compartilharão a lembrança que você tem deles, mas os pensamentos dos deuses podem viver na Terra e seguir independentes dos planos que seus mestres traçaram para eles. Alguns peixes são feitos para vadiar nos tanques, felizes, abrigando-se do sol do meio-dia sob as folhas de lótus. Outros percorrem rios, cascatas e vão para o oceano.

Percebi que minhas palavras não produziam nenhuma ondulação nos pensamentos de Dio, embora ele gostasse de ouvir minha voz.

— Dio, você pensa que a Terra não foi feita por Ptah. Então como você acha que as formigas aprenderam a construir suas cidades? Por que o lótus vive só na água, e a papoula vermelha cresce no meio do milho?

— O lótus surgiu das plantas há milhares de anos onde a terra era úmida. As plantas que necessitavam do calor do sol em suas raízes morreram, e por isso não as conhecemos. Mas os lótus se adaptaram e desenvolveram hastes bem longas para que suas flores pudessem florescer no ar.

— Você acha que aquela planta que está crescendo pela parede designou, por sua própria vontade, que as folhas

abrigassem os botões para escondê-los do sol quente? Você nega os Grandes Artífices e afirma que todas as coisas criam e mudam a si mesmas?

Dio respondeu:

— Deve ser assim. Ouvi dizer que nos países do Norte, os animais desenvolvem pêlos mais espessos no inverno para se protegerem; e há muitas coisas assim. Aqueles que conseguem se adaptar sobrevivem, os outros morrem. Portanto, só vemos aqueles que venceram, os que pereceram são esquecidos.

— Você pensa, então, que uma planta possui uma vontade mais sutilmente temperada do que uma mulher? Você disse que aquela planta dispõe de suas folhas à vontade, e eu conheci mulheres que gostariam de ter cabelos vermelhos, e mesmo tendo desejado isso por trinta anos, eles continuaram nascendo obstinadamente pretos, mesmo com o restante deles tendo aceito a tintura. Você fala da Natureza, a quem vê como uma deusa cega, como a irmã gêmea da Sorte, mas para mudar a forma de qualquer coisa viva de modo que sua semente reproduza essa mudança é preciso a intervenção dos artífices. Agrada a você negar os deuses. Mas você não os nega, apenas chama seus poderes por outros nomes. Um dia descobrirá que é apenas um jogo de palavras, e embora pense estar simplificando o mundo, está apenas envolvendo a verdade em pequenas complexidades.

"Você acha que os convólvulos antes cresciam pelo chão, onde as plantas mais altas os escondiam do sol; então por sua própria vontade eles estenderam seus braços para não morrerem à sombra da folhagem. Você pensa que a violeta produz sua fragrância, e o peixe, sua multiplicidade de escamas? Você não espera que a pedra sob suas mãos forme desenhos sem ser tocada por um cinzel sem a orientação de seu pensamento. Por que então atribui às flores essa divindade, e aos peixes, essa habilidade, essa clareza de pensamento para encontrarem a beleza por si mesmos? Você, que ama a ordem e a beleza do desenho, com cada pedra meticulosamente colocada, por que procura o caos no universo e tenta fazer do ritmo suave do mundo um ébrio perdido cambaleando pela estrada que conduz ao nada?"

Dio sorriu e disse:

— Sekeeta, por que está sempre ponderando sobre vastidões tão estranhas? Abandone todos esses pensamentos até precisar do calor deles quando sentir o vento frio soprando sobre seu túmulo. Para que estragar a beleza de um plátano

ao meio-dia quando ele modela a terra com sua sombra? O que importa quem o fez ou por que ele está ali? Desfrute dos raios do sol sem pensar nele como um de seus poderosos deuses. Pense no rio como a água límpida na qual pode se banhar, e não como um símbolo de vida interminável. Enquanto for jovem, divirta-se e não pense no passado. Seja grata à beleza e não fique comparando-a a uma visão, a qual você pretende colocar na sombra. Desfrute da música, e não espere pelos ecos vindos das estrelas. Quando estiver velha, talvez precise distrair sua solidão com memórias, mas agora você não precisa delas, pois o presente se mostra glorioso diante de seus olhos.

"Um dia, tirarei você desta terra antiga onde as pessoas são sérias por excesso de sabedoria, e a levarei para Minoas, onde os corações cantam com a juventude."

Capítulo 21

Dio

Quando os pensamentos sobre o futuro anuviavam meus dias, colocava-os de lado, pois as flores do presente eram doces sob meus pés. Ao acordar de manhã, descobria que meu coração estava repleto de alegria, uma vez que o Sol brilhava sobre a Terra onde Dio e eu estávamos juntos. Não pedia mais a Thoth-terra-das para me contar histórias de sabedoria antiga ou dos grandes guerreiros da Luz; mas ele me contava dos amantes que, com a força do amor, foram tão poderosos quanto os deuses.

Embora Dio e eu não falássemos de amor, tínhamos plena consciência de que ele vivia em nossos corações. Dio sabia que eu não deixaria o Templo até minha iniciação, mas pensava que depois eu estaria livre para compartilhar minha vida com ele. Eu era como três pessoas morando num único corpo: queria me tornar sacerdotisa e ser fiel a Ney-sey-ra; queria me reunir a Neyah e ser Faraó; mas, quando estava com Dio, queria apenas a liberdade para encontrar o rico contentamento de ser sua esposa. As horas em que

estávamos juntos eram como um sonho imaculado pela Terra, livre da sombra dos dias apressados. Isso porque eu protegia meus pensamentos, para que eles não se deteriorassem pelo medo de que essa felicidade fosse encurtada se eu morresse durante minha iniciação.

Quando o momento de minha iniciação estava próximo, minha mãe, que, em sua grande sabedoria, conhecia muito bem meu coração, ordenou que Dio fosse enviado para o sul por seis meses a fim de escolher novas pedras para as estátuas do Templo. Embora eu tenha ficado triste por saber que ele ia se afastar de mim, senti-me de certa forma aliviada por ele estar distante do Templo no momento da minha iniciação.

Na véspera de sua partida, ele me disse que na noite da sexta lua cheia a partir daquele dia estaria de volta, e nos encontraríamos no pântano, onde havíamos passeado tantas vezes. E que então estaria livre afinal para me dizer tudo o que estava em seu coração.

Eu me perguntei se, quando ele voltasse, me jogaria em seus braços, ou se meu corpo estaria num sarcófago, com os pulsos indiferentes à melodia do amor, e com a respiração da vida longe das minhas narinas então insensíveis à fragrância do betume e da mirra.

Logo após ter viajado para o sul, Dio me enviou um belo poema escrito em cores num pequeno rolo de papiro:

"Sou um escultor que perdeu suas mãos,
  um pomar onde a água não flui;
Sou um barco a vela num dia de calmaria,
  um pássaro que não pode mover suas asas;
Sou um lótus num tanque seco,
  um arco cuja corda está partida;
Sou um santuário sem deus,
  um céu noturno sem estrelas:
Pois tive de deixá-la para uma longa jornada
  e você não me deu seu coração para me acompanhar."

Mais tarde, ele me enviou outro:

"A semente está plantada
  e o grão brota do sulco.

O pescador lança sua rede
  e ela volta carregada de peixes.
Os vindimadores espremem as uvas
  e os jarros se enchem de vinho.
A flecha voa pelo ar
  e o pássaro cai aos pés do caçador.
A noite é longa
  mas o dia é reacendido pela alvorada.
O sol do meio-dia é quente
  mas as sombras alongam-se no frescor do crepúsculo.
E eu lhe dei meu coração
  e você, me dará o seu?"

Parte IV

Capítulo I

Prelúdio à iniciação

O Local da Iniciação ficava depois do grande lago, na direção de Amenti, no Ocidente. Havia sido construído bem antes de nossa época. Parecia-se com uma pirâmide, embora as partes laterais não fossem lisas, mas construídas em três grandes degraus, simbolizando o corpo, a alma e o espírito. Enquanto abriga alguém que está fora da Terra, submetendo a chama de seu espírito à prova, um guia de fogo aceso mantém-se em seu topo. Do lago, sai um canal de pedra que se estende até a entrada, onde um poço conduz ao quarto de iniciação, que tem a forma de um sarcófago com uma tampa saliente. O poço é fechado por três grandes estalactites, de modo que fica selado como um túmulo: é como se o iniciado morresse e voltasse a nascer com sabedoria. E houve muitos que fracassaram nas grandes provas, tornando esse simbolismo da tumba uma verdade para eles.

A pessoa que ia se submeter à iniciação devia cruzar o lago num barco dourado, idêntico ao Barco dos Mortos, seguido por uma procissão de barcos, como no funeral de um Faraó. Se voltassem com suas asas comprovadas, então a procissão de retorno seria como a volta vitoriosa de um grande guerreiro. E essa travessia das águas para casa era o símbolo de um Ser Alado cruzando as Águas do Esquecimento.

Nos sete dias anteriores à iniciação, minha mãe ficou comigo no Templo, em meu quarto. Passei meus dias com ela numa convivência suave e tranqüila. À noite, meu sono era profundamente saudável, pois Ney-sey-ra, com sua sabedoria, não me trazia nenhuma lembrança, para que eu

pudesse estar forte para as grandes provas. Ao acordar e ao me deitar à noite, um médico vinha me preencher com a vida de Path, para que meu corpo não fosse prejudicado ao ter de deixá-lo por quatro dias e quatro noites.

Na última manhã, dormi até o sol estar alto. Então minha mãe me vestiu com o traje branco de linho de sacerdotisa. Ao redor de minha cintura prendeu o cinto dourado do iniciado e colocou em meu dedo um amuleto esculpido com os símbolos dos sacerdotes de Anúbis. Quando eu voltasse, essa seria minha herança, ou então vestiriam meu corpo para o funeral: pois, se eu morresse, deveria ser enterrada com as honras de um guerreiro vencido em batalha. Meu rosto foi pintado de dourado, como uma máscara da morte; e em meus pés estavam as sandálias douradas de alguém que pode caminhar pela Passarela dos Deuses.

Quando tudo estava preparado, minha mãe me beijou na testa e disse-me que esperava apenas me dar as boas-vindas na vitória. Então deitei-me num ataúde, cujas laterais tinham a forma de dois chacais de Anúbis, e ele foi carregado por quatro sacerdotes pelas longas avenidas cheias de gente. Eu mesma já havia visto outros seguindo essa jornada e sabia o que devia estar acontecendo em relação a mim, embora meus olhos estivessem fechados. O sol batia em minhas pálpebras fechadas, que não deviam vacilar: na verdade, como aqueles que me observavam poderiam acreditar que eu era um Espelho dos Deuses se meu corpo não obedecesse à minha vontade?

Quando cheguei ao lago, meu ataúde foi colocado no Barco dos Mortos, que tinha na proa uma cabeça de Anúbis e na popa um Macaco de Thoth dourado, segurando o remo piloto. Então ouvi o ranger dos remos e soube que o barco condutor deixara a margem.

Pensei em tudo o que Ney-sey-ra me dissera sobre o que eu iria passar em breve... Iria até os lugares onde estão os Habitantes acima das Alturas. Caminharia pelas Cavernas do Submundo, sozinha. Daria sábios conselhos aos que não tivessem conhecimento e os faria me obedecer. Lutaria com um grande ser do caminho esquerdo, não mais como alguém de uma grande corporação, mas sozinha. Passaria por grandes provas, nas quais veria meus velhos medos em suas realidades mais horríveis; e deveria combatê-los, não com a sabedoria que obtive fora da Terra, mas dentro de minhas limitações terrenas. Essas coisas que iriam bloquear meu caminho não surgiriam pela criação da vontade dos

outros, pois era a minha vontade sobre a Terra que devia ser temperada antes de eu poder usar o título de sacerdote. E se, após meu retorno, pudesse lembrar o que vira, então eu seria um Sacerdote de Anúbis.

Os longos raios de Ra continuavam brilhando quando o som dos remos cessou e eu entrei no canal de pedra.

Depois que meu ataúde foi levantado do barco, ouvi o eco dos passos dos sacerdotes descendo o poço, e senti o frio da pedra sobre mim.

Quando o ataúde foi depositado, todo o velho terror, mil vezes ampliado, de minha primeira noite no Templo caiu sobre mim como se eu fosse uma criança. Minha coragem tremulou como uma lamparina numa corrente de ar. Eu desejava gritar que não conseguiria encarar os perigos pelos quais passaria. Contudo, o orgulho às vezes é o mais forte dos nossos escudos, e esse sentimento me salvou de trair Ney-sey-ra.

Ouvi, então, o sussurrar das vestes dos que haviam me carregado, ao me deixarem totalmente sozinha. Uma a uma, as estalactites desceram e me fecharam nesse túmulo vivo, que ecoava cada queda como se eu estivesse num enorme gongo.

Envolvida por esse silêncio vivo, eu sabia que ficaria agora como morta: meu corpo não mais seria o refúgio amigável para o qual eu poderia voltar quando minhas forças fossem insuficientes para combater os Poderes do Mal. Ele me obedeceria outra vez, gentil e amorosamente, ou eu me tornaria um ser cativo sem vontade? Eu seria como Hekket, que, mesmo tendo fracassado, não morrera, e que se sentava no pátio interno com os olhos cegos e os lábios pendentes e úmidos?

O medo postou-se ao meu lado nas trevas. Eu o afastei de mim com a minha vontade, e pareceu-me ouvir o frágil ranger de seus ossos...

Devo pensar em coisas tranqüilas, suaves, para me acalmar.

Pensarei nas fogueiras com sua fumaça elevando-se suavemente ao pôr-do-sol; pensarei nelas até poder sentir seu calor e proteção.

Pensarei nos pássaros deixando os juncos ao alvorecer de uma manhã tranqüila, até poder ouvir o sussurrar de suas asas em paz.

Pensarei nas flores abrindo suavemente suas pétalas ao novo dia.

Pensarei nas crianças respirando levemente num sono calmo ao lado de suas mães.

Pensarei nos guerreiros, com suas espadas brilhando à Luz, pela qual lutam; sua coragem será meu escudo e a lembrança deles me dará força. E o amor de minha mãe será como um manto a me envolver.

Lembrarei da sabedoria de Ney-sey-ra, meu mestre, e suas palavras serão para mim como as estrelas que guiam o viajante pelo deserto escuro.

Capítulo 2

Os torturadores

Então fui para as Cavernas do Submundo.

Aqui, tudo é cinza, nenhuma luz brilha neste lugar onde as pessoas expiam crimes muito complexos para serem perdoados na Terra. Várias vezes elas foram ensinadas, colhendo os frutos amargos que plantaram, porque suas ações eram contra as Leis dos Deuses. Mas não obedeceram; e agora, presas por algemas, esqueceram-se de si mesmas, sofrendo com toda a intensidade e de uma só vez o que fizeram aos outros na Terra.

Em primeiro lugar, fui ao local dos torturadores. Aqui, sobre rodas imensas, eles estão esticados com as mãos e os pés amarrados por cordas, que os fazem gritar de dor. E esticando seus braços e pernas nessa agonia estão vinte de seus companheiros, também torturadores. Quando um torturado chega ao auge da dor, então deve se juntar aos outros que estão torturando, enquanto um outro ocupa seu lugar na roda.

Eles sabem que estão mortos, e apresentam essa imagem de morte que mantêm em suas mentes; alguns são como esqueletos, outros têm pedaços de carne putrefata em seus ossos. Outros ainda são como cadáveres inchados ao sol.

Não há sons de gemidos ou gritos de dor, apenas o ranger sombrio das cordas e o estalido dos braços sendo torcidos para fora das juntas.

Entre eles havia uma mulher que tinha chegado ao limite da experiência pela qual deveria passar a fim de se libertar de seu mal. Ela havia liderado uma tribo de mulheres guerreiras, que reunira porque seu amado a abandonara. Para vingar sua dor nos homens, quando prendia um prisioneiro em batalha ou capturava um pastor que cuidava de seu rebanho, ela amarrava as mãos dele numa árvore e os pés num boi; depois açoitava o boi, que, enlouquecido pela dor, rebentava sua corrente viva.

Quando a peguei pela mão, senti o ressoar de seus ossos mortos há muito tempo. E quando a conduzi para fora desse inferno, vi sua beleza na juventude, como ela tinha sido há dois mil anos. Agora ela dormirá até renascer, compassiva com todos os que sofrem.

Depois fui até um homem que havia sido sacerdote do mal em um lugar chamado Peru. Em seu templo de sacrifício negro, sobre uma imensa torre em forma de cone, ele havia dilacerado corações vivos de milhares de escravos, retalhando-os com uma faca afiada, e sentira o sangue do coração deles espirrar em suas mãos.

Agora ele está deitado nu, preso sobre seu próprio altar, observando uma figura semelhante a ele consagrando-se a um ser mau. Primeiro, sente a faca marcando sua pele com uma fina linha vermelha; depois, a faca rasga seu peito, e mãos providas de garras arrancam-lhe o coração. Ele sente esse processo milhares e milhares de vezes, sendo praticado por alguém que ele reconhece como sendo ele mesmo. Contudo, pensa que é algum irmão gêmeo horrível, e não sabe que está vendo a si mesmo e que é sua própria crueldade que o tortura.

A seguir, vi alguém que tinha sido chefe de uma grande tribo num país de pantanais. As pessoas sob seu domínio o temiam muito, pois ele punia os que o irritavam com a morte na água. Mandava amarrá-los a uma pesada pedra e os colocava na água rasa da beira do pantanal; em suas bocas eram colocados dois bambus ocos para que pudessem respirar. A cada dia, a passagem de ar era diminuída com lama, de modo que eles tinham de lutar cada vez mais para acalmar o tormento de seus pulmões; ainda assim, alguns viviam três dias e quatro noites antes de morrer. Quando o chefe morreu, seu corpo foi colocado num esquife de pedra. Mas, antes que ele fosse enterrado, seu povo, que o odiara por tanto tempo, revoltou-se, e não levou o esquife para o sepultamento e sim para o lugar onde ele torturara os outros.

Lá, colocaram-no na água lamacenta e, em sua boca, puseram dois bambus ocos. Eles pensavam que se estavam vingando num corpo vazio. No entanto, embora ele estivesse morto, seu espírito ainda conservava-se ligado ao corpo. Preso à imagem da morte recente, ele se debatia em busca de ar, embora seu corpo já tivesse se juntado ao lodo do fundo do pântano há muito tempo.

Fui até ele e tirei-o da água. Disse-lhe que chegara seu tempo de renascer outra vez na Terra, e que ele seria um pescador e se tornaria sábio nos domínios do mar. Ele, que matara as pessoas na água, aprenderia a alimentar os outros com peixes.

Fui, a seguir, até um ser do Poço do Dragão, que procurara descobrir todos os matizes e agudezas do sofrimento, e se divertira encontrando novos métodos de crueldade nos corpos vivos de outros seres humanos.

Primeiro, todos os seus dentes são extraídos. Depois, as unhas são arrancadas dos dedos e os cotos sangrentos amarrados com lã rústica. A seguir, são arrancados todos os fios de cabelo, um a um, como se seu couro cabeludo estivesse sendo assaltado por ferroadas de insetos. Depois as juntas dos dedos são cortadas uma a uma e mergulhadas em gordura fervente para estancar o sangue. As pálpebras são meticulosamente cortadas para que o horror fique sempre diante de seus olhos bem abertos. Então o corpo fica à mercê de ratos famintos, e enquanto eles vão engordando sobre sua carne servil, tornam-se semelhantes àqueles a quem ele esfolava vivos.

Vi depois alguém que queimara pessoas e fizera do fogo um inimigo dos homens. Agora o fogo o deixou e ele está sozinho numa terra de tormentoso frio. Ele caminha nu sobre o gelo que corta seus pés como navalhas. E o frio prende suas veias nas garras de seus dedos gelados. De vez em quando, ele vê diante de si uma fogueira e corre para ela a fim de se aquecer, mas quando a alcança, ela se transforma em pingentes de gelo.

Ele ficará ali até aprender a nunca mais fazer uso malévolo do fogo, que os homens devem amar como um amigo, pois foi o primeiro presente não compartilhado pelos animais que a Terra deu à humanidade.

Então fui até onde havia animais que se contorciam de dor. Bois com ferimentos abertos; cachorros famintos, alguns com as costelas à mostra; um macaco com as patas cortadas; e um pássaro sem asas.

E, quando os observei, vi que eram seres humanos que olhavam através dos olhos deles, aprisionados na forma daqueles a quem, em vez de tratarem como irmãos menores, haviam escravizado.

Capítulo 3

Os maledicentes

Fui, a seguir, ao lugar onde pessoas cujas línguas haviam sido lanças envenenadas sofriam a dor que seus venenos ocasionaram aos outros. Não estavam entre elas as que falavam tolamente ou sem pensar, mas apenas aquelas cuja crueldade ecoou maliciosamente em seus corações.

Primeiro, vi um homem deitado de costas, e na sola de seus pés batia a ponta cortante de uma vareta fina, mais rápida do que as patas de um cabrito montês em disparada. Ele tinha roubado uma pérola perfeita, e para se esquivar do que fizera acusara seu servo do roubo. E o servo foi açoitado até a morte.

Depois, vi uma mulher que havia sido uma das concubinas do rei de um povo do Oriente. A esposa do rei tinha sido tão pura de coração como de corpo; mas, por ter ciúmes dela, essa concubina instigou o ódio no coração do rei, dizendo-lhe que, quando ele estava fora do palácio, a esposa se divertia com qualquer um que achasse desejável, mesmo sendo de casta inferior. A rainha era muito orgulhosa para se defender, e, por seu marido acreditar no que diziam dela, preferiu que a mandasse matar. O rei estava tão cego de ciúme, que a tirou de seu corpo, não com uma adaga ou com veneno, mas violentando-a. Para a concubina deu cinqüenta sacos de peças de ouro.

Agora a concubina está esticada no chão, com as mãos estendidas e os tornozelos amarrados a estacas de madeira. Ao lado de sua cabeça há um jarro, e uma a uma as peças de ouro, que uma vez ela teve o prazer de ter em suas mãos, caem no jarro; e cada vez que ela ouve o tilintar do ouro, sofre uma nova e constante violentação: de um asiático da

casta mais baixa; de um leproso imundo com as feridas fedendo; e de um escravo, com os membros corroídos por algemas.

Vi também uma mulher cuja presença numa casa havia perturbado tanto a paz das pessoas que moravam com ela, que elas sentiam como se seu sono estivesse sendo atormentado por ferroadas de insetos. Agora ela é continuamente atacada por vespas. Elas ferroam suas mãos até ficarem como os pés espalmados de um pato; seus olhos são fendas estreitas na pele inchada de suas pálpebras, sua língua está grossa entre os lábios rachados e ela vive cercada por moscas.

A seguir, vi um homem, que, ao encontrar pessoas que estavam em dificuldade, em vez de falar-lhes com palavras que fossem um bálsamo para suas feridas, dizia-lhes com sua integridade tacanha que eram indignas de simpatia, pois seus sofrimentos eram fruto de suas ações. Agora ele, que não confortou os outros, encontra-se num deserto sem sombras, e o sol bate nele até sua pele ficar cheia de sulcos como um rio lamacento antes da inundação. Diante de si, ele vê palmeiras ao redor de um poço de água fresca; à sombra, sentado, há um homem com dois jarros. Ele sabe que num dos jarros está um bálsamo curativo, e vai até esse estranho sentado à sombra e pede-lhe que alivie seus ferimentos. Mas o bálsamo está sempre no outro jarro, e o que o homem lhe oferece está cheio de sal que escorre por sua pele como uma língua de fogo. Então ele é novamente levado a vagar ao sol, aprendendo assim que, embora seja verdade que um homem perdido num deserto não se perderia se tivesse ficado em casa, mesmo assim, se um companheiro o deixar vagando sem rumo, também procurará conforto e não o encontrará.

Depois vi aqueles que haviam zombado das crianças e das pessoas que não conseguiam responder às suas palavras lancinantes. Estavam nus no pátio de um mercado e não conseguiam controlar suas mãos e pés, que faziam gestos idiotas e salpicavam seus próprios corpos de sujeira, de modo que as pessoas que por ali passavam zombavam deles.

Encontrei um homem que tinha cortado a língua daqueles a quem havia obrigado a guardar seus segredos contra a vontade, temendo ser traído como ele mesmo traíra os outros. Agora ele está deitado, cheio de bolhas, sobre uma rocha, enquanto um riacho corre ao seu lado. Se ele conseguir pronunciar algum som, o riacho derramará água doce em sua boca sedenta, mas ele está irremediavelmente mudo.

A seguir, deparei-me com outro, que, postado nas sombras, observara coisas sagradas que não eram para seus olhos e as revelara. Agora, enquanto está deitado, rígido, no chão, observa abutres circulando no ar, até um deles mergulhar sobre ele e arrancar seus olhos. Então, por um instante, ele fica nas trevas. Depois novamente vê os pássaros voando em círculos, até um deles mergulhá-lo mais uma vez na escuridão com seu bico.

Vi também o lugar para onde todos os que traem um amigo devem ir. Esse é um dos maiores pecados, pois quem trai um amigo é um traidor da Irmandade. Ele prosseguirá sua jornada sem amigos, e o medo será seu único companheiro. Enquanto ele anda por uma Terra deserta, à sua frente o caminho parece não ter fim entre rochas sombrias e vastidões áridas; e há sobre ele uma cobertura de fumaça, pois não brilhará sobre ele o sol nem as estrelas. Às suas costas, arrastam-se sombras horríveis, encarnações de seus medos mais secretos; e, embora queira correr desse lugar, seus pés cansados estão presos na lama.

Ele permanecerá ali até que um dos companheiros, de quem não foi digno, o livre por compaixão desse lugar, para que se reúna à fraternidade dos homens.

Capítulo 4

O falso sacerdote

A seguir, fui até alguém que tinha sido sacerdote de Anúbis num pequeno templo da Atlântida. Ele era o único sonhador da verdade desse templo, onde a Luz devia ter brilhado. Mas sua vontade embotara, e ele perdera sua memória dos sonhos, pois se tornara um espelho coberto de fuligem que não reflete mais luz. Era muito preguiçoso para se esforçar por readquirir seu poder perdido, embora fosse muito orgulhoso para admitir seu fracasso. Assim, passou a contar coisas que não eram verdadeiras, que eram apenas ondulações de seus pensamentos terrenos. E quando chegou o tempo em que a Profecia de Doom foi ouvida por todos

os sacerdotes verdadeiros, os que foram ao seu templo não a receberam e pereceram com o falso sacerdote sob a água.

Há mais de dois mil anos ele está morando sozinho num templo cujos pátios ecoam seus passos solitários. Aqui há estátuas de deuses que ele não conhece. Ele reza para eles, embora saiba que seus ouvidos estão surdos e seus corações são de pedra, pois não consegue chegar aos outros. Reza pedindo para que tenha restado alguém em sua terra de desolação que possa vir até ele, pois acredita que o mundo todo pereceu por causa de seu pecado.

Freqüentemente pára no portão do Templo, olhando para fora a planície sem-fim. Às vezes, vê uma linda criança correndo em sua direção e pensa que suas preces foram atendidas. Mas, ao tocá-la, é como se suas mãos fossem incandescentes, pois a criança murcha à sua frente, e ele acaba segurando apenas uma figura de madeira carbonizada. Às vezes, vê alguém caminhando em sua direção com um traje de sacerdote; mas quando segura a mão dessa figura para cumprimentá-la, percebe que está segurando apenas ossos esbranquiçados de alguém afogado há muito tempo. Outras vezes, vê sua mãe caminhando em sua direção com infinita compaixão no rosto, mas quando ele a toca, encontra ervas marinhas entre seus dedos. Vê também flores crescendo à distância do solo lamacento, mas quando corre para elas, as flores transformam-se num recife de coral que corta seus pés.

Quando me aproximei, ele parou à minha frente sem ousar estender sua mão, temendo que eu me transformasse em cinzas ao seu toque. Coloquei minhas mãos em seus ombros, e seu rosto foi iluminado pela felicidade. Disse-lhe:

— Sua hora chegou. Você retornará à Terra a fim de exercitar sua memória, e levará cinco vidas para obter a perfeição que já devia ter alcançado. Mas seu grande isolamento terminou. Daqui a cinco meses você renascerá do útero de sua mãe e sentirá o conforto suave dos braços dela. Terá por companheiros três irmãos. Quando estiver com sete anos, um vidente irá à sua casa e dirá que ao completar doze anos você deverá ir para o Templo a fim de ser instruído. E chegará o tempo no qual você trará sabedoria para os que estão na Terra. E expressará seu conhecimento com tais palavras que será conhecido como "o sacerdote da língua de prata".

Capítulo 5

Tesouros na Terra

Depois fui ao lugar onde ficam as pessoas que idolatraram suas posses e as adoraram como deuses sobre a Terra.

Vi um homem que tinha sido dono de um grande vinhedo. O amor pelas plantas pode ser um mensageiro da paz ao coração; mas elas haviam ocupado todos os pensamentos do homem e cerceado seu espírito.

Agora ele está aprisionado em sua casa pelas vinhas quem amou demais. Elas cercaram as paredes, atravessaram as portas abertas e fecharam as janelas. Cobrem o chão, e suas folhas impedem a entrada da luz e até do ar nos cômodos, que são como a água escura e pesada do oceano. Crescendo selvagemente, elas se lançam sobre ele como sanguessugas num matagal. Ele tenta gritar, mas está tão afônico quanto um peixe. Ele pensa que logo seus brotos, envolvendo-o com seus cegos dedos verdes, se enroscarão ao redor dele e o enlaçarão do mesmo modo que seu amor por elas enlaçou seu coração.

Ele não tivera nenhum inimigo na Terra exceto os insetos que assaltavam suas vinhas, e só via o céu como um pano de fundo para embelezar suas folhas. Para ele, a vida era o surgimento dos brotos, e a morte, a queda de seus ramos. Ordenou que, quando morresse, fosse enterrado sob uma grande videira, que crescera além do muro de sua casa, para que seu corpo pudesse torná-la mais forte. Suas vinhas eram seu pai e sua mãe, seus filhos e seus deuses; e ele rezava para que crescessem como nehuma outra crescera na história da Terra.

Quando morreu, os deuses atenderam suas preces.

Vi, então, um homem que enchera sua casa na Terra com os tesouros mais raros.

Ele tinha tido ciúmes do prazer que a beleza deles poderia dar aos outros que os vissem, mas mesmo assim convidava as pessoas para ir à sua casa a fim de que invejassem suas posses. Gostava de ver seus dedos segurando as curvas suaves de suas taças, pois acreditava que elas sofriam por não poderem ter seu vinho tão graciosamente envolvido. Gostava que caminhassem por seus pisos de cedro para que o piso da casa delas parecesse o chão de lama batida de uma cabana de pescador. Gostava que dormissem entre os leo-

pardos dourados de suas camas para que imaginassem as camas deles como um banco de madeira coberto de palha. Ele caminhava pela sua casa e acariciava a madeira preciosa de seus móveis, afagava suas estátuas de marfim como se fossem a cabeça de seu cão de caça favorito. E se seus dedos encontravam um grão de poeira sobre uma mesa, ordenava que seus servos fossem açoitados. Ele não podia ver as estrelas, pois seus olhos estavam repletos da beleza dos afrescos das paredes de sua casa; não podia ver a beleza de uma árvore, pois para ele só era belo o que podia ser possuído.

E fez de sua casa um templo onde reinava sozinho, e de suas propriedades, seu único deus.

Quando morreu, seu espírito não pôde viajar além dos muros de sua casa, e as coisas que haviam preenchido seu coração fizeram dele um escravo. Ele via uma estátua de marfim começando a rachar, e só quando a pegava em suas mãos ela ficava novamente inteira; formigas brancas atacavam seus móveis, e só quando ele os polia com um pano macio eles ficavam perfeitos. Agora ele corria de um lado para outro, entre os cômodos de sua casa, tentando salvar seus objetos da dissolução. Tinha sede, e seus jarros de vinho estavam secos. Tinha fome, e seus pratos de ouro estavam vazios. Queria dormir, mas não ousava descansar, pois pensava que na manhã seguinte todos os seus objetos queridos estariam em pedaços.

Quando fui libertá-lo, ele estava tentando varrer a poeira que se acumulava no chão de sua sala favorita. A poeira girava ao redor dele numa nuvem sufocante, e só onde ele estava o cedro polido brilhava. Quando me aproximei, a poeira se afastou e se desfez como a espuma numa praia, e à minha frente havia um caminho brilhante como a luz da lua no mar. Disse a ele:

— Você construiu um túmulo na Terra, não para seu corpo, mas para seu espírito, que continua vivendo nesse túmulo. Agora chegou o momento de você ficar livre.

Peguei-o pela mão e levei-o para fora da prisão que ele mesmo criara, e mostrei-lhe o lugar da Terra onde ele renasceria, um país cujos penhascos brancos, elevando-se do mar, davam ao lugar o nome de Ilha Branca. Disse-lhe que ali ele encontraria pouca coisa para distraí-lo da realidade ou para fazê-lo lembrar-se do que amara demais antes. Seu coração estava sedento de sabedoria, mas, embora eu percebesse qual era sua sede, ele pensou que essa sede fosse

do corpo. Assim, para apaziguá-lo, dei-lhe um copo terreno com água. Depois de saciar sua sede, ele quebrou o copo, temendo afeiçoar-se muito a ele.

Capítulo 6

Os lamentadores

Então fui ao lugar onde estão aqueles que na Terra não conhecem os verdadeiros deuses, e adoram uma imagem cega de injustiça a quem chamam de Destino. Eles não são guiados por sua própria vontade, mas pelas rédeas da imaginação.

Entre eles encontram-se os que temem a penúria. Embora seus celeiros estejam cheios e seus corpos adormecidos, satisfeitos de alimento, aqui são como esqueletos famintos, e os jarros ao redor deles estão vazios de grãos, e até seus cântaros de água estão rachados ou quebrados.

Estão aqui também aqueles que na Terra tiveram apenas febres ligeiras, contudo sofrem os tormentos de todas as doenças da carne que viram ou de que ouviram falar, e passam suas noites numa agonia criada por eles mesmos.

Há também aqueles que, embora seu país esteja em paz, temem morrer em batalha; e, embora seus corpos adormecidos se encontrem a salvo em suas camas, todas as noites têm a carne trespassada por flechas e o crânio rompido pela clava de seus inimigos.

Nesse mesmo lugar encontram-se aqueles que na Terra têm campos cheios de grãos e vacas gordas cujas mamas estão pesadas de leite. Aqui, no entanto, eles torcem as mãos como se caminhassem pela desolação de campos lamacentos, ou observassem o gado morrendo nos estábulos.

Fui até eles e expliquei-lhes que estavam sendo cruéis consigo mesmos como um escriba que decepa sua mão direita, ou um jardineiro que destrói suas plantas mais preciosas. Disse-lhes também que a partir do medo covarde é que tinham criado as realidades que mais temiam. Por isso, a sábia

compaixão dos deuses mantinha-se afastada deles pelas barreiras que eles mesmos construíram.

Poucos me ouviram, mas falei com um que durante anos, noite após noite, era morto. Na Terra era um soldado da guarnição de Nakish, e estava numa expedição nas florestas do sul. Eu sabia que ao redor de seu campo havia uma emboscada do povo pigmeu. Recomendei-lhe que voltasse à Terra e levasse seus vinte homens por um desfiladeiro estreito, rio abaixo, por onde eles poderiam escapar dessa armadilha próxima. Coloquei minhas mãos em seus ombros e disse:

— Você terá a coragem pela qual rezou, e não visitará mais esta terra sombria, mas será companheiro dos bravos.

O medo desfeito tornou seus olhos calmos, e ele retornou ao seu corpo, saindo de meu campo de visão. Eu sabia que antes de o sol se pôr novamente em Kam o tempo de ele retornar de seu exílio chegaria, e que em sua morte ele descobriria que não iria mais sofrer mil mortes; em vez disso, caminharia com a visão clara e sem medo na Luz.

Depois falei com um homem que temia a dor e as doenças, e disse-lhe para não pensar mais sobre isso, mas para abrigar no pátio de sua casa todos os que encontrasse doentes e aleijados em seu caminho. Socorrendo aqueles que necessitavam, ele obteria a coragem daqueles que mesmo com dores agudas não preenchiam o ar com suas lamentações, mas sorriam com coragem.

Recomendei a um homem rico que temia a penúria que não trancasse mais seus celeiros, mas repartisse sua fartura com os pobres; assim fazendo, ele partilharia da satisfação daqueles a quem alimentaria e aprenderia que é melhor deitar faminto sobre a palha e sentir-se renovado fora da Terra do que viver temendo a fome e sofrê-la durante o sono.

Esses três me ouviram. Contudo, houve muitos que recusaram minhas palavras e não se esforçaram por lutar por sua liberdade. Ficaram entre os seres lamentadores que moram nas prisões construídas por eles mesmos.

Capítulo 7

A casa dos deuses

Vi, então, à minha frente a Grande Construção Esplêndida com Pilares. Brilhava repleta de luz, como se fosse de alabastro translúcido com uma chama viva.

Diante dela estavam dois grandes leões, cuja relação de tamanho e selvageria com um leão terreno era a mesma que deste para um gatinho. Os dois elevavam-se acima de mim como se eu tivesse a altura de um camundongo campestre. Eu sabia que deveria caminhar para eles suave e ritmadamente, sem apressar os passos, pois eles conheceriam meu coração, que deveria estar repleto de paz. Eu precisava estar ereta em minha força e sem temor. Enquanto caminhava na direção deles, deixaram de estar acima de mim e tornaram-se iguais aos leões terrenos. Quando passei por eles, deitaram-se no chão, gentis como os filhotes no pátio de meu pai.

Subi os degraus e passei pelo terraço sustentado por colunas sob a grande verga. Parado à minha frente encontrava-se o Guardião da Porta, que me pediu para lhe dizer o que estava escrito sob a verga. Quando olhei para cima, a verga estava lisa; mas então, escrito em letras de fogo, li: "A Paz, a Verdade e a Sabedoria são uma só, e delas brilha a Luz eterna que não lança nenhuma sombra".

E as portas se abriram para mim. Vi ali muitas coisas estranhas, embora não as achasse estranhas. Vi muitas coisas que meus olhos terrenos não conheciam, embora tivessem uma doce familiaridade. Nesse lugar eu era como uma árvore que conhece tudo o que faz parte de seu crescimento pelos tempos, e não como sou na Terra, isto é, uma folha de um ramo.

Entrei num grande saguão onde havia muitos seres sentados ao redor de uma longa mesa branca como pedra polida, como pérola, como marfim, mas que não era nada disso. Ela emitia um luz frágil. Quem a observar pode olhar seu tampo e ver qualquer parte da Terra como se ela estivesse refletida num espelho.

Esses grandes seres estão além da forma como a conhecemos, embora eu os tenha visto com a imagem de homens. Em seus rostos percebem-se a sabedoria da velhice e a glória da juventude. Eles não são homens nem mulheres, mas têm

o conhecimento, a beleza, a força e a compreensão dos dois num só.

Aqui tudo é luz, que é uma substância viva.

Capítulo 8

Local dos registros

Fui então ao Local dos Registros, para onde os Guardiães das Grandes Balanças de Tahuti levam os seres humanos que não conseguem olhar o passado por si mesmos; nesse lugar, os Guardiães mostram às pessoas as coisas que estão refletidas no futuro delas, para que saibam na Terra, pelo livre-arbítrio, o que devem fazer para equilibrar a Balança.

É como um grande saguão de audiência e as paredes são de uma brancura lisa, embora os que vêm aqui as vejam como se fosse um lugar de registros terrenos, na forma em que essas coisas aparecem em seus países.

Alguns as vêem como um depósito de placas de argila. Para outros os registros estão gravados em lâminas de ouro, ou escritos em cores brilhantes sobre um pergaminho. Outros ainda os vêem semelhantes a rolos de papiro ou afrescos na parede de um templo.

Seja qual for a forma em que os vejam, há entre os registros um no qual vêem seu verdadeiro nome, e o qual ninguém mais pode ler. Ao segurá-lo, vêem o que devem saber para acelerar a longa jornada; é como uma visão numa bacia ou como a memória dos sonhos, contudo mais clara.

Vi um homem idoso do Povo do Dragão. Ele tinha nas mãos uma placa de jade branco, e viu nela a si mesmo em sua vida mais recente, como filho de um jardineiro, trabalhando no trato das peônias de seu patrão. Mas ele ficava triste quando suas pétalas caíam, e gostava de captar sua beleza na seda. Seu patrão sabia disso e levou o rapaz para casa a fim de aprender as artes de escriba. Esse rapaz é agora um homem rico, e sua casa contém coisas de grande beleza terrena, de jade e marfim, calcedônia e bronze e de

frágeis porcelanas lisas como óleo. O homem que foi seu patrão e amigo é hoje pobre e trabalha em campos de arroz. De manhã, o homem que leu a lâmina o encontrará quando forem ao Templo; os dois falarão, um com o outro, a respeito das delicadas filosofias de seu povo; irão para casa juntos e esquecerão que um usa um traje bordado e o outro uma capa de algodão azul. E a amizade deles será renovada.

Vi depois uma mulher estéril. Ela observava como seu filho morrera aos seis anos de idade. De manhã, quando estiver passeando em sua liteira pelas ruas, verá um menininho brincando na terra; embora não vá se lembrar dele, perceberá que em seu coração há amor pela criança. Ela parará sua liteira e pegará a criança em seus braços. Quando descobrir que seus pais morreram e que o menino vive com seu tio-avô, um ourives que trabalha com prata e que cuida dele com má vontade, dará ao velho um saco de ouro e levará a criança para sua casa. E os dois serão felizes juntos, pois seu filho morto há dois anos terá retornado para viver em sua casa.

A seguir, encontrei um menino que, em sua última vida, havia sido torturado para trair um amigo. Seu corpo triunfou sobre sua vontade, e ele pronunciou palavras contra seu coração. Isso ensombreou seus dias, pois ele se sentiu um covarde. Agora é filho de um pastor de cabras de Minoas, e está feliz com sua vida tranqüila, suave como os pastos por onde caminha. Entretanto, ele irá para o Pátio dos Touros Sagrados e lá aprenderá a temperar seu próprio corpo com a vontade de seu espírito, para que o corpo lhe obedeça sem medo, até a Coragem marcar sua testa como filho dela.

Capítulo 9

O palácio do Tempo

Fui ao lugar de onde o Tempo na Terra é governado.

Aqui, pelo comando da vontade do mestre das estações, os trovões deslizam suas correias de fogo e as tempestades correm pelo céu, fazendo curvar as grandes florestas

como um campo de grama, alertando a humanidade para o mangual na mão de Wadon.

Aqui estão os ventos que gritam para o mar fazendo-o abandonar sua calma, e rugem como o pico das montanhas erguendo-se para os céus tempestuosos que escondem o rosto de Ra do homem mortal.

Aqui está a paz dos ventos modorrentos de verão que enrugam os imensos mares de grãos maduros, e o frescor da brisa noturna que anuncia o surgimento da lua no verão.

Aqui estão os oceanos transmutados em chuva, que derramam sua vida prateada por toda a Terra, a fonte da primavera, das cascatas e dos riachos, o mensageiro das flores e da grama para as terras desertas.

Aqui estão as asas das nuvens obstinadas, que cobrem a Terra com a chuva melancólica, e névoas matinais que se abrigam da luz do sol como um pálio denso de vinhas ao meio-dia.

Aqui está a panóplia cristalina da neve que envolve as imperfeições da Terra com sua brancura, enquanto todas as cores dormem, embora saltem para a vida quando desafiadas pelo sol.

Aqui está essa pequena morte de frio rasteiro que acalma o coração palpitante da Terra num imenso sarcófago de gelo: de onde finalmente se elevará renascida, quando Ra incidir sobre suas pálpebras cerradas.

Capítulo 10

O palácio das Melodias

Fui então ao lugar onde estão todas as melodias.

Aqui, entre a essência de doces sons, o prazer de ouvir é intensificado, e posso sentir essas harmonias esplêndidas, como a água conhece a urgência do rio pelas montanhas espumantes de mares tumultuosos e compartilha a neblina das cachoeiras e a calma tranqüilidade dos lagos sob a lua.

Na Terra há apenas um eco desse som. Mas, aqui, as

vozes indiferentes das estrelas cruzam claramente as lacunas da noite, cantando com o brilho frio das imensidões; as canções de triunfo, fulgurantes como o sol, lançam-se na competição do fogo exultante; e as canções que as mães cantam para adormecer seus filhos são doces como as sombras do crepúsculo perfumado. A melodia do coração de todos os amantes, que em todos os tempos desejaram unir seu amor com cordões prateados para se lançar no êxtase, está aqui em todos os seus prazeres múltiplos. E as lágrimas lentas de pesar são destiladas, até a tristeza do mundo ser apanhada numa visão reluzente de uma chuva de verão.

Aqui estão as vastas galáxias de som, que tecem juntas intrincados desenhos, em turquesa, violeta, azul e rosa, açafrão, vermelho, ametista e verde, formando um tecido de canções celestiais. Aqui está a fonte de onde todas as músicas fluem. Mas só as gotas prateadas dispersas chegam à Terra; como notas suaves das cordas da harpa ou do alaúde, ou o som emitido pela garganta do pássaro noturno que incita o perfume das flores sonolentas.

Há músicos que vêm aqui durante o sono e rezam para guardar o que ouviram na memória quando seus corpos acordarem. Então eles lastimam os sons sombrios que os instrumentos dos homens emitem: pois tentar imitar com mil flautas a música viva em sua magnificência seria o mesmo que um pescador lançar sua rede para apanhar o brilho dourado do Sol.

Músico, se você for sábio, não venha aqui! Ou poderá ser tentado a bradar para Ptah: "Quando voltar à Terra quero ficar surdo, para que no silêncio do revestimento de meu corpo possa voltar a ouvir minhas memórias".

Capítulo 11

O palácio dos Aromas

Fui para onde os aromas descobrem todas as suas harmonias.

Aqui está o perfume vermelho da rosa; da calma sono-

lenta dos campos de feijão ao crepúsculo; da morte suave do outono em bosques densos, e o aroma limpo da terra arada após a chuva.

A fumaça da madeira vinda da fogueira onde se prepara a comida; o cheiro agradável do pão sendo assado; o odor da grama recém-cortada; a doçura embriagadora das flores da noite.

A excitação do trevo ao zumbido das abelhas; a paz sonolenta das avenidas de limas; a austeridade das flores alpinas. O amarelo tépido das primaveras; o odor da água correndo sobre pedras; a tristeza solitária do rio nublado; o cheiro suave do linho branco e da neve.

A sabedoria poeirenta dos rolos de papiro; o calor picante do cedro e da mirra; o cheiro quente e impaciente do óleo de nardo; e o prateado embaçado dos sonhos meio lembrados.

A energia clara dos limoeiros; o êxtase dos amantes nas laranjeiras; o odor melancólico das noites de inverno; e a cor azul-celeste dos jacintos ecoando a primavera.

O desafio picante dos jatos de vento; a mensagem urgente do mar; as memórias suaves das flores variadas; o abandono calmo dos campos ao meio-dia.

A mariposa púrpura das uvas recém-colhidas; a excitação do galope de um cavalo; e o esplendor orgulhoso da juba dos leões.

A sutileza acre de uma espada de cobre; o bravo odor dos archotes ao vento; a pompa almiscarada dos trajes cerimoniais; e a solenidade do betume.

Aqui as narinas podem dar tanto prazer ao coração que esquecemos as cores e somos insensíveis ao som.

Capítulo 12

Onde as preces são atendidas

Fui então ao lugar onde as preces verdadeiras são atendidas, embora ainda não tenha chegado o tempo de serem cumpridas na Terra.

É aqui que aqueles que estão vivendo numa terra de fome comem até não terem mais fome; e o sedento sacia sua sede em riachos frescos.

Aqui os braços das mulheres que choram por não serem férteis não estão mais vazios, pois servem de travesseiro para a cabeça das crianças; e crianças solitárias são acariciadas e sabem que estão sendo amadas.

Aqui os cegos vêem através das cortinas escuras de suas pálpebras; e os surdos ouvem doces músicas e a voz de seus amigos.

Aqui os aleijados sentem a glória de correr depressa; e os mudos encontram palavras suaves em suas línguas.

Aqui as crianças encontram perfeitos seus brinquedos quebrados, e os animais de estimação perdidos retornam para elas.

Aqui os moradores dos desertos plantam jardins onde, à noite, as flores brotam do chão, e eles repousam à sombra das árvores que plantaram; e os que a noite surpreende na floresta encontram um acampamento de amigos.

Aqui os que dormiram num barco sobre um rio tempestuoso são embalados pelas ondas suaves dos mares plácidos; e os navios ficam calmos sobre o oceano selvagem, abrindo caminho pelas águas com o vento que os guia.

Aqui os escultores pobres vêem suas estátuas reluzindo diante deles, aperfeiçoadas por seus cinzéis grosseiros; e os músicos sentem as cordas da harpa ondulando sob seus dedos como um campo de milho ao Vento do Norte.

Aqui os sofrimentos transformam-se em paz, os medos, em tranqüilidade; os amantes descobrem que a morte e as distâncias da Terra não podem criar barreiras entre eles, pois aqui eles estão juntos, para alegria de seus corações.

Capítulo 13

Os mestres

Fui então para o setor dos mestres. Aqui eles falam com os seres que são crianças de espírito e que, embora es-

tejam na Terra, não sabem por que estão lá, ou qual é a meta de suas jornadas.

Vi uma praia beirando um mar azul-escuro, e palmeiras de um tipo diferente das nossas com frutos grandes e arredondados no meio das folhas. As pessoas desse lugar têm pele bronzeada e bonita. O cabelo das mulheres cai ao redor delas como um manto, e elas se enfeitam com flores. Um ser, com a forma semelhante à delas e conhecido como conselheiro, está lhes falando sob uma árvore alta, que cresce ao lado da água calma, como um recife. Peixes vermelhos, violeta, verdes e dourados nadam na limpidez do mar colorido como pássaros voando no céu azul do verão. E o homem lhes fala das belezas futuras que encontrarão quando, na grande canoa conduzida pelos remos de suas muitas vidas, ultrapassarão os limites do mar e se enfeitarão com coroas triunfantes de flores que crescem além deste mundo, e cujos reflexos tingem as nuvens do crespúsculo.

Depois fui a outra ilha do ocidente, onde uma grande montanha coberta de neve busca as nuvens, que seu povo imagina ser a morada dos deuses. Há aqui muitas árvores florindo, algumas com flores brancas como a neve. O mestre aqui é semelhante a um homem idoso, mas com uma fisionomia bem serena. Seu rosto é da cor do marfim escuro, e ele usa uma roupa de seda alaranjada com bordados de flores verdes e fios prateados. Ele diz àqueles que estão sentados ao seu redor, à sombra das árvores floridas, para não pensarem no esplendor do Templo, embora o teto seja de ouro e o dragão celeste tenha dentes de prata; recomenda-lhes ouvir apenas as palavras verdadeiras, pois é melhor comer arroz numa tigela de madeira do que beber veneno num copo de jade.

Fui à outra parte da Terra. Há aqui uma poderosa cascata cujo ritmo da queda ecoa por um desfiladeiro, onde rochas flamejantes, da cor do alvorecer, elevam-se para conversar com o céu. As árvores possuem o odor da goma preciosa e da madeira doce ao ser queimada, e seus troncos mantêm espaços entre si, como colunas. Os rostos das pessoas daqui se parecem com os nossos, mas os lábios são mais finos e escuros, e a pele, da cor de cobre. Elas vivem em cavernas, e usam lanças para pescar, e cozinham seus peixes e outros alimentos em fogo aberto; contudo, ao caminharem têm o porte orgulhoso herdado dos reis. Seus guerreiros usam uma pena vermelha no cabelo, que tem um significado

diferente do de Kam, pois aqui ela significa: "aquele que não se curva ao medo". Se um guerreiro fracassar numa tarefa, deve enfrentar a cachoeira em seu frágil barco de casca de árvore; se conseguir passar pelas rochas espumantes, é novamente bem recebido por seu povo. Mas, se as águas o reivindicam para si, então ele está livre para se reunir aos caçadores corajosos na terra dos espíritos.

Aqui a coragem terrena é temperada com o fio mais agudo; se ela for obtida escalando um rochedo íngreme ou num simples combate contra outro bravo pertencente a uma tribo guerreira, isso não importa. Com essa obtenção do controle do corpo o poder da vontade é bastante ampliado. O mestre usa uma pena amarela que para eles simboliza a sapedoria obtida além da Terra. Embora não tenham sacerdócio como o nosso, há entre eles alguns que chamaríamos de sacerdotes de Anúbis; pois trazem sabedoria para a tribo por meio de sonhos. Cada vez que eles trazem orientação pela memória para seu povo, podem usar mais uma pena; assim os chefes mais velhos, mais sábios e de maior conhecimento, vestem-se de penas desde a cabeça até perto do chão.

Conheço esse povo, pois vivi com eles, embora há muito tempo atrás, no oceano do tempo.

Fui depois para a Ilha Branca, onde o povo tem muita sabedoria. Há muitos aqui que obedecem, pois eles têm mestres na Terra pertencentes ao povo de um lugar chamado A-vey-baru, onde os sacerdotes são instruídos nos caminhos de Anúbis.

O templo é circundado por uma grande vala, e os muros são feitos de blocos de pedras, sem talhos, encaixadas umas nas outras por madeira e argila, e cobertas de gesso branco. As pessoas olham para esse lugar com tanta reverência que quando dormem vão até lá a fim de aprender tudo o que é bom.

Aqui as mudanças de estação do ano são marcadas por uma divisão distinta, diferente da nossa. Aquele momento era o tempo em que a Terra dorme; e as grandes florestas que encobrem os montes ondulados têm folhas que, antes de deixarem os ramos nus, são como um escudo de bronze, iluminado pelo fogo; os caminhos da mata estão repletos pelo farfalhar dourado, que procura guardar a terra do vento cáustico.

Enquanto observava, vi uma mudança de estação, e árvores invernais traçando contornos no céu mais complexos do que qualquer desenho de escriba; e sobre elas sobreveio

uma névoa verdejante, cruzando os vales e envolvendo os ramos como fogo verde, até as árvores desabrocharem suas novas folhas e o verão trazer sua cobertura de sombras.

Esse povo pouco conhece da arte dos homens, embora tenha noção da beleza através de seus olhos, e em vez de harpas e flautas tem passarinhos cantores que flutuam no ar como se descansassem sobre o jato primaveril de suas canções celestiais.

Para cá vêm muitos que encontraram seus caminhos limitados pelas complexidades da vida, pois não há nada aqui para perturbar seus pensamentos: não há templos esculpidos, efígies de deuses, dançarinas, vinhos, nem festejos palacianos; pelo contrário, há grande simplicidade onde, no silêncio dos bosques, eles podem se aproximar de seus deuses entre as árvores, vê-los por entre os galhos, mais claramente do que nas maiores esculturas artísticas.

Aqui não há divisões de classes e riquezas, cada homem é julgado pelo que sabe. E os jovens que nada sabem por si mesmos seguem a orientação de seus sacerdotes, como crianças felizes seguindo aqueles a quem amam.

Capítulo 14

O Reino da Paz

Fui ver a seguir os moradores do Reino da Paz, que estão colhendo a alegria que semearam na Terra.

Aqui estão as pessoas de todos os tempos e de todas as nações que tiveram seus corações comparados na Balança com a Pluma da Verdade e saíram livres pelos portões abertos de Tahuti.

Aqui, à luz de sua beatitude, eles conhecem a felicidade pela qual almejaram, até o desejo supremo preencher seus corações: viajar pelas estrelas.

Aqui eles revivem seus momentos de grande alegria, sem as sombras das asas velozes do futuro, desanuviados das tristezas do passado, revestidos à imagem de seus dias gloriosos.

Aqui estão aqueles cujo último nascimento na Terra foi há dez mil anos, antes de a Atlântida submergir, e outros que estão descansando em sua paz florida antes de irem novamente levantar a espada.

Aqui a beleza dos pensamentos de um pintor está livre dos limites da madeira e das tintas. Aqui são forrados de ouro e de jade os templos que, em épocas remotas, o Povo do Dragão desejou construir.

Aqui navegam os navios pelos mares bravios, que os ventos propícios ancoraram nas Ilhas do Ocidente, as quais os marinheiros mortos há muito tempo tentaram descobrir: eles sonharam com seu ar carregado de temperos, mas não conheceram essa beleza que não pôde viver na Terra.

Aqui os nadadores podem descobrir os segredos do mar, compartilhar com os peixes as profundezas translúcidas, buscando a beleza dos bosques de coral.

Aqui está um homem que desejou ser um pássaro e descansar ao vento com suas asas abertas. Aqui ele compartilha a rapidez do cisne voador e coroa o alvorecer com um vôo de águia.

Aqui vi pessoas que não conheci na Terra, mesmo já tendo vivido em seus reinos distantes e tido um corpo semelhante ao delas. Já vivi tanto na velha Atlântida como no reino mais antigo, e reconheci os dois aqui, como se tivesse retornado de um sono.

Capítulo 15

Ishtak

Então, estando sozinha, lutei contra Ishtak, que por cinco mil anos conduziu seus seguidores no séquito de Set.

Uma vez nós dois fomos irmãos. Mas quando nos encontramos na Terra pela última vez, ele era um sacerdote poderoso de uma província ao sul da Atlântida. Ele se lembrou de nossa velha amizade, e disse que, se eu quisesse me juntar a ele, me daria um vasto domínio; mas eu sabia que seu poder não era dirigido pela Luz, e sim contra ela;

e não prestei atenção às suas palavras. Reuni-me a um bando de soldados nômades que, pelo poder de suas espadas, protegiam as pessoas a quem encontravam em suas jornadas da opressão dos sacerdotes. Então, enquanto meu corpo ainda era jovem, foi morto em batalha, e embora meus ossos tenham descorado onde meu corpo caiu, morri em liberdade.

Quando Ishtak tentou me congregar às suas hostes, eu disse-lhe que chegaria o tempo em que eu também seria poderosa, e então o desafiaria num combate, e pela minha força o faria retornar à Luz.

Agora, chegara o momento de cumprir minha promessa; se a força dele suplantasse a minha, então meu corpo morreria; mas, se eu triunfasse, ele conduziria suas hostes para longe da Sombra.

Usamos a imagem de nosso último encontro na Terra. Ele era forte em estatura, seu rosto orgulhoso e inflexível igual a uma estátua de granito e a pele sombreada, como a de uma uva; usava um traje de púrpura bordado de preto com símbolos carmesim. Eu era um jovem do povo vermelho, e vestia um saiote escarlate com o filete dourado de um capitão.

Lutamos apenas com nossa vontade e não com espadas. Paramos sozinhos no alto de uma montanha, numa ilha de um mar nevoento da inexistência. Atrás dele estavam alinhados seus milhares de seguidores para observar o mestre lutar por eles; entretanto, eu os via como uma carregada nuvem escura. Às minhas costas, nas profundezas vazias do espaço, brilhava um raio de luz escarlate.

Senti que estava sozinha no universo, lutando contra esse poder negro estupendo. Impeli minha vontade como varetas de luz, contudo seus olhos continuaram fixos, sem vacilar. O passado e o futuro estavam perdidos para mim. Só restava o eterno presente da nossa disputa. Pensei que minha última resistência havia sido alcançada. Não conhecia nenhum deus, nenhum poder. Estava só. Contudo, minha vontade recusava-se a se inclinar diante dele... Enviei novamente meus raios de fogo fundido para encontrar o desafio branco e quente de seus olhos...

A púrpura vívida que brilhou de Ishtak vacilou e tornou-se insípida, e a massa de nuvens atrás dele foi trespassada pelos raios de luz. Num último empenho de minha vontade, ele vacilou e caiu indefeso aos meus pés.

Então o vi como um menino, como quando éramos irmãos. Parecia que estava morrendo e que eu o tinha matado,

mas eu sabia que ele estava apenas retornando à Terra. Lá aprenderia a ser humilde; e quando em sua chama branca e pura seu orgulho fosse temperado, então estaria mais esplêndido na Luz.

Antes de se desvanecer diante de meus olhos, ele deu uma última ordem a seus seguidores: retornar e prosseguir nos caminhos que os Chefes Supremos da Terra decretaram para eles. As nuvens se dissolveram e vi à minha frente uma vasta planície e passando por ela o grande exército de Ishtak, marchando para o exílio.

Capítulo 16

As sete grandes provas

Passei então pelas sete grandes provas.

Eu não podia mais olhar através dos mares do tempo, sábio no armazenamento de minha longa jornada. Nesse teste da minha vontade estava restringida ao presente, cerceada pelas limitações da Terra e envolvida em seus medos.

À minha frente vi um vasto pântano de lama, que obstruía os olhos, as narinas e as bocas abertas dos mortos que há muito tempo ela sufocara. De sua superfície escura saíam braços de esqueletos, com os dedos em garra fixados no momento de desespero, e bolhas fetais rompiam sua negra expansão, a respiração morta daqueles a quem ela tinha engolfado. Sobre o pântano havia tufos de juncos mirrados; e quando andei sobre eles afundaram, tragados pelo limo. Fiz então com que meus passos fossem leves, e antes que um tufo afundasse eu já havia alcançado outro. A lama parecia se estender diante de mim além da minha visão, e por um tempo infinito fiquei labutando. Senti, afinal, o solo firme sob meus pés e soube que havia vencido a primeira prova.

A seguir, vi à minha frente, na encosta de uma montanha, uma caverna. Dentro dela, uma passagem íngreme conduzia para uma escuridão penetrante, onde morcegos voavam ao meu redor com suas asas de açoite. Iluminado pela frágil

fosforescência que vinha dos corpos cujas carnes apodrecidas conspurcavam o ar com seu pesado mau cheiro, o poço inclinava-se cada vez mais para baixo. Começou a se estreitar até eu ter de engatinhar e depois me arrastar com o rosto no chão, podendo me mover apenas com dificuldade, apalpando os dedos nas rochas. Segui em frente numa escuridão próxima a um túmulo, e pensei que ficaria eternamente presa na mortalha esmagadora de uma imensa montanha cuja terra se fendera. Aqui, o tempo parou, parecendo eterno. Descobri meu caminho impedido por uma rocha sólida, mas com minha vontade orientei minhas desesperadas mãos para cavarem um caminho com as unhas. Quando meus dedos já estavam no toco, a rocha finalmente cedeu. Então me arrastei para a liberdade do ar puro. Havia vencido a segunda prova.

Vi à minha frente uma planície de fogo; o ar estava escuro pela fumaça de carne queimada. Pelos pilares brilhantes de chamas famintas vi corpos que ainda se contorciam de dor; quando pensei na dor que estavam sentindo, pareceu-me que minha pele rachava sob o calor e colocava à mostra os ossos negros sob minha carne empolada. Mesmo assim, entrei nesse tumulto de chamas devoradoras: e elas se apartaram diante de mim e baixaram como o capim em fogo quando chega ao rio. Afinal, senti o sopro de um vento frio, e a voz do fogo não se ouvia mais. Eu havia vencido a terceira provação.

Parei na margem de um rio bem largo, e sabia que tinha de atravessá-lo. Mas, quando olhei para as águas, vi que estavam cheias de crocodilos. Tremi de horror, pois me lembrei de que uma vez havia visto um crocodilo apanhar um homem e esmagá-lo como uma vareta em sua boca. Eles flutuavam como toras ao longo da margem do rio e me observavam com seus olhos de pálpebras pesadas; de repente, a água ficou tranqüila, mas pelas ondulações percebi que os crocodilos nadavam na minha direção como os peixes famintos por farelo de milho nos tanques. Pela minha vontade, fiz com que ficassem imóveis, flutuando um ao lado do outro formando como que uma jangada. E cruzei o rio sobre suas costas rígidas. Entretanto, apenas os que estavam à minha frente continuavam imóveis; os de trás batiam suas caudas, raivosos, espirrando água, numa perseguição feroz. Senti o horror da respiração deles e alcancei a salvo a outra margem. Soube que havia vencido a quarta prova.

À minha frente surgiu uma estrada estreita, ladeada

por arqueiros. Entre eles, crivadas de flechas, estavam caídas as pessoas que eles haviam matado, e outras que se contorciam em agonia, deixando a estrada vermelha de sangue. Enquanto eu caminhava entre elas, soube que, se uma única flecha me trespassasse, eu fracassaria, e meu corpo terreno morreria. Minha única armadura era não demonstrar nenhum medo, e seguir adiante sem apressar os passos, com o sopro das flechas quentes passando em meu rosto, zumbindo como abelhas raivosas ao meu redor. Caminhei lentamente por esse caminho da morte, até perceber que, afinal, o ar estava calmo, e eu me encontrava sozinha numa planície gramada. Eu havia vencido a quinta prova.

Vi então à minha frente um penhasco enorme elevando-se inflexível acima de mim até as nuvens, cinzento como as cavernas onde a luz não brilha. A seus pés, pedaços de corpos mutilados caídos das alturas, com as peles rasgadas pelos ossos estilhaçados. Soube que precisava escalar esse precipício que se erguia como um muro escorregadio. Entretanto, ao observar melhor, percebi que havia fendas sobre a superfície lisa nas quais poderia me segurar com os dedos. Meu corpo parecia mais pesado que pedra, à medida que me forçava a subir. Às vezes, a rocha cedia sob minha mão e eu ficava pendurada por um dedo. Meus músculos estavam esticados em cordas agudas de dor, contudo, pouco a pouco eu ia subindo, até que a pele ferida de meus braços e os dedos descarnados drenaram minha força. Quando senti que a tensão do abismo abaixo ia escravizar minha vontade, com um último esforço desesperado alcancei o topo daquela barreira e me ergui, celebrando esse ancoradouro abençoado. Então vi que meu corpo estava intato. Eu havia vencido a sexta prova.

À minha frente, estava agora a última prova, que, para mim, era maior do que todas as outras pelas quais passara. Ela abarcava a essência de todos os meus medos. Vi uma grande cova e, ilhada num mar sussurrante de serpentes, uma enorme cobra empinada sobre suas espirais. A víbora contorceu-se e deslizou pelo chão, ondulando um desenho infinito de morte maligna. Entretanto, eu deveria passar pelo seu serpentear encadeado e esmagar sua cabeça em minhas mãos. Seus olhos luziam, escarlates, e sua imensa pele brilhava com aquela armadura de escamas. Fiquei parada por um tempo que me pareceu infinito com o horror nu nos olhos. Então desci para a cova sibilante, e as víboras abriram caminho entre mim e as ondulações malévolas. Agarrei a cobra pela parte

abaixo de sua cabeça oscilante e a afastei de mim quando ela tentou me atacar. Dez mil vezes mais dez mil vezes pensei que havia atingido o refúgio final de minha vontade desesperada. Parecia que o tempo era sem fim e a Terra esfriava, até que sob o último ataque violento de minha vontade a enorme serpente deslizou para baixo sobre seus caracóis. E eu estava com seu corpo morto na cova vazia.

Capítulo 17

O Ser Alado

O ar estava vivo de música, e eu não me encontrava mais naquela terra fria e cinzenta. Banhado por um grande raio de luz amarela vi Ney-sey-ra à minha frente, e em sua voz havia uma melodia de felicidade quando me disse:

— Agora você se reuniu aos Seres Alados. Está livre para ir e vir à vontade, para caminhar pelas Cavernas do Submundo, para iluminar as pessoas e tirá-las das sombras do medo. Você ouviu a melodia do reino da música e viu a beleza em sua casa de luz. Você recordará todas essas coisas na Terra, para que o coração de seu povo se alegre e o coração dos pecadores conheça o medo a fim de que reexaminem seus passos e encontrem o caminho que os levará à liberdade das estrelas.

"Expanda suas asas e deslize suavemente de volta à Terra, como uma pomba branca que retorna ao lar levando a mensagem dos Seres Alados."

Então retornei ao meu corpo, que por quatro dias e quatro noites ficara deitado no sarcófago de pedra calcária no Local de Iniciação. Minhas pálpebras estavam pesadas sobre meus olhos, e meu corpo movia-se lento ao obedecer à minha vontade, como se estivesse exausto após uma longa febre. Vi então que não me encontrava mais na escuridão, pois Thoth-terra-das esperava ao meu lado para registrar minhas palavras, e a luz de uma pequena lamparina a óleo desafiava as sombras. A memória de tudo o que eu havia passado correu sobre mim como as ondas de um rio, e eu rezei a Ptah

para que ela fosse como claras gotas prateadas em palavras rítmicas.

Contei a Thoth-terra-das a beleza além da imaginação terrena, as melodias que a Terra não pode ouvir, as cores que ofuscam o brilho do crepúsculo, a quietude que envolve o coração tranqüilo da paz. Falei-lhe do medo que não anda pelo caminho da Terra, do sofrimento que está além da resistência do corpo e das lágrimas que os olhos mortais não podem chorar.

Quando acabei de lhe contar as memórias, ouvi passos vindo até mim pelo poço, e vi Ney-sey-ra, revestido em sua forma terrena.

Quando vi a felicidade em seu rosto, soube que era digna de ser sua pupila.

Em vez de permitir que eu me movesse, ele me fez descansar, e deu-me um líquido de ervas e vinho para beber. Um médico veio me preencher com nova vida, para que meu cansaço ficasse mais leve.

Depois, Ney-sey-ra levou-me pela mão, como levara outros para o Local de Repouso, e vi pelo poço uma parede dourada que era a luz do sol no reino de Kam. Havia uma grande multidão me esperando, com trajes de festa, enfeitada com flores, e a passarela de pedra que levava ao lago havia sido decorada com mastros triunfais, ostentando flâmulas escarlates, amarelas e verdes.

Segurei o remo piloto do Barco do Tempo e conduzi uma grande frota de barcos pelo lago, como um guerreiro retornando da vitória. A água ao nosso redor estava coalhada de flores brilhantes, e o ar rejubilava com as vozes de meu povo que cantava o triunfo de um Ser Alado:

"Nós exultamos,
Pois caminhamos numa noite escura,
E agora nossa pele está iluminada pelas estrelas.

Nós exultamos,
Pois caminhamos pela terra estéril de névoa cinzenta,
E agora Ra está surgindo em toda a sua glória.

Nós exultamos,
Pois nossas bocas foram tapadas nas cavernas mudas,
E agora estamos cantando em altos brados.

Nós exultamos,
Pois caminhamos com medo da fome,
E agora o pão está assando em nossos fornos
E nossas jarras de vinho transbordam.

Nós exultamos,
Pois caminhamos sobre pedras entre espinhos,
E agora o Portador de Sandálias veio a nós
E levou-nos para pastos tranqüilos.

Nós exultamos,
Pois fomos crianças chorando nas sombras,
E agora somos acariciados
E nosso anoitecer foi iluminado por uma chama.

Nós exultamos,
Pois estivemos na escuridão do solo,
E agora somos como as árvores,
Ouvimos a mensagem da pomba
Que faz seu ninho em nossos ramos.

Nós exultamos,
Pois tivemos sede,
E agora bebemos do rio da vida.

Nós exultamos,
Pois estivemos sozinhos,
E agora somos irmãos de alguém que nos ama.

Nós exultamos,
Pois tivemos medo,
E agora somos fortes ao abrigo de uma espada.

Nós exultamos,
Pois estivemos perdidos em caminhos sem rumo,
E agora seguimos um Ser Alado para a liberdade."

Parte V

Capítulo 1

Casamento de Faraós

Só depois da minha iniciação percebi que por muitos anos pensara nela como um grande abismo em meu caminho. Agora que a transpusera numa passarela construída por mim mesma, calçada com as Sandálias Douradas, podia prosseguir minha jornada sem temer as montanhas à minha frente.

Meu casamento com Neyah foi marcado para o décimo quinto dia após minha iniciação e na véspera retornei para o palácio. Nessa noite, conversei longamente com Neyah, e nossos corações estavam alegres, porque seríamos Faraós juntos. Às vezes, eu desejava ser como as outras mulheres, para quem um marido é alguém mais próximo do que um irmão e pai de seus filhos. Perguntei a Neyah se ele não preferia ter uma rainha que fosse uma esposa verdadeira e não sua irmã. Ele me respondeu:

— Não há ninguém com quem eu partilhasse o governo, exceto você. Por anos esperei pelo dia em que você se reuniria a mim no trono e pudéssemos estar novamente juntos como quando éramos crianças. Governar é algo solitário, Sekeeta. Tenho companheiros de caça, guerreiros para conduzir, conselheiros e vizires. Contudo, para todos eles, mesmo quando estamos juntos, eu sou o Faraó. Só entre mim e você não há nenhuma barreira.

Entretanto, eu queria saber se não havia alguma mulher que ele amasse tanto com o corpo como com seu coração. Perguntei isso a ele, que me respondeu:

— Você não foi à ala das mulheres onde estão minhas concubinas? Tenho quatro. E tenho também duas filhas e um filho. Mas, embora goste das minhas esposas, não colo-

caria nenhuma delas no trono. Um Faraó deve governar com alguém que seja seu igual. Embora Sesket, a mãe de meu filho, seja gentil e muito bonita, não confiaria em seu julgamento nem para o modelo de minhas sandálias. Mas a você, minha irmã, posso confiar o governo de meu país.

Lembrei-me de que tinha visto Sesket no Festival de Hórus. Eu sabia que ela vivia no palácio, mas não tinha percebido que era mulher de Neyah. De repente, fiquei ressentida ao pensar que o filho de outra mulher governaria depois de mim, e disse:

— Neyah, você tem filhos com outras mulheres. O que acontecerá se eu tiver um filho com outro homem?

Neyah franziu as sobrancelhas como costumava fazer quando fingia não estar me compreendendo.

— Você é a Esposa Real; portanto, se tiver um filho ele será o primeiro herdeiro, pois será considerado meu também, pela intervenção dos deuses. Mas, Sekeeta, se você for inteligente, não permitirá que nenhum homem a leve para a cama; pois é natural nas mulheres querer que seu amado seja dominador, e uma Faraó não pode aceitar ninguém como mestre, exceto os deuses. Além disso, você descobrirá que, quando uma mulher está grávida, fica tão ligada à sua barriga que sua sabedoria torna-se amortecida.

Quando eu quis protestar, Neyah continuou:

— Você se exercitou dez anos para governar. Seria tolice permitir que sua sabedoria se obscurecesse, fazendo as mesmas coisas que suprem a vida das mulheres cujo horizonte é apenas um jarro de bálsamo, e que não resolvem nada a não ser onde vão dormir, e mesmo isso elas esperam perder ao serem conquistadas. Sekeeta, é melhor segurar o Mangual do que colocar fraldas numa criança chorona; e sentar-se no trono sob a Balança de Tahuti do que deitar-se numa cama embaixo de um homem.

— Falar é fácil. Você é Faraó e pode ter cem mulheres, e no entanto reluta em que eu tenha um...

— Não tenho cem mulheres. Tenho apenas quatro. E duas são esposas apenas no nome: uma tem onze anos e a outra, nove. Elas são filhas de dois dos meus vizires, e nunca as vejo a não ser para lhes dar brinquedos e saber se estão felizes em minha casa.

— Talvez eu ouça seus conselhos, Neyah, mas é possível que me deixe guiar pelas mesmas leis que você cultiva. Pois mesmo tendo a mim como sua esposa pela cerimônia, continuará com outras realidades terrenas. Talvez eu não

compartilhe com você apenas o trono. É possível que compartilhe seus privilégios também.

— Acho bom você usar a memória que exercitou por tanto tempo e tentar descobrir algum registro de seu passado que lhe mostre a tolice dessa idéia melhor do que o fariam meus argumentos.

Pedi-lhe então que se retirasse, pois queria dormir bastante naquela noite. As cerimônias da manhã seguinte seriam bastante cansativas.

Antes de ele ir embora, colocou as mãos em meus ombros e pensei que fosse dizer alguma coisa. Mas ele me deixou sem falar nada, e não o vi mais até o início da cerimônia.

Na manhã do dia em que me tornei Faraó, rezei durante longo tempo aos deuses para que o Cajado e o Mangual em minhas mãos fossem símbolos verdadeiros de sua sabedoria, justiça e compaixão; para que quando eu fizesse o Juramento do Faraó encontrasse palavras verdadeiras ao transmitir meus pensamentos, e para que minha fala fosse clara e firme.

Eu havia conversado com meu pai fora da Terra e soubera que ele estava contente, pois sua vontade de me ver governando junto com Neyah se realizaria antes do meu próximo sono.

O vestido de noiva era de linho fino, com pregas cruzando meu busto e ombros e chegando até os pés. Era bordado com abelhas, juncos e lótus. Ao redor deles havia sete séries de fios dourados, de modo a dar a impressão de ser a corola de uma flor. Eu usava o ornamento peitoral de cinco listras, cada uma das quais tinha a forma de uma folha, o símbolo da vida terrena. A primeira listra era de faiança, simbolizando *Khat;* a segunda de cobre, simbolizando *ba;* a terceira, de prata, correspondia a *nam;* a quarta, de eletro, simbolizava *za.* Cada elo de meus braceletes de ouro tinha a forma de uma cabeça dupla de leão, simbolizando o poder terreno que tudo vê. Usaria também o filete da Cobra Dourada, que só podia ser carregado por alguém que tivesse vencido a cobra da sétima prova e, assim fazendo, houvesse adicionado a força dela à sua vontade.

Na liteira real, com vinte e quatro condutores, eu encabeçava a procissão nupcial rumo ao Templo. As crianças jogavam flores à minha passagem. Zeb, com Natee e Simma, um de cada lado, me seguia, levando meu emblema. Depois,

vinham três capitães do Corpo da Guarda Real, cada um com seus cem homens: arqueiros, lanceiros e claveiros. Atrás deles seguiam duzentos músicos, alguns cantando, outros tocando oboés, flautas e harpas. Mais atrás, em liteiras de quatro condutores, vinham as mulheres da Casa Real e as esposas dos nobres, de acordo com sua classe. Atrás delas, moças conduziam bois brancos enfeitados com os lilases escarlates que eu dedicara a Ptah em memória do meu primeiro encontro com Ney-sey-ra. No fim do cortejo, caminhavam os carregadores com os presentes vindos das Duas Terras: dentes de marfim e colares de ouro; jarros com ungüentos e frascos de alabastro com óleos preciosos; gargantilhas de lazulita, de cornalina e de pedras vinhadas; prata, e peles de leopardo.

Ao redor de todo o pátio fronteiro do Templo de Atet postavam-se as fileiras de capitães do exército, com suas armaduras polidas reluzindo ao sol, formando uma parede de luz.

Uma estátua de Ptah, de cedro dourado, havia sido colocada no terraço sustentado por pilares. Diante do portão do pátio interno encontrava-se o grande trono duplo de granito vermelho, sobre o qual fora colocada a estátua de Za Atet. Uma grande companhia de sacerdotes, usando trajes cerimoniais de ofício, estava reunida nos degraus do terraço: os Contempladores com a pena dupla escarlate de Maat; os Sacerdotes de Hórus com as asas recolhidas do falcão modeladas em seus rostos; os Sacerdotes de Ptah com a chave dourada da vida; os Videntes com seus discos lunares alados; os Sacerdotes de Anúbis com mantos amarelos presos por duas cabeças douradas de chacal. Suas vestes brancas, brilhando à luz do sol, eram bordadas com linhas violeta, uma para cada vida templária pela qual haviam passado.

Neyah, segurando o Mangual e usando a Coroa Vermelha, esperava por mim diante da estátua. Ao lado dele estava minha mãe, que usava a Coroa Branca e segurava o Cajado.

Primeiro, Neyah e eu fizemos o oferecimento cerimonial a Ptah. Depois, seguidos pelos sacerdotes, minha mãe nos levou pelo pátio interno até o Saguão dos Santuários. Neyah e eu entramos sozinhos no Santuário de Ptah, pois todos os que são unidos diante dos deuses devem estar a sós, exceção feita para o sacerdote, que é o símbolo dos deuses.

O nobre sacerdote colocou-se atrás da estátua de modo a dar a impressão de que era Ptah quem falava conosco.

Primeiro, chamou-nos por nossos nomes verdadeiros. Depois disse:

— Você, que ao nascer recebeu o nome de Neyah, e que como Faraó é o segundo a usar o nome Za Atet. E você, que ao nascer recebeu o nome de Sekhet-a-ra, e que como Faraó usara o nome Zat Atet, Esposa e Filha de Za Atet. De agora em diante, mostrarão a todo o povo, que viajam na Terra pelo mesmo caminho, do mesmo modo que seus espíritos viajaram juntos pelas esferas.

"Se um de vocês enfraquecer, o outro lhe dará sua força. Se um de vocês se perder no caminho, o outro lhe mostrará o caminho para a liberdade. Se um de vocês for atacado pelas flechas do mal, o outro será sua armadura.

"Os dois estarão um para o outro como o Cajado para o Mangual, como a flecha para o arco, como o remo piloto para o Barco do Tempo.

"Juntos serão como um pai para o grande povo, e cuidarão dele como eu, Ptah, tenho cuidado de vocês. Serão os ouvidos com os quais eles ouvem a sabedoria, a boca com a qual eles falam sabedoria e os olhos com os quais eles vêem os frutos da sabedoria na Terra. Agora o sol de vocês está a pino, mas quando suas vidas estiverem no crepúsculo e vocês retornarem para o verdadeiro lar, meu coração se rejubilará com seus dias de jornada.

"A partir deste momento, Za Atet e Za Atet são o Faraó."

Depois, diante dos sacerdotes no Saguão dos Santuários, minha mãe tirou a Coroa Branca e a colocou em minha cabeça.

Quando Neyah e eu saímos para o Pátio do Poço de Lótus, lembrei-me do meu primeiro dia no Templo, esperando por Ney-sey-ra para me tornar sua discípula.

Agora, uma grande multidão estava reunida no pátio dianteiro; todos esperavam, silenciosos como um campo de milho ondulado pela brisa, para ouvir meu juramento diante dos deuses. De pé à frente da estátua de Ptah e de minha mãe, sentada no trono de granito ao lado da estátua do grande Za Atet, fiz o juramento do Faraó:

— Poderoso Ptah, ouça minha voz! Para que diante de toda a Irmandade de Deuses possa testemunhar que estas palavras brotadas de meu coração e espírito são verdadeiras.

"Com este Cajado guiarei meu povo para que seus pés não se desviem do caminho verdadeiro, mas marchem depressa até o Grande Rio onde poderão tomar assento no Barco

do Tempo e ir morar na Terra da Paz. Com este Mangual afastarei os invasores de meu país. Ele será a proteção do inocente, e os malfeitores o temerão, transformando assim seus corações e retrocedendo seus passos para o caminho da liberdade.

"Com o poder da Cobra Dourada atacarei as forças do mal. Os templos de Kam serão como lamparinas cuja luz brilha fortemente, para que ninguém caminhe nas trevas. Os pátios dos templos ecoarão os passos dos que usam Sandálias Douradas, para que muitas línguas falem com o conhecimento verdadeiro de seu país.

"Nenhuma criança conhecerá o medo ou a fome, nem ficará só. Nenhum homem ou mulher ficará sem um amigo. E ninguém sofrerá quando seu corpo não for mais suficientemente forte para trabalhar, pois serei para todo o meu povo como um pai.

"Serei os olhos do cego e a voz clara do mudo. Serei um ungüento medicinal para os feridos e a bebida de ervas para o doente. Serei um esteio para o fraco e uma armadura para os que forem atacados por inimigos.

"Lembrarei sempre que todos na Terra receberam a vida de você, e, tendo isso em mente, saberei que todos são meus parentes.

"A porta de meu espírito estará aberta para sua sabedoria, para que a Luz dos Deuses possa brilhar sobre meu povo e ele seja guiado por sua mão sobre a minha.

"Ptah, por cuja vida caminho sobre a Terra. Hórus que exercitou minha vontade para governar. Anúbis que me mostrou a Passarela dos Deuses, a todos vocês faço meu juramento sagrado: manterei o equilíbrio da Balança de Tahuti."

Então meu povo me aclamou Faraó em uníssono, e meus pensamentos novamente retornaram para o dia em que entrei no Templo pela primeira vez; parecia-me poder ver uma garotinha triste, que eu sabia ser eu mesma, entrando pelo portão para a ala dos discípulos pela primeira vez.

Depois de todos os vizires terem prestado juramento de fidelidade a mim, Neyah e eu, Faraó juntos, retornamos para o palácio, de pé, sobre uma biga puxada por dois cavalos brancos. O caminho estava ladeado pelo povo, e o ar ao nosso redor vibrava ao som da alegria.

Nessa noite, demos um grande banquete no Salão de Audiências para os sacerdotes, vizires, nobres e capitães

vindos de todas as partes das Duas Terras para dar as boas-vindas ao Faraó. Perto do palácio, estendiam-se as tendas onde as companhias estavam alojadas; e fora dos muros, bois eram assados sobre fogueiras e mil jarros de vinho do palácio foram bebidos. Havia peixes, patos e gansos assados; doces, bolos, pães brancos e cerveja. Assim, todo o povo participou da festa.

Quando o banquete terminou e pudemos ficar a sós, percebi que meus pensamentos corriam depressa por mim para escapar do sono. Então fui ao quarto de Neyah, e o encontrei acordado. Conversamos algum tempo sobre os acontecimentos do dia. Então, Neyah disse:

— Nós dois estamos muito inquietos para dormir. Vamos descer até o lago e navegar? A lua está cheia e sopra uma boa brisa. Olhe como as cortinas se mexem.

Fui até meu quarto, vesti uma túnica simples e soltei meus cabelos. Saímos pelo jardim, onde a lua brilhava através das figueiras formando sombras bem delineadas como as plumas pretas e brancas de um íbis. Colhi alguns figos para levarmos. Quando éramos crianças, costumávamos sentir que a aventura seria maior se levássemos algo para comer, mesmo não estando com fome. E lembrei-me de como fingíamos ser exploradores de uma nova terra: as frutas eram os animais que caçávamos para comer, e um frasco de água, a ração de um soldado numa marcha pelo deserto.

Um sentinela nos viu, mas na escuridão nos tomou por um casal de namorados, e riu, desejando-nos felizes recordações. O barco estava amarrado a uma plataforma de madeira. Nós o soltamos e o impelimos com uma vara pela água em sombras até sairmos do abrigo da margem. As velas tremularam assim que as desenrolamos, e logo estávamos deslizando suavemente pelo lago. Vimos um hipopótamo e nos afastamos rápido dele, pois algumas vezes esses animais viravam os barcos quando eram jovens como aquele.

Então soltamos a âncora de pedra e tiramos nossas roupas. Nadamos por um longo tempo à luz da lua cheia. A água estava tão refrescante quanto um linho suave sobre a pele. Normalmente eu não tomava banho no lago, pois às vezes havia crocodilos mesmo nas águas profundas. Nessa noite, porém, não queria pensar neles.

Quando subimos para o barco, erguemos a âncora e fomos levados pelo vento.

Nessa penumbra tranqüila parecia que o Faraó não éramos nós, mas duas pessoas bem distantes a quem tínhamos visto na cerimônia de casamento.

Quando estou fora de meu corpo e olho para onde deverei retornar ao acordar, a Terra parece ilusória. É como se meu corpo não fizesse parte de mim mais do que uma roupa, que toma a forma de meu corpo apenas quando a estou usando. Naquele momento, parecia que apenas Neyah e Sekeeta eram reais, e que o Faraó estava tão longe de nós quanto as estátuas do Templo o estão dos deuses que simbolizam. Disse a Neyah:

— Por dez anos trabalhei para tornar leves as coisas da Terra em mim. Pensei nas metas sacerdotais e estive muito só para poder ouvir a voz de meu espírito. Esforcei-me para abrir as portas da minha memória e me banhei na luz que brilha pela porta sempre em ampliação. Vivi com pessoas para quem as cerimônias do palácio e cortes são apenas brinquedos para crianças. Será difícil para mim lembrar que, aos ouvidos de muitas pessoas, as palavras soam mais sábias quando faladas por alguém que usa o traje cerimonial. Numa rainha as ações impensadas alongam-se como as sombras ao crepúsculo. Uma pequena cortesia torna-se uma nobre graça, e uma pequena impaciência, o açoite de uma raiva real.

— Deve ser mais fácil para você do que para mim, Sekeeta. Basta-lhe dormir e acordará revigorada pela memória. Às vezes, eu sonho, mas geralmente meu sono é uma cortina negra que se coloca entre o que acontece à noite quando estou deitado e meu despertar pela manhã.

— Mas, Neyah, seu corpo é uma armadura para seus pensamentos. Eles não saltam da sua boca como da minha. Sua fala é protegida por sua sabedoria. As pessoas ouvem de você apenas o que acha bom que elas ouçam. Geralmente eu digo o que está em meu coração. Penso que meus ouvintes estão preparados para isso, mas muitas vezes julgo mal o desenvolvimento deles. Em todos os anos em que estive com Ney-sey-ra fui discípula de alguém de grande sabedoria, de alguém que nunca esgotava minha energia, e que sabia sempre qual o alimento de que meu espírito necessitava. Mas agora um povo inteiro procurará minha orientação. Não deverei nunca parecer insegura, ou eles terão medo de me seguir. Não poderei nunca ser impaciente ou insensata, caso contrário eles duvidarão da justiça do Faraó.

— Nós temos um ao outro, Sekeeta, sempre teremos

um ao outro. Nunca precisaremos estar sozinhos, como vem acontecendo há tantos anos.

— Neyah, seremos tão fortes juntos que pareceremos dois grandes pilares. Kam será a verga da porta, e junto com nosso povo seremos uma passagem para a Luz.

— Em homenagem a este dia, mandaremos fazer um monólito. Mas construiremos um pilone no pátio do palácio. De um lado estará seu nome, do outro, o meu. E na verga estarão o Junco e a Abelha, o Lótus e o Papiro, o Sol do Meio-Dia e a Balança de Tahuti. E não haverá portas, pois ele será sempre uma passagem aberta para o Faraó. E os que vierem nos procurar saberão que durante nosso tempo defenderemos a Justiça e a Verdade nas Duas Terras.

Capítulo 2

A vida diária

Quando comecei a governar, os dias de cerimônia pareciam-se com as brincadeiras que Neyah e eu costumávamos fazer quando éramos crianças, usando jarros de vinho no lugar dos Quarenta e Dois Assessores, o junco cortado da margem do rio para fazer de conta que era o Mangual do Faraó, e as árvores tremulando ao vento como as pessoas em reverência.

Eu ainda acordava logo após o alvorecer e registrava em minha placa toda recordação do que tinha feito fora da Terra, o que me ajudaria no que iria fazer durante o dia. Ligado aos meus aposentos, eu tinha um pequeno santuário igual ao quarto onde eu costumava dormir no Templo. Não havia nele nenhum móvel, e as paredes brancas não tinham enfeites, a não ser as flores num nicho sob a alta janela. Nesse lugar, logo após acordar e antes de dormir, eu rezava aos deuses para que fosse digna da minha herança, e para que pudesse dar a meu povo sabedoria, justiça e compaixão.

Depois ia nadar com Neyah na piscina particular do jardim de ervas de Za Atet, para onde davam nossos quartos. Após nadarmos juntos, eu me deitava num colchão es-

treito e alto onde Pakee massageava meu corpo com óleos aromáticos até meus músculos ficarem macios sob seus dedos. Então ela me esfregava com uma esponja embebida numa loção refrescante que ficava numa tigela de prata, e enquanto eu descansava com todos os músculos relaxados, minhas mãos e pés eram cuidados, as unhas, pintadas de vermelho, ou se fosse um dia de festejo, cobertas com folhas douradas.

No Templo eu tinha apenas um pente comum e um pequeno espelho de cobre, no qual meu reflexo ficava indistinto como se o estivesse vendo nas águas de um poço onduladas pelo vento. Agora meus pentes de marfim eram esculpidos com o selo de Faraó Alado: o falcão adestrado sobre o barco triunfal nas asas de um Ser Alado; abaixo dele, meu nome Hórus, Zat, escrito como uma serpente, junto à chave da vida e flanqueado por dois bastões de poder, poder para governar sobre a Terra e fora dela. Esse selo estava esculpido em meus jarros de ungüento, que haviam sido um presente de minha mãe no dia do casamento. Eu tinha jarros de bálsamos e de ungüentos, e frascos com óleos aromáticos; espelhos de prata com cabos de marfim esculpido, e paletas de pedra para moer a malaquita com a qual sombreava minhas pálpebras. Tinha pequenos bastões de graxa preta e dura, semelhantes aos caniços com os quais os escribas desenham; com eles, encompridava meus olhos como os das estátuas das deusas. Para modelar minhas sobrancelhas usava pinças de prata, para que ficassem inclinadas como as asas de um pássaro. Pakee penteava meus cabelos, cortados na altura dos ombros, e os polia com tecidos finos de lã até que estivessem macios como a pele brilhante de um garanhão negro.

Às vezes, eu usava a cobertura da esfinge para cabeça feita de linho, ou uma peruca de pequenas tranças de lã com pontas douradas, mas normalmente meu cabelo era enfeitado com flores e preso em estreitas contas turquesa. Para as cerimônias eu usava o filete dourado da Serpente Real, ou a Coroa Branca, que, embora fosse feita de camadas de linho engomado, pesava em minha cabeça.

Se o dia estava quente, Neyah e eu tomávamos nossa primeira refeição no Pavilhão das Plantas; se estava frio, numa de nossas salas particulares. Bebíamos leite em xícaras de alabastro e comíamos frutas colocadas em travessas desenhadas com lazulita: tâmaras e figos, melões, abricós e uvas. E lavávamos nossas mãos numa tigela de água perfumada, secando-as em guardanapos bordados com desenhos de gazelas e peixes vermelhos ou desenhados com folhas de videira.

A cada dois dias, eu ou Neyah dávamos audiência até uma hora antes de o sol estar alto. Caso Neyah estivesse fora da Cidade Real, eu dava audiência nos quatro dias da semana. Aquele que não estivesse dando audiência sentava-se em Conselho no Salão dos Selos com os vizires, os supervisores e todos os outros que compareciam para o edital do Faraó. Vinham até nós mensageiros de cidades distantes, trazendo notícias sobre a colheita, a prosperidade do povo e suas necessidades. Tudo o que afetava o povo de Kam, fosse uma estrada, um sistema de água canalizada, a construção de um novo templo ou de moradias onde os idosos pudessem passar seus dias em tranqüilidade, o plantio de árvores altas para que os viajantes pudessem caminhar na sombra, ou o planejamento de jardins a serem compartilhados pelo povo; todas essas coisas recebiam o selo do Faraó. Pois o povo de Kam é para o Faraó como sua família; as terras de Kam são para o Faraó como seu jardim; e as casas de Kam são para o Faraó como seu palácio. A alegria do povo é a satisfação do Faraó e suas tristezas, as lágrimas de seu coração.

Em todos os assuntos relacionados a templos, eu carimbava o selo com meu nome de sacerdotisa, Meri-neyt, "a amada de Ney-sey-ra", o nome que ele dera a mim, sua discípula, logo após minha iniciação. O nome Ney-sey-ra significa "o que nasceu sacerdote da Luz", pois quando ele nasceu ficou-se sabendo que antes de ele retornar à Terra já era um sacerdote iniciado. Ele escrevia seu nome com o símbolo da deusa Neyt, a deusa daqueles que ao nascer já são velhos. Isto é, um feixe de espigas de milho amarradas com uma tira de couro para mostrar que a sabedoria simbolizada por elas foi guardada. Cruzando o feixe, havia duas flechas da vontade dominada apontadas uma para a Terra e outra para fora da Terra, mostrando que essa vontade pode ser direcionada para os dois lugares. No Festival de Neyt, esse símbolo é carregado como uma bandeira, e o desenho do nome dela desfila na forma de um peixe sustentado por um mastro. Sobre meu selo havia o arado, "meri", que significa "amada", pois, assim como o arado sulca o campo antes da colheita, do mesmo modo o amor faz o coração frutificar; depois aparecia o selo de Ney-sey-ra.

Um dos nomes do grande Menés era Za-ab, o Sábio de Coração, e o símbolo para seu nome era um feixe de caniços e papiros amarrados com uma tira vermelha, pois ele unira o Norte, a Terra dos Papiros, com o Sul, a Terra dos Caniços, pela sabedoria de seu coração e a cor vermelha do

guerreiro. Esse símbolo era usado também por meu pai. Neyah e eu o usávamos em duas formas: ou o campo de papiros ou o campo de caniços, antes seguidos de um passarinho, que significava "filho terreno", e Za na forma de uma peneira: Faraó, Filho de Hórus; Za, Filho de Za.

Meu pai também escrevia seu nome como uma serpente e um braço, os símbolos sonoros para Za. Neyah e eu usávamos apenas a serpente.

Esses selos podiam ser incluídos num quadrado com pilares, para mostrar que havíamos obtido o direito de entrar na Casa dos Deuses, a Grande Construção Esplêndida com Pilares. Sobre esse quadrado encontrava-se o falcão, símbolo da vontade dominada, demonstrando que este era o nome Hórus do Faraó. Às vezes, junto do nome Hórus, escrevíamos Atet: a pena "a" da sabedoria, e o semicírculo do "t". Sempre que eu queria indicar que o selo havia sido colocado por mim, usava minha própria forma, na qual havia o símbolo de sacerdotisa, a gota de água, que significava que, assim como a chuva cai do céu, do mesmo modo eu trazia a água do meu *maat* para a Terra. Esse símbolo, que significa "a sabedoria lembrada", é também o símbolo sonoro de "tet".

Rey-hetep era o Vizir da Casa Real. Seus escribas mantinham os registros de todos os tributos, e a ele era atribuída a prosperidade de Kam. O supervisor da Casa Real mantinha seu cargo desde a época de meu pai. Em termos de autoridade, ele estava acima de todos os servos do palácio; as vinte cozinheiras, todos os meninos que auxiliavam na cozinha; as cem servas das mulheres, os tecelões, as lavadeiras e os transportadores de água. Harka era o Supervisor das Bigas Reais, e a seus cuidados estavam os animais reais: cavalos e leões, cães de caça, gado, os asnos, os gansos, os patos e as cabras leiteiras. O copeiro do Faraó era também o Mestre dos Vinhedos. Por sua ordem as vinhas eram plantadas, as uvas, colhidas e prensadas e os jarros de vinho, guardados nas adegas. O Supervisor dos Jardineiros era o irmão de Maata. Sob sua direção havia trezentos homens e mulheres que trabalhavam nos jardins e pomares do palácio e nos campos de cereais do Faraó.

Mesmo assim, tudo isso às vezes vinha para o Conselho do Faraó, para lhe dizer quais as novas plantas que haviam florescido pela primeira vez, que uvas estrangeiras prosperavam, qual égua tivera um potro, ou que praga atacara um

campo de milho. E a todas essas coisas o Faraó entregava seus ouvidos e seu coração.

Na época do calor, todos os moradores do palácio dormiam por duas horas, no meio do dia. E quando Ra demonstrava gentileza em sua jornada, às vezes saíamos para navegar juntos no lago ou íamos caçar com os nobres, espetando crocodilos com nossas lanças ou atirando flechas nas aves selvagens dos pântanos. Apostávamos corridas nas bigas com os capitães, e ninguém era mais rápido que Neyah, pois quando as rédeas estavam em suas mãos o cavalo ficava como uma andorinha em vôo, e sob seu comando ele ultrapassava o vento.

Freqüentemente havia banquetes no grande salão do palácio, mas as noites de que eu mais gostava eram aquelas em que eu e Neyah ficávamos sozinhos. Contávamos um ao outro tudo o que havíamos feito durante o dia. E quando eu me encarregava sozinha da audiência, expunha a ele o que eu tivera de julgar, solicitando que me desse sua opinião a respeito do julgamento. Era como se os longos anos que passara longe dele tivessem transcorrido tão depressa quanto a sombra ao mover-se um cúbito no chão. Nossos corações estavam bem perto um do outro, e nossos pensamentos, emparelhados como cavalos gêmeos numa biga.

Agora que eu era Faraó, minha mãe não vivia mais no palácio. Embora ela já estivesse cansada de governar, compartilhara a guarda de Kam com Neyah até eu assumir o Mangual. Então ficou livre para deixar a vida de cerimoniais. Optou por mudar-se para o lugar que lhe era mais querido do que qualquer outro na Terra. Ali vivera com meu pai em sua juventude. Esse pequeno palácio, construído por Menés, era circundado por plátanos e seu gramado se estendia até o lago. Neyah e eu íamos sempre vê-la, e embora nossos dias fossem longos e cheios de responsabilidade, éramos como crianças felizes ao caminharmos junto à tranqüilidade dela.

Capítulo 3

O Faraó em audiência

Nas noites anteriores aos dias de audiência, eu fazia a seguinte prece: "Mestre, se houver amanhã algum caso que eu não possa julgar com sabedoria por minha própria experiência, que eu veja fora da Terra o que for necessário para minha compreensão, de modo que possa ver a verdade, e a Balança sob a qual me sento permaneça um símbolo verdadeiro de justiça".

Certa manhã, ao acordar, soube que deveria julgar uma situação entre duas mulheres: de uma eu me lembraria pelos cinco braceletes de ouro que estava usando no braço esquerdo; da outra, a inocente, pela cicatriz em forma de ponta de flecha, do lado direito da testa.

O trono do Salão de Audiências era feito de madeira dourada, e seus pés tinham o formato de patas de leão. Quando me sentava sozinha em audiência, segurava o Cajado e o Mangual; quando eu e Neyah estávamos juntos, eu segurava o Lótus Dourado. De cada lado do salão havia uma mesa à qual se sentavam os escribas responsáveis pelo registro de todos os julgamentos. Com eles estavam os que relatariam a história dos casos a serem ouvidos. Esse procedimento havia sido introduzido por Neyah no quinto ano de seu reinado, pois antes acontecia de às vezes um homem falar por horas sem que se ficasse sabendo o que ele queria dizer. Agora, cada um falava separadamente com um escriba, que, em poucas palavras, conseguia expor uma longa e confusa história.

O primeiro caso exposto foi entre a viúva de um rico nobre de Abidwa e uma moça que tinha um filho, mas não era casada. O pai, que morrera antes de a criança nascer, era filho da rica viúva. Ela reivindicava o direito de levar o neto para sua casa, dizendo que lá era seu verdadeiro lar, pois a mãe da criança era uma prostituta e não tinha o direito de ficar com ela nem de receber sua caridade.

A mãe da criança queria mantê-la consigo, dizendo que herdara um pequeno sítio e tinha condições para vestir e alimentar a criança e que a criaria de acordo com os ensinamentos da Luz.

Ordenei que as duas mulheres fossem trazidas ao salão.

Uma delas tinha cerca de quarenta e cinco anos. Estava ricamente vestida. Sua boca era amarga, suas mãos, macias e gordas. No braço esquerdo usava cinco braceletes de ouro. A outra, uma jovem, usava uma túnica de linho branco rústico e um manto azul, que cobria sua cabeça e escondia seu cabelo, mas pude notar que havia uma cicatriz em sua testa.

A viúva do nobre estava claramente com medo de mim e insegura quanto ao cerimonial. Eu sabia que ela desejava ser convidada para se hospedar no palácio durante um festival, o que ela atribuiria à sua nobreza, e não à justiça, para a qual somos todos iguais. Seu rosto denotava não ser de raça pura. Talvez fosse filha de algum rico negociante; pelo formato de seu nariz devia ter algum parentesco com o povo *zuma*. Suas mãos gordas demonstravam inquietação; ela enrolava os colares nos dedos e seus braceletes tilintavam nos braços. Contudo, tinha certeza de sua respeitabilidade e riqueza e não temia reivindicar contra alguém que considerava uma prostituta.

A jovem estava de pé, imóvel, com os braços soltos ao longo do corpo. Ela tinha o porte orgulhoso das mulheres que costumam carregar jarros em sua cabeça. Seus olhos não se desviavam de meu rosto. Estava calma, pois sabia que meu julgamento seria honesto e que, conhecendo seu coração, deixaria a criança aos seus cuidados.

Perguntei à moça:

— Por que você teve esse filho?

Ela me respondeu:

— Filha de Hórus, Portadora da Dupla Sabedoria, Avaliadora de Corações e Espelho da Verdade! Eu amava o pai dele, meu marido de coração. Entretanto, não podia partilhar da casa dele como esposa, pois tenho poucas posses e a mãe de meu marido queria que ele se casasse com alguém da nobreza, que trouxesse tesouros para enriquecer sua casa. Mesmo não podendo nos unir diante de um sacerdote, nossos corpos se uniram na Terra, e quando dormíamos juntos estávamos tranqüilos perante os deuses, e nossos corações não conheceram a vergonha.

"Quando ele ficou doente, antes do nascimento do nosso filho, um servo me disse que ele me chamava o tempo todo. Mas não me permitiram vê-lo, embora eu tenha ficado esperando no jardim e falado com a mãe dele, implorando-lhe humildemente para ver meu bem-amado e confortá-lo. Ela viu que minha barriga estava grande, e me disse que eu era uma criatura da noite, que minha presença tornava seu

jardim mais emporcalhado do que um monte de esterco. Entretanto, quando seu filho morreu, sem deixar nenhum herdeiro, ela me vigiou até meu filho nascer. Então enviou suas servas à minha casa para tentar tirá-lo de mim."

Perguntei o que ela poderia dar a seu filho.

— Ele terá alimentos e abrigo, sol e ar, o rio para se banhar, sementes para plantar, animais com que brincar. E quando estiver mais velho terá um campo para arar e uma vaca para ordenhar e levar ao pasto. E aprenderá a lidar com os barcos e apanhar peixes na rede. Eu lhe ensinarei a ser verdadeiro e gentil, para que possa olhar num espelho e não temer o que seus olhos lerem em seus próprios olhos. E lhe ensinarei a manter seu corpo puro e forte; e que a maior felicidade na Terra é encontrar alguém a quem possamos amar mais do que a nós mesmos.

Eu sabia que tudo o que a moça dissera era verdade, pois já ouvira isso em meu sonho.

Então voltei-me para a outra mulher, e perguntei-lhe o que poderia dar a seu neto.

A mulher nobre injuriou a moça, dizendo que era uma mentirosa e prostituta, de quem seu filho recebera prazeres sem nenhum carinho por algumas horas; e que apenas pela bondade de seu coração decidira, em atenção ao filho, proteger a criança de viver com uma tal mulher; e que, sendo nobre por nascimento, não poderia ter seu neto vivendo como um servo. Depois falou a respeito das riquezas do menino: pomares e vinhedos, servas virgens e ouro. Isso porque, sendo viúva, tudo lhe pertencia, e quando morresse tudo ficaria para a criança, que ela faria sua herdeira.

Quando terminou de falar, esperei um momento antes de tomar a palavra. Ela estava certa de que eu decidiria a seu favor. Não percebia que eu estava vendo seu coração e conhecia seu valor. Então disse:

— Em sua casa a criança teria tudo aquilo de que necessita para o conforto de seu corpo. Teria uma cama dourada, mas para onde iria seu espírito quando ela se deitasse? Você demonstrou que não sabe como auxiliar o crescimento do espírito de uma criança.

"Você pensa que as riquezas são mais importantes do que o amor, pois quer dar propriedades à criança, e ao mesmo tempo tirá-la de sua mãe. Isso demonstra que é uma tola.

"Se você reconhece a criança como seu neto, então a mãe dela deveria ser como uma filha para você. Mas em sua integridade tacanha olha para a moça com superioridade. Se

pensa que ela pecou, e portanto seu filho compartilhou esse pecado, deveria ter feito tudo o que estivesse ao seu alcance para compensá-la pelo que seu filho provocou. Em vez disso, você quer roubar o filho dela. Portanto, é uma ladra.

"Você afastou o amor de seu filho da sua porta. Portanto, não tem compaixão.

"Além de ser uma ladra tola e sem compaixão, ousou desprezar alguém que demonstrou um amor desprendido por um homem e uma criança. Isso demonstra que não tem sabedoria e que sua experiência é bem pequena.

"Por último, atreveu-se a não ir a julgamento em sua própria cidade, pois lá todos sabem que a moça não se tornou esposa de seu filho apenas pelo orgulho de sua posição. Você teve a temeridade de trazer seu caso até mim, pensando que eu, Faraó, seria enganada por você. Isso demonstra que, além de ladra, tola, sem compaixão, sem conhecimento e experiência, você ousou desrespeitar sua regente, tentando preservar dela sua verdade mesquinha.

"Por isso, deverá ter seus pés açoitados.

"Além do mais, dará à mãe de seu neto a parte de todas as suas posses que seria herdada por ela se tivesse se casado com seu filho perante os sacerdotes, em vez de apenas em seu coração, e, portanto, perante os deuses. Dará também a ela o peso de dois asnos em ouro e um em prata. Assim, ao ver menos alimentos em sua mesa e poucos servos em sua casa, poderá se lembrar de que eu sou o Faraó e a Verdade."

Depois, foi trazido à minha frente um homem que era parente do Vizir das Terras do Chacal. Era um nobre rico chamado Shalnuk e reivindicara ser ouvido pelo Faraó.

Ele desviara os canais de água para seus vinhedos, pois queria plantar três videiras onde apenas uma deveria florescer. Com isso, as fazendas entre os limites de sua terra e o rio secaram, e todos os grãos pereceram.

Quando descobri que não fizera isso por ignorância, mas porque pensava que os pequenos campos abaixo dos dele não tinham importância e o coração dos camponeses estavam além dos limites de sua compaixão, proferi minha sentença:

— Você pecou porque não compreendeu o que estava fazendo aos outros. Nas sombras esverdeadas de seu jardim esqueceu a tristeza dos campos ressecados. Como a compreen-

são é fruto da experiência, e compreensão é o que lhe falta, deverá comer desse fruto desconhecido. Viverá na cabana de um camponês, e terá um rico campo e dois bois para seu arado. Ao lado de sua nova casa haverá um granel de seis cúbitos de altura e três de largura. Quando ele estiver cheio dos grãos que você colher, suas terras lhe serão devolvidas.

Mas, embora pudesse ter preenchido o granel em três meses, Shalnuk precisou trabalhar por três anos. Quando seus grãos começavam a dourar nos talos, os espíritos das plantas eram chamados para longe, de modo que as espigas caíam ainda verdes. Assim, ele trabalhou sob o sol quente. Até seu campo estar regado pelas lágrimas de seu coração e ele compartilhar a tristeza de todos os que sofreram por sua causa. Então, quando a esperança parecia ter morrido, seu milho amadureceu e seu granel ficou repleto. E novamente o chão de sua casa ouviu os passos de seu dono. Agora, na Terra do Chacal, não há nenhum senhor mais amável para seu povo.

Capítulo 4

O envenenador

Um dia, enquanto eu e Neyah caminhávamos juntos pelos vinhedos, logo após o crepúsculo, ele me contou que havia recebido a prova da sabedoria de um de seus julgamentos. Neyah me falou a respeito de Benshater, que fora o escrivão chefe do Vizir da Terra do Falcão. Três meses antes, logo após eu ter me tornado Faraó, o vizir morrera, e o mensageiro que viera comunicar a notícia de sua morte trouxera também uma petição de Benshater para ocupar o cargo. Neyah estava para colocar seu selo no novo título quando se lembrou de que eu lhe contara sobre um sonho no qual eu vira um falcão dourado morto e inchado ao sol como se tivesse sido envenenado. Embora nenhum de nós tivesse dado importância ao sonho na época, Neyah vira então seu significado, pois o emblema do vizir era um falcão dourado sobre um fundo azul. Neyah enviou o mensageiro de

mãos vazias, com a informação de que o candidato ao cargo deveria vir à Cidade Real antes de o título ser concedido.

Quando Benshater veio até o Faraó em audiência, Neyah descobriu que, além de escriba, ele era um sábio. A máscara de seu rosto escondia tão bem o mal de seu coração, e tão plausíveis eram suas palavras, que poderia enganar até mesmo o Faraó. Mas o vidente que o observava relatou que a luz de seu *ba* era tão pesada de crueldade, ganância e ciúme que o escriba não era apenas indigno de guiar os outros, mas sua luz lançaria uma sombra numa cova escura. A cada pergunta Benshater respondia tão suavemente, que Neyah percebeu estar lidando com uma criatura muito esperta para se trair. Assim, recomendou-lhe retornar no dia seguinte a fim de ouvir a decisão do Faraó. Neyah pediu a Ney-sey-ra para olhar a memória de Benshater no jarro, pois na água de seu *maat* surgiria o reflexo das obras terrenas que praticara.

Ney-sey-ra assim o fez e contou ao Faraó que Benshater envenenara o vizir. Especificou até mesmo o nome do veneno, dissolvido no leite temperado, que o vizir bebera no lugar do vinho ou da cerveja, durante quinze dias.

No dia seguinte, Benshater compareceu diante de Neyah, esperando receber grandes honras, títulos e o cargo de vizir. Em vez disso, ouviu a história do crime por ele cometido. Neyah a reproduziu com todos os detalhes, e Benshater pensou que havia sido traído por alguém que o observara às escondidas enquanto praticava seu crime, pois achava que não poderia haver nenhum outro meio de ser descoberto. E se deitou diante do Faraó, pedindo clemência.

Neyah pronunciou sua sentença:

— Você, que assassinou devagar e dolorosamente alguém que deveria ter honrado, morrerá do mesmo modo. Não saberá qual será a hora da sua libertação. Ficará numa prisão escura, onde seu coração culpado invocará as cenas de seus pecados e de sua vítima, e se encolherá de medo diante de seus parceiros inferiores. Afinal, seu corpo ficará fraco, e você poderá fazer exercícios, mas somente à noite, e seus olhos estarão vendados, pois não são dignos de olhar para as estrelas. Será alimentado duas vezes por dia, e enquanto comer terá uma lamparina. Por muitos dias poderá desfrutar de sua comida. Um dia, embora ela pareça estar como o mesmo sabor, quando você a tiver comido suas entranhas se contorcerão como se estivessem tentando arrancar à força o espírito de seu corpo. Mas você se recobrará, e ficará novamente forte antes de isso voltar a acontecer. Isso

acontecerá muitas vezes até que, por fim, quando estiver se contorcendo de dor, implorará aos deuses para tornar seu tormento ainda mais insuportável, a fim de que seu espírito fique livre.

"Você pensará em evitar sua punição recusando-se a comer o que lhe for enviado, mas não conhece o poder da fome. Ela precisaria de uma vontade mais forte que a sua para morrer de inanição enquanto suas narinas saboreassem o aroma das cozinhas reais. Você se lembrará de que muitas iguarias lhe darão apenas o prazer de se sentir saciado. E quando as dores agudas da fome aumentarem, será fácil esquecer que a comida pode estar envenenada. Mesmo que você resista à fome, a sede será um tormento maior. Perceberá que existem poucos que prefeririam morrer de sede quando têm ao seu alcance um jarro de leite quente e temperado. E até morrer não beberá outro líquido, apenas esse com o qual seu senhor foi morto."

Neyah fez uma pausa em sua história e eu manifestei a ele que considerava a sentença justa. Ele riu e disse que eu ainda não tinha ouvido um quarto de sua sabedoria.

— Esta manhã Benshater foi encontrado rígido na morte, com os lábios escuros e o corpo retorcido como se ainda estivesse se contorcendo numa última agonia. Seus olhos cegos estavam esbugalhados como se estivessem diante de alguma criatura horrível. Contudo, minha irmã, não houve nenhum traço de veneno em sua comida. Se ele soubesse disso, nesses três meses teria desfrutado melhor das iguarias do palácio, inclusive daquelas servidas em nossa mesa. Entretanto, como tinha sempre diante de si a imagem de uma morte terrível, pela qual seu espírito deve ter passado milhares de vezes, seu corpo afinal ficou tão cerceado por sua mente que ele morreu da forma mais adequada, vítima da lembrança de seu próprio mal.

Capítulo 5

Os tributos

Duas vezes por ano o povo de Kam ofertava livremente a duodécima parte do que tinha reunido durante os seis últimos meses. Esse tributo era usado para o bem-estar comum do país, exceto um décimo, que pertencia aos sacerdotes, e um décimo, que pertencia ao Faraó.

As riquezas de Kam eram administradas pelos vizires, que negociavam os produtos que tínhamos em excesso com outros países que possuíam o que nos faltava. Em toda grande cidade havia um Observador do Rio, que registrava o nível da água; pela elevação do rio eles sabiam se a colheita encheria os celeiros e haveria grãos para negociar, ou se havia o perigo da fome, e o ouro e o marfim deveriam ser trocados pelo pão.

As pessoas que tinham campos cultivados, animais, ou qualquer coisa que o tempo não destruísse rapidamente, davam porcentagem em tributo: um duodécimo de suas colheitas, animais ou linhos de suas tecelagens. Os pescadores e outros, cujos bens pereciam, davam diariamente doze por cento de seu produto para o Templo ou para os pobres. Aqueles que trabalhavam para os outros e não tinham posses trabalhavam um mês a cada doze meses para o Faraó nos campos, na fabricação de tijolos ou na construção de estradas e canais de água.

No país inteiro os tributos eram recebidos nos templos, a não ser na Cidade Real, onde eram trazidos para o Faraó. No primeiro ano de nosso reinado, Neyah e eu recebemos os tributos nos degraus do pátio externo do palácio. Ficamos sentados em dois tronos cerimoniais cobertos de peles de zebra. Abaixo de nós estavam os escribas, que anotavam tudo o que era trazido. Do lado esquerdo do pátio encontravam-se os oficiais que manteriam os tributos aos seus cuidados, o Supervisor dos Celeiros, o Boiadeiro Real, o Vizir do Faraó e o Supervisor da Casa Real.

Na seqüência dos tributos não havia nenhum grau de distinção, pois diante do Faraó todas as pessoas de Kam eram iguais. Um fazendeiro com dois pequenos jumentos carregados de sacos de grãos era seguido por um nobre, cujos carregadores traziam dentes de marfim; depois vinha uma

mulher com dois patos num cesto de vime, seguida por um mercador, que trouxera seis frascos de óleo *sheptees;* a seguir, uma jovem com um feixe de rabanetes e uma réstia de cebolas; um menino com uma cabra e dois cabritinhos; um homem com dois fardos de lã; um nobre com quatro colares de ouro; depois uma parente da Casa Real com duas gazelas e servos carregando ungüentos em seis jarros perfeitos de ouro e lazulita; um homem com um touro branco e vermelho; um nobre do Sul com ouro e malaquita; depois, seis carroças cheias de grãos e duas outras com jarros de vinho de uma vindima rara.

Os tributos são usados em primeiro lugar para o bem-estar dos residentes dos templos: para alimentar e vestir os sacerdotes e servos do Templo, e para as viagens dos videntes e médicos que andam pelo país, de modo que a vida de nenhum sacerdote seja sobrecarregada pelas pequenas complexidades da Terra.

Em segundo lugar, são utilizados no cuidado das crianças órfãs e dos velhos que não podem mais trabalhar nos campos. Eles vivem na casa de amigos, que recebem grãos suficientes para sustentá-los, ou em casas construídas para eles pelo Faraó. Cada cidade tem uma casa para crianças construída em jardins onde elas podem brincar juntas e aprender a cuidar das plantas, e uma fazenda onde aprendem a respeito de seus irmãos animais. Alguns aprendem a pescar ou construir com tijolos. As meninas aprendem a tecer, a fazer roupas, a cozinhar e a cuidar de uma casa. Elas são cuidadas por mulheres sem filhos que gostariam de tê-los.

Os doentes que têm família para cuidar deles são visitados pelos médicos em suas casas; mas, se não têm ninguém, são levados para o Templo e lá permanecem até ficarem novamente sadios.

Em terceiro lugar, os tributos são usados na manutenção dos exércitos nas guarnições e na das frotas de Kam, tanto para navios comerciais como para os de guerra.

Em quarto lugar, parte dos tributos é aplicada em trabalhos públicos, como estradas, canais de água, plantio de árvores e limpeza das cidades.

Desde duas horas após o alvorecer até o crepúsculo, Neyah e eu recebemos os tributos, com apenas uma hora para descansar quando o sol estava a pino. Podia ouvir do outro lado dos muros do pátio o mugido do gado e o ranger

das rodas das carroças conduzindo os rebanhos para os pastos reais ou os grãos para os silos.

E todos que chegavam não vinham por temer o Mangual, mas em gratidão ao Cajado do Faraó, e levariam um presente para seus pais no dia do aniversário.

Capítulo 6

O Festival de Min

Quando as águas da inundação abaixavam e deixavam os campos fortes com nova vida para a semeadura, celebrou-se o Festival de Min para marcar a abertura de um novo ciclo de fertilidade.

Neyah e eu íamos para o Templo de Atet em duas bigas, seguidos pelos nobres e capitães, e depois pelos vizires em suas liteiras. Eu usava a Coroa Branca do Sul, e Neyah, a Coroa Vermelha do Norte.

No pátio fronteiro ao Templo havia trezentos jarros de grãos em trinta filas de dez. Na época de meu pai, que, além de médico sacerdote, era Faraó, era ele quem energizava de vida o primeiro jarro de grãos. Agora era um sacerdote superior de Ptah, que com sua vontade fazia com que o espírito dos grãos girasse fortemente, para que a semente brotasse depressa do chão e produzisse uma rica colheita. O sacerdote superior ia pelas fileiras de jarros, seguido por nove jovens sacerdotes médicos. O primeiro jarro de cada grupo era energizado com a vida de Ptah por ele mesmo, enquanto os jovens sacerdotes faziam o mesmo com os outros.

Após a Bênção dos Grãos, os jarros eram levados para as carroças, cada uma puxada por três bois brancos enfeitados com flores, com os chifres pintados de verde e escarlate e as pontas em ouro. Então a estátua de Min, em sua imagem de homem, era levada do Templo numa liteira de madeira recoberta com folhas de ouro. Neyah e eu liderávamos a procissão, na qual quarenta sacerdotes jovens carregavam a estátua ao redor dos limites reais de Men-atet-iss. O pro-

prietário de cada campo esperava para receber o grão quando passávamos e iniciava sua semeadura de modo que, atrás da procissão, os grãos eram lançados na terra numa chuva de ouro. Nosso caminho ficava ladeado pelo povo. Havia crianças com cabras, mulheres com cestos de patos; e alguns traziam suas vacas para que a sombra de Min caísse sobre os animais fortificando-os. Quando a procissão passava por eles, o povo cantava a Invocação a Min:

"Min, que teve compaixão da solidão do homem e fez dele nosso primeiro pai, transmita sua fertilidade para a Terra de Kam. Permita que os ramos de nossas árvores frutíferas fiquem fortes para sustentar os frutos de nossos pomares. Permita que nossas videiras enfeitem suas folhas com ametistas. Permita que nossos touros fiquem cheios de luxúria, para que nossas vacas tenham prazer em nos dar seu leite. Permita que nossas cabras tenham filhotes, e o rio corra cheio de peixes. Permita que nossos patos conduzam ninhadas pelos nossos poços, e os juncos sussurrem com as aves selvagens. Que a Terra de Kam seja sua moradia, e que envie os bem-amados de seu coração para serem nossos filhos".

Enquanto o sol ainda estava alto, um banquete foi servido no grande salão do palácio. Neyah, eu, os nobres, os vizires e os capitães dos capitães nos sentávamos nas cadeiras numa ponta do salão. À nossa frente havia um espaço vazio e, adiante, na outra extremidade do salão, uma entrada oculta por uma cortina branca, sobre a qual cenas formadas por sombras eram interpretadas durante todo o banquete. Portadores de tributos passavam em procissão com colares de ouro, presas de marfim, veados e bezerros, amarrados a seus pés, ou com frutas empilhadas em cestos rasos. Jovens conduziam cães de caça e leopardos domesticados presos por correias. Um movimento contínuo em preto e branco.

Eu usava uma grinalda de flores e meu vestido verde-claro era bordado com espigas de trigo em dourado, simbolizando o verde frescor que a água do rio traz, logo dourado pelo sol. Cada conta de meu peitoral era esculpida no formato de uma flor ou fruta diferente. As roupas de Neyah eram azuis, bordadas com peixes, pássaros e veados, simbolizando o rio que dá vida aos animais sob a lua.

Os outros convidados estavam agrupados nas laterais

do salão de banquetes. Ao lado de cada cadeira havia uma mesa baixa onde era colocada a comida, e todas as mesas tinham uma flor de lótus. As pessoas se sentavam junto àqueles com quem queriam conversar; algumas em pequenos grupos, outras aos pares, e outras, sozinhas, contentes em satisfazer seus olhos e estômago sem perturbações. Algumas mulheres usavam vestidos pregueados de linho transparente, que deixavam à mostra seus seios e a curva agradável de suas cinturas. Pois, se os seios de uma jovem são bonitos, é bom que eles possam ser vistos. Na verdade, seria tão idiota cobri-los quanto uma mulher de cabelos vermelhos pintá-los de preto. Mas tão tolo quanto esconder a beleza é mostrar o que não é mais belo.

Enquanto comíamos, os músicos tocavam para nós. Suas músicas não inflamavam como o canto dos soldados antes da batalha; pelo contrário, eram refrescantes ao ouvido como a água num jardim empoleirado. As flautas intercalavam suas melodias com as ondulações das harpas, refrigerando o ar com suas músicas prateadas semelhantes à água clara que cai das alturas em cadências ritmadas.

O Vizir da Terra da Lebre, que tinha mais de setenta anos, sentou-se sozinho, pois gostava de desfrutar de sua comida sem interrupções. As cozinheiras dele eram famosas por sua habilidade, e harmonizavam sutilezas do sabor como um pintor ao escolher suas cores. Para ele, o tempo exato que uma codorniz devia ficar no forno para ser digna de seu paladar era tão importante quanto cada verso de um poema para um poeta.

À direita do vizir, sentava-se a esposa de um capitão do Corpo da Guarda Real com seu marido e outra mulher. Percebi que por três vezes fizera sinal para a criada que servia uma grande bandeja de creme de mel, onde havia tâmaras maduras e laranjas secas adoçadas ao sol. Perguntei-me quanto tempo ela levaria para perceber que às vezes o amor pelos doces e o uso de linho transparente não combinam.

Ptah-kefer estava sentado à minha direita. Ele me contou uma longa história de como, quando menino, ele e seu irmão haviam navegado para o sul de Nekht-an quando o rio estava cheio. O barco deles batera numa rocha deixando-os isolados numa ilha por três dias até que o pai os encontrara. Não prestei muita atenção porque já o ouvira muitas vezes narrando aquela aventura. Havia uma longa e profunda amizade entre nós, e embora conversássemos fre-

qüentemente e ele me transmitisse sua sabedoria, ele preferia falar das pequenas coisas da Terra. Para ele, uma aventura infantil era mais interessante para se comentar do que um grande triunfo sobre um ser mau. Para a maior parte das pessoas, a vida na Terra é seu trabalho e a vida do espírito, seu descanso; mas para os grandes Portadores da Sandália, assim como Ptah-kefer, a Passarela para os Deuses é a estrada sobre a qual eles carregam seus fardos, e a Terra é onde encontram seu repouso.

Havia um odor agradável de calor do sol, de frutas e da doçura das flores. Servas, usando túnicas de linho verde e enfeitadas com coroas de trigo, passavam entre os convidados com bandejas de comida. Havia pequenas aves envoltas em folhas de parreira; gazelas assadas inteiras em espetos de prata; tâmaras frescas servidas sobre arroz; e milho verde, cortado quando a espiga estava com um dedo de comprimento, servido com codornizes recheadas de figos. Este era meu prato favorito.

Sesket, a mãe do filho de Neyah, sentava-se à mesa real. Ela falava muito pouco e, quando comia, lembrava uma gazela bebendo água num poço, sentindo o cheiro de uma leoa. Seus olhos eram grandes e as pálpebras, bem-talhadas. Seu olhar era suave, como se ela fosse tão tímida quanto estúpida. Perguntei-me por que Neyah a amava. Talvez sua força gostasse da suavidade dela, como Natee, que permitia que um gato ficasse em sua baia.

Tetab, outra das concubinas de Neyah, estava presente. Observei-a chupando uvas. Achei que seus dedos marrons ao pegar as uvas do cacho lembravam os do meu macaco ao pegar um favo de mel. Eu gostava muito do meu macaco; mas, se vasculhasse meu coração, não encontraria nenhum traço de afeição por Tetab. Seus olhos eram audazes e redondos como o seixo polido do ônix. Quando notou que eu estava olhando para ela, suas pálpebras os velaram. Neyah devia estar arrependido por ter tido o pai dela em tão alta conta a ponto de trazer sua filha para casa.

Havia garotas andando entre os convidados com cestos cheios de coroas de flores, para que as mulheres pudessem trocar as suas quando murchassem pelo calor. O Supervisor dos Observadores do Rio esvaziava sua taça com rapidez, e quando uma das moças passava por ele pegava uma coroa de madressilvas e tentava colocá-la na cabeça da mulher ao seu lado. Desajeitado, desarrumava a peruca dela, deixando à vista a linha raspada de cabelos com a qual ela tentava

aumentar sua testa. Ele deveria ter sido alertado de que não era inteligente de sua parte esquecer-se de que a sala de banquetes do Faraó não era sua própria casa e nem a taverna da guarnição.

Depois, jovens nuas e delgadas como juncos dançaram a Dança das Sombras do Vento do Norte. Primeiro, ficaram imóveis como um campo de milho num dia parado, e tambores em surdina murmuraram o calor modorrento. Então os oboés sussurraram a brisa noturna e os braços das dançarinas ondularam como um campo de grama alta soprado pela brisa. E começaram a se mover suavemente, como as folhas levadas pelos primeiros sopros de uma tempestade. O vento ficou mais forte com a melodia das harpas, e elas se balançaram como os papiros à beira do pantanal. E quando os músicos reproduziram a tempestade, elas eram como árvores cujos galhos se agitam ao vento dispersando suas folhas como dádivas às nuvens rápidas. A tempestade cresceu ao som dos tambores até parecer que estávamos cercados por uma forte tormenta. E quando a música flutuou para a paz, o ritmo das dançarinas voltou a ser suave. Então a música desvendou a calma, e elas ficaram tranqüilas como as árvores numa noite silenciosa.

Antes de o banquete terminar, ergueu-se o brinde escrito pelo copeiro de Na-mer, que salvara seu mestre da morte por envenenamento. Em sua homenagem, esse brinde é levantado até hoje no Festival de Min. Pela última vez, nossas taças de alabastro foram enchidas com vinho.

"Vinho que é digno do selo do Faraó
Na tampa de seu jarro terreno,
Vinho que é guardado nas escuras salas de pedra
Onde faz nascer lentamente esta criança
De uvas encacheadas e sol quente de verão.
Se fosse usado como a bebida do povo
Para erguer uma barreira contra pensamentos ou medos,
Seria como o Mangual na mão do Faraó,
Açoitando as costas dele por vontade própria.
Ou o filhote de leão, que dorme a seus pés,
Dilacerando sua carne e desnudando seus ossos.
Que os tolos e covardes usem esse manto púrpura
Para esconder seus deveres da visão interior
Mas nós o bebemos à Sabedoria, à Coragem, à Verdade,
À queda dos inimigos, e à proteção da Luz."

Capítulo 7

Dio

Quando eu estava no Templo costumava pensar que depois de me tornar sacerdotisa encontraria satisfação ao usar o poder que estava me esforçando por ganhar. No entanto, agora que compartilhava a Coroa Branca meu coração freqüentemente ansiava pela força tranqüila de Ney-sey-ra; depois de tê-lo por companheiro, a convivência com os nobres e minhas servas era como o pipilo agudo de um simples junco diante da harmonia esplêndida das harpas e flautas.

Eu tinha de ser Faraó sempre, distante, sábia e imperturbável. Com ninguém, salvo Neyah, eu podia tirar essa vestimenta de controle. Eu não podia demonstrar impaciência quando o espelho mostrava meu cabelo desalinhado, nem jogar no chão o bastonete de cera quando o contorno de meus olhos ficava borrado, como gostaria de fazer às vezes. Tinha de me manter sempre calma, como se a luz ao meu redor brilhasse como uma pérola em vez de ficar vermelha de raiva. Ninguém podia sequer imaginar que freqüentemente eu me sentia como uma harpa com as cordas muito tensas, que a um simples toque emitia sons dissonantes; que as coroas, perucas e trajes cerimoniais eram pesados depois de se usar uma túnica simples com os cabelos soltos; que sentar-se imóvel num trono cansava meus músculos acostumados à liberdade. No Templo eu fora muito só; mas agora, a não ser quando estava dormindo ou em meu santuário, havia sempre gente comigo, pessoas para quem eu tinha de ser sábia e amável, pessoas a quem eu poderia ferir com uma simples palavra impensada, que, se pronunciada por outra pessoa, não despertaria a mínima atenção. A pessoa a quem haviam jurado lealdade, cuja sabedoria reverenciavam, era apenas uma imagem minha que eles tinham em seus corações. Não havia ninguém que conhecesse minhas dúvidas e temores secretos, ou ouvisse as palavras tolas e raivosas que não chegavam a passar pelos meus lábios, mas gritavam no silêncio de meus pensamentos. Neyah e eu estávamos juntos; mesmo assim eu me sentia sozinha, pois, embora tivesse sua companhia, ansiava por esse elo duplo onde um é para o outro como o equilíbrio da balança. Eu não podia falar com Neyah sobre meus anseios, pois temia

que ele ficasse triste se soubesse que, mesmo governando ao seu lado, eu continuava a sentir a solidão de todas as mulheres que não têm um homem com quem compartilhar suas vidas.

Dio vivia sempre em meus pensamentos, e eu estava ansiosa por seu retorno. Ele era a única pessoa que não me via como um sacerdote ou Faraó, mas como Sekeeta.

Cinco luas haviam se passado desde que ele fora para as pedreiras do Sul, e a lua agora estava novamente cheia. Nessa noite, Dio estaria esperando por mim perto do lago. Logo após o pôr-do-sol, fui para o quarto, dizendo a minhas servas que estava cansada e queria ficar sozinha, e que ninguém deveria vir até mim a menos que eu chamasse.

Saí do palácio pelo jardim particular, onde as ervas de meu pai exalavam seu aroma pungente pelo vinhedo ao longo do estreito caminho entre os juncos. Algum animal pesado provocou um ruído na noite e me assustou. Dos dois lados do estreito caminho a água entre os juncos era preta como o betume.

Então, refletida na água, vi uma luz que brilhava pela porta aberta do pequeno pavilhão perto do lago. Dio esperava por mim. Quando entrei pela porta, ele abriu seus braços. E eu me refugiei neles como um viajante cansado que chega ao lar.

Encontrei-me muitas vezes com Dio lá, ou nas Campinas de Ra. Expliquei-lhe que era uma das acompanhantes da Rainha, fazendo com que compreendesse que eu não estaria sempre livre para me encontrar com ele.

Nos dias em que não podia ir vê-lo, deixávamos mensagens um para o outro numa figueira oca que ficava do lado de fora do muro do jardim. Às vezes, ele deixava um desenho, outras, um poema.

Um dia, Dio me enviou este poema:

"O poço seco de meu pátio
 Ficou cheio de água doce e lótus azuis
Porque você olhou para ele.
Meu jardim barrento está cheio de flores
 Porque seus pés andaram por ele.
Minhas vinhas se inclinam ao peso das uvas
 Porque você tocou seus talos nus.

Meus campos abandonados estão vivos pelo canto dos [pássaros
Porque eles ouviram sua voz.
Minha débil harpa emana agora suas melodias.
Porque ouviu seu canto.
Minha pobre casa tornou-se um palácio
Com pátios e colunatas
Porque quer protegê-la do sol a pino.
E eu, que sou apenas um escultor,
Serei maior que o Faraó
Se você me der seu coração".

Eu respondi:

"Se eu fosse o gentil vento do norte,
Sua fronte estaria sempre fresca.
Se eu fosse um jarro de vinho,
Seu copo nunca estaria vazio.
Se eu fosse um rio,
Seu jardim nunca conheceria a seca.
Se eu fosse suas sandálias,
Seus pés nunca sentiriam as pedras do caminho
Se eu fosse um cesto de frutas,
Sua fome jamais existiria.
Se eu fosse uma espada,
Seus inimigos nunca o tocariam numa batalha.
Mas sou apenas uma mulher
E não tenho nem mesmo um coração para lhe dar
Pois ele já é seu".

Mais tarde encontrei na figueira oca:

"Vi meu amor dormindo:
Um jardim tranqüilo ao luar,
Vi meu amor acordando:
O sol dispersando as névoas do rio.
Vi meu amor chorando:
Estrelas são as lágrimas da noite.
Ouvi meu amor rindo:
O canto do pássaro noturno ao meio-dia.
Vi meu amor caminhando:
O vento refrescante do norte ondulando a plantação.
Vi meu amor abrindo os braços para mim:

Soube então que quando entrar nos Campos Celestiais
Não encontrarei nada que me seja estranho".

Dio e eu estávamos juntos à margem do lago. Havia uma fresca brisa noturna, e as ondas rompiam-se em suspiros contra a margem.

— Dio, por que você me ama, se não acredita nas coisas que eu lhe digo? Você poderia encontrar centenas de dançarinas mais belas que eu. Você não acredita que o amor seja eterno. Pensa que é uma coisa que acontece de repente entre duas pessoas, como os fragmentos da palmeira seca que ficam ardentes e depois florescem numa chama no rodopio da fogueira.

— Minha Sekeeta, por que você está sempre ponderando sobre a razão das coisas? Não é suficiente que eu a ame? Não sei por que quando me lembro de você a mais bela dançarina fica parecida com uma núbia gorda moendo milho. Ou por que quando ouço sua voz, o canto mais doce tem o som de um cinzel batendo numa pedra. Mas estou contente que seja assim. Você é muito bonita, minha Sekeeta, e se eu fosse um grande escultor você saberia disso por si mesma. E as histórias que você me conta são mais belas do que as lendas que se costuma contar ao redor das fogueiras no país da minha mãe, lendas do tempo em que a Terra era jovem e os deuses andavam com os homens nos jardins do ocidente.

— Oh, Dio, seu pobre país! Gostaria de ir até lá e falar com as pessoas. As verdades nas quais acreditam são tão pequenas a ponto de serem julgadas como simples lendas de um historiador.

— Você adorará meu país. Lá você aprenderá como a beleza do presente pode ser captada de modo a parecer eterna, assim como o vôo de um pássaro rumo ao futuro é captado na pedra. Lá o riso estará em seus olhos e você cantará a alegria de seu coração. Eu colocarei em você coroas de rosas e jasmins brancos e correremos juntos pelas praias brancas ao som do mar. Escalaremos montanhas tão altas que as nuvens estarão sob nossos pés. Dormiremos sob as estrelas e caminharemos juntos pelos vales de tulipas... Teremos uma casa branca com um jardim como você nunca viu, num degrau da encosta da colina, com uma queda-d'água cantando para nos embalar, e amplos terraços para o mar. Teremos pombas brancas tão amestradas que pousarão em seu ombro com seus pés coloridos, e suas vozes

ecoarão nossa felicidade. Os caminhos serão de tomilho e as cercas, de alecrim. E todas as flores de meu país enfeitarão esse lugar para você, cada uma em sua estação. Se estivéssemos lá agora, as montanhas estariam vermelhas de anêmonas, e os oleandros brotariam sobre sua janela. Estaremos sempre juntos; e meus olhos estarão cheios com sua beleza até finalmente poder esculpi-la em pedra. E milhões de anos depois de termos morrido, encontrarão minhas estátuas e saberão que, embora o homem tenha procurado pela beleza desde que a Terra era jovem, uma vez ela viveu como uma mulher em Minoas.

Dio estava deitado com a cabeça em meu colo. Coloquei minhas mãos em seus olhos para mantê-los fechados e não poderem ver as lágrimas nos meus. Ele acabara de me contar as coisas que havíamos feito juntos em sonhos. Eu podia me lembrar dos vales cheios de tulipas e ver suas pétalas tão claramente como se elas tivessem nascido em Kam e eu as tivesse visto acordada. Por que eu nascera para usar uma coroa e apenas sonhar com as coroas de jasmins? Quando ele descobrir quem eu sou, estará perdido para mim na Terra. Ele será compreensivo ao dormir, ou até meus sonhos serão tristes? Essa felicidade durará tão pouco; ainda assim sua lembrança será sempre uma parte de mim, e quando afinal entrarmos nos campos celestiais poderei viver este presente por toda a eternidade.

Embora eu tivesse dito a Dio que nunca deixaria o palácio, ele não acreditava em mim. Julgava que aquela minha idéia fosse decorrência do deslumbramento por uma posição elevada e que eu estava dando demasiada importância à amizade da Rainha. Ele esperava que o brilho da corte logo se obscurecesse para mim e eu me contentasse em ir com ele para sua casa no delta.

Dio odiava a Rainha. No seu modo de pensar, ela simbolizava toda a pompa e cerimonial que ele desprezava. Chegou a afirmar que ela devia ser egoísta e sem compaixão por me fazer ficar ao seu lado quando eu poderia encontrar a felicidade com ele. Quando a defendi e tentei fazê-lo entender como era difícil a vida de um Faraó, ele nem me ouviu. Eu sabia que logo Dio descobriria que ela e eu éramos a mesma pessoa, e me perguntava qual imagem permaneceria em seu coração: a da Rainha que ele odiava ou a da mulher que ele amava.

Rezei a Ptah para que pudesse ter um filho dele. E quando soube que Ptah ouvira minha voz, contei a Dio.

Naquele mesmo instante, ele afirmou que ninguém mais ficaria entre nós, e que pediria uma audiência com a Rainha a fim de reivindicar minha liberdade para que eu pudesse casar com ele.

Deveria ter lhe contado tudo naquela hora, mas era tarde e eu precisava retornar ao palácio. Assim, pedi que me encontrasse no dia seguinte ao pôr-do-sol e até lá não solicitasse nenhuma audiência.

Eu sabia que esse interlúdio, no qual pudera estar com Dio num jardim secreto, estava chegando ao fim, e que havia chegado a hora de abandonar aquele santuário de verde tranqüilidade para caminhar com ele à luz clara do dia. Pois o sol não pára em sua jornada pelo céu, nem as vidas dos homens permanecem sem mudanças. Eu havia desfrutado da liberdade dos amantes, sentido minha Terra cerceada pelo meu amor e conhecido a alegre herança que Min dera à humanidade. Mas era tolice não sentir prazer com o verde frescor das folhas novas, com saudades das esculturas de galhos despidos com a lua ao fundo, ou ansiar pelas sombras formadas pelas folhas no verão. Agora precisávamos trabalhar juntos pela glória de Kam.

Planejei como seria nossa vida juntos... As construções que ainda viviam na mente de Dio floresceriam na pedra. Erguer-se-iam por todo o país novos templos, onde as pessoas seriam ensinadas como eu o fora. Do outro lado do oceano havia cedros para as portas; as barcaças trariam pedra calcária do Norte e o granito rosado de Za-an. Reuniria artesãos das Duas Terras, escultores e pedreiros, carpinteiros e escribas, e faria jardins, com poços cheios de lótus meticulosamente colocados entre as árvores. Construiria um pequeno palácio no Sul, onde as ilhas rochosas desafiariam o fluxo do rio. Até mesmo a mobília seria idealizada por Dio: ela seria perfeita, modelada em madeiras preciosas e enfeitada com lazulita para refletir o sol, linhas de marfim e filetes de ouro. Minhas cortinas seriam desenhadas com cisnes voando, abrindo caminho acima dos juncos com seu vôo em forma de flecha, e até os pisos seriam de cedro. Faria de Dio o senhor de um grande Estado, como se fosse o filho do Faraó com uma esposa secundária. Quando ele precisasse viajar pelo país para ver suas construções teria uma barcaça com quarenta remos, e dirigiria numa biga seus próprios cavalos. Eu o elevaria à altura do nome de um deus, e embora ninguém mais ficasse sabendo, ele saberia que o Faraó, Filho de Hórus, era seu filho.

Como eu havia sido tola em ficar triste por ter nascido na Casa Real! Se eu fosse apenas Sekeeta, poderia ser esposa dele diante dos sacerdotes, mas não poderia dar nada a ele, exceto meu amor. Se os olhos dele tivessem se aberto para a Luz, eu lhe teria falado há muito da minha herança, pois as pequenas coisas da Terra não importam para os que conhecem as grandes asas do tempo e seu movimento sem pressa pelo espaço. Eles vêem a humanidade despida de suas graduações terrenas, e sabem que a riqueza pode ser de um pequeno pescador e a pobreza, dona de mil cofres de ouro; que duas pessoas que se amam caminham pela Terra em muitas formas, falam uma com a outra em centenas de idiomas, dormem nos braços uma da outra em palácios, ou se unem numa cabana de pescadores. Entretanto, por que eu sempre temera que esse amor morresse quando ele soubesse que Sekeeta e a Rainha eram uma só? Ele verá que meus cabelos mantêm o mesmo brilho, embora eu use a Coroa Branca, saberá que meus lábios têm o mesmo calor sob os dele, embora tenham pronunciado o Juramento do Faraó, e que minhas mãos continuam sendo as mãos longas e finas que ele ama, embora meus dedos conheçam o Cajado e o Mangual.

Amanhã à noite eu o encontrarei, e meu coração não ocultará mais meus pensamentos mudos. Daqui em diante não haverá barreiras entre nós, e com a força de sua companhia serei uma serva melhor para os deuses. Logo riremos juntos de quando ele dizia odiar a Rainha; odiava-a enquanto a segurava em seus braços! Ele aprenderá que para o ódio viver é preciso que o ódio e a compreensão fiquem afastados um do outro, pois, se eles se encontram, nasce deles uma criança, cujo nome é amor.

Na manhã seguinte, quando me sentei para dar início à sessão de audiências, parecia-me que duas mulheres estavam sentadas no trono: a Faraó, que fazia justiça com o Cajado e o Mangual, e Sekeeta, que sonhava com a alegria que conheceria ao anoitecer, quando sua felicidade afastaria o medo e, em segurança, encontraria afinal a paz.

O dia estava quente, e as horas se arrastavam. Então, no momento em que estava prestes a declarar o encerramento da audiência, o escriba leu: "Hicso-Diomenes".

As frases de amor que contariam a ele que sua Sekeeta era Za Atet ainda ecoavam em meu coração. Enquanto caminhava pelo longo salão até mim, seus olhos estavam fixos em Natee, deitado a meus pés. Agora eu ficaria sabendo se o amor dele era eterno ou se a esperança de aprofundamento era um poço raso, que o sol da verdade logo transformaria em deserto. A história do segundo Menés surgiu num relampejo em minha mente. Certa vez, ele se sentara imóvel num trono e ficara observando para ver se aqueles que vinham em sua direção traziam presentes ou uma adaga nas mãos.

Então Dio parou à minha frente. Ergueu a cabeça e olhou para mim. Vi a surpresa em seus olhos se transformar em ódio. Sem dizer nada, ele se virou e deixou a sala de audiências.

Naquela noite, contaram-me que Hicso-Diomenes deixara a Cidade Real, e que os modelos para a construção dos novos templos estavam em pedaços, no pátio de sua casa vazia.

Sekeeta não existia mais. A Rainha era a única realidade. A Rainha que se divertira com seu arquiteto.

Capítulo 8

As leis de Kam

No primeiro dia do ano, foram proclamadas as leis em todo o país de Kam: nos templos, pelo Sumo Sacerdote; nas cidades principais de cada nomo, pelo Vizir; nas vilas, pelo Chefe; nas guarnições, pelo Capitão dos Capitães; nos mares e rios, pelo Comandante do Navio; e na Cidade Real, pelo Faraó.

No primeiro ano de meu reinado, eu mesma proclamei as leis para meu povo, dos degraus do grande pátio do palácio.

— Ouçam minha voz!

"Ninguém obstruirá o caminho de qualquer pessoa das Duas Terras que busque a sabedoria nos templos ou a justiça do Faraó.

"Todas as pessoas de Kam são compatriotas, e deverão fazer uma à outra o que fariam para um irmão amado.

"Ninguém recusará socorro ao doente nem comida ao faminto. Ninguém tomará o que não é seu por direito. Ninguém fará uma criança ficar com medo nem deixará o idoso sofrer por sua fraqueza, para não sentir a ira do Faraó, que é o pai de todo o seu povo.

"Todos os que têm servos deverão tratá-los como gostariam de ser tratados: com justiça e compaixão. Todo servo, tanto numa casa como trabalhando nos campos, será digno de um bom senhor.

"Os homens que têm mulheres em suas casas as tratarão com amabilidade, para que elas sorriam ao ouvir seus passos e criem seus filhos com alegria. As mulheres que têm marido, irmãos ou pais, cuidarão para que sempre tenham mel em suas próprias bocas de modo que suas palavras mantenham a casa tranqüila. Para que todos em suas casas se alegrem em compartilhá-las.

"Nenhum animal sofrerá crueldade, brutalidade ou negligência. Quem deixar um animal com inanição ficará sem se alimentar por doze dias para que compreenda o que é a fome, e conhecendo-a, não a ocasione aos outros. Quem tiver um animal com ferimentos provocados por açoites ou arreios mal-ajustados receberá cinco chibatadas nos pés e cinco nas costas por cada animal negligenciado.

"Quem deixar suas plantas morrerem tendo água à disposição dará uma colheita inteira de suas terras para o Templo como um livre tributo, para que conheça a realidade da fome.

"Quem apanhar mais peixes do que o necessário e os deixar apodrecendo à margem do rio não poderá lançar sua rede por três meses.

"Os mercadores que mentirem a respeito de seus artigos e negociarem injustamente com quem não tem capacidade para perceber sua desonestidade não poderão negociar em Kam por seis meses. E se sua ofensa se repetir, suas posses serão divididas entre o povo e ficarão apenas com um pedaço de terra suficiente para plantar, provendo seu sustento com as próprias mãos e força.

"Qualquer oficial sob meu selo, vizir, fiscal de mercado, escriba ou supervisor que agir com desonestidade, traindo a palavra do Faraó, será banido de Kam.

"Quem não obedecer a essas leis descobrirá que o Faraó é o senhor de todos e verá que será tratado como tratou aos outros.

"Se tiverem dúvidas sobre a sabedoria de qualquer ação, perguntem a si mesmos: 'Se eu estivesse fazendo isso ao Faraó ou a alguém pertencente a ele, continuaria a fazer'? Se o coração de vocês disser sim, então tudo estará bem.

"Lembrem-se de que são meus filhos, e o que fizerem uns aos outros estarão fazendo a mim também. Não digam palavras que receiam ouvir-me dizer. Tratem seus filhos como se fossem filhos do meu corpo. Tratem seus animais como se fossem este leão a meus pés. Cuidem de suas plantas como se fossem do jardim real.

"Esforcem-se por chegar a hora em que possam dizer: 'Não há ninguém que peque, não há ninguém que sofra, não há ninguém que chore por alguma ação minha'. Pois nisso está a sabedoria dos deuses e o desejo do Faraó para seu povo."

Capítulo 9

Expedição a Punt

Seis meses depois de ter me tornado Faraó, mensageiros trouxeram a notícia de que nossos limites a sudoeste estavam sendo invadidos pelo povo de Punt, que não enviara naquele ano nenhum tributo.

Neyah seguiu para lá a fim de ensinar àquele povo a sabedoria. Com ele foram dez mil soldados do Exército Real. Esse exército estava sob o comando pessoal do Faraó, e só era chamado em tempo de guerra. Cada nobre guerreiro levava cem homens de seu Estado. Todos eles eram seus amigos, pois haviam crescido juntos, tendo aprendido a usar a lança e atirar flechas com o mesmo mestre de seu governador. Se algum deles morresse em batalha, suas esposas e filhos seriam considerados membros da casa do governador. Cada guerreiro recebia uma casa para viver com sua família, terras para plantar, a quantidade de grãos necessária para

seu pão, e mais o mesmo tanto para negociar. A maior parte dos nobres dava a seus guerreiros um jarro de cerveja a cada lua, e um rolo de linho rústico e um de lã por ano.

Antes de sair, Neyah passou suas tropas em revista. Havia cinco mil arqueiros, mil homens armados com clavas e dois mil lanceiros. Na chefia de cada cem homens, um capitão, e para cada cinqüenta capitães um capitão dos capitães. Os carregadores de grãos, os armadores de tendas, os cozinheiros e os outros, que cuidavam da comida, da água e da bagagem somavam um total de dois mil homens. Todos estavam armados com espadas curtas, que levavam numa bainha presa ao cinto. Eram usadas tanto para a caça como para a luta. Cada homem tinha uma cobertura de linho na cabeça para proteger-se do sol, uma forma simplificada da cobertura da esfinge; e um manto de lã que carregava pelo pântano como um fardo e no qual se envolvia para dormir. Os capitães usavam braceletes de ouro, e sua cobertura de esfinge era listrada de verde e escarlate. Cada capitão tinha uma bandeira na qual estavam seu emblema e o de seu nome, e seus cem homens usavam esse emblema num dos lados de suas coberturas.

Nenhum cavalo seria levado na expedição, uma vez que não havia mais negociações com Zuma, e os cavalos eram muitos raros em Kam. Antes da guerra, os garanhões de Zuma eram trocados por ouro, marfim, perfumes e malaquita. Mas o povo de Zuma não nos vendia éguas, para que não criássemos nossos próprios cavalos e deixássemos de dar objetos tão preciosos para ele. Cinco éguas haviam sido capturadas na última batalha contra os *zumas,* e tínhamos agora cinqüenta cavalos nos estábulos reais. Eles estavam entre nossos bens mais preciosos, e se uma peste atacasse os estábulos, não haveria nenhum cavalo em Kam. Em tempo de guerra, as bigas do Faraó, dos capitães dos capitães e dos capitães eram puxadas por duas mulas brancas. Esperávamos conquistar os *zumas* e o povo a leste deles algum dia. Então todos os nobres teriam seus próprios cavalos.

Com o exército seguiam quatro médicos, dois jovens sacerdotes videntes e seis moças contempladoras. Todos os dias eram trazidas do Templo para mim notícias a respeito da jornada de Neyah, e eu rezava bastante para que Ptah o protegesse, e ele retornasse vitorioso.

Nosso exército viajou rio abaixo em noventa barcaças a vela. Perto da foz do rio, desviou rumo leste, entrando pela Terra Estreita entre as Duas Águas. Então os homens

desembarcaram e marcharam por quatro dias até chegar ao mar Estreito, onde uma frota de cem navios esperava por eles. Navegaram para sudoeste ao longo da costa e desembarcaram na praia ao norte de Punt, que era fracamente guardada, pois esperava-se que qualquer ataque de Kam viesse pelo lado do deserto.

A cidade real de Shebastes, o rei daquele povo, ficava a quatro dias de marcha da costa. Neyah dividiu suas tropas em duas alas circulares, pois pretendia atacar a cidade pelos dois lados de uma só vez. Os exércitos de Punt eram uma turba selvagem, e logo enfraqueceram diante das linhas uniformes de nossos soldados, que avançaram sobre eles num fluxo contínuo e incansável. Então Neyah cercou a cidade e esperou que o povo de Punt se rendesse, pois não havia ido até lá para aniquilar o inimigo. No terceiro dia, Shebastes veio da cidade, trazendo seu tributo. Ajoelhou-se e tocou os pés de Neyah com sua testa em sinal de humildade e jurando fidelidade a Kam. Disse a Neyah que cortaria as mãos de dois mil de seus guerreiros para demonstrar seu arrependimento por terem se sublevado contra as terras de Atet. Neyah replicou que ficaria aflito ao pensar que Shebastes estaria proporcionando a si mesmo uma série interminável de duas mil mutilações. Em vez disso, ele deveria demonstrar sua lealdade fazendo das leis de Kam as leis de Punt.

Neyah permaneceu na cidade de Shebastes por quarenta dias, enquanto os chefes de cada tribo e de cada cidade juravam fidelidade a ele como seu governador. Então voltou para casa pelo deserto, pois queria visitar Na-kish. E o povo de Punt, que o considerava um libertador das opressões, entristeceu-se quando ele o deixou, e enviou duzentos carregadores com o exército para levar seus tributos.

Capítulo 10

O Elo Dourado

Meu povo ficou contente por eu estar esperando um filho, pois ele seria reconhecido como duplamente real, como se não fosse apenas meu, mas de Neyah também. O pai do filho de uma rainha casada com seu irmão nunca é citado. E aqueles dentre meu povo que são crianças em espírito e ainda não estão além da necessidade das lendas asseguram que o título real, Filho de Hórus, ao ser ostentado por uma tal criança, não é apenas um título, mas uma verdade.

Sempre sentia meu corpo bastante leve, mas agora ele me prendia à Terra, e quando eu cruzava a Passarela dos Deuses, não me lembrava de nada. Eu rezava para que Neyah retornasse antes de meu filho nascer, para que pudesse sentar-se sob a Balança, onde agora eu estava sozinha.

As mulheres cujos amantes tinham morrido pensavam em suas lembranças; é suficiente que durmam para se encontrarem com seus amados. No meu caso, contudo, Dio me abandonara até mesmo em meus sonhos. Eu não podia amá-lo e assim preencher meu coração: isso anuviaria minha sabedoria, que pertencia ao meu povo. Tampouco podia odiá-lo, pois carregava seu filho, que seria digno de governar Kam.

Eu tentava pensar naquele curto período de amor como se tivesse acontecido na vida de outra mulher; olhara através dos olhos de outra pessoa para as duas figuras irreais de uma canção de amor.

Ao deixar o Templo, Thoth-terra-das viera comigo como meu escriba. Para ele eu continuava sendo aquela com quem ele partilhara seu amor pelas palavras. Por causa de seu cargo, ele sabia da minha tristeza. E me disse:

— Lembre-se, Sekeeta, de como eu a ensinei a polir a alegria com palavras, para que sua irradiação pudesse ser um disco de prata e refletir a felicidade nas sombras de seus dias transtornados. Ao modelar seus pensamentos com palavras, pode vê-los claramente e separados de você, pode ver a radiância imperecível da alegria passada ao lado da transitória pequenez da mágoa. Não tome a tristeza por sua companheira para ensombrear seus passos com o eco dos dela, mas transforme-a numa estátua e caminhe sozinha, deixando-a como uma estátua à beira de um caminho deserto.

Assim, apesar da tristeza de meu coração, vi a bênção gentil das palavras.

"Os jasmins brancos estão florindo em Minoas
Mas não os verei murchar em seus ramos.
O vento sopra pelos vales de tulipas
Espalhando suas pétalas que perderam o brilho.
Os caminhos estão púrpura de timos do campo,
Mas meus pés não pisarão em sua doçura.
As praias estão brancas ao som do mar,
Mas não registrarão minha passagem.
A lua lança sombras pelos oleandros
Numa sala vazia como meu coração.
Devo cerrar as gentis cortinas do sono,
Embora nenhuma cascata cante à minha janela.
E assim, além da amarga Terra, encontrarei a paz,
Mais profunda que a satisfação sonolenta das pombas."

Quando chegou a hora de meu filho sair do abrigo de meu corpo, Neyah ainda estava a três dias de jornada da Cidade Real.

Gostaria de ser como as outras mulheres, que dão à luz seus filhos sozinhas na cama, com o amor de seus maridos para lhes dar coragem. Mas meu filho deveria nascer na cadeira de nascimento real, enquanto eu conversava com os sacerdotes em função a fim de mostrar que minha vontade era superior ao meu corpo e que aquela dor física não me faria gritar contra seus ataques violentos.

Ptah-kefer estava comigo, observando para ver se tudo corria bem com meu corpo. Quando a criança nascesse, ele veria quem viera para encontrá-la em sua jornada. E, vendo seus companheiros, saberia se era alguém antigo ou novo de espírito que retornara à Terra. A meu lado havia também um sacerdote médico, pronto para fortalecer a criança caso ela ficasse exausta pela provação do nascimento. Atrás de mim encontrava-se Maata, que pegaria a criança e a banharia em óleo aquecido envolvendo-a então em linho macio, do mesmo modo como fizera comigo, sendo a primeira a me pegar em seus braços. Com ela estava Pakee, que cuidaria de meu corpo quando eu pudesse me relaxar e deixá-lo aos seus cuidados.

A túnica de parto, amarrada no pescoço por uma lua de ouro alada, cobria meu corpo até o chão. Sob suas amplas dobras eu enfiava as unhas nas palmas das mãos; isso acal-

mava minha mente como uma espada que faz o coração se esquecer do sofrimento. Senti o suor escorrer por meu rosto como patas de mariposas. Nunca conhecera tanta dor na Terra; ela se lançava em ondas vermelhas contra os rochedos da minha vontade, mas antes que eu fosse engolfada, retrocedia para voltar novamente com fúria maior. Nenhum sacerdote que esteja num corpo de homem pode saber como a tração da Terra é assustadora para uma mulher, e embora eu devesse falar de assuntos sacerdotais, minhas palavras não fluíam, e minha respiração estava descontrolada.

Falei a respeito da nova estrada entre Men-atet-iss e Abidwa. Tentei pensar em cada cúbito da entrada, mantendo o pensamento na paz de suas extensões ensombreadas. Senti que meu autocontrole era como uma chama única, que eu protegia com as mãos enquanto ela era assaltada pela tempestade que queria apagá-la e me deixar mergulhada num mar negro de dor. Tentei pensar em todas as multidões da Terra, e me lembrar de que o que eu estava passando havia sido compartilhado pelas mães de todas as pessoas do planeta. Mas a dor e o medo são prisões nas quais estamos sozinhos.

Ouvi minha voz ainda falando da sombra das árvores quando, num último ataque da espada branca e quente da dor, meu nenê nasceu. Ouvi-o chorar... e os olhos do sacerdote médico desviaram-se de meu corpo; então conheci a paz.

Fora da Terra, senti-me refrescada, e quando retornei ao meu corpo ele foi gentil para mim. Abri os olhos e vi Pakee me observando ao lado da minha cama. Ela me contou que Ptah-kefer dissera que minha filha seria digna de segurar o Mangual, e deveria se chamar Den, pois já havia nascido como guerreiro antes, embora agora tivesse retornado à Terra como uma menina.

Os cabelos de minha filha tinham a cor do cobre pálido, como se o cobre dos cabelos de seu pai tivessem sido fundidos com ouro; por essa razão dei a ela o apelido de Tchekeea.

Enquanto olhava para ela pensei em Dio... Para ele, uma parede branca de pedra, ansiosa à espera de ser esculpida por ele para tomar vida sob suas mãos, era mais importante do que qualquer presente que eu pudesse lhe dar; e o ouro era apenas um metal para modelar a beleza. Para ele,

um templo não dependia de seus ensinamentos, mas da pureza de suas linhas. Embora não houvesse nada que eu pudesse dar a ele, para sua filha daria um trono, e eu nunca teria outro filho que pudesse disputá-lo com ela. Dio nunca saberia como eu desejara abandonar minha pesada herança e colocar minha felicidade à frente do governo de um grande povo. Agora talvez ele risse ao pensar que essa criança tinha como pai os deuses. As mulheres que vêm até mim para falar de seus corações surpreendem-se com minha compreensão, pensando ser o fruto de grande sabedoria. Elas não sabem que minha atitude provém do fato de eu ter compartilhado a tolice das mulheres com elas.

Neyah chegou quando minha filha estava com três dias. Logo que chegou ao palácio veio ao meu quarto. Seus olhos foram direto para os cabelos avermelhados da criança, quando parou ao lado da minha cama. Com a voz fria e suave de uma pedra, ele comentou:

— Brotaram penas vermelhas em Hórus depois da minha partida.

Então virou-se para ir embora. Chamei-o, a contragosto ele voltou e ficou esperando que eu falasse.

Eu sentia muitas saudades dele, mas ao mesmo tempo estava muito zangada também. Pensei: "E quanto às suas suaves mulheres? São como quatro papagaios tagarelas, alegremente coloridos e estúpidos. Vivem apenas para passar *kohl* nas pálpebras e pintar as unhas. Seus corpos são suaves, mas elas são vazias como estátuas. Têm a sensualidade das gatas, mas são muito menos inteligentes. Quando vou aos aposentos delas, deslizam para as sombras ao me verem. Enquanto eu sou Faraó, elas não podem ser nada. Por que devo me importar com elas? Para você, elas são como um fino estojo de flechas, ou um cachorro de faro aguçado, ou uma biga que corre mais depressa que as outras; e certamente você é amável com elas e lhes traz presentes de marfim, colares e óleos preciosos. Elas me temem. Eu sou Faraó das Duas Terras, cujos limites são o mar, o deserto e as montanhas. Meu espírito pode voar do meu corpo para o domínio dos deuses. Além disso, sou invejada pelas mulheres comuns, mulheres cujos domínios são as quatro paredes de seu quarto, cujo trono é o capacho que está sob suas camas, cuja visão não vai além do corpo de um homem. Para mim, invejá-las é como se eu desejasse a satisfação dos bois

ruminando nos estábulos. Como você deve odiar esta criança! Você tem três filhos, e eu conheci suas mães. Mas você nunca conhecerá o pai de minha filha. Três de seus nobres, um capitão e seu escriba-chefe têm essa estranha cor de cabelo. Você nunca saberá qual deles deve cumprimentar como irmão".

Há muito tempo eu mantinha esses pensamentos bem amordaçados. Mas agora que a tração da Terra estava forte, eles deslizavam dos pastos bem trancados da mente. Durante luas e luas meu corpo havia sido uma prisão, e a espada da minha vontade ficara envolvida por pesados revestimentos, até que os pensamentos espontâneos romperam as barreiras e pisaram selvagemente nos lugares secretos de meu coração.

Neyah ficou esperando que eu começasse a falar. Eu sentia enormes saudades dele, mesmo assim disse:

— Acho que você nunca teve uma mulher de cabelos vermelhos. É estupidez de sua parte. Se tivesse, descobriria os estranhos prazeres que elas poderiam lhe dar.

Então ele foi embora, e eu fiquei totalmente só.

Quando Tchekeea estava com doze meses, ficou doente por causa de uma peste que assolou o país; tudo indicava que ela ia morrer. Seu rosto e seu corpo estavam manchados de azul; primeiro, ela parecia queimar por dentro com um estranho fogo; depois ficou gelada em meus braços. Não ingeria nada, a não ser o leite e o vinho que eu passava em gotas por um caniço colocado entre seus lábios.

Neyah ficou com ela dia e noite, e em seus braços ela encontrou a paz, que não conseguia encontrar nos meus. No décimo dia, sua temperatura voltou ao normal, e Ptah-kefer disse que o perigo havia passado e ela viveria.

Quando ficou novamente forte, era para Neyah que corria em busca de conforto ao se machucar ou quando queria compartilhar o prazer de um brinquedo. E a criança que fora uma lança entre nós tornou-se o elo mais forte da corrente dourada que nos ligava um ao outro.

Eu sofria ao pensar que havia voltado as costas para os filhos de Neyah, e comecei a freqüentar os aposentos das mulheres e a conversar com suas esposas secundárias. Dessa maneira, aprendi a compreender o pensamento delas. Recebi presentes delas e dei-lhes tesouros. A princípio, quando lhes via o prazer diante de um bracelete, um vestido pregueado ou um jarro com algum novo ungüento, eu os dava com um secreto desprezo. Depois, conhecendo-as melhor, compreendi que essas coisas eram para elas como a lança para um guerreiro, ou uma placa para um escriba. E a seus filhos, dei amor e proteção, do mesmo modo que Neyah os dava a Tchekeea.

Assim, aprendi que o ciúme é um grande mal. Pois, para um ciumento, o amor é como um colar de prata que ele aperta nas mãos com medo que um ladrão o roube; e se o perde, pensa que tudo está perdido. Mas cada um de nós é como um sol; e seus raios, que são o amor e a amizade, refletem sobre muitos, e em todos os que eles refletem, o calor não será maior se seus irmãos estiverem na sombra.

Isso eu ensinei a todos os homens e mulheres que experimentaram a mesma tristeza que uma vez amargurou meus lábios.

Parte VI

Capítulo 1

Viagem pelo mar

Quando Tchekeea estava com três anos de idade, Kiodas, rei de Minoas, veio a Kam numa visita oficial. Os laços de amizade entre seu país e o nosso eram fortes, e prometemos que dentro de um ano iríamos visitar sua ilha.

No ano seguinte, o quinto do meu reinado, no segundo dia do quarto mês, dissemos adeus à pequena Tchekeea e à nossa mãe. Eu gostaria que elas fossem conosco para Minoas, mas durante nossa ausência mamãe teria de governar nosso povo, e eu sabia que Tchekeea ficaria mais feliz com ela na liberdade do palácio do que se fosse conosco, tendo de ficar fechada no convés estreito do navio numa viagem de muitos dias.

Há muito tempo eu queria conhecer Minoas, mas não se pode ficar muito feliz ao iniciar uma viagem quando a pessoa que mais se ama fica um pouco mais distante a cada cúbito transposto. Kam estava tranqüila, pois, desde que Neyah subjugara o povo de Punt, ninguém ousava desafiar a força de Atet. Mas quando os remadores começaram a afastar o Barco Real rio abaixo e vi Tchekeea cada vez menor à distância, segurando a mão de minha mãe, quase desejei que algum perigo ameaçasse Kam; assim eu poderia ordenar ao comandante que voltasse rapidamente.

Nosso cortejo era formado por seis barcos. Conosco seguiam viagem: Ptah-kefer, Zertar, e duas contempladoras; minhas quatro acompanhantes e dez servas; seis jovens nobres e os vinte acompanhantes de Neyah; Zeb e três outros capitães com trezentos homens do Corpo da Guarda Real; oito músicos, três tocadores de harpa, dois de flauta e três de oboé, todos eles cantores. Como presentes para o rei

estávamos levando um filhote de leão domesticado, de quatro meses; dois baús de cedro com ouro; colares de lazulita, cornalina e ametista; cinqüenta rolos de linho fino; quatro baús decorados em ouro e faiança; e doze presas de marfim.

Levamos seis dias para chegar à costa, pois parávamos uma vez por dia para dar audiência ao povo, como meu pai fizera quando éramos crianças e viajamos com ele para Na-kish.

O povo do Norte é mais baixo de estatura, embora mais robusto do que o do Sul; suas vozes têm um som rouco e o sotaque não é tão musical. Nesse lugar costuma chover em determinadas épocas do ano, e nunca há escassez de água. É a terra dos grandes celeiros, e antes da colheita os campos ficam parecendo um mar de milho a perder de vista. A principal cidade do Norte fica do lado leste da foz, perto do mar. Chama-se Iss-an, como a Guarnição Norte, que fica no limite leste da cidade; e é dali que o delta é administrado. Na época em que o Lótus e o Papiro não cresciam no mesmo poço e as abelhas não moravam no meio dos Juncos, Iss-an era a Cidade Real do rei do Norte.

Horem-ka, o Vizir, vivia num velho palácio. Ele era um forte guerreiro, assim como um homem de grande sabedoria, e lutara ao lado de meu pai na última batalha contra os *zumas*. Tinha um filho de oito anos também, chamado Horem-ka. Eu disse ao menino que ele deveria crescer à imagem de seu pai para que um dia pudesse ser vizir de Kam. Dei a ele uma miniatura de barca feita de plátano com remos de marfim, como as que Neyah costumava esculpir; para suas irmãs dei brinquedos, e para sua mãe, um colar de ouro e lazulita.

Ficamos em Iss-an por três dias e demos audiência ao nosso povo, que viera de longe para ver o Faraó. No quarto dia embarcamos em nossos grandes navios rumo ao mar. A vela do navio real era escarlate, e o casco do veleiro, pintado em azul e dourado. Mais cinco navios de Kam foram conosco, e Kiodas enviou oito embarcações de sua frota para nos escoltar. Seus navios ficavam mais altos na água que os nossos e tinham duas carreiras de remos, mas suas velas eram menores. Na proa, traziam um peixe esculpido, pois o mar é o principal elemento dos habitantes da cidade.

Navegamos a noroeste por três dias, até avistarmos a costa. Então um vento favorável nos conduziu para o norte por oito dias, com montanhas no horizonte à nossa direita.

Passamos por três navios de Kam cheios de cedro navegando rumo ao sul.

Não pude desfrutar com Neyah de seu amor pelos navios quando enfrentamos uma borrasca. Adoro a espuma de um pequeno barco a vela e a viagem real num barco que segue pelo rio majestoso como um cisne. Mas odiei as tempestades que nos assaltavam, enquanto nosso navio se equilibrava nas montanhas verdes das ondas ou caía com desespero nos vales entre elas. Quanto mais assustadora a tempestade, mais o coração de Neyah se alegrava. Estivemos ao lado do leme piloto por horas e ele parecia se deliciar ao sentir sua pele flagelada pelos jatos de água. As ondas passavam pelos remadores, que se mantinham firmes em seus remos para que pudéssemos ficar a prumo. Quando as portas e janelas da casa do convés se fechavam, era como se tivéssemos sido tragados para a barriga de um peixe; e quando se abriam, a água se derramava para dentro, provocando outros tormentos. Minhas acompanhantes, deitadas em seus colchões, pediam a Ptah que por compaixão as fizesse morrer. Eu não passava mal, mas desejava ser um deus para elevar minhas mãos e fazer as ondas se acalmarem.

Após uma longa noite, a tempestade amainou e o mar ficou sereno. Minhas acompanhantes pentearam as tranças de seus cabelos e limparam a tintura dos olhos que escorrera por suas faces. Depois arrastaram-se para o convés e sentaram-se miseravelmente ao sol. Agora que o mar estava calmo, elas desfrutavam dele tão cuidadosamente quanto um homem passa pela jaula de um leopardo selvagem quando acha que as barras são frágeis.

No décimo segundo dia aportamos numa ilha enorme, uma província de Minoas, enquanto nossos navios recebiam novas provisões de alface, rabanetes, romãs, uvas e laranjas, queijo e manteiga de leite de cabra, e peixe conservado em óleo. Era essa a terra dos vinhos famosos, dos quais cem jarros eram graciosamente enviados todos os anos para Kam; e dos campos de violetas das quais se destilava um famoso óleo para ungüentos. Dormimos naquela noite na casa do governador; e ao partir demos-lhes dois braceletes de ouro e um colar para sua esposa.

Navegamos novamente na direção norte até avistarmos a costa montanhosa, que mantivéramos à nossa direita por cinco dias. Então seguimos para sudoeste, passando pelas ilhas de Bakiss, onde são construídos os mais belos navios de Minoas. Nas partes mais altas da ilha cria-se um tipo de

cabra com pêlos longos e sedosos dos quais são tecidas as mais finas lãs. O vento estava favorável e não paramos, seguindo na direção contrária ao crepúsculo, até avistarmos as grandes ilhas de Minoas.

Logo que fomos avistados da praia, uma frota de cinqüenta navios saiu ao nosso encontro para nos saudar. O maior dos navios tinha uma vela branca e vermelha, as cores reais de Minoas. Enquanto as duas embarcações reais flutuavam lado a lado calmamente como dois bois numa canga, uma ponte de madeira foi colocada entre elas e a cruzamos para ir saudar Kiodas. O rei de Minoas usava uma túnica branca, bordada em púrpura e ouro; e seu cabelo cor de cobre, enrolado na altura dos ombros, estava preso por um filete de ouro. Suas sandálias eram enfeitadas com ametistas, e ele usava uma ametista bem grande no dedo indicador da mão direita. Logo que chegamos ao convés, moças, usando túnicas esvoaçantes da cor de amêndoas em flor, tocaram suas liras e címbalos, cantando boas-vindas a nós:

"O sol surgiu após uma longa noite,
As árvores despidas cobriram-se de brotos,
Os pássaros silenciosos emitem suas canções,
O mar está sereno como um lago,
Os riachos secos estão prateados de peixes,
Enquanto cantamos nossa alegria aos Faraós de Kam,
Que nos honram com sua presença".

Kiodas me disse que sua rainha, Artemíodes, esperava por nós no palácio para nos dar as boas-vindas.

O ancoradouro estava repleto de pequenas embarcações, cujos ocupantes nos aclamavam enquanto o navio aportava. A praia estava repleta de gente das vilas vizinhas, que subiam uns nos ombros dos outros para nos ver, tagarelando, excitados. Todos vestiam roupas alegres em cores brilhantes, que não eram nítidas como as do povo de Kam, pois havia muitos tons de cada cor. Aqueles para quem eu olhava sorriam, o sorriso de coração aberto e amoroso das crianças. E senti que cada um deles se alegrava por estarmos visitando seu país.

Capítulo 2

O palácio de Kiodas

A viagem em liteira até o palácio durou duas horas. Cada volta da estrada íngreme mostrava outra bela paisagem aos nossos olhos: praias brancas de pequenas baías, com ondas espumando; o mar, com seus vários matizes, desde o verde e o turquesa até o azul-escuro; uma rosa silvestre brotando de uma rocha. As pequenas vilas eram pintadas de branco, amarelo ou rosa; para se manter nos declives íngremes, as casas pareciam ter pés tão seguros quanto os de um cabrito montês. A brisa soprava suavemente, com o doce aroma floril vindo dos vales. Os ramos retorcidos das oliveiram eram muito antigos: revestidos com o verde prateado de suas folhas novas, eram como velhos homens de erudição que tivessem renovado sua juventude. Crianças corriam das casas por onde passávamos e atiravam flores em nossas liteiras; pois aqui as encostas são jardins de deuses.

À distância, o palácio de Kiodas na encosta assemelhava-se a uma esplêndida cidade, ou a uma escadaria feita para gigantes com vinte e cinco metros de altura. Quando nos aproximamos da grande entrada, Artemíodes desceu a longa escadaria para vir nos saudar. Sua voz era quente e doce ao me dar as boas-vindas. Ela parecia uma bela estátua de cobre e marfim: a pele suave como o mel, e os cabelos desafiando o colorido dos malmequeres.

Ao me mostrar as belezas de sua casa e os terraços floridos, estava tão ansiosa quanto uma criança feliz que mostra seus brinquedos para alguma coleguinha querida. Os jardins, guardados por ciprestes, floresciam ao redor das oliveiras; e a natureza e o homem compartilhavam tão bem seu trabalho que cada rosa, cada agrupamento de violetas, cada exército de jacintos marchando ao sol, parecia ter crescido ali por sua própria vontade.

Os quartos do palácio davam para amplos terraços que serviam de teto para os que estavam embaixo. Meu quarto de dormir tinha um friso de dançarinas em preto e vermelho; e acima dele, a espaços regulares entre si, cabeças de touro, esculpidas em pedra branca, cujos cifres estavam enfeitados com flores frescas. A cama, com a cabeceira na forma de uma concha, tinha o colchão e o travesseiro revestidos de

uma suave seda amarela. Tapetes tecidos em branco e preto cobriam o chão de pedra; em Minoas, até os palácios são construídos de pedra. Oleandros rosa em grandes jarros de cerâmica vermelhos enfeitavam os pilares das três passagens em arco que davam para um terraço particular, aberto ao sol. Quando chovia, os arcos podiam ser fechados por venezianas de sarrafos; e por dentro havia cortinas azuis para escurecer o quarto para dormir durante o dia.

A banheira não ficava no chão como as nossas, e me fazia lembrar uma pedra de sarcófago. A água fria entrava pela boca de um peixe de pedra e saía por um pequeno canal cortado no chão. Vasos de cerâmica em diferentes formatos, contendo ervas e flores para perfumar o banho, encontravam-se sobre prateleiras presas nas paredes que eram decoradas com pássaros marinhos, conchas e corais.

No final do terraço, murada pela visão distante do mar e do céu, havia uma piscina; do outro lado, um caramanchão coberto por videiras e trepadeiras de rosas, um convite ao descanso.

Quando retornei aos meus aposentos a fim de me preparar para o banquete que seria oferecido em nossa homenagem, minhas acompanhantes haviam tirado minhas roupas das caixas de viagem e arrumado em longos baús de cedro pintado. Maata comentou que encontrara doze perucas no quarto onde minhas roupas foram guardadas; isso a levou a acreditar que as pessoas de Minoas pensavam que nosso povo era careca, só porque ouviram dizer que às vezes usamos perucas para as cerimônias. Querida Maata! Ela tinha muito mais orgulho do meu cabelo do que eu mesma, e achava que o brilho dele devia-se ao fato de tê-lo penteado em tranças apertadas quando eu era criança.

Os pensamentos dela atropelavam-se em sua língua, e enquanto dava brilho em meu cabelo contou-me que as moças que haviam trazido a água quente para o meu banho estavam com os seios nus e que seus mamilos eram vermelhos.

— Os cabelos delas são de um laranja morto, amarelados, encaracolados e enfeitados com fitas, em vez de usarem perucas decentes e túnicas de linho, como nossas servas. Duvido que haja alguma moça neste país inteiro a quem o marido possa surpreender no dia do casamento.

Ri e disse a ela para ser mais tolerante com os costumes dos outros povos, ou pensariam que éramos tão insípidos quanto uma sala cheia de estátuas.

Maata fungou ameaçadoramente:

— Que mulheres assanhadas! Não permitiria que nenhuma delas trabalhasse em nosso palácio por mais de meio dia, nem mesmo para limpar as jaulas dos leões. Se as que eu vi não estão com um filho na barriga, não é por virtude, mas porque os homens daqui estão ocupados demais pintando o rosto e enrolando os cabelos para terem tempo de se lembrar de que são homens.

— Não fale assim, Maata. Eles são diferentes de nós: talvez sejam mais jovens, mas são nossos amigos. Talvez consigamos ensinar-lhes um pouco de sabedoria. Aliás, eu sei que os sacerdotes deles precisam disso. Más críticas e repreensões só serviriam para fechar-lhes o coração para as palavras que poderiam orientá-los. Para ver o rosto deles precisaríamos estar cercados por uma floresta de lanças, nosso vinho teria de estar envenenado, e nossas camas cheias de escorpiões.

— Se isso lhe agradar, guardarei meus pensamentos. Mas não importa muito o que eu diga. Eles não podem entender minhas palavras mais do que eu o matraquear deles.

— Então me agrade e sorria, Maata. Também acho difícil expressar-me na língua deles, mas estou contente por ter aprendido alguma coisa antes da visita deles no ano passado. Foi gentileza deles nos darem as boas-vindas em nosso idioma.

Maata saiu quando Neyah chegou ao meu quarto para ver se eu estava pronta, e eu lhe contei o que ela estava achando do povo de Minoas. Ele demonstrava um ótimo humor e continuou rindo consigo mesmo. Enquanto descíamos para o banquete, disse:

— Ainda bem que Maata não estava no meu quarto, pois quando fui tomar banho encontrei seis jovens esperando por mim. Quando eu lhes disse para ir embora, elas fingiram não me entender e ficaram apontando uma para a outra e para a cama, a fim de perguntar qual delas eu gostaria que me esperasse à noite.

Um dos lados da sala de banquetes era aberto com pilares, descortinando o crepúsculo. Havia duas longas mesas de mármore de cada lado da sala, e uma menor sobre uma plataforma numa das extremidades, onde eu e Neyah nos sentamos entre Kiodas e sua rainha. O vestido de Artemíodes, em babados, era de linho azul com bainhas em violeta, bem justo na cintura e nos quadris; o corpete era bem decotado, deixando à mostra seus seios com os mamilos dourados.

Seu cabelo estava preso no alto da cabeça em pequenos cachos por presilhas de prata enfeitadas com ametistas.

À mesa do rei encontravam-se também Ptah-kefer e Zertar, o sumo sacerdote de Minoas, o vizir-chefe de Kiodas e o capitão de sua frota. Os nobres e capitães, ladeados das mulheres pertencentes à nossa casa, sentavam-se em bancos estofados, às longas mesas. Aqui, cada um deve se ater durante o banquete às pessoas sentadas ao seu lado e não pode selecionar aquelas com quem gostaria de conversar, como fazemos em Kam.

O vinho dourado, suave ao paladar e bem gelado, era derramado de jarras com longos gargalos e alças em formas graciosas por rapazes vestindo túnicas curtas, cujos cabelos estavam enrolados e presos por fitas.

Foram servidos vários tipos de peixe que eu nunca saboreara antes, e muitas iguarias, uma delas de mel com amêndoas e pétalas de rosa açucaradas. A mesa estava enfeitada com violetas e rosas. Enquanto nossas línguas desfrutavam de pratos deliciosos, os músicos encantavam nossos ouvidos e as dançarinas, nossos olhos.

Ao som dos oboés, um dançarino veio correndo até o centro da sala usando apenas um cinto de folhas de uva ao redor dos quadris. Ele segurava as pontas de longas coroas de flores pelas quais arrastava seis moças, vestidas como ele, fazendo de conta que eram escravas sendo trazidas por ele a seu rei. De repente, as moças começaram a dançar girando ao redor dele. Ele continuou parado no meio das moças, que ficaram dançando à sua volta com passos entrelaçados até enrolá-lo e prendê-lo com as cordas. Então, enquanto elas cantavam zombando dele, ele arebentou as correntes de flores e elas fugiram aterrorizadas, enquanto ele as caçava noite adentro.

A seguir, vieram dois homens e uma moça, que, embora fossem muito graciosos, eram mais acrobatas que dançarinos. Os homens a lançavam um para o outro pela sala, e quando seus braços se abriam como asas, ela flutuava pelo ar como um pássaro ao vento.

Após cada dança, os convidados aclamavam os dançarinos e atiravam-lhe flores. Na primeira vez em que isso aconteceu, fiquei assustada. Em Kam, aplaudir um dançarino após a dança seria o mesmo que aplaudir um escultor, admirando-o, sem dar importância à estátua que ele fez. Para nós, o ritmo de uma dança é algo à parte da pessoa que a cria, como uma estátua o é para seu escultor; mas aqui os

dançarinos é que são apreciados, e não aquilo que eles tornaram vivo por meio do corpo.

Peguei uma rosa branca que estava ao lado do meu prato e atirei-a na direção de uma moça que acabara de dançar; percebi que ao fazer isso agradara a Kiodas. Quando ele estivera em Kam conosco, deve ter pensado que tínhamos aversão pelo prazer, desconhecendo que para nós apreciar os executores de uma dança seria o mesmo que cantar para a lua por ela projetar o desenho de uma figura numa parede.

Nessa noite, antes de ir dormir, Neyah veio ao meu quarto. Ele estivera nadando na piscina; seu cabelo ainda escorria água, e eu lhe disse para secá-lo antes de ir para a cama. Ele respondeu:

— Não tenho cama. Na minha há uma garota dormindo, esperando por mim. Não gosto desta super-hospitalidade. Preferiria dormir. Se eu a mandar embora de meu quarto, Kiodas poderá pensar que achei a mulher indigna de mim. . . Prefiro escolher eu mesmo com quem dividir minha cama.

— Pobre Neyah! Diga a ela que este é o dia do sagrado festival de Kam, no qual todos os homens se tornam celibatários por uma noite e abandonam o mundo das mulheres para o deus Min. Ela acreditará em qualquer coisa vinda de nós. Eles pensam que somos mágicos, que podemos transformá-los em sapos, ou voar pelos céus montados em crocodilos.

— Fiquei contente por você ter atirado aquela rosa, Sekeeta, isso agradou a Kiodas. Achei difícil conversar com a mulher dele. Seria mais fácil se ela tivesse ido a Kam, mas eles só se casaram na primavera.

— Eles são um povo tão feliz, mais alegres do que nós, Neyah, mesmo quando éramos crianças! Talvez não saibam quem são, de onde vieram ou para onde vão, mas vivem risonhos neste período de tempo que é o presente.

— Sim, mas a alegria deles é como a espuma que logo se desfaz.

— Pode ser, Neyah, mas a espuma mantém um colorido mágico enquanto dura, mais belo que a profundidade de todos os mares. Embora tenhamos a satisfação dos espíritos antigos, eles abraçam o presente ao peito, fechando os dedos em torno de cada grão de tempo como se fosse uma rosa, destilando cada gota de seu aroma antes que suas pétalas caiam para livrar seus corações.

— Mas eles não conhecem nada sobre a sabedoria. Se eu pudesse fazer com que Kiodas enchesse seus templos com meus sacerdotes...

— Eles são jovens e felizes, e isso é bom para eles. Modificar suas vidas seria tão cruel quanto se pegar o brinquedo favorito de Tchekeea e quebrá-lo, para mostrar-lhe que é apenas um brinquedo, e não um gato para quem ela conta suas histórias. Deixe-os. Eles não são maus, são apenas jovens. Quando forem mais velhos nascerão num país como o nosso... Mas já é tarde. O dia foi longo e devemos dormir. Boa noite, meu Neyah. Vá para o seu quarto, e amanhã você me conta como dormiu!

Capítulo 3

Artemíodes

Artemíodes gostava de vir ao meu quarto e experimentar meus ungüentos, que eram novidade para ela. Não havia malaquita em Minoas, e Artemíodes gostava de colorir suas pálpebras de verde como as minhas. Mostrei a ela como fazer para que a malaquita se tornasse uma pasta suave como uma gota de óleo num dedo, e prometi que enquanto estivéssemos em Kam ela o receberia, e que enviaria a ela uma paleta esculpida como a minha para moer malaquita.

A toalete dela requeria um longo tempo. Cada um de seus muitos cachos tinha de ser enrolado num pequeno bastão, amarrado com tiras e umedecido com água-de-rosa antes de secar. Sua pele era muito bonita, quase da cor de suas pérolas, e todos os dias ela se banhava em leite de cabra fresco e massageava as mãos com creme de leite de ovelha para mantê-las suaves.

Ela tinha um quarto longo e estreito onde guardava seus vestidos, cada um numa ampla prateleira, organizada de acordo com suas cores. Um dos vestidos de que mais gostei era de seda amarela com tiras em turquesa; outro muito bonito tinha tiras rosa e brancas como uma tulipa, preso no

pescoço e com bainhas verdes; outro ainda recebera cinco babados, no qual o malva suave do alecrim era enfeitado com pequenas pérolas. Artemíodes tinha uma sandália para cada roupa, da mesma cor. Quando estávamos sozinhas, ela geralmente usava uma túnica simples presa abaixo do busto por fitas coloridas.

Falava de roupas tão ansiosamente quanto um capitão narraria a seus companheiros a estratégia de uma batalha. E descrevia uma combinação de cores como um poeta que transmite seus pensamentos em imagens a seu amigo cantor, encontrando o mesmo prazer na colocação de um enfeite que Thoth-terra-das ao pronunciar uma frase suavemente.

Ficou surpresa ao ver que cada um de meus vestidos era reproduzido em quatro cópias exatamente iguais. Expliquei a ela que em Kam a maior parte das roupas que usávamos tinha o mesmo modelo há mais de cem anos.

Embora ela fosse a rainha de Kiodas, não compartilhava seu governo; e acho que ficou triste por mim, porque, em vez de ter apenas os prazeres de uma rainha, eu compartilhava as responsabilidades de um rei.

Eu trouxera um filhote de leão para Artemíodes por causa do prazer que Natee me dera. Pensei que isso a deixaria mais feliz do que qualquer outro presente. Ela me pareceu ter gostado muito, e disse que o filhote dormiria num colchão violeta ao lado da sua cama. Mas as patas do mais gentil dos filhotes são ásperas, e seus pequenos dentes, pontiagudos. Ele mastigou o colchão violeta e fez em tiras as fitas de seus vestidos. Assim Artemíodes percebeu que é tão difícil amar um filhote de leão e os vestidos ao mesmo tempo quanto uma pomba morar com um gato selvagem. Então ela me perguntou se eu não estava me sentindo solitária sem Natee, e se ficaria mais feliz se o filhote de leão dormisse em meu quarto enquanto estivesse em Minoas. Logo que se instalou em meu aposento, o filhote ficou muito bem; e quando as pessoas a quem ele não conhecia se aproximavam de mim, costumava rugir para elas com sua voz fraca e rouca. Afeiçoei-me tanto a ele que decidi levá-lo de volta para casa e dá-lo a Tchekeea; assim, disse a Artemíodes que achava que os invernos de Minoas seriam muito frios para ele, e que lhe enviaria linhos bordados e braceletes esculpidos para simbolizar melhor nossa amizade.

Cada dia era um florescer na árvore do tempo. As preocupações de governar tornaram-se remotas, e tínhamos de pensar apenas em nosso prazer para agradar aos anfitriões.

Passamos cinco pacíficos dias num pequeno palácio de verão junto ao mar, sozinhos com Kiodas e Artemíodes. Usamos túnicas tão simples quanto as dos pescadores, e cozinhamos nossa comida sobre as achas em brasa de uma fogueira formada por madeiras flutuantes.

Nas praias rochosas, onde o mar sussurrava para a lua, havia pequenos poços com flores vívidas que escondiam suas pétalas ao toque, e ervas marinhas vermelhas como os cabelos das ninfas do mar, e caranguejos amarelos que corriam de lado para o abrigo das rochas.

Neyah enrolava nossas linhas de pesca ao redor da cintura, e nós dois nadávamos até uma rocha que se erguia íngreme da água profunda. Ali lançávamos nossos anzóis até sentirmos um peixe forte lutando para escapar. Uma vez, apanhamos um pequeno octópode; seus tentáculos eram como um ninho de serpentes, e o mal olhou para mim através daqueles olhos até Neyah matá-lo com sua faca de caça.

Amarrávamos os peixes que tínhamos pescado pelas guelras, e Neyah os levava pendurados no ombro ao nadarmos de volta para a praia. Então deitávamo-nos, expondo ao sol que bronzeava nossa pele brilhante pelos cristais de sal do mar. Não usávamos roupas até a hora do crepúsculo, pois o sol do meio-dia não era muito impetuoso.

Artemíodes e eu ficamos bastante amigas, mas nunca conheci seu coração nem entendi seu modo de pensar. Ela adorava ouvir sobre meus afazeres diários, mas nunca perguntava a respeito dos meus pensamentos nem queria falar das coisas fora da Terra; ela gostava de ouvir sobre o que meu povo comia, quanto tempo trabalhava e como se divertia. Mas quando eu começava a lhe contar o que se aprendia em Kam, percebia que ela ouvia apenas por cortesia. E quando eu tentava descobrir no que ela acreditava, começava a me contar sobre um novo prato que cozinhara, ou sobre uma nova fantasia que imaginara para agradar a Kiodas.

Às vezes, ela falava do rei como se fosse sua dançarina favorita, contando-me como, mesmo quando ele estava sobrecarregado, ela conseguia desviar seus pensamentos do trabalho de governar e mantê-lo no círculo de um abraço. Às vezes, falava dele como se fosse um belo jovem que queria tirar sua virgindade; e outras como se ela fosse uma mãe indulgente falando orgulhosamente de um filho teimoso. O amor pelo marido parecia mudar de acordo com seu humor. Talvez fosse porque em Minoas eles não aprendiam

a "conhecer a si mesmos" e ainda não tinham aprendido que a força do amor está em conhecer quanto o outro tem de bom e ruim, de sabedoria e tolice, e mesmo assim querer prosseguir na longa jornada ao lado dele.

Uma noite, dormindo em liteiras acortinadas, fomos levados para uma das grandes montanhas que há na ilha. Pela primeira vez segurei a neve nas mãos e vi meus dedos modelá-las com seu calor. Eu conhecia o branco brilhante da pérola, o branco morno do marfim recém-cortado, a brancura espumante de uma onda em rebentação, e as pétalas da margarida brilhando ao sol; mas tinha agora nas mãos o coração da brancura, a essência de todas as cores transmutada em pureza.

O céu oriental projetava as bandeiras do dia, e a brisa matinal apagava o lampejo das estrelas. A terra abaixo de nós continuava a dormir sob a névoa; mas nós, numa ilha branca acima das nuvens, víamos o frio brilhante ao redor de nossos pés tornar-se um trono de coral para os deuses. O horizonte, poderoso como a Roda do Tempo, nos cercava, e a Terra adormecida começou a mover-se ao som da Biga de Ra, enquanto ele retornava com a música colorida da alvorada para cumprir sua tarefa de um novo dia.

Capítulo 4

A arte minoense

Assim como os deuses de Minoas eram diferentes dos nossos, as pinturas, esculturas, jardins e construções minoenses também o eram. E foi só depois de passar muitos dias naquele país que eu percebi onde estava a diferença.

Em Kam, vemos o universo segundo um padrão ordenado, onde não há caos nem mudanças; as estrelas aram seus campos pelo céu; o milho brota da semente, amadurece, cai da espiga e renasce num ciclo regular. Assim como nenhuma pedra cai na água sem formar ondas, não há nenhuma ação, boa ou má, que não seja equilibrada exatamente pelo futuro que seu presente cria. Não apenas o universo, não

apenas nossas vidas, mas todo grão de areia soprado pelo vento é meticulosamente equilibrado por essa justiça perfeita que para nós é simbolizada pela Grande Balança de Tahuti. Nosso conhecimento inato desse ritmo contínuo reflete-se em todas as coisas que criamos para simbolizar a forma pela qual vemos a beleza caminhando na Terra.

Os dois lados de nossas salas são reflexos um do outro. Se há uma janela de um lado e não pode haver uma do outro, nós a pintamos na parede: não porque queiramos que pensem que a pintura é uma janela de verdade, mas porque isso mostra que compreendemos que a beleza é a irmã gêmea da balança equilibrada. Um lótus colhido perde a metade de sua beleza, pois quando ele flutua num poço claro, a flor e seu reflexo unem-se numa harmonia equilibrada. É essa harmonia que tentamos conquistar em nossos jardins. Se há um pé de romã do lado direito de um poço, então seu irmão é plantado do lado esquerdo; se os lilases vermelhos de Ptah crescem do lado direito de um muro, então seu reflexo cresce no muro do lado oposto.

Vemos o presente como um reflexo do passado, ou como a criação de um reflexo no futuro. Portanto, o presente só pode ser visto em sua totalidade: pois se alguém vê apenas um lado de uma balança, isso não tem significado e não cumpre seu propósito.

Sabemos que a beleza é permanente, e que, sendo permanente, está além dos limites dos cinco sentidos do corpo e só pode ser apreendida pelo espírito. Não pintamos um friso num vestido para concenver o olho de que o que estamos vendo não é a pintura de um homem, mas o próprio homem. Nossos escribas desenhistas registram as coisas que, esperam, irão excitar o espírito do observador, para que ele possa recriar com sua visão interior o que o escriba viu com seu espírito.

Assim como os símbolos escritos transmitem palavras, que transmitem pensamentos, que transmitem uma imagem vista pela mente de quem escreveu, do mesmo modo nossas pinturas transmitem o que o pintor viu não apenas através de seus olhos, mas com seu coração. Se nossos escribas pintores querem registrar a beleza de um jardim, eles não pintam como seus olhos o vêem, pois criar uma ilusão da realidade é apenas criar uma ilusão. Ninguém pode sentar-se à sombra de uma árvore pintada, embora cada folha tenha sido fielmente registrada; e uma flor, embora magnificamen-

te desenhada, não pode lançar nenhum aroma a não ser o do material com o qual foi pintada. Mas assim como o milho brota da semente seca, o escriba desenhista planta as sementes do pensamento: seu poço é um espaço quadrado marcado por linhas-d'água, e se o poço tem lótus ou peixes, eles também aparecem; suas árvores são formais e mostram onde estão plantadas e que tipo de frutos e flores dão; e na mente do observador essas sementes de pensamento crescem, até ele poder ouvir o vento soprando nas folhas, ver o peixe na sombra do lótus, saborear o suco fresco das romãs, e encontrar felicidade nesse jardim vivo em sua mente.

Não esculpimos uma estátua para que os homens pensem que o ar está sendo respirado pelas narinas de pedra, não esculpimos cada veia e músculo ou a textura da pele; pois o tecido exato do corpo não é importante. Mas nossos grandes escultores são vívidos de espírito, e podem transmitir o espírito que habita o corpo do homem cujo semblante eles registram na pedra. Assim como um junco se reflete na água, do mesmo modo o espírito de um escultor reflete o espírito do homem que ele esculpe. E essa qualidade de nossa arte pode ser vista em toda a sua grandeza na estátua do grande Menés, que é iluminada por sua justiça e coragem; e a sabedoria e compaixão de meu pai estão vivas no granito.

Em Minoas, vi estátuas esculpidas com dois tipos de visão. Há aquelas que são apenas reflexos do corpo: cada curva dos músculos, as dobras das pálpebras e o fino cordão da veia nos pulsos e braços estão retratados como se a carne tivesse se transformado em pedra; contudo, são como cadáveres bonitos que se esqueceram do espírito que os habitou. E há estátuas onde a alma foi refletida pela alma do escultor; e olhando-se para elas pode-se dizer: este homem era avarento, e aquele, muito apegado ao ouro; esta mulher era muito tagarela, e aquela outra, devassa no amor. Contudo, de nenhuma delas pode-se dizer: ela tinha pensamentos antigos, tinha compaixão, ou ele era forte de espírito.

Nas pinturas minoenses, há a mesma falta de significado espiritual. Quando olhei pela primeira vez para o friso de dançarinas do quarto, pareceu-me que, se eu afastasse os olhos, elas começariam a dançar e suas roupas finas flutuariam ao vento. Então descobri que eram apenas uma sombra falsa das dançarinas, que não eram reais como as sombras da realidade numa parede. A imagem delas não podia encantar-se ao som das flautas, nem seus enfeites podiam trazer de

volta o aroma das flores; eram conchas vazias nas quais o sangue do corpo não mais corria. Elas nunca tinham amado ou sofrido, pois o espírito delas fora pintado e o universo, transformado em pedra.

Em Minoas, as pessoas se alegram com a beleza de seus corpos. Até mesmo nisso elas são diferentes do povo de Kam: para nós um corpo é belo não apenas por sua forma exterior, mas também pelo espírito que o habita. Nós colocamos malaquita nas pálpebras e usamos linhos finos como um homem constrói um belo pavilhão para receber a mulher amada. Mas aqui os homens amam um corpo por si mesmo, e é como se eles espalhassem ervas no chão de uma casa vazia, onde a poeira assenta num chão nunca perturbado por um pé vivo.

Apesar disso, são felizes em sua juventude. E tentar explicar a eles nosso modo de pensar seria o mesmo que tentar contar a um recém-nascido, satisfeito ao sugar o seio de sua mãe, o que ele verá quando seus olhos se abrirem.

Capítulo 5

O Pátio dos Touros Sagrados

Chegamos ao Pátio dos Touros Sagrados duas horas após o meio-dia, enquanto o sol ainda estava alto e não lançava sombras, confundindo os atletas.

Neyah e eu sentamo-nos um de cada lado de Kiodas nas cadeiras baixas com encosto pintadas de branco e vermelho, as cores de Minoas. Junto conosco na plataforma real, que ficava do lado oposto à entrada dos touros, estavam os membros das duas casas reais.

O pátio tinha a forma oval e era cercado por dez degraus de pedras grandes, onde o restante dos espectadores estava acomodado. Alguns sentavam-se em almofadas e outros, em mantos acolchoados de cores vivas. Vendedores de vinho, carregadores de água e moças com cestos de bolos e frutas passavam por entre a multidão.

Enquanto olhava para as pessoas, que estavam felizes

como crianças, pensei na diferença entre elas na presença do rei e o nosso povo na presença do Faraó. Vi uma moça que segurava o talo de um pequeno cacho de uva nos dentes, enquanto seu namorado tentava comer as frutas dos seus lábios; e um homem que sussurrava alguma coisa para a moça a seu lado enquanto ele beijava-lhe os ombros.

Em Kam, embora usássemos linhos transparentes, nossos corpos não significavam mais do que nossas mãos ou pés. Aqui eles não vêem seus corpos como uma espada da vontade, mas como um vassalo, de onde os prazeres são destilados dos sentidos. Os seios das moças são lisos como taças de alabastro, que contêm o vinho encantado para o fogo do sangue. Seus vestidos se ajustam em seus jovens quadris e ventres arredondados como os braços de um amante; e seus corpos brancos como o leite e suaves como gazelas abrigam a ferocidade do leopardo em seu calor sedoso. Os homens são tão musculosos quanto os de Kam, contudo parecem ser superiores a eles, não ao balançar uma clava, ao dirigir bigas, ou ao arremessar lanças, mas na perseguição de suas ligeiras amadas, cujo riso os conduz pelas sombras salpicadas pelo sol na ânsia da conquista num bosque murmurante. Em Kam, nossos corpos são apenas o revestimento que usamos em nossa longa jornada; aqui são o revestimento da alegria. Eles podem ouvir melodias nessa curva escultural dos seios aos quadris, claras como as notas de um pássaro noturno; eles não proferem palavras sábios, contudo sussurram carícias límpidas como flores brancas na escuridão da lua nova; os cabelos das mulheres podem lançar redes nas asas dos amantes até torná-los cativos em seus braços; seus pés não conhecem a extensão do pensamento, contudo dançam seu êxtase ao despertar; elas caminham na sombra, contudo são coroadas pelas rosas; e pássaros adormecidos reúnem-se a suas cabeças sonolentas em suas preces felizes.

Por que seus corações almejariam pela paz do Templo se estão deitados em caramanchões de madressilvas? Por que sonhariam com os Campos Celestiais se junquilhos dourados brotam a seus pés e os jasmins florescem à noite para lhes presentear grinaldas? Não busquem pela sabedoria. Vocês conhecerão sua paz quando forem antigos na jornada da vida. Mas, enquanto a Terra de vocês puder ser abarcada por seus braços, guardem na memória essa doce felicidade; reúnam a ela a glória da juventude para que essa doçura dourada possa refrescar seus corações quando estiverem cansados da peregrinação. . .

Kiodas interrompeu meus pensamentos ao me dizer que naquele dia cinco moças e sete homens participariam do torneio. Enquanto ele falava, um homem entrou na arena e anunciou os nomes daqueles que testariam sua destreza contra os touros.

Então os portões de madeira foram abertos, e entrou por eles a procissão de participantes que, de pé nas liteiras que os carregadores traziam nos ombros, deram a volta ao redor da arena, para o aplauso dos espectadores. Tanto os homens como as moças estavam nus, com exceção de uma tanga acolchoada para proteção; seus corpos estavam cobertos de óleo, brilhando como marfim. O cabelo das moças era curto como o dos homens, e suas cabeças estavam cobertas por cachos firmes. Em frente ao tablado real, os participantes saltaram de suas liteiras, e cada um jogou uma flor para Kiodas.

Os três que iam participar da primeira contenda, um homem e duas moças, destacaram-se do grupo indo até o centro do pátio onde tomaram suas posições. Então, ao toque das trombetas, as portas se abriram e um magnífico touro negro entrou. Seus chifres curvados para a frente eram dourados e ao redor de seu pescoço havia uma coroa de rosas vermelhas. De repente, o touro começou a patear e recuou, mugindo de raiva. Uma das moças caminhou na direção dele. O touro investiu contra ela. Quando o animal abaixou a cabeça para atacar, a moça segurou os dois chifres, um com cada mão, fez uma acrobacia sobre sua cabeça e aterrizou, correndo atrás dele.

O touro ficou desnorteado. Então viu o homem à sua direita e atacou novamente. Dessa vez, o homem deu uma cambalhota, ficando de pé por um momento nas costas do touro antes de saltar em segurança. A multidão aplaudiu e gritou, excitada. Quando o touro galopou pela arena, a outra moça segurou-o pelo rabo; e quando ele se voltou para ela, a moça deu um salto indo parar atrás dele. Isso foi freneticamente aplaudido, e Kiodas me disse:

— Nenhuma outra pessoa na Terra poderia ter feito isso!

Enquanto duas vacas eram trazidas para conduzir o touro para fora da arena, os três vitoriosos vieram até Kioda, que os coroou com rosas vermelhas; eles haviam vencido o touro das Rosas. Kioda me contou que, como esse touro fora conquistado pelo homem, não era mais digno de ser um touro sagrado, e portanto seria levado para

os pastos onde os animais a serem sacrificados eram mantidos até o momento em que precisavam dele.

O touro seguinte era branco, enfeitado com violetas. Ele atacava mais devagar do que o primeiro, e as acrobatas, todas moças, davam cambalhotas entre seus chifres. Quando as vacas levaram o animal para fora do recinto e as moças vieram até Kiodas para serem coroadas, ele disse a uma delas para ficar conosco. Era filha de um de seus mestres navegadores. Seu corpo era musculoso como o de um rapaz, e ela tinha uma longa cicatriz na coxa. Quando disse a ela o quanto admirava sua habilidade, a moça riu simplesmente, apontou para a cicatriz e disse:

— Às vezes, cometo erros, tenho sorte por ter apenas esta aqui.

Gostaria de saber se alguma vez ela já ficara com medo, ou se seus pensamentos mantinham-se tão firmes na concentração do ritmo perfeito que ela nem tinha tempo para ficar com medo.

Enquanto falava com ela, lembrei-me do povo de pele marrom-avermelhada da Terra das Cascatas. Aqui, no Pátio dos Touros de Minoas, a coragem é temperada com um corte mais fino ainda. Em nosso país aprendemos que, quando o perigo atravessa nosso caminho, deve ser atacado e vencido; aqui eles procuram o perigo como um caçador em busca de sua caça pelos altos juncos. Essa moça vive com um povo que acredita que o corpo é seu eu verdadeiro, e que a juventude floresce apenas uma vez. Mesmo assim, ela não tem medo de arriscar seu curto período de juventude contra esses chifres violentos que procuram acabar com sua força, contra essas patas trituradoras nas quais ela deve ouvir o eco da voz da morte.

O touro seguinte era preto, enfeitado com malmequeres, como as coroas de seus vencedores. O que veio a seguir, o último, era branco e vermelho, portanto pertencia a Kiodas, como tudo o mais dessa cor que nascia no reino. Ele demonstrava uma fúria real ao cruzar a arena, mas dois acrobatas conseguiram saltar por entre seus chifres com segurança. Antes de o último homem desafiá-lo, gritou algo que não consegui entender; Kiodas me explicou que o atleta havia declarado que ia tentar fazer a maior proeza, na qual o acrobata gira no ar depois de dar uma cambalhota por entre os chifres, e cai montado no touro, de frente para a cabeça.

Quando o touro investiu, todo mundo ficou em silêncio.

O único barulho que se ouvia no pátio era o das patas batendo no chão. O acrobata saltou numa cambalhota mais alta do que as anteriores, e quando seu corpo girou no ar o touro recuou e o atleta caiu, não em suas costas, mas nas pontas de seus chifres. Como uma adaga afiada, os chifres cortaram a barriga do homem, abrindo-a como um figo maduro; e antes que qualquer pessoa pudesse correr para ajudar, o touro o despedaçou, transformando-o numa massa disforme.

Fiquei aturdida com a reação do povo, pois em vez da lamentação que eu esperava, a multidão aclamava selvagemente o touro. Choviam flores sobre ele, e quando as vacas o levaram para fora da arena, o povo gritou num êxtase de excitação. Um manto foi jogado sobre o homem morto, e coloquei a mão no ombro da garota aos meus pés. Deve ter sido terrível para ela ver seu companheiro morto, sabendo que muitas vezes ela mesma se arriscaria a morrer assim. Seu rosto, no entanto não espelhava o que ia em seu coração.

Kiodas estava deliciado. Ele me disse:

— Veja, os deuses encarnaram em *meu* touro. Teremos uma rica colheita. Ninguém a não ser Zeus teria vencido o maior atleta do país.

E quando perguntei a ele se não estava triste pelo homem que havia morrido, o rei continuou:

— Ele era magnífico. Deve ter sido realmente o próprio Zeus quem o venceu. Esse touro, que o deus honrou encarnando nele, mesmo por um momento, viverá nos recintos do Templo. Vinte virgens estão esperando por ele, o alimentarão e espalharão feno e flores em seu estábulo. Ele terá um pasto e tantas vacas quantas puder servir. Como é um touro real, o Templo deverá me dar metade de todos os tributos que receber. Quem trouxer suas vacas para ele deverá pagar cinco jarros de óleo ou oito de vinhos, ou algo de igual valor para cada vaca que ele servir. E a secreção de um touro como esse é uma forte mágica contra doenças de garganta, e vale seu peso em prata. Confidencialmente, acho que os sacerdotes aumentam suas rendas misturando a secreção de um touro sagrado com a de animais inferiores para fazer negócio; mas o povo nem suspeita disso, e algumas pessoas são capazes de dar uma pérola rara pela quantidade suficiente para cobrir o peito de uma criança doente.

Enquanto saía do Pátio dos Touros Sagrados, pensei novamente no homem cujo corpo estava sob o manto na arena vazia. Meu coração ecoou ao acorde da memória, e lembrei-me de que o tinha visto na Parede dos Registros quando estava pondo à prova minhas asas. Tinha-lhe sido dito para procurar a coragem no Pátio dos Touros, e agora ele a havia encontrado, tornando-se seu filho.

Capítulo 6

O Templo sagrado de Minoas

Nos templos de Kam todos os dias são iguais, e não há nenhum dia mais importante do que o outro para alguém procurar pelos conselhos dos sacerdotes. Querer a sabedoria apenas num dia da semana é o mesmo que um homem ter sede por seis dias e só beber água do rio que corre ao lado de sua porta no sétimo. Em Kam, os homens não trabalham um dia em sete, e os pescadores largam suas redes para caminhar pelos campos, e o boi fica à toa enquanto o lavrador bebe sua cerveja; pois está certo que todos tenham um tempo para descansar nas sombras.

Para um homem ter pensamentos profundos, tanto faz que ele esteja trabalhando com as mãos ou passeando ao ar quente do meio-dia com um leque para refrescá-lo.

Entretanto, para o povo de Minoas, os deuses não são o ar que respiram; eles são mantidos à parte de suas vidas diárias. Só nos dias estabelecidos, quando os vindimadores não colhem uvas e os barcos estão ancorados, é que vão ao Templo. E mesmo assim não são movidos pelo coração; trata-se de um simples ritual a ser executado.

Num desses dias, Neyah e eu acompanhamos Kiodas ao Templo de Praxitlares. A construção ergue-se num amplo platô de uma encosta. Não tem pátio fronteiro, mas uma longa escadaria que leva ao pórtico, localizado entre pilares pintados num tom suave de rosa: era como se o Templo tivesse sido esculpido em coral fosco. Dentro há um grande salão de audiências, iluminado do alto através de janelas ocultas no teto; as paredes são pintadas imitando passagens em arco, e por elas pode-se ver um friso de touros sagrados,

e moças e rapazes tocando flautas. Num altar de pedra maciça há uma estátua de Zeus, o Deus do Trovão. Com sua mão direita ele segura uma espada; com a outra, erguida acima de sua cabeça, bastões iluminados. De frente para a estátua há dois tronos reais, com altos encostos dourados, minuciosamente esculpidos. De cada lado deles foi colocado um outro para Neyah e para mim. Atrás de nós estavam os nobres de Minoas em graus decrescentes, e o resto do salão havia sido ocupado por uma densa multidão, alguns de pé e outros sentados em bancos de madeira.

Quando nos sentamos, o sumo sacerdote entrou por uma porta encortinada, localizada atrás da estátua. Seu traje de seda púrpura, preso num dos ombros e deixando o outro nu, chegava até o chão em pesadas pregas esculturais. Seguiam-no rapazes com túnicas verdes brilhantes de mangas longas, balançando turíbulos de cobre com folhas aromáticas. Então entraram duas moças carregando uma travessa com duas alças, onde havia um cabrito recém-morto. O sangue ainda gotejava de sua garganta quando o colocaram no altar. Então, o sumo sacerdote começou a proferir suas preces rituais.

Eu pouco conseguia entender o que ele dizia, e achei sua voz confusa e sonolenta como as abelhas num dia quente de verão. O tempo parecia passar tão lento quanto uma lesma em seu caminho. Perguntei-me se eles pensavam que Zeus sentia prazer com esse apelo prolongado e monótono, se com suas palavras murmurantes o sumo sacerdote conseguia enviar um chamado para as estrelas, ou se sua mensagem morria no eco daquele salão.

O povo, que devia estar tão sonolento quanto eu, começou a se mexer; o som era semelhante ao de um órix correndo pelos juncos secos. Percebi por que meu interesse havia se voltado para ele, quando, ao som de címbalos e notas claras de uma flauta, doze dançarinas entraram pelas cortinas da porta. Elas carregavam arcos e aljavas de flechas penduradas num cinto; usavam na cabeça uma meia-lua prateada, e suas túnicas leves, da cor do céu noturno, eram presas na altura do busto por cordões prateados. Artemíodes sussurrou para mim que elas eram as servas da deusa da Lua, e tinham vindo para agradar a Zeus a fim de que ele não desafiasse a dignidade da deusa com suas nuvens carregadas de trovões. As moças dançavam em súplica diante da estátua, com os braços fluidos como a água ondulante na lua cheia. O pipilo das flautas ficou mais agudo; e elas simularam terror pela

ira do Deus Trovão, enquanto o estrépito dos címbalos, a música de Zeus, anunciava a tempestade. Então, para mostrar que elas haviam conseguido conquistar as graças dele, os címbalos foram emudecendo até serem apenas o murmúrio das marolas que seguem a tempestade.

Logo depois, as dançarinas e os assistentes uniram-se numa canção de prece, na qual prometeram a Zeus que, se ele mantivesse seus bastões iluminados em suas mãos e permitisse que as amendoeiras ficassem carregadas de frutos, jarros de óleo seriam enchidos e mil lamparinas, acesas em sua homenagem, e se os vinhedos ficassem repletos de uvas, os tonéis de vinho transbordariam e todo o povo beberia em seu nome.

O espetáculo era tão parecido com o de um banquete que eu quase disse a Artemíodes o quanto apreciara as dançarinas e cantores que ela convidara para nosso entretenimento, mas lembrei-me a tempo de que estava assistindo a uma cerimônia num templo. Não está na natureza desse povo olhar para as dançarinas imóveis; contudo, todos mostravam-se tão sérios quanto o povo das Duas Terras ao ouvir a leitura das Leis. Em Kam, o Templo é um lugar onde a vontade é exercitada e o pensamento, clareado. Mas aqui a mente fica indiferente ao ritual, de modo que os ouvintes quase chegam a dormir; depois os sentidos são deleitados.

Havia no altar uma tigela de porcelana fina, pintada com cenas do Templo em branco e vermelho. Estava cheia de óleo extraído de uma amendoeira que havia sido fulminada por um raio e mesmo assim não morrera, mas continuara viva em duas árvores. Com esse óleo o sumo sacerdote untou a testa, o peito e os olhos do rei e da rainha; depois a Neyah e a mim também, após o nosso consentimento. Agradou a ele nossa participação em seu ritual. Ele não sabia que em Kam respeitamos os deuses dos outros países, a menos que eles estejam ligados a Set. Existe apenas uma verdade e uma grande fraternidade; e todos os deuses, se são verdadeiros, devem pertencer a essa companhia, seja qual for a forma com que as pessoas da Terra possam retratá-los. E mesmo que aquilo que chamavam de deus fosse apenas uma estátua sem nenhum espírito no universo, ainda assim seria contra nosso ensinamento tratar esse pouco, que é o máximo que esse povo consegue atingir, sem cortesia.

A seguir, o sumo sacerdote saiu da presença do deus do mesmo modo como entrara. E quando deixamos o Templo, fiquei surpresa ao verificar que ainda faltavam duas horas

para o meio-dia; a cerimônia parecera tão longa que pensei que as sombras do entardecer estariam se inclinando na Terra.

Enquanto todos no palácio descansavam nas horas sonolentas da tarde, Neyah e eu conversamos por um longo tempo a respeito da cerimônia matinal. Estávamos nas sombras de nosso terraço privado; eu estava deitada num acolchoado azul, e Neyah, sentado, com os braços ao redor dos joelhos, olhando fixamente para o mar. De repente, ele interrompeu meu silêncio sonolento e disse:

— Se a compreensão é fruto da experiência, este deve ser meu primeiro nascimento na Terra, pois não consigo entender nada sobre esses templos daqui. Esta manhã passei duas horas observando o sumo sacerdote desempenhar sua função num fausto brilhante, enquanto proferia preces rituais, e nenhuma palavra de sabedoria soou em meus ouvidos, nem mesmo as leis mais simples de como a humanidade deve conviver. Ele deve ser um tolo, um charlatão ou as duas coisas. Além do mais, tentou barganhar com seu deus, ele devia é ser um mascate no mercado. Tentou comprar a compaixão do deus com promessas de vinho e animais sacrificados, e seduzi-lo com dançarinas como se estivesse lidando com um rico e velho mercador. Não há ninguém entre eles que seja alado, que possa voar para além dos pequenos confins da Terra. Embora ninguém possa ver uma divindade maior do que a que a idade de seu espírito lhe permite, eles deveriam pelo menos conceber seus deuses um pouco mais sábios do que eles mesmos. Entretanto, embora o nobre mais fútil desconfie de um homem que o bajule, pois a rede de lisonjas é rusticamente entrelaçada, eles bajulam a Zeus como se este pudesse ser influenciado por lisonjas.

Contei a Neyah que, quando perguntei a Kiodas se eles tinham conselheiros nos templos de Minoas, ele pareceu surpreso e explicou que, quando seu povo tinha problemas, esperava até que um dos supervisores reais fosse à sua vila. Então Neyah disse:

— Você já percebeu que quando alguém fala da morte eles ficam embaraçados? É como se a pessoa tivesse rompido alguma regra de costumes, que os faz sentir-se do mesmo modo que eu me sentiria se me sentasse para uma audiência e percebesse que tinha me esquecido de colocar trajes cerimoniais. Eles parecem não temer a morte, mas nunca falam

a respeito dela. Pense na coragem deles no Pátio dos Touros. Não temem a morte por sua companheira, e quando aquele rapaz foi morto notei que nem mesmo as mulheres desviaram seus olhos. Ninguém tem medo de falar do que conhece; deve ser porque a face da morte está dissimulada para eles. O que esperam da morte? Um lugar sombrio onde poderão reviver a Terra deles, ou o esquecimento num poço da noite eterna?

"Eles não sabem nem que um sacerdote deve ser alguém capaz de dizer: 'Posso lhes falar da pequenez da morte, porque conheço seus portões há muito tempo, e posso lhes dizer como viver, para que, ao passarem novamente por seus portões, se alegrem com o que irão encontrar' ".

Neyah apontou para cinco barcos que estavam circundando a rocha do cabo a oeste e disse:

— Eles se orgulham de si mesmos, e naturalmente de sua frota, e não colocariam um piloto cego em seus conveses esperando que ele os conduzisse a salvo até o ancoradouro, nem contratariam alguém que lhes dissesse: "Não posso dizer com certeza onde as rochas estão ocultas, mas *acredito* que este é o curso pelo qual devem seguir". Se uma pessoa assim se atrevesse a declarar que é um piloto, eles a lançariam ao mar e ela teria de nadar durante muito tempo. Entretanto, permitem que o curso de suas vidas seja dirigido por homens cujas portas não estão abertas.

"Sekeeta, embora Kiodas não tenha nenhuma idéia do que um sacerdote é realmente, acredito que enquanto ele estava em Kam viu o quanto nossos templos significam para o povo, e como somos fortes em nossos deuses.. Ele tem um profundo respeito por sua sabedoria, embora não a compreenda, e se você pedir a ele que nos permita enviar um sacerdote para seu país que fique entre as pessoas e fale com elas, estou certo de que ele concordará, tanto por cortesia a nós como por valorizar a amizade com Kam."

— Neyah, você se lembra do sonho que eu tive há muito tempo, quando visitei este país em meu sonho e vi o sumo sacerdote disfarçar-se de cisne e se divertir no terceiro santuário? Antes de vir para cá eu sabia que esses templos não tinham luz, e esperava que pudéssemos ser a faísca que os iluminaria. Pensei que o povo daqui fosse formado de seres antigos que estavam obscurecidos. Que o conhecimento deles estivesse oculto por ter sido utilizado erroneamente. Pensei que essas pessoas fossem como uma pilha de palmas secas, que uma pequena chama poderia transformar em

labareda. Agora sei que essa esperança foi em vão. Pois me foi dito, fora da Terra, que o povo de Minoas não foi obscurecido, mas que é jovem. E não se pode fazer uma fogueira com madeira verde.

"Mesmo que não estejam preparados para serem sacerdotes, poderíamos enviar um professor, e se eles ouvissem sua sabedoria, transmitiriam suas palavras de uma geração para outra.

"Mesmo que Ptah em pessoa viesse aqui e houvesse alguns que ouvissem e acatassem suas palavras, as transmitissem para todos os que encontrassem, escrevessem seus ensinamentos e esculpissem suas leis em pedra, em cem anos o povo esqueceria o significado de suas palavras, a menos que houvesse sacerdotes verdadeiros para segui-lo. Para que o Ensinamento fique vivo, a sabedoria deve fluir para a Terra por portões abertos, ou logo se torna tão morta quanto o braço amputado de um escultor, cujos dedos perdem seu poder tão logo o sangue deixa de chegar até eles.

"Mas, mesmo que a sua memória sobre o conhecimento verdadeiro ficasse mais fraca, certamente isso seria melhor do que não ter nenhuma, nada permanente, nada de eterno, não é?

"Minoas seria mais pobre ainda se ouvisse uma verdade meio lembrada, pois se há alguns grãos de ouro numa bacia de areia, poucos são os que buscam os grãos brilhantes e muitos os que dizem que tudo isso é inútil. Nesses templos não há sacerdotes, apenas homens. De que lhes serviria falar outras palavras? O que aconteceria se nossos sacerdotes ao serem desafiados sobre o conhecimento não mais respondessem: 'Eu vi essas coisas por mim mesmo e sei que são verdadeiras', mas em vez disso dissessem: 'Certamente não descobri isso por mim mesmo, mas há muito tempo um sábio disse essas coisas, pois estão esculpidas num monólito de quatro metros de altura e escritas em antigos rolos de papiro'. Se qualquer sacerdote de Kam desse essa resposta, não haveria ninguém no país inteiro tão tolo que acreditasse em suas palavras. Há muita sabedoria do passado inscrita, e é bom que esses registros sejam lidos, pois, embora todos os mestres verdadeiros de todos os tempos tenham ensinado a mesma coisa, houve alguns que expressaram a verdade tão bem, que suas palavras despertam o coração de quem as ouve. Essa verdade única tem muitos graus de brilho, e ele emana de todos os que a possuem, primeiro como uma pequena lamparina, que só consegue afastar as sombras de

um quarto, até, afinal, brilhar como um sol, que pode afastar a escuridão do mundo. A lamparina só pode brilhar na Terra quando há sacerdotes para cuidar dela. E quando os sacerdotes vão embora, o pavio ilumina ainda por algum tempo, mas depois ela é apenas uma lamparina vazia, e, embora seu alabastro possa ser ricamente esculpido, logo ela se torna sem vida e sem calor.

"Chegará o tempo em que esse povo perceberá sua fome; então seus sacerdotes farão preces e cantarão em vão, e ninguém observará a zombaria dos deuses. E aqueles que uma vez consideraram essas cerimônias encontrarão mais sabedoria nos mercados. Então virão os murmúrios ao redor das fogueiras, nos vinhedos, nos pastos, nos navios; sussurros que dirão: 'Estamos sozinhos. Não sabemos para onde vamos nem de onde viemos; estamos com medo'. E com o tempo esses fragmentos de palavras crescerão até eles desafiarem os deuses, dizendo: 'Nós exigimos vossa sabedoria para nós'. E os deuses enviarão crianças de espírito antigo que possam cruzar a Passarela dos Deuses. E as crianças retornarão e falarão a esse povo com uma voz clara. E com a força de sua sábia integridade elas dirão: 'Esta é a verdade, pois sou um sacerdote'."

Capítulo 7

O feiticeiro

Não muito distante do palácio estendia-se um pequeno vale cheio de árvores, onde havia um templo em ruínas. Ninguém se aproximava desse lugar após o pôr-do-sol e antes de o dia estar claro. Diziam que ali moravam espíritos maus, e que qualquer pessoa que fosse lá durante a lua cheia voltaria com os olhos vazados, tão grande o horror com que se depararia. Quando interroguei Kiodas a esse respeito, ele ficou inquieto, e percebi que era um assunto do qual temia falar. Quis saber se realmente havia alguma coisa ruim naquele lugar, ou se era apenas alguém desencarnado que se

encontrava aprisionado ali por ignorância, necessitando de ajuda.

Assim, decidi sair silenciosamente do palácio à noite e descobrir o segredo daquele lugar abandonado. Ptah-kefer achou que seria bom irmos até lá. Deixamos o palácio juntos, à luz da lua cheia, e fomos até o vale, caminhando sob as sombras dos cedros.

O templo era um pequeno santuário com pilares caídos; uma árvore crescia através de uma fenda do chão ao lado da estátua rachada de um deus. O local exalava o cheiro de folhas mofadas e decompostas. Estava encharcado de desespero, e o temor apegava-se a ele como uma mortalha de teias finas e cinzentas. Pude entender o terror dos que se aproximavam dali.

Ptah-kefer fez um sinal para que eu ficasse imóvel. Cobrindo os olhos, observou o local. Avisou:

— Há alguém aqui que morreu há quinhentos anos. Seu nome era Keirondeides. Ele nasceu com algum conhecimento, e se tivesse sido paciente poderia ter aprendido algo sobre a vidência. Mas mostrou-se avaro por conhecimento e tentou forçar os portões de outras pessoas com a trava da imundície. Sabia que as pessoas fracas de corpo ou com febre alta vêem coisas que não são destinadas para os olhos de todos os homens. Assim, trouxe três mulheres para esse lugar, jovens de vontade fraca, e as fez comer coisas repugnantes: crianças natimortas, excrementos de gatos, ovos de serpentes e baratas vivas no óleo. E quando seus corpos se revoltaram, adoecendo, novamente ele as fez comer, até seus corpos ficarem tão enfraquecidos que não conseguiam segurar o espírito, e elas viam além de seus corpos, enlouquecendo de horror com as coisas que viam. Ele, que deveria ter sido um sacerdote, tornou-se um feiticeiro.

"Por muitos anos, registrou o que elas diziam, até que afinal uma das moças se rebelou contra ele e colocou um fungo envenenado em sua comida. Ele morreu em grande agonia.

"Agora, faz a mesma coisa outra e outra vez durante todos esses anos: ele come a mesma imundície ingerida por aquelas jovens, contorce-se em sua agonia mortal, depois novamente inclina-se para o fogo e observa o horror borbulhando num pote. Contudo, não consegue deter sua própria mão, que leva a imundície à boca. Ele não sabe que está aqui há quinhentos anos, pois, preso no agora eterno,

só conhece o presente, e para ele esse horror sem fim é sempre novo."

Então Ptah-kefer me disse para libertá-lo. Enquanto ele cuidava para que tudo estivesse bem, deixei meu corpo envolto num manto no chão. Senti a teia cinzenta me cercar e emitir uma luz borbulhante e amarela. Eu sabia que aquele que eu devia libertar estava a meus pés; contudo, não conseguia vê-lo claramente, mas apenas como uma forma agachada. Ordenei-lhe:

— Você ouvirá minhas palavras. A morte não continuará em seu olfato. Sua língua não conhecerá mais a decomposição e seus olhos não mais verão imundícies. Pois você dormirá. E quando acordar estará nascendo novamente sob o sol.

Então vi a meus pés, não um velho em sua feitiçaria, mas o jovem que ele havia sido antes de caminhar na lama. Parecia-se com um jovem pastor de cabras que eu vira dormindo ao sol enquanto seu rebanho pastava sob as oliveiras na encosta de uma montanha.

Retornei ao meu corpo. Ptah-kefer limpou o lugar com a água da paz, para que a memória desse episódio também fosse limpa do mesmo modo que a vida de Ptah limpa uma ferida envenenada. Deixamos o vale como um lugar de paz. E a lua cheia brilhou sobre ele sem obstáculos.

Capítulo 8

O Festival de Posêidon

Um dia antes de empreendermos a viagem de volta para Kam celebrar-se-ia o Festival de Posêidon, quando se fazem oferendas aos deuses minoense do mar em súplica para que envie ventos favoráveis às frotas e só mande tempestades quando seus navios estiverem a salvo nos ancoradouros.

Kiodas convidou-nos a participar do festival e usar trajes minoenses. Enquanto Maata me ajudava a me preparar para a cerimônia, percebi que ela gostaria que voltássemos ao tempo em que éramos crianças, quando ela escolhia mi-

nhas túnicas. Enrolei o cabelo no estilo minoense e prendi-o com alfinetes encabeçados por corais. Meu vestido de babado era costurado com pequenas conchas e nós de pérolas; o corpete, embainhado com contas de coral, deixava à mostra meus seios, que eu havia dourado, apesar da desaprovação de Maata. E, antes que ela exprimisse seus pensamentos, disse-lhe que era melhor ser filha da cortesia do que escrava dos costumes.

— As leis do bem e do mal, Maata, são as mesmas em todos os tempos e em todos os países. Mas a modéstia e a cortesia usam muitas roupagens. Elas são produto do tempo e do lugar, e a medida delas deve ser tirada do grupo social. Se eu agisse como Faraó aqui, seria tão tola quanto se usasse a Coroa Branca para nadar no lago, ou ficasse nua no trono de audência.

"É difícil tirar um navio do leito seco de um rio, mas ele flutua facilmente sobre a água. A cortesia entre os povos da Terra é como a água entre o barco e o leito do rio. Talvez ela não tenha o escarlate da coragem nem o amarelo-brilhante da sabedoria, mas é como o verde-suave dos prados, diante do qual todas as outras cores tornam-se mais dos, esplêndidas. A cortesia pode ser como o linho fresco quando estamos cansados, ou como o brilho de um braseiro numa noite fria. Ela pode não ser o grande vento da experiência que leva nossos barcos em sua jornada; contudo, é capaz de enfunar nossas velas quando outros navegantes do rio estão paralisados pela calmaria."

Logo que fiquei pronta, reuni-me aos outros no terraço. Artemíodes usava pérolas entrelaçadas nos cabelos, e Kiodas, uma coroa de coral. Observei pelas roupas que eles haviam nos dado que Neyah e eu estámos vestidos com tanta realeza quanto eles. As liteiras nas quais fomos carregados degraus abaixo tinham a forma de conchas, e os condutores usavam máscaras de peixe.

Quando vi pela primeira vez a frota ancorada do alto da encosta, os navios com suas velas em açafrão, laranja e azul-escuro, e o marrom-suave dos cedros recém-cortados, tive a impressão de vislumbrar pétalas de flor num vaso de lazulita.

O convés do navio real havia sido enfeitado com violetas, cujo perfume harmonizava-se com o cheiro penetrante do sal que havia no ar. Kiodas pegou o leme piloto de seu comandante enquanto a frota saía do ancoradouro. O vento estava alegre mas gentil, e atritava o navio com pequenas

ondas risonhas. Artemíodes explicou que isso demonstrava o bom humor de Posêidon. No ano anterior ele os saudara com uma tempestade tão forte, que eles tiveram de se refugiar de sua raiva no ancoradouro.

Eu nunca estava totalmente segura de até que ponto Artemíodes compartilhava as crenças de seu povo. Ela acreditava realmente que o mar fosse um deus raivoso, que podia se tornar propício por meio de dádivas? Quase como se tivesse ouvido meus pensamentos, Artemíodes acrescentou:

— Se Posêidon está sendo amável para conosco, aceita nossas oferendas. Porém, se ele as rejeita, elas flutuam, e nosso povo fica desolado, pois muitos têm alguém que amam trabalhando como marinheiro ou pescador e que pode ser dragado pela fúria dele. Kiodas diz que a ira de Posêidon é muito prejudicial para o país. Por isso, ele aumentou o tributo real a fim de tentar amenizar qualquer capricho de Posêidon. Eu tinha receio de que isso enfurecesse o deus, mas o sumo sacerdote nos assegurou que os presságios eram bons. Certamente as tempestades não parecem em nada piores do que as usuais, e os marinheiros têm estado mais contentes.

Quando chegamos ao cabo, famoso por uma correnteza que já lançara muitos navios contra as rochas, Kiodas presidiu a cerimônia dedicada a Posêidon e atirou o primeiro tributo ao mar. Coroas de flores foram lançadas de todos os outros navios, e essas oferendas também foram sugadas pela correnteza em meio a grande júbilo. Ao ver que o tributo havia sido aceito, Kiodas abriu um cèsto de vime e dele voaram três pombas brancas, que circularam pelos navios antes de voltar para a ilha com as boas novas.

Então a frota se enfileirou e, a um sinal do navio real, zarpou ao vento, dividindo as águas em sua còrrida pela liderança. À nossa esquerda, um navio tomou a dianteira. Com a água espirrando da figura da sua proa e a vela laranja curvada num arco veloz, o navio ganhou a entrada do ancoradouro bem à frente de todos os demais. Seu triunfo foi saudado com uma grande aclamação, e Kiodas explicou que a embarcação ganhara a maior honra da frota: usar na proa o touro dourado de Minoas até o festival do ano seguinte, quando então sua supremacia seria desafiada.

Capítulo 9

Viagem para casa

Nossas velas foram soltas ao vento para a viagem de volta ao lar, e através da suave ondulação do mar observei as montanhas que passavam a oeste. Esse país, que há muito tempo eu visitara em meus sonhos, era realmente belo. Mas agora o interlúdio florido acabara, e eu deveria assumir novamente o Cajado e o Mangual.

Ptah-kefer e eu estávamos sentados juntos no convés, observando a esteira prateada que nosso navio deixava na água suave. Ele havia se envolvido em seu manto, pois o vento soprava, frio. Percebi que ele estava com aquele humor que transformava facilmente seus pensamentos em palavras. Perguntei-lhe se sentia tristeza por deixar Minoas, e o que achara daquele povo com o qual tínhamos vivido por dois meses. Ele simulou estar falando seriamente, mas havia um riso em seus olhos, quando disse:

— Temo que o sumo sacerdote de Minoas tenha pouco respeito por minha pena dupla, pois ele pensa que sou um pródigo mentiroso. Ele é um homem de tão pouca experiência que não apenas falha em entender as complexidades do que está além da Terra, como, eu suspeito, duvida que tais lugares existam. Tratou-me com a confiança de dois charlatães que compartilham um os truques do outro. Quando me perguntou como eu iludia meu povo e eu lhe disse que tentava tirar o povo de Kam da ilusão e não criá-la, a despeito de sua polidez, percebi que ele julgou minha sinceridade como se fosse a maior fraude. Parecia um mágico que, depois de contar a outro como fazia uma codorniz viva parecer sair da orelha de um homem, fica indignado porque seu colega não lhe contou como fazia uma estátua transformar-se num monte de penas e três romãs.

"Acho que ele pensa que os sacerdotes de Kam são efeminados, pois me falou com toda a gentileza de uma jovem de cuja discrição tinha total segurança, e que ficaria honrada em se deitar com um sacerdote amigo dele. Quando recusei a oferta, ele me deu um pequeno frasco com um líquido amarelo, assegurando-me que faria até mesmo um velho ficar robusto com um carneiro. Ele observou que eu não deveria levar meus votos de castidade muito a sério, e que era dever dos homens sábios como nós procriar filhos, claro, de uma

maneira discreta. Quando assegurei a ele que não fizera voto de castidade, e que em Kam não víamos a sabedoria como fruto da virgindade, ele achou que eu estava tentando disfarçar minha impotência, e ficou com pena de mim!

"Depois, perguntou-me sobre minhas riquezas e sobre minhas terras. Disse-lhe que tinha dois quartos no palácio, um onde eu dormia e outro onde guardava as poucas coisas de que precisava. Mas ele não acreditou que eu não tivesse grandes fortunas, e quando expliquei que não precisava disso, ele perguntou se nossos sacerdotes eram tão desrespeitados a ponto de ninguém fazer sacrifício perante nossos deuses. Achei, então, oportuno explicar que nosso povo dava a duodécima parte de todas as coisas que obtinha durante o ano para o Templo, como presente. E ele perguntou: 'E você, um sumo sacerdote, ainda é pobre? Pensei que Kam fosse chamada de a Terra do Ouro!' Disse-lhe que a Terra do Ouro ficava ao sul, mas que grande parte desse metal amarelo estava em Kam, além de muitas outras coisas de grande valor. Expliquei-lhe como nosso tributo é usado.

"Ele deve ter me deixado impaciente, pois quando perguntou se eu tinha gostado da cerimônia realizada em seu templo, respondi: 'Achei as músicas magníficas'. Assim que acabei de dizer isso, arrependi-me por ter insultado meu anfitrião. Mas ele adorou minhas palavras, e disse que os cantores atuais eram muito mais doces do que os que ele encontrara ao presidir à primeira cerimônia; agora, as pessoas gostavam de ir ao seu templo muito mais do que aos demais exatamente por causa disso. Conseqüentemente, a quantidade de tributos aos touros se multiplicara.

"Certamente esse povo é muito esquisito! Senti-me tão estranho como se estivesse vivendo entre belos macacos e tivesse esquecido como me balançar com meu rabo. Quando falei a verdade a eles, pensaram que eu fosse mentiroso; quando falei-lhes da sabedoria, pensaram que eu fosse um bobo; e quando, por impaciência, os insultei, tomaram isso como um grande cumprimento."

Parte VII

Capítulo 1

O sonho de advertência

Todos os anos Neyah fazia uma viagem real pelo rio até o mar e as fronteiras ao sul, para que não se passasse nenhum ano sem que todo o povo das Duas Terras visse o Faraó. Ele ficava na Guarnição Sul por vinte dias, caçando com seus capitães e os nobres da região.

No oitavo ano de meu reinado, quando ele foi para Na-kish, meu espírito, que zelava por meu país enquanto eu dormia, trouxe um aviso de perigo. Em meu sonho, vi as contempladoras do Templo, e elas gritavam que estavam cegas, e em meu sonho vi também, à distância, o país de Kam; e do leste vinha uma nuvem escura que o varria desde o mar Estreito. Então vi meu palácio, e avançando para ele um exército de formigas negras.

Quando acordei soube que esse sonho era um símbolo que eu queria que meu corpo lembrasse, pois correra depressa para ele. Soube que o perigo ameaçava Kam, mas não sabia de que forma: se seria uma peste, falta de alimentos ou a invasão de um exército. Assim, enviei uma mensagem para o Templo de Atet e chamei Ney-sey-ra, solicitando que trouxesse com ele duas das principais contempladoras, para que fossem interrogadas.

Quando chegaram à minha presença, pedi às contempladoras que me contassem o que tinham visto nos últimos dias. Elas me disseram que as faces de suas pirâmides haviam estado vazias. Então contei meu sonho a Ney-sey-ra e solicitei-lhe que descobrisse o perigo que ameaçava nosso país. Ele pegou um espelho de prata da mesa e olhou para o foco de luz solar refletido nele, e assim seu espírito libertou-se do

corpo. Cobriu os olhos com as mãos, e seu corpo falou das coisas que seu espírito via fora dele:

"A leste do rio há uma nuvem escura. É uma nuvem de magia negra colocada lá para cegar os olhos daqueles que poderiam ver através dela. Mas com minha vontade afastei a escuridão... Vejo um grande exército avançando. É do povo *zuma*, liderado por Zernak, filho de Zardok, que pereceu pela mão do grande Atet.

"Os *zumas* estão vindo secretamente pelo deserto. Enviaram espiões à frente, vestidos como pastores, que falam a língua de Kam. E quando encontram alguma pessoa do país, eles a saúdam como compatriotas. Depois de aceitos como amigos, escondem sua traição com a morte.

"Há com eles um sacerdote da Sombra muito poderoso. Ele envolveu essas pessoas com uma nuvem para que ninguém que não tenha um poder maior do que o dele possa ver através delas e descobrir seus maus propósitos. E com ele está um homem cujo corpo é controlado por um seguidor de Set, e eles o chamam de Belshazzardak, o 'porta-voz dos deuses'. Ninguém a não ser seu mestre negro fala por meio dele, pois ele é protegido pelo poderoso sacerdote.

"Eles são vinte mil, e como têm um grande cortejo de bagagem, avançam lentamente. Ainda estão a três dias de jornada do rio, e se viajarem para oeste, alcançarão o rio a meio caminho entre Abidwa e Men-atet-iss."

Enquanto Ney-sey-ra falava, eu sabia que as asas da destruição pairavam sobre Kam, pois era tempo de colheita, quando muitos de meus soldados estavam em casa, e eu não poderia reunir mais do que cinco mil homens. Mesmo que Neyah ou a Guarnição do Norte começassem a se deslocar naquele dia, chegariam muito tarde para proteger meu povo. E minha cidade, que eu havia jurado proteger, não seria mais um lugar de paz; os campos e jardins de meu povo seriam destruídos. Cada homem teria de lutar como um deus guerreiro, pois cada um de nós se defrontaría com quatro inimigos. Se Neyah estivesse aqui para conduzi-los, eles o seguiriam até as Cavernas do Submundo, pois nem o próprio Set poderia barrar seu caminho... O Faraó sempre conduzia seus exércitos na batalha. Eu usava o corpo de uma mulher; contudo, tinha feito o juramento sagrado de pastorear meu povo com o Cajado e escorraçar os inimigos com o Mangual. Meu corpo de mulher é forte na força

de meu espírito, e Za Atet os conduzirá, mesmo que o Faraó seja uma rainha.

Voltei-me para Ney-sey-ra:

— Devemos invocar os deuses para nos dar sabedoria a fim de destruirmos os *zumas* antes que eles profanem um único campo, deixando que suas sombras o cubram. Quantas bigas eles têm?

— Não posso dizer cinqüenta, mas cerca de quinhentas, talvez até mais.

— Se usarmos todos os nossos cavalos, inclusive as éguas, embora eu preferisse derramar ouro em pó no deserto, teríamos apenas cem em campo. Portanto, deveremos lutar onde eles não possam usar suas bigas. Um pouco ao sul de onde você disse que eles alcançariam o rio se marcharem para oeste, há um grande semicírculo de altos rochedos que descem até o rio dos dois lados. No centro dos rochedos há um vale estreito que serpenteia pelas montanhas até alcançar o deserto e que divide os rochedos. Ao longo do vale, bem no meio, um leito de rio, seco nesta época, faz uma ligação com o norte. Se surpreendermos o exército deles ali, nossa habilidade poderá sobrepujar a diferença em número de homens. Mas como conseguiremos levá-los até lá?

Ney-sey-ra disse calmamente:

— Esta noite ao pôr-do-sol, como em todas as noites, o poderoso sacerdote deles ouvirá as ordens do seguidor de Set, que é seu mestre, por meio de Belshazzardak. O espírito que controla Belshazzardak é poderoso, mas sou mais forte do que ele. Dominarei esse seguidor de Set para que faça seu servo pronunciar minhas palavras, e então o amarrarei para que não possa avisar o sacerdote *zuma* das minhas intenções. Esta noite a voz de Belshazzardak convocará Zernak e os comandantes de seu exército, e eles ouvirão as seguintes palavras:

"É Set em pessoa quem fala! Vocês conhecerão a vitória, pois eu comandarei a marcha. Mas se ousarem desobedecer à minha vontade, enviarei uma peste que fará seus corpos apodrecerem antes da morte. Vocês destruirão os templos de Ptah, Anúbis, Hórus, e todo o seu cortejo; destruirão também seus sacerdotes e as estátuas de seus santuários. Então encherão esses templos com meus sacerdotes e exigirão minha imagem numa estátua de cinco metros de altura. A terra de Kam está despreparada. Vocês terão uma conquista fácil e ricas colheitas. Marchem rumo ao sul por um dia, depois virem na direção do sol poente. Na noite do segundo

dia, acampem na cabeceira de um defiladeiro rochoso que verão à sua frente. Ele conduz a uma planície onde rebanhos perambulam em viçosos pastos. É minha vontade que sacrifiquem duzentos touros para mim; metade deles deve ser queimada para que em sua fumaça eu saboreie uma festa de carne; o restante servirá para vocês comerem a fim de que seus corpos fiquem fortes para lutar por mim. Suas bigas e os servos que levam a bagagem devem permanecer no acampamento, enquanto Zernak conduzirá seus guerreiros pelo desfiladeiro. Se tiverem fé no sacrifício, na noite do terceiro dia darei a vocês uma nova ordem. Até lá não ouvirão minha voz. Obedeçam! Eu, Set, falei."

— Mas eles não verão o perigo desse plano? Certamente perceberão que podem ficar presos no desfiladeiro!

— Você não sabe o quanto eles temem Set. Não ousariam desobedecer ao que pensam ser uma ordem dele.

— Ney-sey-ra, é um plano digno de Ptah em sabedoria! Os *zumas* serão destruídos por sua crença no mal, e assim aprenderão como os falsos deuses retribuem. Dê a eles mais uma ordem. Diga-lhes para iniciarem a caminhada pelo desfiladeiro antes do alvorecer, assim alcançarão a planície quando o sol surgir. Zeb e seus homens esperarão ao norte do desfiladeiro. E Maates atacará pela retaguarda. Todas as minhas bigas e lanceiros do Corpo da Guarda Real estarão esperando por eles quando chegarem à planície, e, assim como quando meu pai os fez recuar para o mar, novamente os *zumas* conhecerão a força de Kam.

— Se Zeb e Maates já têm seus comandos, quem guiará os guerreiros na planície?

— A Biga do Faraó conduz a linha de batalha. Muitas vezes atirei lanças em crocodilos e atirei minha flecha em pássaros em vôo; agora terei uma caça digna de minha habilidade. Pedirei aos deuses que permitam que uma de minhas flechas beba o sangue de Zernak. Ney-sey-ra, você me ensinou a sabedoria para que eu pudesse governar. Acha que desapontarei meu povo na hora do comando?

— Para qualquer outra mulher eu diria que isso não é sábio, mas Za Atet colocou seu selo em sua testa, e você conduzirá as bigas dele valorosamente.

Capítulo 2

O Anfiteatro dos Grãos

Não havia nenhum Capitão dos Capitães no Corpo da Guarda Real, a não ser Neyah. Quando me tornei Faraó, designei Zeb como meu porta-estandarte, e durante a expedição a Punt ele conquistou o posto de capitão. Maates, o outro capitão a quem eu dera agora o comando, eu conhecia desde o tempo em que ele costumava ir caçar cisnes com Neyah e comigo por entre os juncos. Era o filho único do irmão de Maata, o Supervisor dos Campos de Grão da Cidade Real.

Depois de uma hora, os soldados já estavam marchando em fila para o porto. Desde o tempo da invasão *zuma* sob as ordens de Zardok, barcos ligeiros com capacidade para três mil homens eram mantidos com provisões de grãos, vinho, flechas, gazes para ferimentos e outros apetrechos bélicos. Havia seis barcaças de comércio na Cidade Real, que foram incorporadas à nossa frota para transportar os cavalos, as bigas e o restante de nosso exército. Ordenei que outra barcaça nos seguisse com duzentos jarros de óleo para queimar, a fim de que os corpos dos *zumas* fossem incinerados, pois eram indignos de terem Kam como sepultura.

Fui até o Salão dos Selos e peguei o grande elmo de guerra de meu pai, que estava guardado num baú, envolto em linho fino, desde que ele conquistara a vitória.

Quando disse adeus a Tchekeea, ela se agarrou a mim: os ruídos dos preparativos para a batalha são assustadores para as crianças. Seu rosto estava colado ao meu, e quando a abracei mais forte pensei que talvez dentro de pouco tempo meu corpo não me pertencesse mais; ainda assim, continuaria vivo em Kam por meio de minha filha, enquanto meu espírito viajaria pelo tempo. Peguei um Mangual de cerimônia e coloquei-o em suas mãos.

— Veja, Tchekeea, até eu voltar você governará por mim, e depois poderá ir ao banquete, e ninguém a mandará cedo para a cama.

— Mamãe, você está vestida como um guerreiro, e os guerreiros são mortos.

— Zeb cuidará de mim, e como poderei me ferir se tenho meus soldados ao meu redor? Expulsaremos os *zumas* de nosso país, e eles fugirão como os filhotinhos de cachorro

quando a mulher do tratador de gansos os encontra rodeando as ninhadas. Sorria, minha Tchekeea, e seja digna do Mangual... Agora, preciso ir, mas venha comigo e veja os guerreiros partirem.

Em três horas todos os meus soldados haviam embarcado; acompanhada por Zeb, galopei em minha biga para me reunir a eles no porto. A notícia de que o Faraó os conduziria à batalha chegou a seus ouvidos, e eles me saudaram com o brado de batalha: "Atet e Luz", enquanto a uma só voz proclamavam seu júbilo por minha liderança.

Os remadores inclinaram-se para os remos enquanto os barcos eram desatracados do ancoradouro. Deslizamos correnteza acima ao som da canção que o piloto cantava para mantê-los no mesmo ritmo:

"Empurrem os remos, companheiros!
Empurrem os remos,
Para que o barco abra caminho pela água
Como uma flecha de cisnes selvagens
Que retornam aos juncos ao crepúsculo.
Sopre forte, vento!
Sopre forte,
Para que meus remadores possam descansar
Às sombras das velas insufladas!"

O Deus dos Ventos sorria para nós, e quando o vento soprou forte ao anoitecer, nossos remadores puderam descansar e nós deslizamos rio acima. Conversei por longo tempo com Zeb, Maates e Ptah-kefer, que, juntamente com Zertar e cinco sacerdotes médicos, nos acompanhavam. Nosso plano de batalha foi participado a todos. Os barcos estavam suficientemente perto para que um nadador forte levasse mensagens de um para outro: mergulhando da popa de um barco, ele nadava para a proa de outro, e depois retornava; lançava-se-lhe uma corda, e ele era içado de volta para o barco condutor.

Quando eu era criança, queria ser um guerreiro e seguir Neyah na batalha. Agora meu coração rezava a Ptah para que eu não desapontasse meu país. Podia me lembrar de quando lutava com a espada e vivia como guerreiro na Atlântida, mas isso fora há muito tempo, e é difícil manter o escarlate do guerreiro num corpo de mulher. O que aconteceria se ficasse com medo e o instilasse naqueles para quem a coragem do Faraó é um estandarte e um grito de batalha?

Estávamos na lua nova, o céu brilhava cheio de estrelas, e a água as espelhava como se tivessem descido dos céus. As vilas adormecidas pelas quais passamos estavam silenciosas. Ouvi o latido longínquo de um chacal caçando. Os juncos rangiam como se um animal tivesse descido para beber água e fugisse ao som de nossos remos. Kam estava tranqüila como uma criança adormecida, que respira calmamente enquanto uma serpente se move na direção dela pelo chão. De repente, eu soube que não teria medo na hora da batalha. Até um rato d'água tem coragem quando sua ninhada é ameaçada; as pessoas de Kam são meus filhos, e as Duas Terras constituem o abrigo onde devo protegê-las com segurança. Os cães de caça podem afugentar um leão para sair dos juncos, mas uma leoa com filhotes mede forças com seis deles; Kam ficaria tranqüila sob a proteção de nossas espadas.

Viajamos por dois dias e duas noites, e no terceiro dia, uma hora após o meio-dia, chegamos ao Anfiteatro dos Grãos. Há aqui dois grandes celeiros que não são usados há quase cem anos. Antes de as Duas Terras serem reunidas, esse lugar era um dos principais campos de grãos do Lótus, mas agora que o milho vinha da Terra do Papiro, ele se tornara um pasto onde viviam apenas alguns pastores. É nesse lugar que nossos melhores touros e vacas são colocados para pastar a fim de que os melhores de nosso gado se multipliquem; e os touros novos são enviados por todo o país para dar origem a crias fortes.

Nossos barcos não podiam se aproximar da margem, pois não há nenhum ancoradouro nessa região; assim, os cavalos tiveram de caminhar sobre pranchas até a terra firme. Alguns deles guincharam e empinaram até seus cocheiros os acalmarem e os levarem para a margem.

Ptah-kefer me disse que os *zumas* ainda não haviam chegado ao acampamento, e que, não se atrevendo a duvidar das ordens e promessas de Set, não tinham enviado ninguém na frente para o reconhecimento. Assim, em vez de esperarmos pela cobertura da noite, marchamos pelo Anfiteatro dos Grãos e acampamos próximo ao sopé dos rochedos.

Cinco horas antes do alvorecer, Maates e seus mil e duzentos claveiros saíram para tomar sua posição segundo o plano de batalha. Ele ia escalar o rochedo pelo sul do desfiladeiro e esperar perto da cabeceira onde poderia ficar sem correr o risco de ser ouvido. Então, quando o último *zuma* tivesse entrado no desfiladeiro, em seu caminho para

a campina, Maates bloquearia a retaguarda deles, de modo que, quando os rechaçássemos, eles colidiriam com um muro de pedras.

Zeb e seus arqueiros subiram pelo desfiladeiro para esconder-se com seus homens ao norte do leito do rio, que ficava a meio caminho entre o acampamento dos *zumas* e a planície. Ele permitiria que metade do exército deles passasse e então os atacaria com uma chuva de flechas incandescentes, até suas colunas se contorcerem como uma serpente cuja espinha foi quebrada por um bastão.

Antes de os guerreiros saírem, dirigi-me a eles:

— Nossos inimigos são quatro vezes superiores a nós em número; portanto, devemos lutar como deuses guerreiros. Esta é uma batalha da Luz contra as Trevas, e cada homem que matarem significará um ser ruim a menos sobre a Terra, e os deuses se alegrarão com vocês por isso. Ao alvorecer eu os conduzirei para a vitória como o grande Atet conduziu seus pais.

Capítulo 3

Batalha contra os "zumas"

No ponto onde os rochedos se fendem como se os deuses os tivessem separado com uma espada, ficamos esperando nas sombras que antecedem o alvorecer. O céu estava repleto de nuvens, como tochas de fumaça esvoaçando ao vento, quando nossas bigas foram levadas para a linha de batalha, com os lanceiros em nossa retarguarda e nos flancos.

Então a corrente de vigilantes ocultos nos transmitiu a mensagem de que Zernak vinha em nossa direção pelo desfiladeiro, e nossos cocheiros pararam junto à cabeça dos cavalos, acalmando-os para que não fizessem barulho, o que denunciaria nossa presença.

À distância, ouvi o monótono canto *zuma,* enquanto aqueles soldados marchavam para fazer o sacrifício a Set. Logo, logo o sangue deles se uniria a esse irado alvorecer!

Logo ele fertilizaria esses campos, que teriam sido devastados por aqueles que o derramariam. E haveria uma coluna de fumaça e fogo, não pelo sacrifício de sangue das vacas para Set, mas pelo sacrifício de seus próprios corpos, que pretendiam saquear Kam e cujas cinzas se misturariam à nossa terra.

Enquanto eu esperava no centro da linha de bigas, rezei a meu pai, que havia sido tão grande como Faraó, para que eu usasse seu elmo dignamente. O canto dos *zumas* tornou-se mais forte em meus ouvidos, e eu soube que dentro de alguns instantes deveria romper a linha de batalha... "Pai, ouça-me! Se eu morrer, que seja orgulhosamente e na vitória."

Então vi à minha frente sua biga, não mais vazia, pois ele a conduzia com esplendor.

E enquanto as linhas inimigas avançavam para a planície, ele acenou para eu avançar. Soltei o grito de batalha: "Atet e Luz". A biga de Atet me conduziu enquanto numa onda transportada sobre rodas nos lançamos sobre a poderosa tropa a pé.

Nossas bigas trovejaram ao serem arremetidas, e atiramos a primeira nuvem de lanças. Vi alguém atingir o sumo sacerdote na virilha, e ele morrer, jorrando seu sangue mau. Os *zumas* tentaram se dispersar à nossa frente, mas dos dois lados, como as duas asas de um falcão, nossas fileiras de lanceiros os cercaram. A biga que estava à minha direita tombou, e a barriga do cavalo foi aberta por uma espada. Vi um capitão decepar a cabeça de um *zuma* e o sangue jorrar do pescoço antes de o corpo cair ao chão. Vi um cocheiro segurar as rédeas de seu cavalo enquanto o guerreiro tirava sua espada das costelas de um homem que caíra sob a roda da biga. Vi um jovem capitão continuar lutando mesmo com a mão esquerda decepada.

Então, percebi à minha frente, por entre a turba de homens, Zernak vestido com a insígnia de rei. Ele saltou para a roda da minha biga, tentando me acertar com sua espada afiada. Desviei o corpo e apontei a espada para baixo, na direção do seu pescoço, e o cabo da espada se embebeu do sangue *zuma,* que espirrava da boca de Zernak e esvaziava o brilho de ódio de seus olhos, olhos que esperavam ver Kam vencida... Agora, mesmo que eu morresse, havia matado meu inimigo e saboreado o vinho forte da vitória... Senti a onda enorme de alegria triunfal, como quando a cobra se esmigalhava em minhas mãos. Tirei o

elmo e deixei o cabelo se soltar, para que antes de morrer Zernak pudesse saber que um Faraó mulher é um guerreiro superior a um rei *zuma*.

Quando os *zumas* perceberam que seu rei havia sido morto, ficaram desnorteados, as fileiras, desordenadas, e tentaram retirar-se pelo desfiladeiro; mas seu caminho foi barrado por seus próprios companheiros rechaçados por Zeb.

Nossas bigas não podiam seguir pelo desfiladeiro rochoso; assim, fiquei parada enquanto os lanceiros de Kam perseguiam o inimigo.

Por quase uma hora o desfiladeiro ecoou com o tumulto da luta. Então ouvi novamente nosso grito de batalha, e Zeb surgiu do desfiladeiro, vitorioso. Logo depois de matar Zernak, eu havia sido ferida, mas enquanto nossas bigas voltavam para a planície, coloquei o manto, para que ninguém o notasse. Agora que a vitória havia sido definida, olhei para o ferimento e vi uma flecha quebrada em meu braço esquerdo, perto do ombro.

Quando Zertar chegou para cuidar do ferimento, explicou que teria de fazer um corte para tirar a ponta da flecha, e me perguntou se eu agüentaria a dor ou se preferia que ele chamasse um sacerdote hórus. Assegurei a ele que não seria preciso, que retirar uma flecha provocava uma dor rápida, bem mais fácil de suportar do que dar à luz um filho.

Capítulo 4

O monólito

Cerca de mil e quatrocentos de nossos guerreiros haviam morrido. Os muito feridos, cerca de quinhentos, estavam deitados, envoltos em mantos, à sombra dos rochedos. Fui vê-los com os sacerdotes médicos, e disse a eles como os filhos de cada um deles ficariam felizes ao saber que seus pais eram tão magníficos.

Então recebi notícia de que Maates havia morrido, assassinado por uma flecha depois de ter esmagado nove cabeças *zumas* com sua clava. Anunciei que teria um enterro

de príncipe e descansaria ao lado da minha sepultura em Abidawa, onde um dia meu corpo estaria deitado: ambos repousando após a batalha pela Luz.

Dentre os invasores, todos haviam morrido, exceto trezentos feridos. Embora tivessem sangue *zuma,* ficariam em Kam até seus ferimentos serem curados. Depois escoltariam o corpo embalsamado do rei de volta para seu país, assim o povo de Zernak veria como um rei retorna quando resolve conquistar as Duas Terras. Os dois mil servos do cortejo de bagagens ficariam em Kam por um ano. Trabalhariam fazendo tijolos, nas mesmas condições do nosso povo. Tal procedimento era comum com todos os prisioneiros de guerra, para que, quando voltassem ao seu país, levassem consigo a memória da compaixão de Kam. Havia pouco de valor para nós no acampamento *zuma,* exceto quatrocentos e oitenta cavalos, todos garanhões. Vinte de nossas éguas, nascidas das que haviam sido capturadas por meu pai de Zardok, estavam mortas.

Ao entardecer, quando o sol já estava baixo, os feridos foram carregados dos arvoredos para os barcos, a fim de retornarmos depressa para Men-atet-iss. Eu estava cansada, e o ferimento ardia em minha carne.

Sentei-me perto de Zeb, apoiando-me numa árvore, além das sombras das fogueiras acesas para a preparação de comida. Ele me contou a respeito da batalha. As fileiras *zumas* tinham se rompido ao serem surpreendidas pelos arqueiros. E, embora alguns tivessem permanecido, muitos fugiram, apenas para encontrar o caminho barrado por Maates. Eu sabia que o coração de Zeb estava triste pela morte de Maates; os dois eram amigos há muito tempo, mais do que muitos irmãos. Contei a ele como meu pai voltara para nos conduzir à vitória, e que agora Maates o acompanhava enquanto em sua biga dourada ele ultrapassava o sol. Falei-lhe dos dias em que nós dois éramos jovens; nosso primeiro encontro, quando ele me ensinara a coragem, o nascimento de nossa amizade após meu acesso de raiva; a caçada no sul, quando ele salvara a vida de Neyah, no momento em que este era atacado por um leopardo ferido. E acrescentei:

— Os dois que foram uma vez uma menina raivosa e um tratador de leões tornaram-se uma, o Faraó, e outro, Capitão dos Capitães.

Quando ele compreendeu que eu lhe dera o mais alto posto que um guerreiro pode atingir, tentou me falar de sua gratidão, mas interrompi suas palavras:

— Por muitas vezes você arriscou a vida por mim e por aqueles a quem eu amo.

Ele respondeu:

— Mas quando você era uma menininha coloquei minha vida em suas mãos, e ela sempre continuará nelas para que faça dela o que quiser.

Eu sabia que Zeb me serviria mesmo que eu não fosse Faraó, mesmo que fosse filha de um pastor de cabras.

Durante toda aquela noite o céu iluminou-se com as fogueiras onde ardiam os corpos de nossos inimigos. Ao alvorecer, nossos guerreiros que tinham morrido na vitória foram sepultados na terra que haviam protegido com a vida. Envoltos em seus mantos, com as armas em punho, dormiam o sono profundo que o corpo conhece quando liberta o espírito para caminhar em paz. E sobre a sepultura deles, recitei as seguintes palavras:

— Poderoso Ptah, que deu vida a esses seus filhos, acolha-os de volta em seu país, de onde eles vieram. O Escarlate do Deus dos guerreiros foi deles e suas espadas refletiram a Luz. Honradamente viveram e esplendidamente morreram. A memória deles residirá em nossos corações mesmo quando estiverem morando em seu país.

E decretei:

— Para marcar este lugar de descanso, um grande monólito será erguido, e nele será esculpido: "Aqui descansam os corpos de mil quatrocentos e oitenta e seis guerreiros de Kam, que morreram para dar a paz às Duas Terras e protegê-las da Sombra". Depois estará escrito o nome deles, o meu e a data da vitória: "No décimo segundo dia do quarto mês da Colheita, no oitavo ano do reinado de Za Atet Nekht, Sekhet-a-ra Meri-neyt, Filha de Anúbis, Portadora do Lótus Dourado da Sabedoria, Guardiã das Balanças da Justiça, Mantenedora do Cajado e do Mangual, Regente das Duas Terras, Guardiã das Fronteiras de Kam, Faraó". Isso será esculpido em baixo-relevo na pedra, para que perdure pelo período de tempo de muitas vidas. Talvez alguns daqueles cujos nomes serão registrados na pedra vejam esse monólito quando renascerem em Kam. E talvez se lembrem, sorriam e digam: "Uma vez fui enterrado aqui".

Capítulo 5

A volta para casa

Todos os templos enviavam de um para outro notícias da batalha; e enquanto navegávamos rio abaixo, o povo se reunia nas margens para ver o retorno do Faraó e do Exército Real. Chegamos a Men-atet-iss no quarto dia. No porto, Tchekeea estava a minha espera, vestida como um príncipe guerreiro e segurando o Mangual, que eu colocara em suas mãos para aliviar os momentos em que estaria longe dela.

Séria como um vizir, Tchekeea devolveu-me o Mangual e disse:

— Enquanto você esteve fora, guardei sua cidade com segurança e segurei o Mangual por você. Agora ele é seu novamente, e não preciso mais ser tão boa.

E assim, descartando-se de sua dignidade, atirou-se em meus braços e me abraçou.

Tchekeea foi comigo para o palácio em minha liteira, e pelo caminho quis ouvir tudo sobre a batalha. Perguntou-me cada detalhe, e suspirou ao pensar que não tinha visto minha lança matar Zernak.

— Quando será o banquete? Ficarei a noite inteira e ninguém poderá me mandar para a cama, porque você prometeu.

Expliquei a ela que teríamos de aguardar a volta de Neyah, o que eu esperava que acontecesse dentro de dois dias. Tchekeea disse:

— Enquanto você esteve fora, agi como se fosse você. Quando alguém discutia comigo eu mostrava o Mangual e dizia que você o tinha colocado em minhas mãos e por isso todo o mundo deveria me obedecer. E toda manhã eu pedia aos deuses com toda a minha força que cuidasse de você e permitisse que vencesse bem depressa. E pedia a eles quatro, cinco, seis vezes por dia para que não se esquecessem. Você acha que, se eu tivesse pedido mais vezes, você não teria sido ferida? Doeu muito a flechada?

Confidenciei a ela:

— Não doeu mais do que quando você corta o joelho ao cair no meio de uma brincadeira. E se você não tivesse pedido aos deuses com tanta força, a flecha teria me acertado em algum outro ponto mais perigoso.

— Primeiro pensei em me vestir como rainha, colocar

malaquita nos olhos e arrancar as sobrancelhas. Depois pensei que, se você estava sendo um rei, eu deveria ser um príncipe, e não quis mais me vestir nem permiti que ninguém fizesse isso até me trazerem roupas de príncipe. E ordenei que todos me chamassem de Den. Levei Natee para passear e pratiquei com meu arco e minha lança até Benater me dizer que eu era tão boa quanto um menino com o dobro da minha idade... E Silvermane deu cria, é uma potrinha. Neyah prometeu que a daria para mim. Ela precisa de um prado só para ela, com árvores e uma casa para se abrigar do sol... E, mamãe, quando eu estava passeando, encontrei uma menininha que tinha caído e rasgado seu único vestido. Como eu era príncipe, não gostava de roupas de menina, e, assim, dei doze das minhas túnicas para ela. O que você acha? Nekza não gostou muito, mas eu não precisava ouvi-la enquanto segurava o Mangual... E quando eles enviaram do Templo a notícia da sua vitória, fui ao mercado e disse a todos os mercadores que dessem tudo o que havia em suas barracas às pessoas e não cobrassem nada. E disse a eles que fossem ao palácio que eu lhes daria o dobro do valor de tudo o que tivessem dado. Repeti isso a Rey-htep. Ele pareceu surpreso, por isso, eu disse a ele: "É a palavra real". E ele obedeceu. Todo mundo ficou feliz. Você promete que dirá a Neyah, assim que ele chegar, que não deve mais me chamar de Tchekeea, mas sempre de Den?

Quando chegamos ao palácio, o vento quente do sul soprava as bandeiras, fazendo-as tremular nos mastros triunfais que formavam uma coluna em toda a extensão dos muros pintados de branco e sobre o pilone, como um círculo de lanças.

Zertar recomendou que eu descansasse em meu quarto por três dias, pois os músculos de meu braço estavam bastante retorcidos e, a menos que eu permanecesse imóvel, o ferimento não ficaria curado sem deixar cicatrizes. Foi bom poder tirar, afinal, minhas roupas de guerreiro e deitar-me na água quente e perfumada com flores de laranjeira, deixar que me massageassem o corpo com óleos terapêuticos e sentir o cansaço saindo dos meus ossos. O linho da minha cama era suave e fresco; entretanto, meu corpo estava cansado demais para dormir. Assim, mandei chamar Maata, que com seus dedos fortes e gentis massageou os músculos de minha cabeça e pescoço, até meu corpo se acalmar e permitir que meu espírito se fosse.

Capítulo 6

O retorno de Neyah

Quando Neyah chegou ao palácio no dia seguinte, veio direto ao meu quarto. Sua testa estava enrugada pelo peso de seus pensamentos, e vi que ele estava cansado da viagem. Antes de começar a dizer tudo o que nos acontecera, mandei trazer sopa e vinho e o fiz comer.

Depois, ele disse:

— Eu estava no rastro de um leopardo, dois dias a noroeste de Na-kish, quando você apareceu num sonho e me disse: "Volte. Viaje depressa rio abaixo. Kam está em perigo". Então colocou o polegar em minha testa e recomendou: 'Lembre-se'. Quando acordei, tomei a direção noroeste e cheguei ao rio na manhã do dia seguinte. Peguei um barco rápido de trinta remos, que pertencia a um nobre, e viajei rio abaixo dia e noite, revezando os remadores. Sabia que a contempladora da guarnição devia ter recebido notícias do perigo e o Capitão dos Capitães já estaria indo para o norte, assim não tive necessidade de enviar uma mensageiro a Na-kish para avisá-los. À meia-noite do terceiro dia cheguei a Nekht-an, onde me disseram que os *zumas* nos ameaçavam, e que ao alvorecer você batalharia com eles no Anfiteatro dos Grãos. Nunca mais viajarei sem uma contempladora, pois até chegar a Abidwa e ver as bandeiras, não sabia que tínhamos conquistado a vitória. O vizir veio se encontrar comigo com a notícia de que os *zumas* haviam sido destruídos e que a Guarnição Sul voltaria de Nekht-an.

"Quando cheguei ao Anfiteatro dos Grãos, os corpos dos mortos ainda fumegavam. Os garanhões de Zunak pastavam na planície, e minha impaciência ultrapassava os braços dos remadores. Assim, peguei a biga do rei e seus cavalos mais rápidos. Em trinta horas cheguei à Cidade Real, só parando quando os cavalos precisavam de descanso."

Então contei a ele a história dos quatro dias em que Kam foi pesada nas Balanças de Tahuti. Quando contei como nosso pai retornara para me guiar, Neyah disse:

— Pensei que meu exército lutaria sem liderança, mas eu devia saber que Atet deixou dois filhos, dois Faraós cujas bigas podem liderar a vanguarda dos lanceiros. Nunca um homem foi tão abençoado em sua esposa, minha irmã, meu irmão, Faraó.

Capítulo 7

Belshazzardak

Dois dias depois chegavam notícias de que Belshazzardak não havia sido encontrado entre os *zumas* mortos. Enviei soldados para procurá-lo, e eles o encontraram a três dias de jornada, cruzando o deserto em direção ao mar, escondido na cabana de um pastor que ele matara. Então ele foi trazido à Cidade Real.

No dia seguinte, mil pessoas compareceram ao Salão de Audiências para ouvir o julgamento do Faraó sobre o seguidor de Set. Quando Belshazzardak foi trazido à minha presença, soube que não era um dos poderosos das Trevas. Ele não possuía o escudo forte do orgulho com o qual eles desafiam o ataque violento da Luz, pois seus olhos, com as pálpebras pesadas como os de um crocodilo, estavam cheios de medo.

Então pronunciei meu julgamento sobre ele:

— Belshazzardak, porta-voz dos deuses de Zuma, ouça minha voz!

"Se você fosse um sacerdote poderoso, até mesmo com esse poder usado em nome de Set, então deveria desafiar sua vontade com a minha. E se vencesse, então poderia retornar ao seu país sem ser molestado. Se você fosse um sacerdote verdadeiro, seria nosso convidado de honra, mesmo com a inimizade entre nossos países, e retornaria em paz para sua casa. Se eu visse em você um homem forte, digno do meu ódio, então o condenaria por ter ousado liderar seu povo numa tentativa de profanar meu país.

"Mas você tem pouco conhecimento, até mesmo do mal, que fez de você uma arma nas mãos de um Príncipe da Sombra.

"Eu não profetizo nem condeno. Mas vou lhe dizer como funciona a Lei. Vou lhe dizer qual a colheita que terá da semente que plantou. Acrescentar minha condenação ao que você já provocou para si mesmo seria o mesmo que enfiar um espinho no pé de um homem que está com uma espada fincada no coração.

"Você permitiu que seu corpo fosse usado por outro espírito. Se tivesse a centésima parte do conhecimento que proclama, saberia que ninguém que não fosse mau usaria o corpo de outra pessoa para sua própria vontade.

"Se um homem colocar a mão num caldeirão de betume fervente, então essa mão ficará aleijada e não obedecerá mais à sua vontade. A vontade de alguém que se permite ser possuído é tão fraca que por muitas vidas ele nascerá insano. Quando você for renascer, olhará em sonho para a prisão do corpo para o qual deverá retornar, sabendo que, ao acordar, essa figura cômica rastejará pelo chão e gritará com medo das formas horríveis que a circundarão.

"Embora apenas no nome, você era um sacerdote de uma grande multidão. Você deveria ter sido uma luz para o crepúsculo deles. No entanto, foi uma sombra pesada na escuridão. Por isso, sofrerá tudo o que esse povo sofreu por sua causa.

"Um exército de milhares de homens confiou que você o conduziria à vitória. Mas, por você ser um falso sacerdote, sua língua ordenou que fosse para a morte. Quando morrer, você retornará a esse momento em que conduziu as tropas pelos rochedos e viu, não um rebanho de touros para sacrificar, mas as bigas do Faraó, e, vendo-as, soube que tinha traído seu povo. Preso no momento de sua traição, o tempo ficará parado para você, e parecerá eterno, entre a morte de um louco e o nascimento de uma criança idiota.

"Há seis dias, o corpo do rei de Zuma partiu em sua última jornada para seu país. Amanhã, meus soldados o escoltarão até os limites de Zuma como se você fosse um sacerdote verdadeiro. Pois se você fosse um sacerdote verdadeiro, seu povo precisaria de você para guiá-lo em suas tribulações. A notícia de que seu exército fracassou porque o ouviu irá à sua frente, e você encontrará a acolhida que merece. Em Kam não torturamos prisioneiros.

"E quando renascer em Zuma, talvez ainda ouça contarem ao redor das fogueiras a história da humilhação de um de seus oráculos, Belshazzardak."

Capítulo 8

A defesa das Duas Terras

Por duas vezes Zuma desafiou a força de Atet e por duas vezes Zuma foi expulsa de Kam. Agora, Neyah e eu estávamos sentados num Conselho com nossos Capitães dos Capitães e com os vizires de Men-atet-iss, Abidwa, Iss-an e Nekht-an para decidir como tornar as fronteiras de Kam seguras para nossos filhos.

É fácil tomar uma decisão quando ela envolve apenas a vida da gente; mas, quando as vidas de muitos milhares de pessoas podem ser alteradas, então o jugo da responsabilidade pesa em nossos ombros. Embora tudo o que façamos modifique nosso futuro, algumas ações mostram seu reflexo num dia e outros reflexos se estendem à nossa frente. Antes de escalarmos uma alta montanha, é bom pensarmos não apenas nas encostas que devemos escalar, mas também nas novas paisagens que veremos quando chegarmos ao pico.

Com um grande exército de duzentos mil homens, Neyah poderia castigar o povo de Zuma com um poderoso Mangual, para que, enquanto a memória disso persistisse neles e em seus filhos por muitas gerações, não voltassem a atacar o poder de Kam. Mas o que aconteceria se nossos exércitos os conquistassem vitória após vitória e varressem o país dos *zumas* tão facilmente quanto a espada corta um favo de mel? Nossas fronteiras triplicariam. Contudo, se fôssemos Faraós de Zuma e de Kam, nosso povo seria feliz ao usarmos essa coroa tríplice? O que faltava ao nosso povo nas Duas Terras? Tínhamos grãos suficientes para ninguém passar fome; cada homem tinha terra para seu jardim; nossos vinhedos nos davam vinho; nossos campos de linho são lagos azuis entre os de milho, e nossos tecelões nunca ficaram com os teares vazios.

O que Zuma poderia nos dar?

Seus campos de cereais são como oceanos para nossos mares; entretanto, se os conquistássemos, nossos campos seriam abandonados e nosso povo não precisaria mais trabalhar para ganhar o pão, e, ficando no ócio, acabaria encontrando o descontentamento. Só os homens que caminham na trilha do guerreiro são aceitos em nossos exércitos; mas, se tivéssemos fronteiras muito vastas para guardar, então nossos lavradores, artesãos e escribas teriam de mudar de vida

para se reunirem às longas filas de homens lutadores, e não ouviriam nenhuma melodia no grito de batalha, pois só aqueles que são Escarlates se alegram com a espada.

Se um homem colhe um cacho de uvas de sua vinha, pela Lei da Balança você pode pegar um cacho da dele, e assim equilibrar a balança. Mas um cacho de uvas é parecido com outro cacho, e a pessoa que rouba de você pode ter pegado noventa uvas, ao passo que você apanhou cem, e, assim fazendo, você se colocará em débito com o outro ladrão. O sábio cuja vinha é invadida por um ladrão, não se torna ladrão também para consertar o erro, pois sabe que há outro meio pelo qual o equilíbrio pode ser restabelecido: o ladrão terá de se tornar um homem honesto e pagar a dívida em que incorreu no passado.

Mas um homem que encontra sua casa roubada é um tolo em não colocar um vigia. O caminho para a entrada dos *zumas* em Kam é o País Estreito entre as Duas Águas. Assim, decretamos que, a cinco dias de jornada de nosso limite a nordeste, seria construída uma cadeia de guarnições separadas por dois dias de marcha, e que nossa frota no mar Estreito seria aumentada para guardar nossa costa. A frota minoense domina o mar ao Norte, e nossas frotas se uniriam às deles nessa guarda marítima. Punt tinha nos autorizado a governá-la e Nakish nos guardava da Terra do Ouro. Quando esse portão poderoso fosse construído a noroeste, então nosso país poderia ficar tranqüilo por muitos anos.

Se conquistássemos o país de Zuma, seu povo nos odiaria assim como aos nossos deuses; pois, embora déssemos a eles nossa justiça e nossas leis, eles veriam nelas o Mangual e não o Cajado. Mas talvez chegue o tempo em que os *zumas* ouçam nossas vozes nos ventos do sudoeste; então eles acabarão com os sacerdotes do mal e subjugarão os tiranos que são seus reis, pois ouvirão que a alegria floresce em Kam e irão nos querer para seus governantes. Se esse dia chegar, então teremos conquistado uma poderosa vitória, não pela espada de nossas mãos, mas pela espada da nossa vontade.

Parte VIII

Capítulo 1

O apogeu de minha mãe

Quando minha mãe morreu, rezei aos deuses para que eu não ensombreasse seu apogeu de luz com minha tristeza. Ela deixou a Terra suave e calmamente como um barco deslizando correnteza abaixo ao vento fresco do crepúsculo. Era como se ela tivesse vivido numa casa com as venezianas fechadas, e abrisse a porta para um jardim onde os sonhos floresciam em sua glória, pois tinha saído para a Luz e vira meu pai esperando por ela.

Seu corpo reuniu-se ao de meu pai na tumba deles em Abidwa. Ao lado dela, como desejara, foi colocada uma caixa de madeira pintada, que Neyah fizera para ela há muito tempo. Nela estavam guardados os presentes que tínhamos dado a ela e a papai quando éramos crianças; uma pequena tira de marfim onde eu escrevera seu nome quando ainda tinha dificuldade em escrever; pedaços de pedra calcária nos quais Neyah praticara a escultura, e duas peças de marfim de um jogo que ele começara a fazer para ela e nunca terminara. Em seu sarcófago ela ainda usava o bracelete que nós lhe déramos quando eu tinha nove anos. Foram colocadas junto ao seu corpo muitas outras coisas às quais se afeiçoara: uma pequena estatueta de Shamba, a leoa de meu pai; e algumas peças de cerâmica pintada que trouxéramos de Minoas quando estivemos com Kiodas.

Quando a tumba de Atet foi aberta, as flores que eu pusera lá quando pequena ainda mantinham a forma das pétalas como suaves sombras marrons. Antes de minha mãe se reunir ao marido, a sala ficou cheia de coroas frescas como para um casamento. E seus corpos dormiram um ao lado do outro enquanto seus espíritos se alegravam juntos.

Capítulo 2

Filhos de Faraó

Embora pudesse me encontrar com minha mãe em espírito, freqüentemente me sentia sozinha na Terra sem seus conselhos e sua compreensão. Eu sempre falara com ela das coisas que me pertubavam, e a luz de sua sabedoria afastava as sombras da minha incerteza, para que eu conhecesse meu coração e pudesse ver o caminho claro à minha frente.

Enquanto Den ainda era pequena, pensei que, quando ela crescesse, teria com ela a mesma harmonia que compartilhara com minha mãe. Mas embora nos amássemos e nossos pensamentos chegassem ao mesmo destino, viajávamos por caminhos diferentes.

Eu sempre quis conhecer a razão das coisas. Durante toda a minha vida tive sonhos, visões e conheci sua realidade, mas nunca me contentava até aprender como aconteciam; pois eu queria conhecer as leis e não apenas vê-las em ação. Se eu visse uma bela árvore ao pôr-do-sol, não a observava apenas com meu coração, mas com minha mente também; e sabia por que a achava bonita, que linha lhe dava o ritmo que era belo para minha mente. Mas para Den uma coisa era bela ou feia, uma ação era boa ou má, sem nenhum motivo, apenas porque seu coração assim sentia. Às vezes, ela se ria de mim e dizia que tentar explicar por que a curva de um jarro é mais satisfatória do que a curva de outro é o mesmo que fazer uma flor em pedacinhos para descobrir o segredo do seu perfume.

Eu esperava que Den fosse para o Templo de Atet como eu, mas ela não tinha paciência para os assuntos sacerdotais, e eu sabia que forçar-lhe a minha vontade seria tão inútil quanto tentar domar um leopardo selvagem prendendo-o numa jaula. Contudo, Den tinha sabedoria, sem saber de onde vinha, e conseguia avaliar os corações sem conhecer as Balanças.

Desde os doze anos de idade, ela sentava-se ao meu lado quando eu estava em audiência; e antes que eu desse o julgamento ela fazia um sinal secreto para me dizer se achava que a pessoa era inocente ou culpada. Eu avaliava os corações com os fatos da Terra e a sabedoria do espírito, mas muitas vezes percebia que Den conhecera a verdade antes de mim. A princípio, pensei que fosse uma vidente, mas não

era. Ela dizia: "Eu sei das coisas, mas não sei por que as sei. Não me preocupo com isso". Embora ela não tivesse passado pelo treinamento de um sacerdote, à medida que o tempo passava, eu ficava segura de que seus julgamentos seriam dignos dos Pratos da Balança sob os quais se sentaria quando fosse Faraó.

Den sempre acompanhava Neyah em suas viagens anuais às guarnições. Ele costumava levá-la para caçar com ele no sul, e dizia que nenhuma lança era mais veloz do que a dela e nenhuma flecha acertava mais prontamente o alvo. Embora fosse filha de Dio, eu achava que Den era mais filha de Neyah do que minha.

Neyah tinha quatro filhas de suas esposas secundárias, mas apenas um filho, Seshet, que tinha dois anos de idade quando eu me tornei Faraó. Até os sete anos ele viveu com sua mãe na ala das mulheres. Depois que ela morreu, passou a compartilhar com Den as Dependências das Crianças Reais, que haviam sido nossas quando éramos crianças. Seshet era muito parecido com seu pai, como a sombra de uma árvore o é em relação à árvore, e acho que ele não rezava aos deuses, mas à imagem de Neyah que mantinha em seu coração. Ele teria encontrado a felicidade na vida como sarcedote médico ou como homem letrado, mas por Neyah ser um Faraó Guerreiro ele queria seguir esse caminho. Seshet passava muito tempo no Salão de Registros. Subia até uma alta prateleira e trazia um papiro que por muitos anos não tivera as fitas de lacre desatadas, e o desenrolava com a ansiedade de uma criança ao ouvir uma história. Lia os antigos julgamentos de Menés e de seu avô, e catalogava como os tributos haviam sido empregados nos diferentes anos. Os planos dos escribas para a construção de uma nova estrada ou para um novo sistema de canais de água, que há muito tempo tinham se tornado familiares ao povo de Kam, eram tão novos para ele como no dia em que surgiram da mente dos homens que os desenharam.

Neyah era sempre muito gentil com seu filho, e costumava levá-lo para caçar aves, embora pensasse que ele tinha muito pouca habilidade com as flechas. No entanto, surpreendi Seshet certo dia praticando num alvo de papiro vermelho que balançava ao vento. Ele o fixou com três flechadas antes de perceber que eu o observava. Naquele momento, compreendi que quando ele não acertava uma ave em vôo

não era porque não pudesse acertá-la, mas porque odiava destruir sua perfeição. Recomendei-lhe que explicasse a Neyah que não gostava de matar pássaros, mas ele me fez prometer guardar seu segredo. E assim o fiz, pois sabia que Seshet sofreria mais ao admitir algo que ele pensava ser uma fraqueza do que sendo alvo de risos por sua falta de habilidade. Disse-lhe que existem muitos caminhos para a liberdade, e que a pessoa que atinge a liberdade no caminho do escriba tem uma coragem tão esplêndida quanto aquela que a atinge no caminho do guerreiro; no entanto não consegui fazê-lo compreender que o que ele possuía não era covardia, mas compaixão.

O presente dele era sempre toldado por seu futuro, pois Seshet podia ver as sombras que seriam lançadas em tudo o que fazia. Se Den desviava a biga muito depressa, quase virando-a, nunca pensava no que teria acontecido se a biga tivesse se inclinado um pouco mais. Mas para Seshet, que a observava, o que poderia ter acontecido era quase tão real quanto se de fato tivesse ocorrido, e seus ossos doíam, tão aguda era sua visão do ferimento que ela poderia ter recebido. No entanto, bem dentro dele brilhava a chama da verdadeira coragem que não retrocede diante da face sem máscaras do perigo.

Seshet tinha dado o coração a Den desde que ela era bebê; Neyah e eu sempre tivemos esperança de que eles se casassem e governassem juntos depois de nós. Den era a Herdeira Real, e a menos que se casasse com Seshet, teria de governar sozinha, e ele não poderia ser Faraó. Se eu não tivesse tido uma filha, Neyah poderia declarar qualquer um de seus filhos herdeiro real; e se ele não tivesse nenhum filho, após consultar os sacerdotes videntes escolheria alguém de espírito antigo para ser o próximo Filho de Hórus.

Quando Den fez catorze anos, chegou o momento de seu noivado com Seshet ser anunciado ao povo, para que todos os conhecessem como seus regentes quando Neyah e eu passássemos adiante o Cajado e o Mangual. Para Seshet, Den era o sol do seu meio-dia; quando ela estava a seu lado não podia haver sombras, e quando ela estava longe dele o céu não tinha estrelas. Mas Den o amava apenas como irmão, e ele não conseguia acender em seu coração a chama brilhante que os amantes conhecem. E por causa do seu amor, Seshet via o coração dela; e sabia que, como sua esposa, ela nunca encontraria a felicidade total que outro homem lhe daria, alguém que não fosse apenas um irmão de espírito,

mas também o amante escolhido por seu corpo. Para Seshet, casar com Den significava ter por esposa aquela que era o ar que ele respirava e a coroa de Faraó. Mas ele a amava além da posse e do poder. Mais que isso, ele a amava além do orgulho. Queria ser Faraó, porque o Cajado que seguraria seria o de Neyah, e porque a coroa que usaria então seria a usada por Neyah. Ele sabia que lhe seria proibido negar sua herança se dissesse ao pai que desistia da sucessão do trono porque amava a mulher com a qual o compartilharia. Assim, Seshet disse ao pai que não poderia ser Faraó porque não ousava liderar as bigas reais numa batalha. Neyah o amava, e quando o ouviu, seu coração entristeceu-se, pois não teria um filho para sucedê-lo. No entanto sabia que o rapaz era bastante antigo de espírito para ter ganhado essa humildade, que só muito poucos ganham, e quando isso acontece já estão no final de suas jornadas. E Neyah viu que a sabedoria de Seshet estava além da compreensão dos eruditos ao avaliar seu próprio coração, pois, sabendo que não era um líder de guerreiros, ele tirara o elmo de guerra do Faraó e renunciara ao Mangual. Assim Neyeh fez de Seshet o Vizir de Nekht-an, e a Terra do Lótus foi pastoreada pela compaixão dele.

Capítulo 3

Den e Horem-ka

A passagem dos anos trouxe beleza e força como presentes para Den. Seu cabelo brilhava como cobre novo, e seu corpo era esguio como o de um rapaz. Ela costumava ir a expedições a países distantes, à procura de novos animais e pássaros a fim de trazê-los para Kam, do mesmo modo que meu pai procurara plantas e árvores. Den era o orgulho e o temor do Mestre das Bigas, pois quando o perigo estendia as mãos para ela, ria-se dele ao abrigo. Era amada em todos os lugares das Duas Terras, pois se estava com um velho erudito ou um jovem nobre, um Capitão dos Capitães ou um caçador, fazia cada um sentir-se como seu igual e que

o havia escolhido para seu companheiro. Sua raiva explosiva era compensada por sua simpatia e generosidade.

Um de seus companheiros favoritos era Horem-ka, filho do Vizir de Iss-an. Ele era capitão do Corpo da Guarda Real, e exceto quando estava em audiência com o Faraó, vivia em seu próprio Estado, próximo à Cidade Real. Era um homem forte tanto de coração como de corpo. Tinha a pele bronzeada pelo sol, suas sobrancelhas eram niveladas como as asas de um falcão, mas sua boca era amiga da risada, suas mãos tinham as palmas largas de um guerreiro.

Embora muitos homens disputassem seu amor, aos dezenove anos Den ainda não havia escolhido seu marido.

Um dia correu a notícia de que um leão, que não era mais suficientemente rápido para apanhar um antílope, pegara uma criança de uma das vilas, a dois dias de viagem da Cidade Real na direção sul. Den foi com Neyah caçar o animal. Ao voltar, não veio numa biga, como era seu costume, mas numa liteira acortinada. A roda de sua biga havia se quebrado durante a perseguição à caça, e Den fora atirada para fora do carro e escoiceada por outro cavalo.

Por quatro dias Den dormiu como se estivesse morta: só o frágil bater de seu coração mostrava que o cordão de prata ainda não fora rompido. Tão fino era seu elo com a Terra, que seu espírito parecia um pássaro distendendo as asas antes de seu último vôo. Ela respirava embalsamada pelo sono, e nenhum vidente ou médico conseguia tirá-la dessa estranha tranqüilidade.

Seu corpo estava rígido como uma estátua enquanto a seu lado eu a observava. Então ouvi alguém chegar à antesala e a voz de Horem-ka pedindo para ver minha filha. As servas lhe disseram que não podia entrar. Mas ele as colocou de lado, fazendo-as abrir caminho como os juncos se inclinam diante de um forte vento. As cortinas da porta retiniram seus aros quando ele as empurrou para trás. O quarto estava escuro, exceto pela luz tímida de uma lamparina de alabastro, e acho que ele não sabia que eu estava lá. Ajoelhou-se ao lado de Den e segurou-lhe a mão, chamando-a pelos delicados diminutivos que os amantes usam. E sua voz chegou até ela nos campos distantes onde seu espírito vagava; seu espírito ouviu a voz dele e voltou para o corpo. Ela abriu os olhos por um momento e sorriu para ele, murmurando seu nome, contente como uma criança sonolenta. Então ela dormiu no abrigo de seus braços, não mais o sono semelhante à morte, mas o que renova o corpo.

No terceiro dia do segundo mês da colheita, no vigésimo primeiro ano do meu reinado, Den e Horem-ka uniram-se diante dos deuses.

Como Horem-ka não tinha sangue real, não seria Faraó, mas apenas o Marido Real, quando Den herdasse o trono. Neyah anunciou que ele seria o primeiro na linha de sucessão depois de Den, se ela morresse antes de dar à luz um herdeiro; pois embora Horem-ka não tivesse o sangue de Menés em suas veias, nossa tradição vivia em seu coração. Ele tornou-se o Vizir Real, pois esse posto ficara pesado para Rey-hetep, que estava com setenta e seis anos de idade. Nos exércitos, ele estaria abaixo apenas de Neyah, e em tudo, exceto no nome, seria filho do Faraó.

Ele e Den juntos tinham a força dos dois lados de um pilone e se equilibravam como os dois pratos da Balança. Agora que Den encontrara a paz, a qual o residente amado de seu coração tinha trazido, não era mais impaciente quanto aos caminhos da sabedoria, e ouvia a voz de sua memória, da qual tinha nascido seu conhecimento sobre as pessoas. Ney-sey-ra era seu conselheiro, e nas vozes dos sacerdotes ela encontrou a alegria que antes só encontrara na velocidade das bigas.

Den viajou com Horem-ka por todo o país. Falavam com os vizires e misturavam-se ao povo nos mercados; falavam com os sacerdotes e conselheiros dos templos, com os vinicultores e com as mulheres na colheita; assim, nosso povo soube que quando o Cajado e o Mangual fossem passados para suas mãos, eles seriam os mesmos que Neyah e eu segurávamos agora, e a felicidade de suas vidas não seria interrompida pela nossa morte.

Quando estavam completando quase dois anos de casamento, tiveram um filho, e Den me pediu para escolher um nome para ele. Dei a meu neto o nome de Seshet-ka, em lembrança ao meu filho de coração, cujo corpo tinha sido moldado por Neyah e Sesket.

Capítulo 4

A morte de Neyah

Quando eu estava com quarenta e seis anos de vida na Terra, o sol deixou de se levantar no horizonte dos meus dias e a tristeza escondeu as estrelas de meus olhos. Pois Neyah, que tinha viajado para o sul de Kam, morreu da febre dos pântanos.

Ele me contou em sonho que seu corpo estava doente, a vinte e sete dias de jornada rápida da Cidade Real. Disse-me também que eu não poderia chegar até ele na Terra, pois dentro de dois dias seu corpo seria uma casa vazia.

Fora da Terra, a morte é uma alegria; mas para quem está com os olhos abertos, ela sombreia a beleza, as flores perdem seu perfume e os pássaros ficam mudos. Mesmo que todo o povo de Kam demonstrasse sua tristeza, as lágrimas não deveriam surgir em meus olhos. Eu devia dizer ao meu povo da pequenez da morte, dizer-lhes que deveriam se alegrar pelo fato de o Faraó estar dirigindo sua biga no Exército Dourado de Hórus, que ele tinha ido na frente para recebê-los quando eles também morressem.

Neyah fora o pastor e o vingador das injustiças do povo, e os homens o amavam como aos deuses, pois para todos o Faraó era o símbolo do que eles seriam um dia. Mas, para mim, Neyah era o menininho com que eu brincara durante a infância, aquele com quem eu sempre compartilhava os segredos do meu coração, aquele com quem minha língua podia ficar solta e meu coração, sem muros.

Eu estava muito só.

Capítulo 5

O entardecer dos meus dias

Após a morte de Neyah, continuei na Cidade Real por um ano, e Den e eu governamos juntas as Duas Terras.

Meu neto me era muito querido, e eu lhe contava as histórias que Neyah costumava me contar: do peixinho escarlate, do órix que desafiou o Vento do Norte numa corrida para o horizonte; do macaco que queria ser homem e da tartaruga orgulhosa. Com Seshet-ka eu revivia os dias de minha infância, e pensei que, quando crescesse, eu lhe contaria as lendas dos deuses e dos fortes de coração que viveram na Terra nos tempos antigos.

Meu espírito ainda zelava por meu país; e eu o via estender-se abaixo de mim como se estivesse pairando sobre ele como um falcão. Onde os canais de água não fluíam livremente, embora a safra ainda estivesse verde aos olhos dos homens, eu via um deserto. Onde havia pregadores do mal, eu via como se estivesse coberto por uma grande nuvem de moscas. Onde havia aqueles que oprimiam seus servos ou animais, eu via sangue sobre as vergas de suas portas. E ao redor das casas dos que destruíam seus companheiros, eu não via árvores de sombra, mas esqueletos surgindo do chão ao longo das estradas, pois eles caminhavam na sombra da morte.

E quando eu via coisas que não eram boas em nosso país, as dizia para Den, pois mesmo que o lótus dela fosse apenas um botão que se abria, ela era uma Regente de Maat, e não devia haver nada de errado em Kam que estivesse oculto aos olhos do Faraó.

Quando havia alguém traiçoeiro ou forte em seu mal, eu ainda me sentava para julgá-lo; e na noite anterior ao julgamento, ouvia as palavras que ele repetia para si mesmo, com as quais esperava me enganar. Então, quando ele chegava à minha frente na hora da audiência, eu lhe dizia: "Ouça, direi suas palavras por você". Então ele ficava com muito medo, pois sabia que eu ouvira as palavras de seu coração enquanto ele as dissera em voz alta na noite silenciosa. Depois pronunciava minha sentença.

À medida que o tempo passava, via que Den estava seguindo pela mesma trilha que eu, como um lótus que floresce igual ao outro, e que em suas mãos o Cajado e o Mangual estavam seguros. Assim, quando completei quarenta e sete anos, fui morar com Seshet, para passar o entardecer suave de meus dias em Nekht-an. Espelhado em seus poços de lótus, o velho palácio do Sul elevava-se na margem leste do rio, e as janelas de meu quarto abriam-se para o sol poente.

Embora Seshet fosse o vizir, o povo do Sul ia procurá-lo com seus problemas como se ele fosse um conselheiro do

Templo. Andava pelo meio do povo das pequenas fazendas, e se um homem lhe dissesse que as alfaces de sua horta estavam murchando, enquanto conversavam era como se os dois fossem proprietários de um grande vinhedo. Os tecelões sabiam que ele compreendia a dificuldade de um dedo áspero ao colocarem os fios finos em seus teares. E os soldados o amavam, pois suas palavras podiam abrir o vinho da risada. Seu povo o chamava de Nekht-ab, "o grande de coração", pois eles prosperavam sob o sol de sua compaixão.

Conversávamos sobre as coisas que estavam bem longe da Terra. Explorávamos os cristais do pensamento límpido, e escalávamos os picos sem raízes onde podíamos captar algumas imagens do espírito sem palavras. Dos velhos rolos de papiro de poetas esquecidos, ouvíamos os sussurros dos amantes cujos corpos tinham morrido há muito tempo, mas cuja memória ainda caminhava pelas avenidas floridas.

Ao anoitecer, ele chamava seus músicos, que tiravam das cordas a melodia de seus pensamentos; música estranha, nítida como as sombras numa parede, sua harmonia se dividia em espaços com medidas tão meticulosas quanto as linhas de um pilar que marcam a altura do rio. O prateado das flautas soprava o verde das harpas, como riachos despertando os calmos pastos dos vales.

O espírito de Neyah compartilhava de meu sono, e seu filho estava ao meu lado durante o dia.

Quando Seshet se tornara Vizir do Sul, ordenara que um novo templo fosse construído em Nekht-an, na margem oeste, do lado oposto ao palácio. Logo que o templo ficou pronto para se tornar um lugar de paz, ele disse estas palavras ao povo reunido para a ocasião:

— Ouçam minha voz! Pois os deuses tornaram minha língua prateada para que seus corações ecoem ao ouvir minhas palavras como um sino ao golpe do martelo.

"Lembrem-se sempre de que as coisas que lhes acontecem são apenas suas ações refletidas num espelho verdadeiro. Nenhum Mangual baterá em suas costas, a menos que suas mãos tenham se erguido injustamente. Suas barrigas não ficarão tensas de fome nem suas gargantas secas de sede, a menos que tenham feito outras pessoas passarem por isso. Não andarão pelas trevas no deserto, a menos que tenham fechado os olhos para a Luz quando ela brilhava sobre vocês. Seus pés não sangrarão com as pedras do caminho, a menos que não tenham prestado atenção à voz de quem lhes disse para fazerem sandálias com sabedoria. Não reclamarão aos ventos da solidão, a menos que tenham sido falsos com quem se mostrou amigo. Não temerão que a morte assome em seu caminho, a menos que tenham negado a glória de seu auxílio.

"Ao fazerem alguma coisa, pensem: 'Eu ficaria contente se fizessem isso para mim?' Então viajarão rapidamente no Barco do Tempo ao longo do Rio da Vida Eterna, sem navegar pelos riachos de lágrimas que fluem das Cavernas do Submundo."

Capítulo 6

O coração de Kam

Nossos templos elevam-se como uma avenida de tochas em toda a extensão do grande rio de Kam. A voz dos sacerdotes é ouvida nos santuários, e os pátios ressoam aos passos dos Portadores de Sandálias. Mas os sacerdotes de nossos filhos ainda estão em corpos de crianças. Assim, no sétimo dia do sétimo mês de cada ano, todas as crianças com sete anos são levadas aos templos para os videntes verem seus caminhos. As crianças cujos corpos estão leves e que, na grande jornada, viajam ao longo do caminho do sacerdócio, retornam ao Templo para continuar seu treinamento aos doze anos de idade: para que, por sua vez, tornem-se o sangue vivo do coração de Kam.

Aquelas entre elas que se lembram claramente dos sonhos, ou que possuem uma marca em seu interior, a qual mostra que antes de nascerem já tinham começado a voar, são ensinadas a fortalecer as penas de suas asas para que tenham sonhos verdadeiros. Tornam-se Guias do Chacal, e quando os portões do sono são como um portal aberto por onde a luz brilha, conduzem os outros pelo crepúsculo da Terra, assim como Anúbis os conduziu pela Grande Passarela.

As crianças que, ao se sentarem à beira do rio e olharem para a água a virem com um colorido mais vívido do que o dos sonhos, são treinadas para deixar o corpo e viajar

por sobre a Terra enquanto descrevem o que vêem em suas perambulações como se estivessem pintando num vaso polido, num espelho ou nas faces prateadas de suas pirâmides. Elas se tornam Contempladoras que, rápidas como pássaros, observam nosso país para que sob sua proteção a tranqüilidade seja mantida. E entre elas há as que se tornam contempladoras de Maat, cujas línguas falam enquanto viajam para os reinos distantes do espírito.

As crianças sob cujos olhos a vida pulsa fortemente são exercitadas para se tornarem Sacerdotes de Ptah para poderem fazer com que a vida flua por seus portões. Assim como os carregadores de água enchem seus jarros no rio para restaurar o verde em seus jardins, do mesmo modo esses curadores tiram água do rio da vida para dá-la aos que têm sede. Dão saúde ao nosso povo, assim como a inundação traz vida aos nossos campos. Entre elas estão as que seguem a liderança do Falcão. Quando seguram nas mãos a espada de Sacerdote de Hórus, rompem as algemas daqueles que estão presos às Cavernas do Submundo, e lançam sobre o mal uma armadilha de fogo. Lutam com os grandes chefes de Set, e com seu poder abatem o desafio dos olhos destruidores.

As crianças que vêem pelas cortinas escuras de suas pálpebras são educadas para ser contempladores. Mas só as que estão em corpos masculinos são escolhidas, pois este é o caminho mais árduo de todos os treinamentos no Templo, e o corpo deve ser forte para suportar esse polimento do espírito sem ficar prejudicado. Seus corpos não podem ser um pavilhão delicado, pois vêem acordados o que outros homens só vêem durante o sono; e embora retornem para seus corpos, não podem fugir das multidões dos mundos do além nem dos demônios do Submundo. Quando conquistam a Pena Escarlate de Maat, não há mais nenhuma cortina abaixada para eles na Terra. Olham para um homem doente e sabem o que provocou sua doença. Olham para um homem e vêem seu *ba* como se ele estivesse revestido de cores, e assim conhecem o temperamento de seu coração. Vêem a memória dos velhos males, que mancham o lugar onde o mal foi feito; vêem onde um velho erro ou uma tristeza esquecida deixou sua marca numa sala, mais clara do que uma mancha de sangue no chão. Vêem os homens que caminham sem corpo tão claramente como se estivessem encarnados, e se esses homens estão com o espírito livre ou atado à terra por ignorância ou por condenação. Vêem os registros que são feitos

na pedra que não tem inscrições, mas que se tornou viva de memórias e pode dar testemunho àqueles que podem lhe dar a palavra — este poder eles compartilham com os contempladores de Maat. Lutam contra as Hostes das Trevas, pois são Guerreiros Escarlates sobre a Terra e fora da Terra, e vendo a verdade lutam por seu esplendor.

Essas legiões de Seres Alados, que treinam sua vontade de muitos modos, reúnem-se nessa poderosa armadura de lanças que nos protegem do mal, destruindo as ondas que nos engolfariam em nome de Set.

Capítulo 7

A sepultura de Meri-neyt

No vigéssimo nono ano de reinado, a sepultura que eu havia mandado construir ficou pronta para receber meu corpo quando meu espírito não necessitasse mais retornar.

Eu me deitaria em Abidwa, na Cidade dos Mortos Vivos, entre os bem-amados da minha família, no último jardim da Za Atet. Ao meu redor estariam os companheiros de minha jornada: Ney-sey-ra, que me ensinara a modelar as Sandálias Douradas para que a Passarela dos Deuses ficasse plana sob meus pés; os vizires que me haviam aconselhado; os capitães que tinham sido um Mangual em minha mão para afugentar os inimigos de meu país; Maata, que protegera minha infância; Harka, que me ensinara a lidar com as bigas; Benater, que me ensinara a arremessar a espada que matara Zernak; e muitos outros que haviam trabalhado comigo ao pastorear as Duas Terras.

Os deuses fizeram de mim um Vizir deles, e Ptah colocara a vida de seus filhos em minhas mãos. O pergaminho da minha vida estava parcimoniosamente escrito; entretanto, em meu interior estava guardado tudo o que eu tinha sido desde que nascera na Cidade Real: sou a criança a quem minha mãe fazia dormir entoando melodias ao crepúsculo; sou a filha de Atet, cuja imagem tem sido um estandarte a ser seguido; sou a menina que entrou para o Templo

a fim de aprender a sabedoria e o ser triunfante que comprovou suas asas; sou a mulher que desfrutou do amor, e que sofreu até as lágrimas de seu coração estancarem pela cura lenta do bálsamo do tempo; sou o Faraó que fez justiça nas Duas Terras, e a guerreira cuja biga conduziu a vanguarda dos lanceiros.

Estariam comigo em meu túmulo as coisas que mostrarão a nossos descendentes o modo como o povo viveu uma vez em Kam. Estariam as coisas que eu usara durante minha vida: as sandálias, mantos e vestidos, a caixa onde eu guardava meus colares; os móveis dos meus aposentos, e o pequeno vaso onde eu colocava minhas flores quando vivia no Templo.

Essas coisas mostrarão o que me cercava. Mas pouco interessa o que as pessoas vestem, as casas onde vivem ou as coisas que usam. São seus pensamentos, aquilo que conhecem, o polimento para a Luz, que perduram pelo tempo. Portanto, estariam comigo em longos rolos de papiro, registrados por escribas sob meu selo, a sabedoria que eu aprendera, as preces que fizera, as leis que mantivera em Kam. Estariam comigo em meu sarcófago, pois, assim como meu corpo armazenara sabedoria enquanto caminhava pela Terra, do mesmo modo esses registros continuariam a armazená-la. Eles seriam amarrados com as tiras do guerreiro escarlate e selados com meu nome de sacerdote, Meri-neyt.

Comigo estariam também a lenda da Criação da Terra e a história da Jornada do Homem. Quando o homem iniciou sua jornada, aprendeu a força das montanhas e a gentileza das plantas e tornou-se sábio sobre o modo de vida dos animais. Entretanto, se o mal está numa das mãos e o bem na outra, suas faces são para ele como uma estátua refletida em dois espelhos, pois seu *maat* é um jarro vazio. Mas ao longo dos tempos ele descobre que a voz do mal, embora o engane com palavras suaves, traz dor e sofrimento. E a partir disso é possível que, por muitas vidas, não ouça seus conselhos. Então a voz do bem fala a seus ouvidos, uma voz calma como a água límpida, sossegada como uma colina de pedra, e lhe diz da finalidade de sua jornada, e o viajante a ouve e prossegue em seu caminho, revigorado. Mas as coisas da Terra ainda pesam sobre ele, como se carregasse um grande fardo nos ombros. Ele busca a sabedoria em muitos países e em múltiplas línguas. Às vezes, ele viaja por desertos pedregosos, onde suas pegadas ficam vermelhas na areia, outras vezes, caminha à margem dos rios sob a sombra das

árvores. Mas, se seu dia tiver sido de júbilo ou tribulação, à noite ele sempre dormirá para despertar renovado com uma nova alvorada.

Ele abandona os deuses para iniciar sua jornada, e pensa que está caminhando para longe deles; e por muitas vidas continua assim, pois viaja em círculos. E chega um tempo em que ele se torna discípulo de um dos doze discípulos de um Ser Luminoso. Então ele entra para uma irmandade, da qual cada membro faz parte dos deuses, assim como os filamentos de plumas fazem parte do Falcão de Hórus. Quando esse tempo chega, é sobre o outro semicírculo que viaja, retornando para o lugar de onde saiu. E quando o final alcança o início, seu círculo está completo. Então ele é um como o pai, irmão dos deuses que lhe deram vida.

No mesmo papiro estará registrado o Valor do Coração pelos quarenta e dois Assessores da Morte.

Quando o viajante chega ao final de sua jornada, encontra-se à margem de um rio, e à sua frente vê um barco, o Barco do Tempo, no qual deve tomar lugar. Mas, antes que tenha permissão para entrar no convés, deve chamá-lo pelo nome; deve saber o nome dos remos, ou eles não remarão para ele; deve chamar a proa pelo nome também, ou ela não conduzirá o barco pelo rio. Ele viaja no barco sobre águas escuras até o rio mergulhá-lo na Grande Caverna. Ali é cercado pelos demônios, que o atacam com suas formas de terror, mas se ele tiver medo, eles o adularão para ir para as sombras. Depois ele desembarca num porto onde sete degraus o conduzem até uma grande porta. Deve chamar os ferrolhos pelo nome, bem como as dobradiças, e deve conhecer o segredo até da madeira com a qual a porta foi feita. Ao ouvir seu nome, a porta se abre, e ele passa para um grande salão de audiências, onde, sentados em seus tronos, estão os Quarenta e Dois Assessores da Morte. Eles ficam bem acima dele, nas sombras, e seus rostos estão além de sua visão, pois ele se encontra num vale entre deuses montanhosos.

Cada uma por sua vez o interroga, e se ele não consegue responder com a verdade, dizendo: "Pela Pena da Verdade, eu vos conquistei", então o chão se abre sob seus pés e ele vai para as trevas até emergir do útero de sua mãe. Em sua conquista, as virtudes penetram nele e os males encontram a força de sua ruína em seu próprio coração.

Os Assessores sentam-se em seus tronos nos quatro cantos do salão.

E o primeiro o desafiará, dizendo:
"Trataste teu corpo sabiamente e com
consideração, assim como teu criador
te tratou nos dias da tua infância?"

E o segundo dirá:
"Sobreviveste na Terra todo o tempo
que os deuses te destinaram?"

E o terceiro dirá:
"Mantiveste teu corpo como um limpo
vestuário imaculado pelo Rio da Imundície?"

E o quarto dirá:
"Deitaste-te com alguma mulher a
quem teu espírito não amasse?"

E o quinto dirá:
"Estás livre do conhecimento do corpo
de tua mãe, de tua filha, de tua
irmã ou de tua tia?"

E o sexto dirá:
"Não fizeste de nenhum homem tua mulher?"

E o sétimo dirá:
"Houve algum animal que pudesse ser
chamado de teu marido?"

E o oitavo dirá:
"Tuas mãos pegaram o que não deviam
pegar?"

E o nono dirá:
"Comeste até tua barriga ficar atormentada
e gritar contra ti, ou bebeste
a ponto de tua vontade se tornar escrava do teu
[corpo?"

E o décimo dirá:
"Cortaste algum cordão de prata
por meio de violência?"

E o décimo primeiro dirá:
"Tua raiva foi justa, e o Mangual em
tua mão foi como o Mangual do Faraó?"

E o décimo segundo dirá:
"Olhaste para os ricos e habilidosos sem
conhecer a inveja?"

E o décimo terceiro dirá:
"Teu coração foi dilacerado pelas garras do
[ciúme?"

E o décimo quarto dirá:
"Tu não falaste de nenhum mal exceto do mal em
[si?"

E o décimo quinto dirá:
"Deixaste o arado nos prados por preguiça
quando as sementes estavam
prontas para serem semeadas?"

E o décimo sexto dirá:
"Cobiçaste o conhecimento das coisas que não
eram para teus ouvidos nem para teus olhos?"

E o décimo sétimo dirá:
"Viste tua sombra ampliada na parede e pensaste
que tua imagem fosse poderosa?"

E o décimo oitavo dirá:
"Tu te desviaste do caminho certo quando ele foi
assaltado por perigos?"

E o décimo nono dirá:
"Tu te prendeste na Terra por correntes de ouro?"

E o vigésimo dirá:
"Olhaste para as coisas da Terra até
teus olhos ficarem cegos?"

E o vigésimo primeiro dirá:
"Enganaste ao negociar no mercado?"

E o vigésimo segundo dirá:
"Tu te mostraste grato a quem se mostrou amigo
em tua jornada, fossem teus companheiros
ou a romã que te refrescou quando
estavas sedento?"

E o vigésimo terceiro dirá:
"Deste pão ao pobre e frutas de teu vinhedo
aos fatigados?"

E o vigésimo quarto dirá:
"Fechaste tua boca contra a falsidade?"

E o vigésimo quinto dirá:
"Ficaste orgulhoso da tua capacidade mental
a ponto de tua sabedoria ficar nublada?"

E o vigésimo sexto dirá:
"Tua amizade foi uma rocha forte num deserto
de areias movediças?"

E o vigésimo sétimo dirá:
"Não te acorrentaste a nenhum homem pelos
grilhões do ódio?"

E o vigésimo oitavo dirá:
"Não conheceste nenhuma bruxaria nem te
corrompeste e mantiveste teu corpo
apenas como uma morada?"

E o vigésimo nono dirá:
"Levaste alegria ao coração de tua mãe
e honraste a casa de teu pai?"

E o trigésimo dirá:
"Honraste todos os sacerdotes verdadeiros?"

E o trigésimo primeiro dirá:
"Tu te lembraste dos deuses durante toda a tua
jornada e pediste seus conselhos?"

E o trigésimo segundo dirá:
"Fechaste teus ouvidos à sabedoria que fala
com voz sonora?"

E o trigésimo terceiro dirá:
"Saciaste com tua sabedoria o que tem
sede da verdade?"

E o trigésimo quarto dirá:
"Teu poder foi usado apenas pela Luz?"

E o trigésimo quinto dirá:
"Foste uma espada no Exército de Hórus?"

E o trigésimo sexto dirá:
"Conduziste algum homem ao caminho
que leva à liberdade?"

E o trigésimo sétimo dirá:
"Tua imagem é honrada em teu coração?"

E o trigésimo oitavo dirá:
"Conheceste teu coração e foste o verdadeiro
escriba de todas as tuas obras?"

E o trigésimo nono dirá:
"Sabes que o final de uma jornada é apenas
o início de outra?"

E o quadragésimo dirá:
"Tu te lembraste das plantas que uma vez
foram tuas irmãs, e saciaste a sede delas,
cuidando para que florescessem?"

E o quadragésimo primeiro dirá:
"Foste para todos os animais como teu mestre é
para ti, tendo sabedoria, amizade e compaixão
para com aqueles que já foram teus irmãos?"

E o quadragésimo segundo dirá:
"Podes dizer com sinceridade: 'Nunca fiz com
que um homem ou animal trabalhasse
além de suas forças. Sei que todos
sobre a Terra são meus companheiros de jornada
e os socorri pelo caminho'?"

Então ele não ouvirá mais a voz sonora dos deuses, e no silêncio sua voz será ouvida, dizendo: "Eu vos conquistei,

pois não há ninguém sobre a Terra que tenha pecado, se entristecido ou sofrido por qualquer ato meu".

Então esse Salão da Verdade será como a luz do meio-dia, iluminado pela chama pura e clara de seu espírito; e mesmo que todos os ventos da Terra reúnam as forças para apagar essa chama, ela continuará acesa, serenamente. Ele não mais verá os deuses acima dele, pois tornou-se um igual, e os rostos deles serão como se ele estivesse olhando num espelho verdadeiro e vendo sua própria imagem, pois agora é irmão deles.

Então vê diante de si a Grande Balança de Tahuti. De um lado está seu coração na forma do jarro de seu *maat* e do outro, a Pena de Maat. E o equilíbrio é perfeito, pois de ambos os lados encontra-se a Verdade.

Os muros abrem-se diante dele como uma grande passagem, e ele caminha para a Luz dos Campos Celestiais, onde o milho que cresce quatro metros de altura espera por seu colhedor.

Capítulo 8

Retorno do exílio

Depois de quatro anos vivendo em Nekhtan, uma peste assolou as Duas Terras. Embora os médicos estivessem cuidando do povo, muitos só se livravam da dor quando a morte os libertava. As portas do palácio foram abertas para todos aqueles que necessitavam de socorro; e juntamente com minhas servas eu andava por entre o povo, tentando auxiliar as pessoas. Então a praga caiu sobre mim também, e todos pensaram que eu fosse morrer. Eu estava agradecida que assim fosse, pois sentia-me cansada de meu exílio. Contudo, no momento em que julguei que na curva seguinte do caminho iria ver os portões da minha casa, meu corpo tornou-se mais forte que meu espírito e me manteve cativa.

Ele deixou de ser um servo da minha vontade para ser um opressor que me atormentava com dores. Meus ossos não estavam mais suavemente revestidos pela carne; eu os

sentia pontiagudos e frágeis como os galhos mortos de uma árvore, e minha pele estava escurecida e murcha como folhas caídas. Caminhar pelo pátio requeria toda a minha força, e manter a boca fechada contra as lamentações exigia toda a minha vontade. Rezei a Ptah para conseguir suportar a dor orgulhosamente como se fosse o ferimento de uma lança numa batalha. A velhice chegou até mim no espaço de uma lua, e não trouxe a paz nem a tranqüilidade em suas mãos.

Por dois anos vivi no corpo de uma velha, e freqüentemente antes de retornar para minha prisão eu parava ao lado da cama, olhando para o revestimento terreno e aleijado ao qual deveria voltar. Livre, na imagem da minha juventude e força, eu tocava meus cabelos suaves e brilhantes e pensava nas perucas e coberturas que deveria usar na cabeça durante o dia todo para cobrir aquele cinza triste enquanto estivesse na Terra.

Às vezes, enquanto dormia, eu e Neyah revivíamos nossa infância juntos, escalávamos altas montanhas, ou nadávamos nos lagos iluminados pela lua. E enquanto meus pés passeavam vagarosamente ao lado dos poços de lótus do palácio eu pensava em meus sonhos, e era como se fosse um pássaro noturno preso numa gaiola a ouvir seu irmãos voando para o céu.

Há muitas pessoas cujos corpos estão velhos e pesados que evitam a face da morte. Por que temem renovar sua juventude? Por que temem se libertar da dor? Que chegue logo o dia em que as areias candentes marquem o fim deste pequeno período de tempo, para que meu corpo possa dormir e não precise mais acordar, e eu possa me livrar tanto da juventude e sabedoria como da velhice.

Quando eu estava com cinqüenta e três anos, vi os portões de casa abertos à minha frente. Caminhei com minha mãe, Neyah, Za Atet, e com aquele que foi Ney-sey-ra, nos Jardins do Sol Poente, e conheci a alegria e a paz que são únicas. Abaixo de mim, vi a Terra como uma pequena sala fria que abria as portas e me libertava. Então ouvi um choro longínquo, como de crianças com medo de ficar sozinhas. Era a tristeza de meu povo por saber que eu estava morrendo. Embora soubesse que não precisava mais retornar ao corpo onde a dor morava comigo, desci às profundezas ensombreadas e, pela última vez, fiz meu corpo falar ao povo que eu amava, para que pudessem compartilhar a minha felicidade e não ficassem tristes com minha morte.

Enquanto sentia meu corpo se fechar sobre mim, rezei para me fortalecer, de modo que minha última mensagem a eles fosse clara e prateada:

— Vi o esplendor do entardecer encobrindo o céu com as cores do Universo, quando o grande Deus Ra, o Sol, viaja para além da Terra a fim de conversar com seus irmãos. Contudo, verei uma glória maior do que essa paisagem do oeste.

"Ouvi milhares e milhares de pássaros cantando, cujas gargantas emitiam a melodia da vida. Contudo, ouvirei canções ainda mais doces que essas, mais próximas do coração da música que uma harpa.

"Conduzi bigas na linha de batalha e segurei bandeiras vitoriosas ao vento. Encontrei a paz nos templos e ouvi os sábios conselhos dos verdadeiros sacerdotes. Mantive os campos de meu país cheios de grãos e compartilhei com eles a tranqüilidade de meu povo. Contudo, sei que as glórias da Terra são sombras fugazes de um dia nublado em comparação a esse momento no qual, afinal, irei abrir o portão da morte e caminhar nos Campos de Altos Milharais."

Então, como um raio de sol que rompe uma nuvem, deixei o lugar sombrio de lágrimas e dores, para caminhar com meus companheiros queridos na Luz.

Índice

Parte III

Parte IV

Parte V

Parte VI

Parte VII

Parte VIII

O FARAÓ ALADO

Joan Grant

Quando chegou minha vez de voltar à Terra, um Mensageiro dos Grandes Chefes Supremos me alertou dizendo-me que eu deveria renascer em Kam, e que as duas pessoas encarregadas de moldar o meu corpo me dariam as boas-vindas, pois havíamos sido companheiros, e os laços que nos uniam eram de amor e não de ódio, os dois elos mais poderosos da Terra para unir os homens. Como irmão, eu teria alguém junto de quem eu já caminhara a grande jornada.

Quando me transmitiram essa mensagem, a tristeza que todos sentem quando precisam deixar o verdadeiro lar e voltar ao lugar nevoento para outra jornada iluminou-se: eu teria companheiros em meu exílio.

* * *

Assim começa a história de Sekhet-a-ra e de Neyah, principais personagens deste romance ocultista que constitui um dos maiores êxitos da carreira literária de Joan Grant, escritora inglesa que alia ao apuro do estilo a extraordinária capacidade de se recordar de suas vidas anteriores. Traduzidos em várias línguas, a princípio seus livros foram considerados obra de ficção baseada em meticulosa pesquisa, e não histórias vividas em outras vidas e lembradas pelo que a autora chama de "memória atávica".

Em *O Faraó Alado*, Joan Grant constrói uma trama notável; não uma simples história de ficção, mas uma movimentada recriação da vida do antigo Egito durante a I Dinastia, escrita com tal clareza, riqueza de detalhes e verossimilhança que dificilmente se acreditaria tratar-se de um mero fruto da imaginação.

Nada mais natural para uma autora que, entre as regras de conduta que recebeu dos pais quando criança, estava a de "nunca fazer menção em público de suas vidas passadas" — fazendo uso de uma faculdade que, ela acreditava, era comum a todos os mortais.

EDITORA PENSAMENTO